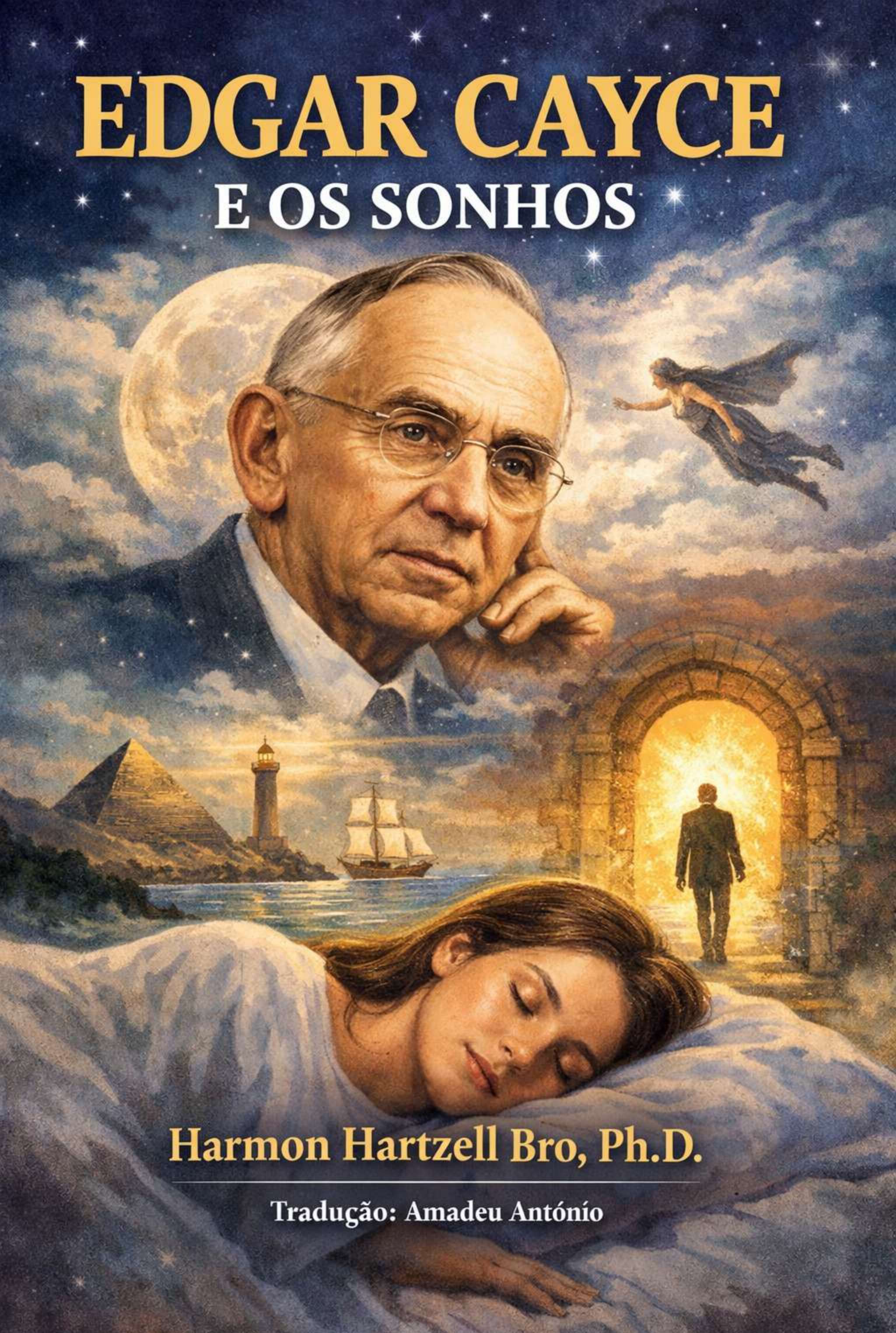
EDGAR CAYCE

E OS SONHOS



Harmon Hartzell Bro, Ph.D.

Tradução: Amadeu António

EDGAR CAYCE - SOBRE OS SONHOS

Harmon Hartzell Bro, Ph.D.

Sob a direção editorial de Hugh Lynn Cayce Diretor

da Association for Research and Enlightenment 1968

ÍNDICE

Introdução por Hugh Lynn Cayce

Parte I. Os Sonhos de uma Jovem Mulher I. A Sonhadora II. Níveis de Sonhar III. Resolver Problemas Através dos Sonhos IV. Aventurar-se Através dos Sonhos

Parte II. Como Trabalhar com os Sonhos V. A Perícia de Cayce – e a do Sonhador VI. Vislumbres das Leis do Sonhar VII. Como Recordar os Sonhos VIII. Como Começar a Interpretar Sonhos

Parte III. ESP nos Sonhos IX. Sonhos do Futuro e do Passado Desconhecido X. Sonhos dos Vivos Mortos

Parte IV. Autodesenvolvimento Através dos Sonhos XI. Através dos Sonhos para um Corpo Saudável XII. Orientar a Vida Através dos Sonhos A A.R.E. Hoje

INTRODUÇÃO

QUEM FOI EDGAR CAYCE?

Os nove livros que foram escritos sobre Edgar Cayce totalizaram mais de um milhão de exemplares vendidos. Muitos outros livros dedicaram secções à sua vida e aos seus talentos. Foi tema de dezenas de revistas e centenas de artigos de jornais desde 1900 até aos dias de hoje.

O que havia de tão único nele?

Depende de através de que olhos o observarmos. Um bom número dos seus contemporâneos conheceu o Edgar Cayce «em vigília» como um talentoso fotógrafo profissional. Outro grupo (predominantemente crianças) admirava-o como um caloroso e amigável professor de escola dominical. A sua própria família conhecia-o como um maravilhoso marido e pai.

O Edgar Cayce «em sono» era uma figura completamente diferente – um sensitivo conhecido por milhares de pessoas, de todos os estratos sociais, que tinham razões para lhe estarem gratos pela ajuda prestada. Muitos deles acreditavam mesmo que só ele lhes tinha «salvado» ou «mudado» a vida quando tudo parecia perdido. O Edgar Cayce «em sono» era um diagnosticador médico, um profeta e um fervoroso defensor do conhecimento bíblico.

Em junho de 1954, a Universidade de Chicago considerou-o suficientemente respeitável para aceitar uma tese de doutoramento baseada no estudo da sua vida e obra. Nessa tese, o autor referiu-se a ele como um «vidente religioso». No mesmo ano, a banda desenhada infantil *House of Mystery* atribuiu-lhe o impressionante título de «O Homem Mais Misterioso da América»!

Desde criança, numa quinta perto de Hopkinsville, no Kentucky, onde nasceu a 18 de março de 1877, Edgar Cayce manifestava capacidades de perceção que pareciam ir além do alcance normal dos cinco sentidos. Aos seis ou sete anos disse aos pais que conseguia ver e falar com «visões», por vezes de familiares que tinham falecido

recentemente. Os pais atribuíram isso à imaginação demasiado ativa de uma criança solitária influenciada pela linguagem dramática dos encontros de avivamento religioso tão populares naquela região do país. Mais tarde, dormindo com a cabeça pousada nos livros escolares, desenvolveu uma forma qualquer de memória fotográfica que o ajudou a progredir rapidamente na escola rural. Esse dom, porém, desapareceu e Edgar só conseguiu concluir o sétimo ano antes de ter de procurar o seu próprio caminho no mundo.

Aos vinte e um anos tornou-se vendedor de uma empresa grossista de papelaria. Nessa altura desenvolveu uma paralisia gradual dos músculos da garganta que ameaçava fazê-lo perder a voz. Como os médicos não conseguiam encontrar uma causa física para o problema, tentou-se a hipnose, sem sucesso duradouro. Em último recurso, Edgar pediu a um amigo que o ajudasse a voltar a entrar no mesmo tipo de sono hipnótico que, em criança, lhe permitira memorizar os livros escolares. O amigo deu-lhe a sugestão necessária e, uma vez em transe autoinduzido, Edgar enfrentou o seu próprio problema. Recomendou medicação e terapias manipulativas que restauraram com sucesso a sua voz e recuperaram o seu sistema.

Um grupo de médicos de Hopkinsville e Bowling Green, no Kentucky, aproveitou o seu talento singular para diagnosticar os seus próprios pacientes. Descobriram rapidamente que Cayce só precisava de receber o nome e a morada de um doente, onde quer que estivesse, para conseguir sintonizar-se telepaticamente com a mente e o corpo dessa pessoa tão facilmente como se ambos estivessem na mesma sala. Não precisava – e não lhe era dada – qualquer outra informação sobre o paciente.

Um dos jovens médicos, o Dr. Wesley Ketchum, apresentou um relatório sobre este procedimento pouco ortodoxo a uma sociedade de investigação clínica em Boston. A 9 de outubro de 1910, o *New York Times* publicou duas páginas de títulos e fotografias. A partir desse dia, pessoas aflitas de todo o país procuraram a ajuda do «homem maravilhoso».

Quando Edgar Cayce morreu, a 3 de janeiro de 1945, em Virginia Beach, Virgínia, deixou mais de 14 000 registos estenográficos documentados das declarações telepáticas e clarividentes que proferira para mais de seis mil pessoas diferentes ao longo de quarenta e três anos. Estes documentos são conhecidos como «leituras» (readings).

As leituras constituem um dos maiores e mais impressionantes registos de perceção psíquica alguma vez provenientes de um único indivíduo. Juntamente com os respetivos registos, correspondência e relatórios, foram indexados sob milhares de temas e colocados à disposição de psicólogos, estudantes, escritores e investigadores que continuam a chegar em número crescente para os examinar.

Foi fundada em 1932 uma instituição conhecida por A.R.E. (Association for Research and Enlightenment, Inc., P. O. Box 595, Virginia Beach, Virginia, 23451) com o objetivo de preservar estas Leituras. Enquanto sociedade de investigação de adesão aberta, continua a indexar e catalogar a informação, a promover investigações e experiências, e a organizar conferências, seminários e palestras. Até agora, as suas conclusões publicadas foram disponibilizadas aos membros através dos seus próprios meios editoriais.

Este é o quarto volume de uma série de livros populares que tratam de temas extraídos das leituras de Edgar Cayce. Este volume apresenta os dados de mais de seiscentas leituras de Edgar Cayce sobre sonhos.

Harmon H. Bro, Ph.D., trabalhou com Edgar Cayce durante quase um ano – de 1943 a 1944. Observou o horário regular das leituras diárias. Chegou a Virginia Beach como cético, fez perguntas incisivas, entrevistou pessoas que vinham fazer leituras e leu correspondência. As notas detalhadas que tomou serviram de base a uma tese de doutoramento, alguns anos mais tarde, na Universidade de Chicago.

Reconhecendo, tal como muitos estudantes das Leituras, que Edgar Cayce dava uma ênfase invulgar ao valor do estudo individual dos próprios sonhos, o Dr. Bro examinou e indexou minuciosamente as centenas de leituras sobre sonhos.

Eis o seu primeiro estudo popular destas leituras. Está concebido não só para apresentar os conceitos novos e desafiantes sobre sonhos contidos na abordagem singular deste sensitivo ao tema, mas também para permitir ao leitor aplicar estas ideias no trabalho com o seu próprio material onírico diário.

Na minha opinião, este é um dos melhores e mais importantes estudos alguma vez realizados sobre as Leituras de Edgar Cayce.

— Hugh Lynn Cayce

PARTE I

OS SONHOS DE UMA JOVEM MULHER

CAPÍTULO I

A SONHADORA

Era jovem, acabara de fazer vinte e um anos. Era atraente, orgulhosa da sua figura. Era ambiciosa, oriunda de uma das principais famílias do Mississipi. Era inteligente, licenciada por um exclusivo colégio feminino.

E agora estava casada. Escolhera um banqueiro da Pensilvânia, oito anos mais velho, que conhecera num resort familiar. Sabia que os associados dele consideravam o seu futuro promissor e conseguia imaginá-lo um dia em Wall Street. Mal podia adivinhar que, dentro de quatro anos, ele seria não só um banqueiro de Wall Street, mas também um milionário, uma verdadeira maravilha financeira mesmo na próspera década de 1920.

Naquele momento, recém-casada, tinha um problema nas mãos. Como justificar junto dos seus familiares o interesse devorador do marido por um sensitivo de meia-idade de Ohio chamado Edgar Cayce? Falara-lhes de Cayce: aos pais, à irmã e à maioria dos tios, tias e primos. Mas eles mantinham-se céticos. Ela compreendia porquê.

Cayce era pouco instruído. Não tinha, naquele momento, uma profissão respeitável, embora tivesse sido um fotógrafo bem-sucedido

no Alabama até há uns dois anos, em 1923, quando se mudara para Ohio. Não tinha dinheiro, embora não há muito tempo tivesse possuído um milhão de dólares em propriedades petrolíferas localizadas graças ao seu dom psíquico para a sua Companhia Petrolífera Cayce — e perdido tudo em apostas na perfuração e em desastres empresariais. Nem sequer tinha casa própria, pois o marido dela estava a ajudar a financiar as despesas da mudança da família de Cayce para Virginia Beach, na Virgínia, onde a sua fonte psíquica insistia há muito que ele seria mais produtivo.

Havia apenas algumas coisas que ela podia dizer em favor de Cayce aos seus familiares.

Era sulista, de boa linhagem do Kentucky que conseguia recuar a ascendência até França, tal como alguns dos seus próprios parentes do Sul profundo. Era um homem de família, com uma esposa sulista pequena mas régia, um filho no terceiro ano e outro no secundário. Ensinava na escola dominical da Igreja Cristã, uma igreja semelhante à batista, muito popular no Sul. E estava a ajudar o marido dela, Aaron, a enriquecer.

Ouvia história atrás de história de Aaron, contando como Cayce os orientava, a ele e a alguns empresários de Ohio, para usarem os seus talentos psíquicos naturais e se tornarem ricos. Cayce não lhes oferecia milagres; dava conselhos de negócios apenas àqueles que já eram ativos e eficazes nas suas áreas: fabricantes, corretores imobiliários, executivos de empresas, inventores de produtos, distribuidores, corretores de bolsa, vendedores de seguros e banqueiros como o marido dela.

Mesmo para estes, sabia-o ela, o seu conselho era limitado. Pois embora ele conseguisse, aparentemente, ver uma impressionante quantidade de factos com a sua visão psíquica, só recorria ao seu dom para treinar os outros a usarem os seus próprios talentos: os seus pressentimentos, as suas impressões, os seus impulsos e os seus sonhos. Mas convencera o marido dela de que isso era toda a ajuda de que precisava, pois ele estava a enriquecer rapidamente, tal como

vários dos seus associados — especialmente dois irmãos que eram corretores de bolsa.

Cayce estava certo, explicara-lhe Aaron, de que a capacidade psíquica era um potencial normal em toda a pessoa saudável e criativa. Via-a como uma extensão da personalidade que podia ser treinada, tal como se treina a capacidade musical, filosófica ou executiva.

Frances estava especialmente fascinada com o que Cayce conseguia fazer com os sonhos. Sabia que, durante meses, o seu jovem marido lhe apresentara os seus sonhos para interpretação — sobretudo sobre assuntos de negócios, mas também sobre sexo, agressividade, saúde, padrões de personalidade, medos, religião, atitudes em relação aos associados, passatempos, morte e até sobre que tipo de noivas as suas amigas poderiam vir a ser. Agora ele incentivava-a a apresentar os seus próprios sonhos a Cayce.

Assim, Frances, noiva de apenas uma semana, escreveu alguns sonhos recentes e enviou-os por correio a Edgar Cayce, para a sua nova casa em Virginia Beach, a fim de serem interpretados nas «leituras» em transe que ele realizava duas vezes por dia.

Iniciava assim um dos capítulos mais coloridos da história da interpretação de sonhos do século XX — um século que começara com o volume monumental de Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, mas que deixara o estudo dos sonhos nas mãos dos analistas até meio do século, quando os primeiros «laboratórios do sono» começaram a surgir nos campi universitários.

Os sonhos de Frances, interpretados por Edgar Cayce, poderão um dia revelar-se apenas uma curiosidade no século que redescobriu os sonhos. Ou poderão constituir pistas novas sobre o funcionamento dos sonhos, sobre a constituição dos sonhadores e sobre aquilo que vale a pena sonhar.

Ao longo de quatro anos, apresentou a Cayce, maioritariamente por correio, 154 sonhos, aos quais ele dedicou diferentes extensões em cinquenta e cinco das suas leituras — quase todas realizadas nos primeiros três anos. Apenas outras três pessoas, uma das quais o

próprio Cayce, apresentaram coleções tão extensas de sonhos para a sua análise psíquica. Durante as duas décadas após 1924 em que interpretou sonhos, outros também procuraram orientação onírica — um total de sessenta e nove pessoas antes da morte de Cayce em 1945. Ao todo, foram-lhe entregues cerca de 1650 sonhos para interpretação em aproximadamente setecentas leituras — cerca de uma em cada vinte das milhares que foram registadas e preservadas ao longo dos quarenta anos dos seus esforços psíquicos.

Que tipo de sonhadora era Frances? Que tipo de vida desperta estava por detrás dos seus sonhos?

Durante o período em que Cayce serviu como seu analista de sonhos e como seu orientador na aprendizagem da interpretação dos seus próprios sonhos, Frances passou por momentos de calma e por períodos difíceis. Os seus sonhos refletiam ambos.

Vivia com conforto numa casa cara em Nova Iorque, com criados a cumprir os seus desejos. Viajava para a Europa e frequentemente para a casa da sua infância no Mississipi, bem como para Virginia Beach, Palm Springs, Florida e Chicago. Comprava roupas belíssimas. Lia muito, mas também se dedicava com energia ao entretenimento social. Encontrava tempo para se entregar a recordações preguiçosas da infância e a fantasias sobre antigos amores.

Viveu o êxtase quando Cayce lhe assegurou que teria um filho que poderia vir a ser um líder intelectual e espiritual da sua época. Depois sofreu um aborto espontâneo, do qual tanto Cayce como os seus sonhos a haviam advertido — e saiu do hospital mesmo a tempo de comparecer ao funeral da mãe.

Teve finalmente o seu filho, mais de um ano depois, mas antes de sair do hospital com ele, o pai morreu subitamente no Mississipi. Frances conheceu a dor tão bem quanto a alegria durante o tempo em que trabalhou os seus sonhos com Cayce.

Os registos dos sonhos mostram que brigou com a sogra, mas não de forma demasiado amarga, e que sempre fizeram as pazes. Teve também discussões com Aaron. Parecia ter ciúmes das capacidades

intelectuais e psíquicas dele, enquanto ele tendia a ser condescendente com ela. Mas pareciam genuinamente afeiçoados um ao outro, e o casamento corria bastante bem do ponto de vista sexual e social, até ser abalado por uma série de choques sísmicos, todos eles pressagiados nos seus sonhos.

Oito anos após o casamento com Aaron, divorciou-se dele.

Frances não parece ter sido neurótica, embora os seus sonhos revelassem que podia ser temperamental, de língua afiada, teimosa e até egoísta. Na maioria dos sonhos aparecia como uma jovem bastante normal, a passar pelas adaptações e despertares do início do casamento e da maternidade. Mas também atravessou vários choques que expuseram a estrutura da sua personalidade nos sonhos.

Primeiro, passou pelo problema da transferência, tão familiar aos psicanalistas. Passou a ver Cayce não só como uma figura paterna, mas quase como um profeta, apesar das suas repetidas insistências para que ela se voltasse para o divino, e não para ele, nas suas devoções. Ao identificar-se com Cayce, mostrou a conhecida ambivalência amor-ódio: esperava um dia dar leituras como ele; ficava amuada quando ele não a impedia magicamente do aborto espontâneo. A resolução da transferência foi difícil, como por vezes acontece na análise, pois passou por uma rutura dececionada e quase permanente com Cayce quando o marido (preso no seu próprio problema de transferência) brigou com Cayce por causa do financiamento do hospital de Cayce, durante os dias da Depressão, e retirou todo o apoio e contacto.

Segundo, Frances experimentou o colapso da sua segurança, no final da série de sonhos, quando o casamento começou a desfazer-se.

Terceiro, passou por uma lenta mas drástica mudança de orientação religiosa. Era judia, tal como o marido, de uma tradição relativamente liberal embora familiar, que chamava à casa de culto «templo» em vez de sinagoga ou «schul». Conhecia expressões e maneirismos iídiches, que a ajudavam a defender a sua dignidade como parte de uma minoria vulnerável na sociedade americana. Ela e os seus

familiares frequentavam resorts judeus e gostavam deles, como os sonhos mostram.

Mas magoava-a profundamente que Edgar Cayce, no seu estado de transe, por mais tolerante que fosse em vigília, insistisse que Jesus fora na verdade o padrão mais completo para os homens seguirem, independentemente da sua filiação religiosa. Sabia que Cayce não a pressionava para se tornar frequentadora de igreja e que, na verdade, a encorajava na esperança de educar o filho para ser um líder religioso em Israel. Mas a força do respeito que ele dava à figura de Cristo colocava-a sob tensão interior, bem como sob tensão exterior com os familiares.

Quarto, Frances desenvolveu o que parecia ser um certo grau de capacidade psíquica própria. Não se voltou para assuntos de negócios, como o marido, embora tenha desenvolvido a sua capacidade, tal como ele, nos sonhos. Voltou-se para o mundo feminino da família e das relações, obtendo impressões sobre a saúde, atitudes, bem-estar e potenciais do filho, do marido e dos familiares.

Por maior que fosse o interesse do marido por assuntos psíquicos — e ele estava ainda mais interessado nisso do que em ganhar dinheiro, atividade em que se esforçava muito —, ela descobriu que não conseguia viver apenas na atmosfera dele. Tinha de lidar com amigos e familiares que entravam e saíam da sua vida, muitas vezes ridicularizando os seus interesses e histórias psíquicas. O seu ego, de resto normal, foi assim colocado sob uma tensão invulgar, e os sonhos mostravam-na a debater-se sobre como pensar em si própria e nos seus interesses psíquicos perante os seus pares, apesar da riqueza e da posição social.

Frances sofreu quatro fortes abalos, além da morte de ambos os pais, em oito anos de casamento. Não é surpreendente que os seus sonhos revelassem não só os stresses habituais, mas também uma grande força que deve ter compensado amplamente os golpes da vida desperta. Começou a ter experiências oníricas vívidas da mãe morta, que passou a sentir, com a garantia de Cayce, estar viva para além da sepultura. Encontrou nessas experiências uma fonte de assombro e

maravilha, bem como orientação prática, que significou muito para ela — como veremos.

Nunca mais se casou. Mais tarde na vida sofreu um colapso emocional, como os seus sonhos com Cayce haviam antecipado. Superou-o dedicando-se devotadamente ao filho e através de uma carreira duramente conquistada na enfermagem. A robustez que se revelava nos seus primeiros sonhos parece ter amadurecido em anos posteriores numa força e compaixão que bem poderiam tê-la tornado numa mulher para conhecer e estimar.

CAPÍTULO II

NÍVEIS DE SONHAR

À medida que Edgar Cayce interpretava sonhos em centenas de sessões de transe e falava sobre a função do sono e do sonhar em algumas leituras do tipo ensaio, expôs a sua visão sobre o funcionamento dos sonhos.

Eles funcionam, disse ele, para realizar duas coisas. Trabalham para resolver os problemas da vida consciente e desperta do sonhador. E trabalham para despertar no sonhador novos potenciais que lhe pertencem por direito.

Porquê os Sonhos?

Ao descrever os sonhos como resolução de problemas, em primeiro lugar, Cayce antecipou muitas das descobertas dos laboratórios do sono que só viriam a ser estabelecidos um quarto de século depois de ter aconselhado Frances.

Embora tenha notado que alguns dos sonhos dela expressavam tensões corporais, não via os sonhos como dando-lhe satisfação vicária de desejos subterrâneos de sexo e agressão. Sexo e agressão apareciam abundantemente nos sonhos dela, com enredos que os gratificavam. Mas tais sonhos, dizia ele, continham mais do que isso; continham sugestões sobre como avaliar e dirigir esses impulsos básicos. Os sonhos dela, apontava ele, lidavam com impulsos primitivos

apenas quando estes se tornavam um problema para ela; então eram abordados nos sonhos tal como qualquer outro problema, com possíveis soluções — tanto realistas como irrealistas — dramatizadas e avaliadas nos próprios sonhos.

Embora Cayce não utilizasse o termo empregado pelos modernos investigadores de sonhos nos seus trabalhos laboratoriais com sujeitos humanos normais, descreveu o processo agora denominado «efeito de perseveração». Trata-se do processo que surge sempre que uma pessoa se envolve num problema ou tarefa; tende a perseverar nele até o resolver.

A investigação moderna sobre sonhos demonstra que as pessoas normais tendem a perseverar durante a noite nas questões que as absorveram durante o dia — não só em questões relacionadas com o seu papel e estatuto perante os outros, mas em questões muito práticas de dinheiro, estudos, viagens, alimentação, competências e até de como conseguir dormir o suficiente.

Ao descrever uma grande parte do sonhar como resolução de problemas, Cayce destacou também aquele tipo de sonho que há muito interessa a artistas e inventores: o sonho de «incubação». Este é o sonho que ou apresenta uma solução surpreendente para um problema ou projeto em que o sonhador tem trabalhado, ou o desperta num estado de espírito em que a solução necessária surge facilmente nos seus pensamentos. Aqui, novamente, Cayce antecipava o trabalho dos modernos laboratórios do sono e dos sonhos, alguns dos quais hoje exploram não só a capacidade da mente para a incubação criativa nos sonhos, mas também o seu uso da perceção extrassensorial (ESP) durante o sono, como parte do seu trabalho de resolução de problemas.**

Por outro lado, quando Cayce descrevia o restante do sonhar significativo como um despertar do sonhador para os seus próprios potenciais humanos, aproximava-se mais do ponto de vista da psicanálise, nas suas diversas escolas.

Repetidamente apontava como os sonhos sinalizam ao sonhador que chegou o momento de assumir novas responsabilidades, de desenvolver valores mais maduros ou de expandir o seu pensamento. Tais sonhos, dizia ele, não se limitam a resolver problemas práticos. Estão a ajudar o sonhador a crescer.

Descrevia ciclos inteiros de sonhos dedicados ao desenvolvimento de uma nova qualidade no sonhador: paciência, equilíbrio, masculinidade, altruísmo, humor, reflexão, piedade. Alguns destes sonhos de autotransformação via-os como resultantes dos esforços da personalidade do sonhador para se recompor em momentos de rutura — tal como os psicanalistas observam diariamente nos sonhos daqueles que estão no divã. Outros sonhos deste tipo Cayce considerava-os apresentações espontâneas e saudáveis, que ocorrem quando chega o momento de um novo episódio de crescimento na vida do sonhador.

Frances acumulou evidências vívidas, ao longo de quatro anos de ajuda de Cayce, de que os seus sonhos funcionavam tanto para resolver os seus problemas exteriores como para a despertar para potenciais interiores. Havia muitos problemas práticos refletidos nos seus sonhos. Muitos tratavam de discussões com familiares ou com o marido. Alguns diziam respeito a planos de viagem. Um referia-se a uma constipação que o marido apanhara. Dois tratavam de uma empregada que lhe roubara roupa. Vários ocupavam-se da sua dieta e exercício enquanto se preparava para a maternidade. Não poucos exibiam exatamente os seus maneirismos e estilo de vida tal como os outros os viam. Havia mesmo sonhos que a exortavam a não depender excessivamente de Cayce, como ele próprio apontava ao interpretá-los.

Mas misturados com estes sonhos de resolução de problemas, e por vezes fazendo parte dos mesmos sonhos, encontravam-se materiais oníricos que serviam um propósito diferente: despertar Frances para um eu mais rico e maduro. Os seus sonhos pareciam convidá-la a usar a sua boa mente de forma mais sistemática no estudo. Outros incitavam-na a entregar-se mais livremente ao bebé, em vez de o deixar tanto aos cuidados da ama. Alguns sonhos confrontavam-na com experiências religiosas memoráveis. Na visão de Cayce, quase metade dos sonhos

continha alguma referência ou desafio à orientação da sua vida, aos seus valores e compromissos últimos, tal como estes se manifestavam na prosaica vida quotidiana.

Ele não lhe permitia usar os sonhos como um kit de adivinhação à mão.

O que poderia parecer uma mensagem de doença iminente, dizia ele, podia na verdade refletir uma atitude doentia no comportamento atual do sonhador. O que parecia orientação para uma venda vantajosa de ações podia ser o «balanço» do sonhador sobre si próprio ou sobre um amigo. Um homem barbado e imponente num sonho podia muito bem ser a consciência severa do sonhador, e não o mensageiro celestial que ela preferiria acreditar. Deixava claro que os sonhos não podem ser abordados simplesmente como mensagens de um reino superior. É importante, explicava ele, «diferenciar entre a conceção espiritual e a conceção consciente» que aparecem nos sonhos.

Ainda assim, Cayce insistia junto de Frances que os sonhos frequentemente incorporam reinos de consciência mais amplos do que a vigília, se não necessariamente superiores. Podem, dizia ele, recorrer facilmente a qualquer ESP que o sonhador possua como talento natural ou arte desenvolvida, para lhe mostrar itens de resolução de problemas vindos do futuro, do distante, do passado ou do privado.

E há aqueles sonhos, acrescentava, que conseguem pôr em jogo, mais facilmente do que muita da consciência desperta, certas estruturas de grande importância para o sonhador. Frances podia, nos sonhos, contactar o seu próprio eu melhor ou superior; ou até alcançar algo para além de si própria que Cayce chamava «as Forças Criativas ou Deus». Cayce tratava estes conteúdos oníricos — pouco congeniais tanto ao laboratório moderno como ao divã — com grande respeito. Embora identificasse apenas uma pequena minoria de sonhos como incorporando contacto explícito e direto com o eu superior ou com o divino, não hesitava em identificar alguns sonhos dessa forma — e assim as suas interpretações de sonhos ficam sob alguma reserva no século que redescobriu os sonhos no laboratório e na clínica, mas não na igreja.

Frequentemente resumia a função dos sonhos com palavras como as que usou para um homem de negócios, a quem exortou a consultar os seus sonhos para «autodesenvolvimento, e para o fortalecimento do eu mental e espiritual, bem como do eu financeiro».

À medida que Cayce aconselhava Frances e outros sobre os seus sonhos, tornava-se claro que ele os via como provenientes de diferentes níveis dentro deles. Nesta visão, o sonhador é algo análogo a um navio.

O Nível do Corpo

O navio é uma grande máquina. Tem casco, motores, hélice, conveses, dispositivos de direção, âncoras. Parte do seu equipamento tem de ser operado pela tripulação. Parte do equipamento, como coletes salva-vidas, pode ser usado pelos passageiros. Parte do equipamento serve para servir outro equipamento — como reguladores, circuitos de emergência, dispositivos de lubrificação e pilotos automáticos.

Nos sonhos, tal como Cayce os via, o corpo do sonhador apresenta os seus problemas operacionais tal como a maquinaria de um navio ocupa aqueles que o navegam. A necessidade do corpo de exercício, sono, dieta equilibrada, brincadeira, trabalho árduo, eliminações saudáveis, cuidados médicos, orgasmos sexuais, meditação tranquila — tudo isto e mais parecia a Cayce encher o palco dos sonhos, como expressões do que ele chamava «o físico». Certamente, dizia Cayce, alguns sonhos originados no corpo são meramente alucinogénios e não merecem interpretação, produzidos pela mesma química corporal que provoca as visões de um alcoólico, as miragens no deserto ou as fantasias de um homem em profunda fadiga.

Outros sonhos originados no corpo, na visão de Cayce, são produtos do corpo a trabalhar sobre si próprio, tal como parte da maquinaria de um navio põe outra em funcionamento.

Quando Frances lhe pediu para lhe recordar um sonho que esquecera, como ele muitas vezes fazia, respondeu que esse era simplesmente o corpo a dar a si próprio um treino, e não requeria estudo nem interpretação.

Outros sonhos ainda, explicava Cayce, mostram o corpo a pedir ajuda que os seus próprios mecanismos por si só não conseguem fornecer.

Frances sonhou:

Vi o barco Leviathan e o primo Ted e a sua mulher muito doentes; e parecia que algo se passava com Ted, e ele estava morto, pois a mulher estava com um véu de luto.

Cayce apontou que ela estivera a pensar em fazer uma viagem por mar e a especular sobre o que o enjoo do mar poderia lhe fazer — ou fazer ainda mais drasticamente ao primo Ted, que estava doente na altura. Esta imaginação agitara o corpo (um pouco como a sugestão hipnótica facilmente consegue) com medo do enjoo do mar, medo que causara o sonho. (Felizmente, Cayce não só interpretou o sonho, como prescreveu a Frances um composto medicamentoso sensato que já dera a outros para prevenir o enjoo do mar, com resultados surpreendentemente bons — considerando que vinha de um sensitivo inconsciente e sem instrução.) A maquinaria corporal de Frances obteve a ajuda para a qual parecera ter sinalizado.

O Nível do Subconsciente

Um navio é operado por uma tripulação. Estão treinados para o fazer funcionar dia após dia, muitas vezes de forma automática. Por vezes as suas ordens entram em conflito, e têm de resolver as suas diferenças de funções e rotinas. Por vezes recebem carga ou passageiros que não estão treinados para manusear, e têm de questionar a carga. Por vezes ficam perplexos perante maquinaria ou tempestades, e têm de recorrer a autoridade superior para obter ajuda. Por vezes recebem novos companheiros de bordo com competências ou equipamentos que não sabiam que existiam.

Cayce referia-se ao «subconsciente» ou às «forças subconscientes» nos sonhos de forma semelhante a como se referiria à tripulação de um navio. Estas «forças» via-as como muito comuns nos sonhos, quer apresentando problemas do seu próprio funcionamento, quer apresentando informação especial que recuperaram com o seu próprio

radar de ESP. A linguagem destas forças via-a como caracteristicamente «emblemática» — algo semelhante aos dialetos salinos e figuras de linguagem dos marinheiros. O subconsciente do sonhador — as suas estruturas ocultas, hábitos, controlos, mecanismos, complexos, fórmulas — usa as imagens de memória e figuras de linguagem peculiares do próprio sonhador para realizar as coisas.

Por vezes a tripulação do subconsciente pode, na visão de Cayce, dar à maquinaria corporal um ensaio a seco nos sonhos, para a preparar para um treino futuro.

Frances passara por um aborto espontâneo e tivera alguns medos anteriores do parto, quando os seus sonhos trouxeram a seguinte experiência vívida. A data era um pouco mais de nove meses antes do nascimento real do bebé. A interpretação do sonho por Cayce incluía um desafio para que ela escolhesse agora engravidar, e uma promessa de um desfecho feliz. O sonho dela, dizia ele, era causado pelo seu subconsciente, que via como responsável por todas as funções vitais, dando ao «corpo-consciente essa experiência da condição por que a entidade passa para atingir» o parto.

A sua tripulação estava a aquecer a maquinaria do instinto sexual e maternal. Frances relatou:

Tive algum problema interior que me impedia de ter um bebé. Os médicos disseram-me que para o corrigir seria necessária uma pequena operação. Objetei com o argumento de que não conseguiria suportar nem uma coisa nem outra. «Oh sim, consegue», responderam eles, e encontrei-me na mesa de operações a receber o anestésico. Lentamente senti-me a perder a consciência sob esta influência. Senti os dedos deles ficarem mais leves no toque e as vozes parecerem cada vez mais distantes. Estava inconsciente de mim própria a perder a consciência, e da consumação desta última.

Depois acordei — recuperei a consciência, tendo a operação sido feita. Disse à enfermeira que supunha que agora já não poderia ter um bebé. Ela respondeu que sim — muito em breve. Queria levantar-me e sair.

Ao interpretar este sonho, que via como inteiramente positivo e encorajador, Cayce não só tocou no tema da maternidade, mas captou, como qualquer analista faria, a palavra «consumação» que Frances usara para descrever a sua «operação». Sugeriu-lhe que a palavra se referia não apenas ao parto como consumação da sua preparação para a maternidade, mas à libertação sexual, que ela podia escolher tão agradavelmente e com segurança como o sonho mostrava no toque dos dedos e no deslizar para a inconsciência.

A sua tripulação fizera a maquinaria ronronar.

Os sonhos de Frances mostravam a sua contínua preocupação com as pessoas que mantinha próximas. Mostravam-na a lutar não só com as suas relações pessoais com elas, mas com os próprios problemas delas. O que as incomodava incomodava-a a ela, porque as carregava na sua psique — tal como um navio carrega passageiros.

Sabia, por exemplo, que o marido ansiava por uma experiência psíquica direta do pai falecido. Na sua preocupação com esse anseio dele, teve uma experiência psíquica única própria, um pequeno sonho críptico *(de difícil compreensão)* mas belo que se revelou profeticamente exato: «Vi cinco crisântemos no túmulo do pai do meu marido.»

Cayce respondeu que, dentro de cinco semanas, o marido teria uma experiência de ser ensinado em sonhos pelo pai morto, o que lhe traria alguma da maior alegria da sua vida. Cinco semanas depois, exatamente no prazo, os sonhos chegaram a Aaron.

Frances falara em voz alta sobre as flores, durante o sono, e Cayce comentou também esse desempenho. O mesmo subconsciente, disse ele, que antecipara o conteúdo dos sonhos do marido, também a incitara a falar em voz alta sobre eles e a interpretar o sonho. Mas o som da própria voz acordara-a enquanto falava. Podia, continuou ele, treinar-se para permitir que o subconsciente tivesse mais iniciativa, de modo que tais experiências se tornassem pequenas «leituras» espontâneas para aqueles de quem gostava. O facto de falar em voz alta durante o sono seria semelhante aos seus próprios transes, e

expressões bastante naturais, de vez em quando, do que se passava nos seus sonhos. Frances tentou, com alguma cautela, encorajar a sua tripulação subconsciente a assumir o controlo dessa forma.

Da próxima vez que falou em voz alta durante o sono, foi para aconselhar o marido a não mudar de pasta de dentes! Conselho modesto, mas sensato, segundo Cayce. Mais tarde, as suas incursões a levaram muito mais fundo, embora as experiências fossem pouco frequentes. Uma das mais importantes encontrou-a a falar em voz alta sobre a sua própria preocupação com a «aparência», com o rosto e a figura — um tema que Cayce dizia ser um motivo central na personalidade dela, devido às suas conotações de poder sobre os homens.

Nem todos os passageiros no navio de Frances eram fáceis de lidar, como Cayce apontou em resposta a outro sonho que ela lhe enviou:

Todos nós, a minha sogra, as amigas dela, o meu marido e eu, estávamos de volta à nossa casa no Mississipi, muito longe, nos velhos tempos em que vivíamos no centro da cidade. Estávamos a preparar-nos para ir a Sandy Beach para o verão. A amiga da minha mãe disse que não iria, mas que voltaria para White Plains, Nova Iorque. A Sra. B., outra amiga, disse que voltaria à praia connosco. Entrámos todos nos automóveis e partimos. Depois a minha sogra ficou muito zangada e irritada comigo, tal como acontecera no verão passado. Foi muito desagradável.

Cayce sustentou que o subconsciente de Frances (ou o que poderia ser chamado a sua tripulação) captara, através da sua ESP, a reação que viria a surgir por parte de familiares e amigos no futuro próximo, em resposta a algumas coisas que Frances ia dizer ou fazer. Exortou-a a preparar-se para essa desagradabilidade e a não se deixar perturbar excessivamente por ela.

O Nível da Consciência

Na maioria dos sonhos, Cayce via apelos à decisão e à ação conscientes. O processo era semelhante à tripulação de um navio a apelar ao capitão pelas suas ordens.

Ao começar a discutir o sonho da maternidade já mencionado, Cayce comentou que qualquer pessoa capaz de sonhar e de se lembrar do sonho era capaz de aprender com os sonhos, capaz de acrescentar perspetiva consciente e comportamento ao impacto inconsciente da experiência onírica: «Pois, como verificamos», disse ele, «cada e todo o indivíduo que possui a faculdade de visionar as várias condições de experiências que passam pelos vários níveis de consciência de um indivíduo» — referia-se aos vários níveis ativos nos sonhos — «é capaz também de obter dessas mesmas as lições ou verdades que são… a verdade tal como mostrada ao indivíduo através das várias fases da sua consciência.»

Ninguém sonha sem ser capaz de interpretar e aprender com os seus próprios sonhos.

A tripulação de cada homem tem um capitão que deve agir como tal, quando a tripulação se lhe aproxima nos sonhos.

Por vezes a tripulação pode apelar ao capitão contra o próprio capitão!

Nas primeiras semanas de casamento, quando Frances estava bastante embriagada com as interpretações de Cayce dos seus sonhos e com toda a sua visão de mundo, mergulhou nos estudos psíquicos e ocultos. Tal como o marido impaciente, queria compreender todo o assunto de uma vez, para poder começar a praticar as suas pequenas façanhas psíquicas. Então sonhou:

Vi-me a descer por um grande tubo para a água. O tubo alargava-se à medida que me aproximava do fundo e ramificava-se em duas direções. Alguém disse: «São catorze pés ali onde vais aterrar. O que vais fazer depois?»

Cayce observou que Frances estava a ser advertida de dentro de si própria de que as «forças mentais» — o seu próprio capitão ou consciência — a estavam a empurrar para além da sua profundidade, numa altura em que mal começava a compreender as «condições elementares» do desenvolvimento psicológico. Se ela tivesse paciência para avançar «passo a passo», disse ele, a sua mente ampliar-se-ia de

forma saudável, mostrando-lhe novas vias para usar as suas energias, tal como o sonho retratava com o tubo alargado. Mas se forçasse o desenvolvimento pela «vontade», traria «forças destrutivas» sobre si própria.

O capitão tinha de traçar um curso sábio.

Na visão de Cayce, o capitão da consciência também possui poderes definitivos para determinar a carga que a tripulação deve manusear. Via o subconsciente como altamente ativo, constantemente a moldar e a dar forma a tudo o que lhe era confiado.

Repetidamente insistia que «os pensamentos são coisas», que «os pensamentos são atos», devido ao seu impacto no subconsciente.

Frances movia-se em círculos sociais onde o bridge e as conversas ligeiras podiam ocupar muitas horas do dia, construindo uma mesquinhez dissimulada que nem sempre era visível, até que um dia uma parte da jogadora de bridge se tornara uma megera carrancuda. Este sonho mostrou-lho claramente:

Relativamente ao jogo de bridge, vi diante de mim, mesmo na sala, tão real e viva como se fosse de carne e osso, a Rainha de Paus. Fiquei assustada e saltei para o meu marido.

Cayce explicou que tudo aquilo em que a consciência se detém é armazenado no subconsciente, ou «impresso nas forças subconscientes», até ganhar corpo e forma e uma vida independente própria.

Uma nova figura juntara-se à tripulação de Frances neste sonho, um monstro de Frankenstein criado à mesa de bridge onde o capitão jogava e mexericava.

O Nível do Supraconsciente

Uma tripulação precisa de informação de além do navio para o operar eficazmente. Parte dessa informação pode obtê-la pelos seus próprios meios. Em tempos passados, os marinheiros tiravam rumos das estrelas, a hora do sol, notícias de navios que passavam.

Cayce falava repetidamente da capacidade do subconsciente para obter orientações sobre assuntos práticos através do uso da sua própria ESP natural. Disse a Frances que era o seu próprio talento psíquico natural que lhe trazia desconhecidos em muitos dos seus sonhos, desde pasta de dentes até ao comportamento futuro de familiares.

Mas na visão de Cayce, outra fonte de ajuda também está disponível. Chamava-lhe o supraconsciente, que descrevia como um reino superior do subconsciente.

Os marinheiros modernos poderiam recorrer a algo semelhante se radiografassem para o porto de origem a pedir orientação a um instituto marítimo informatizado, capaz de lhes fornecer instantaneamente a informação mais recente sobre correntes oceânicas, marés, tempo, outros navios, passageiros e até os mercados nos portos à frente.

Cayce insistia que existem o que ele chamava «Forças Universais» que o indivíduo pode contactar, de acordo com a sua necessidade e o seu treino para as usar. Estas forças podem fornecer-lhe informação ilimitada e padrões relevantes de orientação. São, de facto, as correntes criativas do próprio divino, movendo-se através dos assuntos humanos como uma grande Corrente do Golfo invisível.

Nos sonhos pode-se alcançar muito para além das próprias faculdades para sintonizar estas Forças Universais, através do próprio supraconsciente.

No início dos seus estudos de sonhos com Cayce, ainda incerta sobre o que pensar da visão religiosa de Cayce, Frances registou o seguinte:

Sonhei que tinha uma dor de ouvido e estava à espera da minha mãe à porta de uma farmácia na minha terra natal. A minha mãe chegou e o meu ouvido doía tanto que queria que ela me levasse ao médico. «Não precisas», disse ela. «Podes superar isso sozinha.» Consegui e fiquei tão surpreendida que fui dar um passeio de carro com a minha amiga C. e contei-lhe tudo. «O que precisas», disse ela, «é de Ciência Cristã. Deverias experimentá-la, pois isso é Ciência Cristã. Torna-te Cientista Cristã.» «Não»,

respondi, «eu tenho a minha própria ciência. Ciência Judaica. Curei-me, naturalmente.»

Ao interpretar o sonho, Cayce não mostrou surpresa com o problema do ouvido, pois Frances já lhe trouxera um sonho de aviso sobre uma antiga condição mastoide. Nem se alongou sobre a forma de cura no sonho. Tal ajuda do supraconsciente era tão real para ele como a ajuda das medicações que já lhe prescrevera para o ouvido. Abordou, em vez disso, a questão de se tal ajuda do supraconsciente era propriedade privada de alguma fé em particular.

O sonho dela, disse ele, mostrava-lhe que tais forças e energias são realidades objetivas que podem ser encontradas e usadas por qualquer um que cumpra as suas condições, incluindo «fé na força de Deus manifestada num indivíduo, percebes?». Exortou-a a estudar as leis de tal ajuda na cura, independentemente de quem reivindicasse ter o monopólio delas, nem quão ofensivas pudessem parecer aos seus amigos e familiares. O homem pode dividir as suas teorias em tradições, observou Cayce, mas o homem está a falar de leis que não podem ser repartidas, pois «permanecem uma unidade, quer sejam judaicas, gentias, gregas ou pagãs».

A tripulação tem um recurso de energia e orientação para além de qualquer coisa a bordo do navio, se souber como contactar o porto de origem para o obter, e realmente precisar dele.

O Nível da Alma

Um navio é operado pela sua tripulação, trabalhando sob ordens do capitão. Mas o capitão, por sua vez, está sujeito a ordens que viola por sua conta e risco. É responsável perante o dono do navio.

Na visão de Cayce, ao contrário da de alguma psicologia moderna, a imagem da pessoa total não está completa sem incluir o dono, o melhor eu, ou a alma. Esta parte da pessoa, bem afastada da consciência, carrega os seus verdadeiros ideais e compromissos, quer estejam verbalmente formulados ou não. Dá caráter e sabor à sua consciência (uma função do subconsciente, segundo Cayce), mas a alma não se limita à consciência. É também uma estrutura mais duradoura do

que a consciência, esse capitão da vida quotidiana, pois a alma sobrevive à morte, e a consciência não.

A alma determina quanto tempo e quão bem o capitão e a tripulação perduram na sua tarefa. Define o grande curso para eles, deixando-lhes a operação diária do navio. Pode, enquanto dona do navio, fazer as suas próprias representações ao capitão através dos sonhos. Mas os seus desejos podem ser frustrados pelo capitão, pois a decisão e a ação — e por conseguinte, o crescimento — pertencem-lhe a ele na viagem de uma vida inteira.

Depois de o bebé de Frances nascer, e de ela ter ultrapassado as tensões críticas do parto, tornou-se descuidada com a dieta, laxantes, fisioterapia, o temperamento e outros assuntos que concluíra, no estudo dos seus sonhos com Cayce, serem importantes para a sua própria saúde e paz de espírito, bem como para o bebé. Então sonhou o seguinte:

Parecia que eu ia casar com o primo William, mas quando chegou o momento hesitei porque ele era meu primo e tivera tantos problemas. Assim fiquei a hesitar, a titubear e a indecidir-me sobre o que fazer.

Cayce advertiu-a de que o seu agora «verdadeiro eu interior», o «melhor eu próprio da sua alma», estava a protestar contra o facto de ela não ter dado seguimento às promessas feitas a si mesma (um «parente» de quem ela gostava). Descreveu o seu falhanço como tão grave quanto deixar de honrar um compromisso de casamento. E reforçou o desafio ao destacar um aviso que lhe viera de um sonho de Aaron, semanas antes, em que ele vira que a esposa devia tomar água de Pluto para as suas eliminações. Ela concordara na altura, mas agora estava descuidada, e o bebé que amamentava sofria enquanto ela procrastinava.

O dono do navio repreendera o capitão, neste sonho, por navegar um curso instável.

Muito antes, durante a gravidez anterior ao aborto espontâneo, Frances também sonhara com um contacto com o seu melhor eu, ou alma, num sonho vívido de ansiedade:

Sonhei que nunca poderia ter um filho — que nenhum viria ter comigo — que nunca daria à luz.

Cayce assegurou-lhe categoricamente que um dia teria um filho (como de facto teve, mas não o que então carregava). Disse-lhe para esquecer qualquer interpretação literal do sonho. Em vez disso, exortou-a a notar os cuidados meticulosos que estava a ter para a maternidade: dieta, fisioterapia, atitudes, exercício. Estes eram o seu «mais elevado serviço ao Criador, e àquele que lhe era querido», o marido. Por reflexão, poderia ver por que razão o sonho tomava essas preparações atuais para o nascimento como emblema das purificações e disciplinas de que também precisava, não para preparar o bebé, mas para preparar o seu próprio eu superior, que necessitava de assumir um lugar maior na sua vida. Era esse o nascimento que estava em perigo, não o do bebé. Era essa a criança, o eu superior, que um dia seria o seu maior presente ao filho em crescimento.

Um dono de navio pode trocar o seu navio por um novo.

Fazia parte da visão de Cayce que a alma se reencarna, empreendendo viagens sucessivas em vidas na Terra, de duração longa ou curta. Cada viagem visa enriquecer e ampliar a criatividade total da alma de alguma forma específica.

Nenhuma outra afirmação de Cayce alienou tantas pessoas durante a sua vida.

Durante anos usara o seu dom apenas para conselhos médicos. Depois acrescentou não só conselhos sobre poços de petróleo, mas até conselhos sobre assuntos das nações. Ao longo de todo este aconselhamento psíquico, até aos quarenta e cinco anos, permanecera uma peculiaridade psicológica — uma maravilha para alguns, um caso de autoilusão para outros. Mas pouco antes de Frances e o marido aparecerem na sua vida, comentara, em transe, que as pessoas vivem na Terra muitas vezes. A partir daí deixou de ser apenas uma singularidade; tornou-se frequentemente alguém a evitar, por aqueles que, de outro modo, poderiam ter sido atraídos pelos seus evidentes dons. No entanto, as suas fontes psíquicas, custasse o que custasse à

sua popularidade pessoal e autoestima (pois a ideia de reencarnação lhe era estranha enquanto protestante sulista), insistiam que tal renascimento era um facto, a ser observado com a mesma imparcialidade com que descrevia pernas partidas nos conselhos médicos, tendências bolsistas nos conselhos de negócios ou campos petrolíferos soterrados que localizara brilhantemente algumas vezes no passado.

Na primeira leitura que deu a Frances, contou-lhe, a pedido dela, que numa das suas vidas passadas fora criada, uma atendente, de Henrietta, esposa de Carlos I de Inglaterra. Não fora uma vida particularmente útil, pois absorvera muito do espírito de intriga cortesã, especialmente da sua senhora, e um estilo de «ainda me hei de vingar», quando rejeitada ou contrariada. Cayce disse-lhe firmemente que, acima de tudo, na vida presente precisava de aprender a não agir por despeito ou rancor — um aviso que repetiu muitas vezes. Via nisso o curso da sua alma: aprender o perdão e a paciência com os outros, enquanto servia como esposa de Aaron.

O teste chegou-lhe eventualmente, como chega a muitos, no conflito matrimonial. Frances permaneceu com o marido oito anos, mas acabou por o deixar, não sem alguns traços do espírito da corte inglesa. Os seus sonhos mostravam-na a brincar com a ideia de um romance com um antigo namorado, para se vingar. Mas, na maioria, os sonhos exortavam-na à paciência e à firmeza com o marido, quando surgiam as tensões.

O primeiro sonho de Frances a recorrer a vidas passadas veio logo na lua de mel, segundo Cayce. Depois, quase exatamente um ano mais tarde, veio outro, que pressagiava a explosão no casamento vários anos depois:

O meu marido e eu estávamos num barco, e parecia haver muitos trovões ou tiros e luta. Terminou com o barco atingido por um raio e a caldeira a explodir. Afundou-se. Fomos pelos ares — mortos.

Cayce disse-lhe que um dia haveria condições na sua vida (como de facto houve) que lhe recordariam este sonho, que ele chamou «visão»

em vez de sonho, devido à sua exatidão e profundidade. Disse-lhe que o seu subconsciente usava a viagem de barco como símbolo ou emblema da viagem da vida. E advertiu que de facto viria uma crise na sua passagem pelos assuntos da vida, com tumultos e problemas. Falou severamente tanto ao marido como à esposa, dizendo que o aviso da visão chegara a ambos, para que «os caminhos de cada um pudessem ser mais harmonizados um com o outro». Contudo, não era fatalista ao falar a Frances deste teste iminente da sua capacidade de evitar despeito ou rancor. A «explosão» (Cayce insistia que os sonhos frequentemente dramatizavam figuras de linguagem) poderia ser seguida por um «assentar» numa compreensão mais perfeita por parte de cada parceiro matrimonial, em vez de destruição.

O dono do navio chamara para preparações face a um desafio sério.

Em anos posteriores, Frances teve de enfrentar mais uma vez tal desafio. O filho, tal como o pai, envolveu-se num emaranhado matrimonial e sofreu um colapso nervoso. Desta vez, ela recorreu a profundos recursos de paciência e fidelidade, ajudando-o de formas que conquistaram a admiração dos amigos e que bem poderiam ter merecido de Cayce o seu comentário críptico de maior louvor: «a entidade ganhou, nessa vida».

Três Níveis no Sonhar

Enquanto Cayce descrevia a Frances todas as estruturas acima como operando nos seus sonhos, disse-lhe, como disse a muitos outros, que, na realidade, há apenas três níveis no sonhar: os níveis do corpo, da mente e do espírito.

O corpo pode iniciar sonhos significativos, pedindo ajuda fisiológica através da assistência do subconsciente. Ou pode produzir sonhos sem sentido pela pura química corporal a atuar no sistema nervoso, muitas vezes por causa de alimentos ingeridos, embora por vezes devido a envolvimento anormal das glândulas endócrinas ou a circulação prejudicada para o sistema nervoso. Exortou Frances a notar que «podem ser ingeridos no corpo físico… elementos que produzem

alucinações; ou a atividade… induzida no sistema», ao tentar lidar com alimentos problemáticos ou venenos, «produz alucinações, pesadelos ou abortos às forças mentais de um indivíduo».

Tais sonhos, ou não-sonhos, precisam de ser distinguidos dos sonhos mais comuns, observou ele, que são iniciados por atividade mental ou psicológica.

Sonhos de caráter principalmente mental são por vezes apenas preocupações e ansiedades conscientes remoídas durante a noite. Mas sonhos de pura preocupação, dizia Cayce, são raros para aqueles que trabalham com os seus sonhos. Geralmente, quando o pensamento e o esforço conscientes são encenados novamente à noite, é para obter uma reação do subconsciente, que procede a interpretar a experiência consciente à nova luz ou a acrescentar a sua própria informação de ESP a partir de canais subconscientes.

Como Cayce disse a Frances, alguns sonhos são estimulados «a partir da mente mental de uma entidade, por estudo profundo ou pensamento» sobre um problema, um interesse ou uma relação. Em tais sonhos, as «experiências exteriores da entidade individual são correlacionadas» com estruturas e perspetivas interiores «através das forças subconscientes da entidade — as forças latentes da entidade — as forças ocultas da entidade», que apresentam as correlações «numa visão ou num sonho. Muitas vezes são condições simbólicas, cada uma representando uma fase diferente do desenvolvimento mental da entidade».

Noutros sonhos mentais, na visão de Cayce, a iniciativa pertence mais ao subconsciente, que avisa ou alerta o sonhador sobre algo que ainda não entrou na sua experiência consciente, mas que já aparece no seu radar interno devido à direção para a qual se dirige.

Para ilustrar este tipo de aviso pelo subconsciente, Cayce destacou um sonho de Frances em que uma amiga próxima se suicidara. O sonho, disse Cayce, retratava com exatidão uma tendência na amiga que já passara. Tal sonho desenvolvia-se pela «correlação entre mentalidades ou entidades subconscientes» das duas sonhadoras, trazendo «de um

subconsciente para outro… condições reais existentes, diretas ou indiretas, para serem atuadas» por amor e cuidado.

Por fim, há sonhos provenientes do eu superior do sonhador, frequentemente expressos por uma voz sem nome no sonho, sonhos do supraconsciente, que tocam nas Forças Universais. Cayce chamava a tais sonhos «espirituais».

Na lua de mel, no início do registo dos seus sonhos, Frances ouviu precisamente uma voz assim num sonho:

Sonhei que via uma mulher deitada num colchão de molas, e as molas pareciam inclinar-se para trás. Sonhei que algo dentro de mim disse: «Frances, vais acordar para algo diferente», e de repente senti um sorriso no meu rosto.

Ao interpretar o sonho, Cayce falou explicitamente do «prazer bom» da «consumação» no casamento, dramatizado na imagem sexual da cama, das posturas e do balançar. Falou também da plenitude da feminilidade e da pessoa a despertar em Frances ao entregar-se no ato sexual, e descreveu a voz que ouvira como «o supraconsciente», respondendo feliz à experiência sexual e trazendo um sorriso ao seu rosto no sonho. Deu-lhe a impressão de que estava a despertar em muitos níveis ao mesmo tempo — como muitas noivas já sentiram. Aqui, como em muitos outros sonhos, notou que a função típica da alma ou do supraconsciente num sonho era a de despertar ou vivificar o sonhador para novos potenciais interiores.

CAPÍTULO III

RESOLVER PROBLEMAS ATRAVÉS DOS SONHOS

Edgar Cayce encorajava Frances a interpretar os seus próprios sonhos.

Por vezes, nas suas leituras, citava o ditado: «Cada tina tem de se sentar no seu próprio fundo.» Era esse tipo de autoconfiança em Frances que ele via sugerido no seguinte sonho:

Estava à mesa com o meu marido e ele falava dos meus copos de água verdes. «Agora cala-te», disse-lhe eu; «não critiques os meus copos.»

Embora Cayce dissesse frequentemente a Frances que os seus sonhos em que outros a criticavam eram representações da sua própria língua afiada, adotou uma abordagem diferente ao comentar este sonho. O verde, disse ele, era um emblema de desenvolvimento saudável — como o verde na natureza. Ela devia, pois, manter-se fiel ao que fazia sentido para o seu «conceito das forças criativas». Os copos eram recipientes para o que seria colocado no seu corpo e na sua vida, fosse o que fosse que escolhesse absorver e confiar. Aconselhou-a: «Então não te importes com o que os outros possam dizer», desde que o que via e fazia estivesse em harmonia com a sua própria versão interior da «Força Criativa» ou Deus.

Quando Frances queria depender excessivamente de mensagens oníricas da mãe falecida, ele voltou a encorajá-la a confiar em si mesma. Relatou-lhe o seguinte:

«*Sonhei que a minha sogra se cansaria da Califórnia e regressaria a casa dentro de seis semanas.*» Ele disse-lhe que a perceção era razoavelmente exata (como se provou), mas quando ela perguntou se essa perceção viera do plano seguinte, ele enfatizou que chegara à conclusão do sonho a partir de raciocínio consciente num estado onírico, e não de qualquer experiência psíquica. Contudo, encorajou-a a desenvolver dentro de si mesma, através de períodos de silêncio, a capacidade de alcançar contacto telepático com aqueles que lhe eram próximos, em vez de procurar «condições espiritistas».**

Quando sonhou, mais de um ano antes do crash bolsista de 1929, com a data exata em que ela e o marido deviam vender as suas ações, devido às «grandes mudanças» que começariam então, ele encorajou-a a notar como podia ganhar, através de tais experiências, as orientações de que precisava para as suas atividades diárias.

Cayce convidou Frances a fazer mais do que estudar sonhos e o ato de sonhar. Pressionou-a a ir além de estudar um sensitivo a trabalhar nos seus sonhos. Orientou-a a interpretar e a usar os seus próprios sonhos nos problemas da vida quotidiana.

Problemas com Familiares

No início da sua série de sonhos, havia o problema que tinha com os familiares na sua família unida de judeus sulistas. Estes não só manifestavam as dúvidas habituais sobre um nortista levar a flor da mulher sulista, como também tinham algumas reservas privadas sobre se o livro de cheques do marido era tão bom quanto parecia. Tinham criticado abertamente os seus interesses psíquicos. Como haveria Frances de lidar com estes familiares?

Mesmo na viagem de lua de mel, sonhou com a família, como relatou a Cayce em dias sucessivos, ao iniciar a sua série de sonhos:

Sonhei que via o meu tio a mexer café preto. Sonhei que estava num comboio a regressar a casa no Mississipi. Sonhei que estava a cavalo e caí. Na mesma manhã sonhei com o meu pai em casa no Mississipi e acordei a pensar em Cayce.

Cayce disse-lhe que o primeiro sonho dizia respeito às opiniões reais do tio sobre o seu casamento — tão confusas como mexer café preto que não precisava de ser mexido. O segundo sonho, explicou-lhe, era uma continuação do que ela estivera a pensar antes de adormecer para uma sesta (note-se que Cayce forneceu este facto verificável a centenas de quilómetros de distância e vários dias depois), ou seja, que a sua viagem real de comboio na lua de mel era muito diferente de uma viagem de comboio que pudesse fazer de regresso a casa junto dos seus. O problema que estava a resolver aqui, disse ele, era o de colocar em perspetiva tudo o que, enquanto noiva, estava a deixar para trás. Era a versão de Frances do problema de toda a noiva.

O terceiro sonho Cayce corrigiu prontamente, como muitas vezes fazia, dizendo à sonhadora que ela tinha omitido uma boa parte dele. Depois forneceu os detalhes em falta para ela verificar e estudar!

Não havia apenas o cavalo e o cavaleiro, disse ele, mas também uma visão de uma estrada com várias obstruções, e depois um acontecimento que fez o cavalo assustar-se e o cavaleiro cair. Este sonho tratou-o como envolvendo a jovem noiva num nível muito mais profundo do que os outros — como um analista poderia ter adivinhado

pela imagem dinâmica do cavalo, a presença do pai e a alusão ao impressionante Cayce. Mas Cayce não destacou qualquer problema de Édipo no sonho, embora fosse provável que os laços de Frances com o pai estivessem a ser trazidos à luz pelo facto de ela ter aceitado um homem em casamento. Em vez disso, viu o sonho como continuando a lidar com o problema da aceitação do casamento pelos familiares e dos interesses do marido em coisas psíquicas.

Viu o cavalo como trazendo um «mensageiro», um chamado que chega a todos do seu melhor eu. Descreveu o espanto dela com as coisas que o cavaleiro dissera, bem como os seus esforços para harmonizar a mensagem com as opiniões das pessoas que lhe eram queridas — como o pai. Viu as obstruções na estrada como imagens gráficas dos obstáculos à frente no seu novo caminho de vida, e advertiu-a de que a queda do cavaleiro significava uma possível rejeição da mensagem (o que de facto ocorreu, como os seus sonhos continuaram a avisar, cerca de cinco anos depois). Cayce falou a Frances com uma seriedade invulgar ao interpretar este sonho. Descreveu o confronto dela com questões no sono como «muito, muito bom». Depois deixou-a com a impressão de que neste sonho ela fora além dos problemas estratégicos de harmonia familiar, para enfrentar o problema profundo do que ia confiar com a sua própria vida — que visão, que fé, que princípios. Como sempre, exortou-a a confiar no seu próprio melhor juízo.

Problemas Emocionais

Os problemas de Frances não eram todos tão abstratos. Ainda na lua de mel, enviou a Cayce um sonho sexual que suscitou uma resposta diferente da habitual. Escreveu:

Vi claramente uma bela casa em chamas. Na mesma noite sonhei que uma amiga minha estava a uma mesa de jantar com muitos convidados, incluindo eu. Era no Mississipi. Ela fazia amor violento e demonstrativo com o seu antigo namorado dos tempos de solteira, que estava sentado ao lado dela. Os convidados criticaram-na todos por isso.

Ao interpretar este sonho, Cayce afastou-se do seu método habitual. Normalmente, a sua esposa lia-lhe o sonho em voz alta enquanto ele estava em transe, após o qual o interpretava. Mas neste caso saltou para a interpretação após a primeira frase, interrompendo a esposa que «conduzia» a leitura como os hipnotistas fazem. Ignorando o texto do sonho, prosseguiu a falar dele como se, por ESP, o tivesse todo na mente — o que de facto tinha, como os seus comentários demonstraram.

Por que a interrupção? Parecia ocorrer, de vez em quando, quando Cayce sentia uma urgência especial relativamente ao assunto da leitura que ia dar. Aqui a urgência manifestou-se no que disse a Frances.

Disse-lhe que a bela casa em chamas era apenas um de uma série de sonhos que ela tivera, apresentando algo belo destruído. Em cada caso, explicou, a destruição era representada por algum símbolo que significava mal-entendido com os da sua casa. Aqui era o fogo, representando ira nos seus sonhos — um símbolo onírico nada incomum, observou.

Estava a dizer a uma noiva recente apenas isto: o teu sonho mostra que a tua bela nova relação pode bem terminar em mal-entendido e raiva amarga. Estaria Cayce justificado no seu aviso? Oito anos depois, o casamento terminou exatamente assim.

Contudo, Cayce não era fatalista. «Isto nunca deveria começar», disse, ao exortar o casal a começar imediatamente a trabalhar para se compreenderem a si mesmos e um ao outro. E se o fogo da raiva viesse um dia a interpor-se entre eles, acrescentou, poderiam sair dele pessoas melhores, tornadas mais perfeitas ou sólidas ao passar pela prova do fogo, se assim escolhessem.

Enfatizou a importância da força de vontade em cada parceiro e traçou a sua ação numa tendência que o sonho revelava, de Frances reter uma parte de si mesma no casamento. Ela já reprimira uma parte do sonho, apontou ele, pois recordou-lhe que apenas parte da frente da casa fora destruída no sonho, enquanto ela também vira ruínas enegrecidas na parte de trás.

O que representavam as ruínas enegrecidas? A resposta estava na cena de amor violento dos tempos antigos, que se seguia no sonho e atraía críticas à amiga que servia de substituta da sonhadora.

Cayce falou com cuidado desta parte do sonho, avisando Frances de que impropriedades sexuais podiam ser esperadas para «ensombrar a vida» à frente dela. Ao interpretar este sonho (ao contrário de outro que Frances teve muito mais tarde, em que o marido aparecia numa luz duvidosa e a deixava afogar-se), Cayce falou diretamente a Frances. A tendência dos seus comentários foi a de que ela estava a guardar uma parte das suas fantasias para o antigo namorado, e a deter-se nelas mesmo durante a lua de mel — e depois a encontrar-se acusada por remorsos de consciência.

Avisou-a, como muitas vezes avisava outros, de que os pensamentos são atos, com consequências muito reais. Aparentemente apontava para uma cadeia de acontecimentos familiar aos psiquiatras: um parceiro no casamento reserva uma parte de si do casamento, mas torna-se tão vulnerável à culpa que não consegue perdoar o outro quando o cônjuge, por sua vez, se desvia por caminhos semelhantes. Estaria Cayce a ver algo em Frances que poderia bloquear a reconciliação em brigas matrimoniais posteriores, e a exortá-la a encontrar esse bloqueio por si mesma? Certamente não falava das suas atividades, pois estava recém-casada e feliz; nada parecido com um caso estava em vista.

Cinco meses depois, interrompeu novamente a leitura de um sonho de Frances:

A minha sogra, o meu marido e eu vivíamos juntos numa casa na Pensilvânia, e ouvi muitos tiros e excitação. Todas as janelas da nossa casa estavam abertas, e como estava a chover e a trovejar lá fora, corremos para as fechar e trancar. Um homem selvagem terrível parecia correr pela cidade, a disparar e a causar grandes problemas, e a polícia perseguia-o.

Aqui o Cayce inconsciente interrompeu a leitura do sonho para dizer à sonhadora, como se ela estivesse na sala com ele em Virginia Beach, em vez de a centenas de quilómetros de distância em Nova

Iorque, que «o homem grande, o bicho-papão» era ela própria e o seu temperamento. Depois esperou enquanto o resto do sonho era lido:

As condições eram caóticas e problemáticas. Parámos a polícia para perguntar se tinham apanhado esta pessoa terrível, e eles responderam: «Ainda não.»

Cayce respondeu imediatamente que Frances devia controlar-se a si mesma, se esta aparentemente «pessoa terrível» devia ser «apanhada e conquistada». Para ele, a imagem do seu sonho a trabalhar para resolver o problema do seu temperamento parecia completamente clara — como poderia parecer a qualquer um que vivesse com Frances enquanto ela andava pela casa em fúria, tornando as coisas caóticas e problemáticas.

Nem todos os problemas que os seus sonhos trabalhavam para resolver eram tão graves. Alguns eram tão prosaicos como a sua dieta.

Problemas de Saúde

Queria manter a figura de rapariga. Era importante nos seus círculos sociais e, naturalmente, trazia conotações sexuais a que tanto ela como o marido respondiam. Sonhava com experimentar roupas e, mais tarde, na gravidez, sonhava com o seu desânimo por estar demasiado grande para sair para uma noite formal. Frequentemente fazia dieta, mesmo estando ainda no início dos vinte e poucos anos e não estando acima do peso. Cortava os amidos e os doces, como a sua forte vontade lhe permitia, e criava, segundo Cayce, um problema para a economia do seu corpo. Sonhos surgiam para tentar resolver o problema.

Sonhei que dizia ao meu marido: «Agora as minhas cólicas desapareceram todas.» Ele disse: «Isso é ótimo.» Depois acordei e toda a dor tinha desaparecido.

Cayce dedicou bastante tempo a este pequeno sonho, mostrando-lhe que as cólicas que tivera realmente na vida desperta, bem como no sonho, eram causadas pela sua dieta de emagrecimento. Traçou os efeitos dessa dieta na digestão, eliminações, reconstrução celular,

funcionamento glandular e circulação sanguínea. Depois exortou-a a corrigir a dieta, como o seu melhor juízo já lhe dizia. Também lhe mostrou como a sua consciência da figura aparecia nos sonhos quando ela lhe contou um sonho da noite seguinte.

«Sonhei que via J.B. e a sua irmã. Algo relacionado com aparência.» Recordou-lhe que ela via o homem e a irmã como pessoas excessivamente preocupadas com a aparência. Sonhara com eles porque, para a sua mente interior, a sua super-dieta por causa da aparência parecia tão irrazoável como eles.**

Uma semana depois, Frances sonhou mais sobre a sua dieta:

Estava sentada a uma mesa a comer, mas mais do que comer — estava a empanturrar-me. Havia bolo de chocolate e todo o tipo de doces e guloseimas — e diverti-me imenso a comer tudo.

Pacientemente, Cayce explicou que este também era um sonho de resolução de problemas para o seu corpo, e que ela devia comer mais doces, em vez de danificar o corpo com a dieta de emagrecimento. Mas acrescentou que não devia tomar o sonho à letra, comendo doces apenas com moderação.

Um ano depois, continuava a experimentar dietas para proteger a figura, e sonhou isto:

Estava a chover amido, e sonhei que devia sair para a chuva de amido e pô-lo no meu lado para aliviar a dor.

Mais uma vez, disse Cayce, o corpo estava a resolver problemas através de um sonho. Explicou longamente que a falta de amido na dieta estava a causar fermentação em órgãos do lado direito do corpo, produzindo dor, e que a falta de amido também não era boa para o feto que carregava.

Problemas com Associados

Na mesma noite, Frances sonhara com um tipo bastante diferente de problema, que Cayce disse mostrar a sua ESP a avisá-la de um sofrimento iminente:

Desmaiei na Quinta Avenida, caindo na rua e arrancando vários dentes. Leo parecia ter algo a ver com isto.

De alguma forma captando o desconhecido Leo com a sua própria clarividência, Cayce respondeu que este pequeno sonho viera avisá-la de um sofrimento iminente causado por coisas desagradáveis que Leo ia dizer sobre ela. Depois acrescentou, como muitas vezes fazia ao interpretar sonhos precognitivos: «Estando prevenida, está preparada.» Exortou-a a ignorar e perdoar os comentários quando os ouvisse, sem os deixar «tomar raiz na mente», como as provocações maldosas frequentemente fazem, levando a palavras duras tão difíceis de substituir como dentes.

Um tipo bastante diferente de associado esteve no centro de um drama onírico que, segundo ele, também recorria à ESP de Frances. Ela perdera um belo broche cravejado de joias que a mãe lhe dera e suspeitava que uma criada o tivesse levado. Sonhou:

Bob apontou-me o meu broche perdido como se estivesse preso ao meu fio de pérolas. Ao investigar, descobri que era outro broche, diferente daquele que a minha mãe me deu, e de todo não era o que eu queria.

Para desvendar este sonho, Cayce teve de ler a mente de Frances, focando-se na memória de como ela lidara, algum tempo antes, com um suspeito roubo de roupa por uma das suas criadas. Em vez de acusar a criada e pôr em marcha as suas defesas, Frances tomara medidas mais positivas para mostrar à empregada os seus próprios sentimentos e compromissos quanto à honestidade, e as roupas foram devolvidas.

Desta vez, porém, Frances estava impaciente. O sonho comentava essa impaciência. Mostrava-lhe, disse Cayce, que se forçasse a questão com a atual empregada, esta faria uma substituição para encobrir o roubo. Ou então a criada iria embora, e Frances nunca recuperaria o broche. Cayce exortou-a a fazer como fizera no incidente das roupas, e como o seu melhor juízo, disse ele, já a incitava: esperar, observar, rezar.

Depois, tipicamente, apontou uma oportunidade que se apresentava a Frances — uma oportunidade de ser para a sua criada uma testemunha discreta e serena. Disse que a rapariga estava pronta a aprender, se não estivesse demasiado assustada. E pediu-lhe que lidasse com o incidente de forma a não roubar à ladra algo mais importante do que prata e ouro: o seu respeito por si mesma, a sua oportunidade de crescer, a sua alma. Pediu a Frances que «colocasse no coração, na mente» dos empregados e familiares à sua volta «que o temor do Senhor — não a lei — é o princípio da sabedoria».

Ao enfatizar a força da orientação total de uma pessoa, maior do que a consciência e o medo do castigo, e ao confiar na relação entre Frances e a sua criada para dar bons frutos, Cayce revelou os seus próprios valores últimos. Tais valores influenciavam inevitavelmente toda a sua interpretação séria de sonhos. Na visão de Cayce, os problemas de ninguém eram simplesmente seus, e uma das funções dos sonhos era trazer à luz todos os fatores de uma situação, bem como a solução total mais criativa.

Problemas de Dinheiro

Frances tinha algumas ações em seu nome, mas era o marido quem fazia os investimentos — e sonhava com investimentos. Ainda assim, não conseguia evitar preocupar-se com as preocupações dele, e no início do casamento teve os dois sonhos seguintes sobre ações:

O meu marido e eu estávamos no Sul e vimos milhares de crianças pequenas a aprender a nadar num grande lago. Estavam presas a algum tipo de aparelho com cordas que descia ao som de um apito e assim lhes permitia nadar com a água até à cintura. Perguntei-me como funcionava aquele aparelho de cordas e o que era. Muitas raparigas mais velhas também nadavam.

Cayce caracterizou o sonho como relacionado com o produto principal do Sul (onde Frances fora criada): o algodão. O grande aparelho mostrava-lhe a subida e descida dos preços no mercado do algodão, em resposta ao apito — chamada ou procura — pelo algodão. As milhares de crianças representavam as novas indústrias no Sul, que

precisavam de algodão, enquanto as raparigas maiores eram as maiores utilizadoras e corretoras, que mais influenciavam o mecanismo de fixação de preços. A água estava lá para mostrar que o mercado afetava o sustento real e a subsistência de muitas pessoas.

Disse a Frances para levar as suas intuições sobre algodão a certos corretores fora da família (não ao marido, que já era um investidor experiente!); estes ajudá-la-iam a usar bem as dicas dos seus sonhos. Mais tarde, também trouxe pistas de ações para o marido:

O meu marido e eu fomos à estação do caminho de ferro L e N. Ele perdera o comboio. O primeiro comboio partira. Disse-lhe: «Nunca devias ter perdido aquele comboio L e N. Devias controlar melhor o tempo. És demasiado lento.» Ele chamou um táxi para ir a outra estação, mas o táxi que chamou era uma velha carruagem puxada a cavalo. Depois vi uma banca de fruta e, virando-me para o meu marido, disse: «Compra-me um pedaço de fruta.»

Neste sonho Cayce entrou diretamente nos detalhes do mercado. Encorajando Frances a usar tais sonhos para orientação financeira, como encorajara o marido, apontou que o sonho estava correto ao mostrar que o marido de facto perdera uma oportunidade de subida nas ações da L e N, nas quais estava vendido a descoberto. Também destacou que, embora Aaron pudesse sair da situação com as ações da L e N, como mostrado pelo táxi, não ganharia muito dinheiro com o negócio, como indicava a lenta carruagem. A parte da fruta chamou-a precognitiva, insistindo que em breve a ferrovia e uma ação de fruta se uniriam num consórcio que afetaria as suas participações. Exortou Frances e o marido a estarem prontos a comprar quando isso acontecesse.

Assim Frances teve a sua iniciação no mundo dos sonhos de mercado, que estavam a render tanto dinheiro ao marido e aos seus associados na bolsa.

Quando o grande crash bolsista de 1929 começou a despontar no horizonte, Frances e o marido tiveram avisos claros e amplos, meses antes. O resultado foi que o marido atravessou o crash e os primeiros

anos da Depressão relativamente incólume, financeiramente. Chegou mesmo a viajar para a Europa no ponto mais baixo da Depressão. Foi a orientação psíquica que ele creditou ter-lhe salvo a fortuna, tal como antes o enriquecera.

Com a rutura do casamento, Frances ficou sozinha a sustentar o filho. Em poucos anos passara de meios modestos a riqueza excepcional, e depois a necessidade rigorosa, com ambos os pais mortos. Precisava de todos os recursos do seu ser.

Um desses recursos foi a sua impressionante — e para ela, pelo menos, convincente — experiência de alcançar através da morte a sua mãe.

CAPÍTULO IV

AVENTURAR-SE ATRAVÉS DOS SONHOS

Era típico daqueles que recorriam a Edgar Cayce para orientação sobre os seus sonhos que começassem a aventurar-se através das suas produções noturnas.

Muitos dos seus sonhos focavam-se em resolver problemas em todos os níveis das suas vidas, como Frances viu.

Mas alguns dos seus sonhos só podiam ser chamados aventuras. Estes pareciam destinados a despertar potenciais ocultos no sonhador — a segunda grande função que Edgar Cayce via nos sonhos.

Alguns dos sonhadores sistemáticos perseguiam invenções mecânicas nos sonhos, como um contentor para petróleo que rendeu muito dinheiro a um homem. Alguns sonhavam o seu caminho de volta à história. Alguns ouviam música, alguns investigavam fisiologia nos sonhos. Três estudantes universitários sonharam com exatidão sobre um tesouro enterrado. Uma dona de casa sonhou as respostas para um concurso sobre vitaminas no pão Wonder Bread.

A maior parte das aventuras, porém, ia mais fundo. Levava o sonhador por caminhos que alargavam e transformavam toda a sua identidade.

A transformação marcou a aventura que se desenrolou para Frances, nos quatro anos em que procurou orientação onírica em Cayce. Explorou, primeiro através dos seus sonhos e depois em algumas experiências semi-desperta, o país da morte.

Experiências Psíquicas nos Sonhos

Nem todas as experiências psíquicas de Frances nos sonhos tinham a ver com os falecidos, com os «desencarnados», como os investigadores psíquicos lhes chamam. Parte da sua ESP seguiu direções bastante diferentes.

O que parecia ser ESP levou-a de volta no tempo, para o que Cayce chamava vidas passadas. Uma primeira indicação disso veio num sonho seis semanas após o casamento. *Sonhei que o meu marido não voltava mais para casa, e chorei amargamente.* Cayce disse-lhe que esta imagem onírica alcançava a sua própria alma. «O maior despertar do amor, em si mesma, por ele, desperta essas possibilidades de condições separadas.» Os profundos agitações que sentia como jovem noiva estavam também a chamar à superfície o que Cayce chamava o seu karma: todos os testes e questionamentos sobre homens e amor que jaziam encerrados no seu ser mais íntimo.

A imagem do amor verdadeiro trazendo consigo a possibilidade de verdadeira alienação era uma que psiquiatras e poetas reconheceriam igualmente, sem o enquadramento de reencarnação de Cayce.

Apesar de episódios tão intimidantes nos seus sonhos, Frances estava determinada a desenvolver a sua ESP, e a sua psique parecia pronta para algum tipo de despertar, se a interpretação de Cayce deste sonho inicial estivesse correta: *Sonhei que morri.*

Aqui ela estava a ver, disse ele, a morte do apego às «forças físicas», a preocupação com prazeres e distrações físicas, para que a sua

capacidade para o pensamento sério e a criatividade pudesse nascer. Era um sonho de um fim para preparar um começo.

Na mesma noite sonhou mais sobre o despertar que se agitava nela, em resposta aos interesses que via no marido e em Cayce:

Vi alguém a usar um vestido que copiei e vesti. Ao experimentar a manga esquerda, estava muito apertada. Disseram-me que assim é que devia ser. «Façam-me dois, exatamente como este», disse eu.

Cayce descreveu o «vestir de vestes» como evidência do despertar do seu subconsciente para assumir os seus novos potenciais, especialmente para experiências psíquicas como as que poderia desejar copiar do marido e de outros. Mas avisou que, quando o sonho a mostrava a encomendar dois vestidos, revelava um pouco do seu orgulho que precisava de ser domado.

O seu conselho básico era bíblico: «Procurai e achareis. Batei e abrir-se-vos-á.» Contudo, notou que o vestido seria apertado, pois teria de ceder o desejo de se exibir ao «desejo de se mostrar aceitável perante Ele, o Doador de todos os dons bons e perfeitos, manifestando em palavra, ação e obra as lições recolhidas». O alcance psíquico que procurava não podia ser encomendado como vestidos, mas «pouco a pouco, linha sobre linha», à medida que aprendesse a partilhar as suas descobertas de forma frutífera com os outros. Continuou no mesmo tom quando ela relatou um sonho adicional da mesma noite: *«Vi-me em vários trajes.»*

Ao rever este sonho, disse ele, ela podia ver-se a desenvolver-se gradualmente, a vestir-se lentamente com exatamente o que precisava, em todos os níveis, para o seu novo despertar — espiritualmente, fisicamente, mentalmente. E, na sua linguagem típica para leituras sérias, parafraseou duas passagens do Novo Testamento: «Revesti-vos de toda a armadura… essas condições que dão do reino espiritual. Com este despertar» — despertando primeiro para o reino correto, disse-lhe — «todas as coisas físicas e materiais vos serão acrescentadas» em dons tão úteis como os do marido e de Cayce que tanto admirava.

Não demorou muito até Frances começar a mostrar, nos seus sonhos, um despertar de talentos de ESP que seguiu duas direções que a acompanharam ao longo dos quatro anos com Cayce. Uma direção era o aconselhamento sobre assuntos de saúde, para si mesma e para aqueles que lhe eram próximos. A outra era a telepatia.

Estes dois dons, juntamente com a sua posterior capacidade de alcançar através da morte a sua mãe desencarnada, constituíram o seu perfil psíquico especial — diferente dos perfis de outros que procuraram orientação onírica em Cayce.

As dicas de saúde nos seus sonhos eram simples. Mas eram úteis. Uma das primeiras foi um sonho curto: «*Sonhei que a constipação do meu marido estava pior.*» Cayce recordou-lhe que já tinha prescrições para lhe dar, e que devia fazer algo quanto a isso.

Algo mais próximo de ESP pareceu evidente numa parte de um sonho posterior:

O meu marido e eu entrámos numa loja e comprámos doces, ao que eu disse: «Aí estás tu a perder tempo a comprar doces. Sabes que não te fazem bem e que não devias comê-los.»

Chegara o momento, disse-lhe Cayce, de ela guiar e proteger o marido no seu apetite por doces.

Aaron bem poderia ter-lhe dado ouvidos, pois um mês antes ela tivera um sonho vívido para ele que se revelou medicamente correto:

O meu ouvido parecia incomodar-me e eu disse: «Eu sei — é o regresso do meu antigo problema no ouvido.» O meu ouvido doía-me terrivelmente. Contudo, parecia ser o ouvido do meu marido — não o meu.

A última parte do sonho, disse Cayce, mostrava-lhe a direção correta para olhar. Pois o sonho era na verdade um aviso sobre uma infeção no tubo de Eustáquio do marido, que levava ao ouvido. O sonho usara simplesmente o problema do ouvido dela para dramatizar a necessidade dele. Útil como foi o sonho, Frances ainda teve de

perguntar a Cayce qual dos ouvidos do marido estava envolvido, e foi-lhe dito «o esquerdo» — como um médico confirmou.

Na mesma noite, Frances sonhou ainda de forma mais impressionante com a saúde do cunhado:

Vi-o ficar tão terrivelmente doente que interferi, dizendo-lhes que não deviam permitir uma repetição do que aconteceu no caso da minha mãe.

Cayce respondeu que ela vira corretamente no sonho a gravidade de permitir que o cunhado adiasse ajuda médica, como a mãe fatalmente fizera. Mas a interferência, disse ele, era uma representação de medidas úteis que ela já tomara no círculo familiar, as quais começavam a dar fruto.

Seis meses depois, teve uma experiência inesquecível de ESP em ação para proteger a saúde dos seus entes queridos. Pareceu-lhe no sonho que os pais (que nessa altura já estavam ambos mortos) lhe apareciam e se alegravam por vê-la. Contudo, manifestaram grande preocupação:

Contaram-me sobre a minha irmã, que ela se suicidara, ou se matara.

Cayce insistiu que o sonho lhe mostrava o funcionamento real da mente da irmã, e que esta de facto carregava o pensamento do suicídio, noite e dia.

Frances e o marido, alarmados, ligaram imediatamente para a irmã, que desfez-se em lágrimas e admitiu que estava a contemplar matar-se, como o pai fizera antes dela. Apenas a oportunidade do sonho e da chamada, seguida de longas horas de aconselhamento, salvaram a irmã da morte.

A capacidade de saber, através dos sonhos, os pensamentos de outros próximos nem sempre era tão perturbadora para Frances. Enviou a Cayce uma breve nota, juntamente com outros sonhos, sobre uma cena envolvendo um primo favorito:

«*Sonhei que o meu primo William se casou.*» Aqui tinha uma premonição correta das intenções dele, disse-lhe Cayce, e nos três

meses seguintes receberia a notícia de que o casamento ocorrera. Sugeriu-lhe que registasse o sonho, como muitas vezes sugeria a outros, estudando primeiro o alcance do subconsciente e a sua ESP. «Segue isto», disse ele, «e ver-se-á.»

Cayce não esclareceu se Frances era emissora ou recetora na deliciosa instância de telepatia onírica que ocorreu quando estava no início da gravidez. Na noite de 2 de dezembro de 1925, a cunhada de Frances «sonhou que Frances, minha cunhada, tinha uma nova pulseira flexível de diamantes». Enviou o sonho a Cayce, como alguns familiares de Frances agora faziam. Ele disse-lhe que representava Frances a fazer preparações para a maternidade, «para os laços maiores que ligam o eu à aprovação de si próprio, à magnificação das forças espirituais no plano terreno». Cayce tinha uma visão elevada da maternidade, que podia atrair uma alma talentosa e útil para o plano terreno numa nova encarnação. Para ele, a gravidez era apropriadamente simbolizada por joias preciosas, especialmente por joias que adornavam os braços que segurariam um bebé.

Exatamente na mesma noite, Frances sonhou o seguinte:

Sonhei que tinha bandas nos dedos, que se abriam em pulseiras flexíveis de diamantes até ao cotovelo. Estava em casa na altura, a ir para a faculdade, e fiquei tão excitada que decidi ficar em casa e não ir para as aulas. Estava vestida com o meu suéter vermelho e saia. A minha mãe insistiu para que ficasse em casa a celebrar a boa fortuna, e de qualquer modo perdi o meu horário de estudos ou horas, pelo que não pude ir à faculdade nesse dia. Fiquei em casa, excitada, a desfrutar das maravilhosas joias.

Para Frances, Cayce foi ainda mais detalhado sobre as pulseiras. Tinham aparecido primeiro como bandas, disse ele, por causa das bandas nos dedos que significam união matrimonial. Tinham-se aberto em pulseiras de braço porque o seu casamento se abria «agora, para esse maravilhoso desenvolvimento, daquele que ocuparia a entidade no braço cheio de joias, por assim dizer, dessa união».

Mas agora Cayce foi além do que dissera à cunhada de Frances. Para Frances acrescentou que o termo completo da gravidez traria o nascimento a meio de junho, e que seria um menino.

Contudo, advertiu-a severamente que o nascimento poderia não acontecer, se ela não observasse as preparações e precauções necessárias, tanto mentais como físicas. (De facto, esta gravidez terminou num aborto espontâneo, dois meses depois.) O sonho de ficar em casa e perder o horário, disse ele, mostrava-lhe que podia «perder-se no labirinto de condições ou especulações» sobre a maternidade. Exortou-a a cuidar dos assuntos de dieta e fisioterapia, bem como de descanso e liberdade de preocupações, que ele já delineara anteriormente numa leitura médica.

Frances estava a aprender sobre ESP nos sonhos, embora tivesse muito ainda a aprender sobre maternidade.

Antecipando a Morte

Tal como o marido, Frances estava fascinada pela questão de se a personalidade humana sobrevivia à morte corporal.

No início dos anos 20 ainda não existia investigação laboratorial sistemática sobre ESP. De facto, o Dr. J. B. Rhine, que viria a inventar o termo, ainda não surgira na cena da investigação psíquica, como faria alguns anos depois na Universidade Clark, num simpósio com o famoso psicólogo MacDougall, e na companhia de um jovem destinado a tornar-se decano dos psicólogos americanos, Gardner Murphy.

Para Frances e os seus amigos, os fenómenos psíquicos eram quase sinónimos da questão da vida após a morte. Os seus interesses seguiam o padrão dos interesses da Society for Psychical Research de origem britânica, que nessa altura colocava a sua atenção mais aguda na investigação de médiuns e fenómenos espíritas. A atenção não era um desejo mórbido de manter contacto com entes queridos falecidos, mas sim o desejo de mostrar que a «mente» era um princípio independente no homem, algo que sobrevivia à sua morte e, portanto, merecia mais atenção durante a vida do que a «matéria» e o materialismo. A busca era basicamente por uma filosofia de vida, da

qual os entusiastas dos fenómenos psíquicos pensavam poder derivar um novo e convincente esquema de valores para o seu mundo, ainda marcado pelas cicatrizes da Primeira Guerra Mundial.

O interesse de Frances pela vida para além da sepultura era evidente num sonho que recordara no início do casamento, em que o veículo era de um tipo não incomum para quem submetia os seus sonhos a Cayce: um sonho de discussão, sobre um tema importante para a sonhadora.

Estava numa discussão com Ted. Recordo apenas uma parte disto. Recorda e interpreta e explica-me para que a minha mente possa captar o significado e eu possa compreender melhor a lição pretendida. O que recordo é o seguinte: Falando com Ted, disse: «Agora, Ted, vês, a morte não é a sepultura como muitas pessoas pensam. É outra forma fenomenizada de vida.»

Como muitas vezes fazia, Cayce começou por dizer à sonhadora que parte da sua mente estava em ação, e como, num sonho particular. Aqui era o subconsciente de Frances a dar lições à sua mente consciente, disse ele, sobre a psicologia das forças mentais.

Depois prosseguiu a recordar-lhe o sonho, como ela pedira:

Esta foi a conversa, como aqui captamos. A discussão sobre aquilo que a vida num indivíduo vê, e a tomada disso por qualquer ação súbita, percebes? E a discussão entrou na condição particular relativa às vidas de indivíduos que foram tomadas no calor da paixão, ou na guerra. E à medida que o mental se desenvolveu na discussão, verificamos que a entidade vê então, na mesma, algo da sugestão que fora colocada na vida desperta por um Ballentine, na discussão sobre a vida após a morte. E a entidade então vê, através das forças subconscientes, que a morte é apenas o início de outra forma de força fenomenizada, na perspetiva do plano terreno.

O termo «fenomenizada» era muito usado pelo marido de Frances na altura, para sugerir que uma força de vida estava em ação por detrás dos fenómenos em que uma pessoa expressava o seu ser, quer num

corpo terreno «tridimensional» quer numa forma diferente «quadridimensional» para além da sepultura.

Cayce continuou o seu relato enfatizando, como muitas vezes fazia, que a existência pós-morte não podia ser compreendida racionalmente e logicamente, mas tinha de ser experienciada por sintonização psíquica que pudesse colocar uma pessoa terrena em rapport com esse outro estado.

E não pode ser compreendido pela mente da terceira dimensão a partir de análise da terceira dimensão, mas tem de ser visto a partir dessa força da quarta dimensão que pode ser experienciada por uma entidade que ganhe acesso ao mesmo por desenvolvimento (psíquico e espiritual) no plano físico, através dos processos mentais de uma entidade.

Acrescentou que Frances estava a ganhar a capacidade para exatamente tal sintonização. Depois prosseguiu a explicar mais, como ela pedira.

Vemos no mundo físico a condição (da morte) em toda a forma de vida. Como aqui se toma: verificamos num grão de milho ou trigo esse gérmen que, posto em movimento pelo seu processo natural com a Mãe Terra e os elementos à sua volta, faz brotar milho segundo a sua espécie, percebes? A espécie e o gérmen sendo de natureza espiritual. A casca ou o milho, e a condição natural ou física dele, sendo forças físicas, percebes? Então, à medida que o milho morre, o processo é como o crescimento é visto (no sonho) naquilo que foi expresso à entidade. E a entidade expressando o mesmo, percebes? Que a morte não é como comumente vista, não é o passar, ou tornar-se uma não-entidade.

Cayce concordava com os comentários que Frances fizera no sonho, onde identificava a vida para além da morte como «outra forma fenomenizada» da força de vida. O corpo seria deixado para trás como a casca de uma semente, e algo novo brotaria do seu gérmen. Cayce, porém, enfatizava algo que nunca deixava de sublinhar nas discussões sobre a vida para além da morte: a questão da espécie ou qualidade da existência pós-morte que uma pessoa estava a construir na sua vida terrena. Esta era a questão espiritual essencial, sugeriu a Frances, a

questão do espírito ou tendência ou qualidade do ser de uma pessoa — não apenas a sua permanência ou sobrevivência. Certamente, a casca seria descartada. Mas qual seria o padrão do gérmen emergente?

Frances não fazia ideia de que os seus sonhos sobre a vida para além da morte estavam a servir um propósito para além de desenvolver os seus interesses intelectuais. Mas dentro de um mês e meio a sua mãe, agora bem, estaria morta de cancro. E dentro de um ano e meio o pai estaria morto por sua própria mão, um caso do processo sobre o qual Frances sonhava: «vidas que foram tomadas no calor da paixão». Lentamente, os seus sonhos pareciam prepará-la. Um sonho que veio duas semanas depois era um que Cayce disse especificamente não ser um presságio.

Sonhei que o meu pai morreu. Deve ter sido no futuro próximo, porque a minha mãe ainda coxeava de um acidente recente em que magoou o pé.

O sonho da morte do pai, disse ele, era simplesmente um eco da preocupação consciente dela com a condição diabética dele. Para a ajudar, delineou para o pai uma dieta correta, manipulações de fisioterapia e uma prescrição detalhada de um tónico em quatro partes a tomar três a quatro vezes por dia.

Quanto à mãe no sonho, Cayce apresentou uma interpretação contrastante. As cartas de Frances para a mãe estavam a magoá-la, «aleijando-a», por assim dizer, e Frances devia usar «mais cuidado na maneira e forma como as comunicações são dirigidas à mãe».

Mas o sonho que veio duas semanas depois era de uma ordem diferente. Nessa altura, a mãe de Frances já estava no hospital para uma operação ao olho, que revelou um crescimento maligno.

Sonhei que a minha irmã e eu estávamos na minha cama com a nossa mãe. A mãe estava inconsciente. Tanto a minha irmã como eu chorávamos e dizíamos: «Não nos deixes!» De repente, a nossa mãe acordou e começou a falar em voz alta, muito alta, mas não parecia nada a nossa mãe a falar.

Preocupada, Frances perguntou se o sonho significava que a mãe recuperaria ou não recuperaria. Cayce respondeu que não significava nem uma coisa nem outra, mas era antes uma lição do subconsciente, dando «possibilidades de condições reais que poderiam existir nas forças físicas» da mãe.

O subconsciente de Frances estava a mostrar-lhe a verdade de que «a alma vive», como ele o expressou, e Frances devia estudar o sonho para «ganhar a força para suportar as fraquezas da herdeira das condições carnais», ou seja, para suportar a morte.

Para a tranquilizar, Cayce virou-se para o que o marido sonhara, mas não lhe relatara, na mesma noite — Aaron vira Frances a chorar. O ponto importante não era a perda pela morte, disse Cayce, mas o espírito humilde do choro, no qual Frances podia ser vista a esvaziar-se da compreensão física, para receber uma compreensão das condições espirituais tal como realmente estavam com a mãe.

Entretanto, a mãe de Frances estava a ter os seus próprios sonhos no hospital, um dos quais pediu a Frances que enviasse a Cayce para interpretação.

Vi todos os meus filhos, o meu marido e até a minha cozinheira e as empregadas — todos com quem me relaciono — vi-os como Mortos.

Cayce disse à mãe doente que neste sonho o seu subconsciente estava a ver, a partir de uma perspetiva supraconsciente, até que ponto cada pessoa no sonho compreendia plenamente as relações entre a vida terrena e a vida pós-morte. (Tal sonho de levantamento, em que a sonhadora explorava as atitudes de cada participante, era, na visão de Cayce, um tipo de sonho não incomum.) Ela via os indivíduos como mortos, relatou ele, porque cada um teria de passar por uma espécie de «morte» às atitudes e convicções falsas, se quisessem compreender corretamente o que ela própria estava a atravessar no seu extremo.

A sua oportunidade, então, residia no que ela pudesse mostrar-lhes na maneira como morria (ele chamava-lhe aquilo por que «o físico está a passar»). Podia ser um exemplo de verdadeira força de espírito, que poderia ajudar cada um dos seus entes queridos a crescer para «o pleno

despertar para cada um», pela morte para voltar a viver que tinha de ocorrer em cada um — não apenas corporal, mas total e existencialmente. Por tal morte ou morrer necessário a cada um, acrescentou ele, «entende-se toda a força da vida, percebes?»

Os sonhos que vinham a Frances pareciam continuar a prepará-la para a perda que temia.

Vi uma escrita na parede, com «Bem» que não entendi e voltei a dormir e vi-me com um vestido azul e branco. Estava de joelhos diante do médico e ele deu-me uma palmadinha na cabeça, e eu disse: «Por ti e por Deus Todo-Poderoso a nossa mãe foi-nos poupada»; e então ele disse: «Oremos novamente…»

Por volta desta altura, a mãe de Frances fez de facto uma recuperação temporária, chegando mesmo a sair do hospital por algum tempo. Mais tarde, Cayce disse que a trégua fora trazida quase inteiramente pela oração. Mas devia ter tido pouca dúvida quanto ao desfecho final, pois interpretou o sonho, mais uma vez, como um que preparava Frances para aceitar a morte. Nas condições existentes, disse ele, o sonho mostrava a Frances que «só resta à entidade entregar-se nas mãos do Doador de todos os dons bons e perfeitos. Pois ao escolher o médico» — ou «O Médico» — isso seria «o melhor, então, para si mesma, e para o bem da mãe». O azul e o branco do vestido interpretou-os como fazia com as mesmas cores noutras condições semelhantes de sonho, como verdade e pureza — desta vez na sua oração e súplica. A escrita que vira, disse ele, era como a dos tempos bíblicos, e significava «Tudo está bem» — não necessariamente do ponto de vista médico, mas na compreensão mais perfeita da morte que poderia chegar a Frances se colocasse a sua confiança onde devia. Era a resposta à sua oração, mas nos termos de Deus, não nos dela.

Cayce estava a mostrar a Frances, como mostrava a muitos outros, que os sonhos eram um veículo natural e apropriado no qual as respostas à oração podiam ser dadas.

Mais tarde, na mesma noite, Frances teve o seu primeiro sonho do tipo que Cayce muitas vezes chamava visão, devido ao forte efeito na sonhadora e à sua linguagem simbólica clássica.

Vi um homem com barba grisalha, vestido de branco puro como uma ovelha. Impressionou-me tanto que disse: «Não consigo acreditar.» Vi-o puxar a minha mãe pelo braço para fora, para a luz.

Tais sonhos ou visões tinham sempre um efeito direto em Cayce quando falava deles, chamando-lhe a imagem bíblica em que a sua própria fé se sustentava. Embora a mãe de Frances fosse judia, Cayce explicou a visão em termos cristãos:

Isto, como vemos, está a apresentar à sonhadora aquilo que não é senão o Cordeiro, o Redentor. Pois como é dado (nas Escrituras), através Dele se ganha acesso àquele trono de misericórdia, graça e perdão. E ao cumprir-se os caminhos que Ele ensinou, como é estabelecido pelas Suas palavras, todos poderemos ser levados à luz, percebes? Que a lã, embora vermelha como carmesim, será branca, na Sua obediência, nos Seus caminhos, nos Seus preceitos. E estes, como vemos, levam tudo àquela grande Luz branca, percebes?

Para Cayce não havia dúvida de que a mãe de Frances vivera o tipo de vida que daria qualidade real à parte dela que sobrevivia à morte corporal, e que a colocaria em contacto vivo com a mais alta espiritualidade que Cayce conhecia.

Então, pouco mais de um mês antes de a mãe morrer, Frances teve o seu último sonho de aviso.

A minha mãe estava bem e ia casar-se e todos celebravam. Eu estava triste porque não conseguia juntar-me à festa, porque sabia que ela tinha de ser operada novamente, e morreria. Também estava desapontada porque não fui convidada para o casamento dela.

Como veio a acontecer, a mãe precisou mesmo de outra operação inesperada, depois deste sonho, e morreu dela.

Ao interpretar o sonho, Cayce reconheceu a tristeza, nascida do que Frances sabia corretamente estar a acontecer à mãe. Contudo,

insistiu: «A mãe está bem — estará bem.» Aqui ecoava a imagem do sonho, com a sua nota de alegria e de um ponto de viragem muito especial que chegava à mãe. Mas acrescentou que o bem-estar da mãe residia «não através de uma operação, mas através da aplicação de forças espirituais que podem ser despertadas no indivíduo». A mãe de Frances estava a despertar para o plano seguinte da sua existência, e era uma ocasião para festa, apesar da inevitável tristeza de Frances por não ser convidada. Pacientemente, Cayce exortou Frances a rever o drama aparentemente impossível do sonho, para captar a lição espiritual através do seu próprio despertar, não julgando apenas pelo raciocínio físico.

Claramente, se a sobrevivência da morte fosse um facto, então os sonhos que antecipavam a morte para alguém que vivera longa e bem não podiam limitar-se a imagens de luto, por mais real que fosse a dor dos sobreviventes. Nada menos do que um casamento poderia representar o acontecimento!

Sonhar Através da Barreira da Morte

Na noite após a morte da mãe, Frances teve um sonho peculiarmente vívido de uma velha amiga da mãe, que morrera três semanas antes noutra parte do país, mas que lhe escapara completamente dos pensamentos nas suas ansiedades pela mãe.

Ouvi uma voz que reconheci como sendo da nossa velha amiga do Mississipi, que me amava muito quando criança, mas que não via há dois ou três anos. A impressão de ela me falar era muito pronunciada, e durante algum tempo não vi a sua figura, mas senti que estava com a Mãe no hospital, enquanto a Mãe mudava desta consciência terrena para a outra. Ela estava lá quando a transição se fez, e agora estava com a Mãe quando me disse: «A tua mãe está tão feliz como sempre.» Mais me contou sobre a Mãe que não consigo recordar. Recorda e explica-me, por favor.

Cayce assegurou a Frances que no sonho lhe estava a ser mostrado «o que se entende por vida para além do físico». Recordando a frase bíblica «Como a árvore cai, assim ficará», apontou como era natural que

alguém que amara a mãe em vida continuasse esse mesmo amor no plano seguinte, ajudando a mãe a atravessar os acontecimentos da morte.

Frances devia tirar força, disse ele, do conhecimento explícito que o sonho lhe dera, da companhia que a mãe estava a encontrar. Enfatizou: «Ela está bem, feliz e livre, dos cuidados como os dados no plano terreno.» Frances podia sintonizar-se psiquicamente para captar os factos, se apenas não se condenasse pelo que achava que falhara em fazer pela mãe — uma condenação que Cayce disse trazer a Frances uma tristeza desnecessária.

O sonho mostrava a Frances, nos termos mais claros, como a amizade e o amor governam a morte tal como governam a vida. Através da experiência onírica, que não era simbólica mas literal, Frances podia saber com certeza: «não vai a mãe sozinha; não está sozinha nesse mundo invisível; mas com esse mesmo cuidado, esse mesmo amor (que conhecia na terra), elevado a uma melhor compreensão das forças que se manifestam» na vida e na morte.

Quando Frances perguntou se alguém como a amiga da mãe realmente guiaria uma pessoa moribunda, Cayce respondeu que era exatamente assim, e que apenas a falta de compreensão impedia os vivos de o saberem. Recordou-lhe duas expressões bíblicas ao tentar despertá-la para a realização do que parecia à sua visão ser inabalavelmente verdadeiro: «Eis que estou contigo» e «Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, o meu espírito te guiará».

Frances tivera ainda outra experiência na noite em que a mãe morreu. Era apenas uma voz que lhe falava calmamente no sono, dizendo: «A tua mãe está viva e feliz.» Mas, nessa altura, ela já sabia que Cayce interpretava este tipo de voz como o seu próprio eu superior, a sua própria alma, a falar-lhe nos sonhos. E foi exatamente essa a interpretação que ele enfatizou, nas perguntas e respostas que se seguiram, com uma urgência que mostrava o próprio Cayce arrebatado na aventura de Frances pelo país da morte. Falou com forte emoção: «A tua mãe está viva e feliz.» Depois conteve-se e voltou a um estilo de fala mais objetivo:

A entidade pode saber que toda a força (tanto dentro como fora da pessoa) vai mostrar, provar, trazer à consciência da entidade, que, como vives n'Ele, serás feita viva Nele na morte! Pois não há morte. Apenas a transição do físico para o plano espiritual. Então, assim como o nascimento no físico é dado como o tempo da nova vida, assim também, no físico (a morte vista corretamente) é o nascimento no espiritual.

Frances sonhara com a morte da mãe como um casamento. Cayce estava a dizer-lhe que também era um aniversário!

Ela fez uma pergunta: «Então, a minha mãe vê-me e ama-me como sempre?» Cayce respondeu rapidamente: «Vê-te e ama-te como sempre. Tal como essas forças se manifestavam no mundo físico.» Dependia de Frances, disse ele, quanta realidade esse amor teria, à medida que ela «acolhe e deseja, e coloca o eu nessa (interior) sintonização com os desejos dessa entidade (a mãe), o amor existe — nessa medida, dessa maneira, percebes? Pois no espírito toda a falsidade é deixada de lado». O amor da mãe estava lá, disse ele. Quão livre estava Frances de culpa, luto e medo, para poder aceitá-lo e devolvê-lo?

Frances perguntou ainda: «Então, ela tenta dizer-me: 'Estou viva e feliz'?»

A resposta de Cayce foi clara, mas voltou a enfatizar o papel da própria Frances e a origem da voz como sendo a dela própria:

«Diz à entidade 'Estou viva e feliz', quando a entidade se sintonizar consigo mesma nessa unidade.» Estava a indicar que o veículo apropriado de comunicação era uma profunda viragem interior num espírito de oração — não uma sessão espírita.

Frances prosseguiu, algo hesitante. «Sinto-a comigo, particularmente quando beijei o seu corpo de argila — senti que ela sabia e respondeu — mas terá ela sabido, ou estarei eu a enganar-me a mim mesma?»

Cayce respondeu rapidamente, dizendo a Frances que, da mesma forma como ela «se derramara» sobre a mãe, «veio a resposta». «Não,

não estás a enganar-te a ti mesma», continuou ele, «pois a alma vive, e está em paz, e deseja que a filha saiba que vive.»

Depois voltou novamente a passagens bíblicas, dando-lhes uma imediatidade que frequentemente surgia nas suas leituras: «Como foi dado: 'Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, eu vo-lo teria dito' e 'Vou preparar-vos lugar, para que onde eu estiver estejais vós também.' Isto é tão aplicável à filha nesta hora como foi dado pelo Redentor àqueles que se reuniram à sua volta.» Continuou: «Pois à medida que nós, entidades no plano físico, preparamos essa unidade (que nos pode unir àqueles noutro plano), é como Ele deu: 'E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim.'»

A porta através da morte, dizia Cayce, residia na sintonização interior com Aquele que a podia abrir corretamente para a comunicação entre vivos e mortos. Voltou a um ensino de Moisés para desenvolver o mesmo tema mais uma vez: a comunicação com os mortos não devia ser procurada primordialmente através de um intermediário como Cayce, mas na própria experiência interior do sonhador.

«Não digas a ti mesmo: quem descerá ao abismo para o trazer, ou quem subirá ao céu para o fazer descer, pois o espírito de paz, verdade e amor está no teu próprio coração.» À medida que o espírito de si mesmo dá essa (correta) sintonização, pode haver uma unidade com esses espíritos nessa outra esfera, para que cada um possa saber, compreender, reunir, essa verdade que liberta.

Na visão de Cayce, Frances recebera um memorável despertar na noite da morte da mãe.

Mais um sonho, da mesma noite, resumiu o que lhe acontecera, em imagens simples mas poderosas.

Vi um animal a rastejar pelo chão, meio semiconsciente, numa condição de meia-luz da alvorada.

Frances estava, disse ele, a ver-se a si mesma. Estava a ver-se a despertar. Estava a tornar-se consciente, por mais lentamente que fosse, da presença do espírito dentro dela — um espírito que podia

testemunhar a verdade «do Espírito daquele que dá e toma, e dá e toma — para que nos tornemos (tanto na vida como na morte) um com Ele».

A função dos sonhos, dissera Cayce a Frances muitas vezes, não era apenas resolver problemas. Era também despertar o sonhador para a sua plena estatura como pessoa.

Frances estava a acordar.

Contacto com os Mortos

Não demorou muito até a figura da mãe de Frances começar a aparecer nos seus sonhos. Geralmente a figura vinha para fomentar os movimentos interiores que estavam a ocorrer em Frances enquanto jovem mulher. Ocasionalmente, também a ajudava com problemas práticos.

Uma das primeiras necessidades de Frances era lidar com o luto que sentia por não ter insistido que a mãe recebesse exatamente os cuidados médicos que Cayce prescrevera. Os cuidados incluíam (como era habitual em Cayce no tratamento de doentes com cancro) a aplicação de um certo tipo de luz ultravioleta. Era um tratamento que o médico nem compreendera nem aprovara.

Algumas noites após a morte da mãe, Frances sonhou:

Vi a minha mãe com duas lâmpadas a brilhar na parte de trás do pescoço. As lâmpadas eram administradas pelo Dr. K.

Este sonho não era, disse Cayce, uma mensagem da mãe para Frances. Era simplesmente o seu próprio subconsciente, a tentar chegar à verdade da situação médica. Estava a mostrar-lhe exatamente como o sangue teria sido afetado, para trazer alívio à mãe. Mas, insistiu Cayce, o ponto do sonho não era trazer-lhe qualquer tipo de autocondenação — apenas compreensão, caso algum dia tivesse de fazer julgamentos comparáveis sobre médicos e tratamentos. Devia compreender que o tratamento não lhe teria salvo a vida em qualquer caso, apenas a teria prolongado por algum tempo, e trazido algum alívio.

Vários meses depois, Frances sonhou novamente com a mãe. Mais uma vez, Cayce disse que não se tratava de uma comunicação da mãe.

Este sonho foi muito claro e pareceu tão real que a minha mente, ao acordar, o recordou e ficou impressionada. Parecia que eu estava prestes a ter um bebé, e estava muito doente — a vomitar, etc. A minha mãe estava lá e disse que devia ser doença, não gravidez. Pedi que chamassem o médico, o que a minha mãe fez. Parecia que eu tivera algum tipo de aborto — de qualquer modo, acabou por se verificar que não estava grávida, mas que a minha doença vinha de algo completamente diferente, como o médico me informou.

Este sonho, disse Cayce, veio porque chegara o momento de ela conceber novamente, para cumprir a sua vocação de maternidade — simbolizada pela aparição da mãe no sonho. Teria de enfrentar os medos deixados pelo aborto espontâneo anterior e pôr o corpo em condições para a gravidez. Se o fizesse, não precisava de temer perder o filho (desta vez não perdeu o bebé), pois, como o sonho mostrava, os seus problemas residiam apenas na saúde geral, não na capacidade de gerar filhos como tal.

Mas Frances hesitava. As desilusões do aborto e da morte da mãe ainda estavam vívidas para ela, e parecia ter reprimido toda a questão da gravidez, bem como adiado os cuidados médicos adequados. Então veio o primeiro sonho que indicava que a ajuda da mãe estava disponível.

Estava paralisada. Chamei pela minha mãe e fiquei assustada. Partes de mim pareciam quebrar ou rebentar e eu não conseguia parar esse processo, embora tentasse desesperadamente. Por fim sofri tanto que desejei morrer.

Cayce disse-lhe diretamente que o sonho mostrava o seu desenvolvimento mental num impasse. Estava a deixar-se paralisar como pessoa. O sonho não dizia respeito ao seu corpo, mas à sua consciência, ao seu crescimento como pessoa. Teria de deixar de lutar e negar o chamado ao desenvolvimento interior — especialmente o chamado à maternidade. Depois acrescentou que ela devia notar como no sonho «há o chamado àquela consciência a quem… o corpo se volta em busca de instrução, percebes?». Era a primeira indicação de que a mãe podia assumir um papel de ajuda, nos seus sonhos.

Ela engravidou. Começou o programa de cuidados médicos que Cayce lhe recomendara. Depois interrompeu-o, apesar de uma constante dor nas costas. Aaron estava frenético. Mais tarde escreveu a Cayce:

Tentei persuadi-la, e ela zangou-se comigo… Na antepenúltima noite rezei para que (a mãe dela), a atividade psíquica na Única Mente que estava consciente da condição na psique da filha, pudesse aparecer e prevalecer sobre ela para fazer o que era melhor para si mesma e para a criança em formação… Pedi ao Senhor que se juntasse a mim neste esforço para melhor facilitar a Sua criação. A maravilhosa resposta veio como o sonho indica.

Frances sonhou precisamente nessa noite o seu primeiro contacto vívido com a mãe.

A minha mãe apareceu-me. Vi-a distintamente. Disse-me: «Devias ir ao médico. Devias ter vergonha de ti mesma! Se o Aaron quer que vás ao médico, deves ir.»

O sonho exigiu pouca interpretação. Aaron relatou que o efeito do sonho em Frances fora tão forte que «todos os cavalos do rei e todos os homens do rei não a conseguiriam manter afastada do médico». Quando Frances perguntou como o seu anseio pela mãe e a oração do marido tinham contribuído para a experiência, Cayce respondeu: «As orações dos justos salvarão muitos. 'Onde dois ou três se reunirem em um só propósito, Eu estou no meio deles.'» A combinação da ação de todos, incluindo a mãe, tornara possível a sintonização.

Dentro de duas semanas, Frances começou a ter sonhos frequentes em que a mãe estava presente, ora como atriz num drama (que Cayce dizia ser por vezes Frances a sonhar sob a influência da mãe e por vezes apenas a sonhar com o que a mãe representava para ela), ora como uma pessoa vívida, ela própria (que Cayce dizia ser literalmente a mãe, a comunicar com ela).

Os sonhos não eram uma obsessão para Frances. Misturavam-se, desde o início, com sonhos como os que tivera sempre — um sonho sobre problemas nas gengivas (que Cayce atribuiu a problemas

circulatórios na gravidez), um sonho de um raio a atingi-la (que Cayce disse ser uma representação de alguns dos medos atuais na gravidez), e um sonho de sucesso para o livro que o marido estava a escrever (que Cayce disse ser uma antevisão autêntica do seu potencial).

Orientação dos Mortos nos Sonhos

Foi um assunto prático que trouxe novamente a mãe e as suas «forças orientadoras», como Cayce lhes chamava, para um sonho:

Estava doente num hospital e a minha mãe estava comigo. Era ou para ter o bebé ou para ter tido novamente um aborto. Algo errado com os meus seios, e a minha mãe disse que devia ser remediado.

Nada estava fisicamente errado com Frances, segundo Cayce. O sonho veio apenas para a alertar para uma necessidade da criança que viria: devia ser amamentada ao peito, não com biberão.

Algumas noites depois, Frances teve outro sonho que combinava a ajuda da mãe com a sua própria inclinação para a ESP médica (é talvez significativo que a preocupação com cuidados médicos tenha sido uma característica de toda a vida de Frances: após o divórcio tornou-se enfermeira). O sonho começou:

A minha mãe apareceu-me. Disse-me: «Estou viva.»

Aqui Cayce interrompeu com uma nota de alegre urgência: «Ela está viva.» O sonho continuou com a mãe a falar mais:

«Algo está errado com a perna, ou ombro, da tua irmã.» (Ou ambos — não me recordo claramente.) «Ela devia consultar um médico sobre isso.»

Aqui, disse Cayce, Frances podia ver a mãe a ser mãe de toda a casa, através da mente de Frances. Pois o subconsciente de Frances, quando dormia, estivera «em unidade com a mãe e a irmã». Havia de facto, disse Cayce, um problema médico nos membros da irmã, uma auto-intoxicação por venenos do sistema. A irmã devia ser avisada para procurar cuidados médicos. E a cura, acrescentou Cayce, envolveria um aumento das eliminações.

Tanto Frances como Aaron estavam imensamente interessados nesta experiência, que se revelou ter uma base médica sólida — embora um problema de que a irmã não tinha consciência na altura do sonho. O seu sentido de grande aventura em cooperação com os mortos era evidente na correspondência com Cayce.

Dois meses depois veio outra experiência com a mãe tão vívida que acordou Frances e a fez correr para a cama do marido.

Sonhei com a peça que vimos… e depois senti a presença da minha mãe mesmo no meu quarto comigo. A sua presença era tão real, tão pronunciada e tão próxima de mim, a visão dela ali tão vívida, que saltei da cama em pânico e corri para a cama do Aaron.

Mas as experiências oníricas com a mãe continuaram. Uma foi um aviso de que uma tia estava num estado de espírito que a tornava propensa a acidentes; levou Frances a visitá-la. Outra foi um aviso sobre o perigo de pneumonia para uma tia muito mais velha.

Então Frances relatou um novo conjunto de sonhos envolvendo a mãe e ela própria. Estes não diziam respeito a assuntos práticos, disse Cayce, mas à profundidade e ao crescimento de Frances como pessoa.

Contemplei a minha mãe. Ela estava descontente comigo porque eu ia a teatros, etc. Disse: «O mínimo que podias ter feito por mim era guardar luto durante um ano.»

Este não era uma mensagem da mãe, disse Cayce, mas o melhor eu de Frances a rever toda a relação com a mãe. Não estava a sublinhar um dever (como o costume judaico de um ano de kaddish, ou orações de luto), mas uma orientação. Pois as experiências por que Frances passara desde a morte da mãe — «as aparições, a proximidade, a sensação da presença no quarto, as condições completas (de preocupação e ajuda) como foram apresentadas» — estavam a trazer à superfície o melhor de Frances. À volta destas experiências, e do estudo delas, estava a desenvolver-se uma nova e genuína espiritualidade que era nativa de Frances e devia ser acarinhada — tal como se acarinhava a memória de um ente querido falecido.

O outro sonho fez o ponto de forma diferente:

Sonhei que estava louca — a minha mente desaparecida e a minha razão desequilibrada. A minha mãe estava lá e estava a ter um tempo horrível comigo.

Mais uma vez, indicou Cayce, Frances podia ver quão importante para a sua maturidade total eram os despertares de significado e perspetiva que lhe vinham «da essência da presença da mãe». O sonho mostrava a Frances algo que ela já sabia sobre si mesma: «que houve momentos em que a entidade (Frances), ao tentar menosprezar elementos relacionados com a compreensão espiritual, colocou a sua mentalidade numa condição desequilibrada… criando barreiras difíceis de quebrar, difíceis de compreender, mesmo por si própria». Os momentos em que troçara de Aaron pelos seus estudos, desde o aborto e a morte da mãe, estavam a fazer-se sentir. Devia, disse Cayce, «manter-se mental, moral, física e espiritualmente nessa unidade com as forças universais que dão a melhor compreensão a cada entidade».

O sonho seguinte de Frances com a mãe veio através de uma correlação entre a mente de Frances e a da mãe, como Cayce o descreveu. O sonho foi memorável, tanto pelo detalhe precognitivo impressionante como pelo toque de maneirismo folclórico judaico usado pela mãe no sonho, dando-lhe um sabor de realidade.

Sonhei com o meu bebé. Acabara de nascer e pesava onze libras e duas onças. Tinha olhos azuis e cabelo louro, e era um menino. Tinha, contudo, um nariz judaico que eu não gostava. Disse à minha mãe, que estava lá: «Parece kikish — demasiado judeu.» A minha mãe, porém, mordeu o dedo à sua maneira característica e sorriu para o bebé. Disse que era grandioso.

Frances estava apenas com cinco meses de gravidez, mas o sonho das características finais do bebé foi substancialmente exato, segundo Cayce. Assegurou-lhe que seria um menino, que seria louro, que os olhos seriam azuis; o peso, contudo, estaria mais próximo das nove libras. (Em todos os detalhes Cayce acertou, quando o bebé nasceu.) Quanto ao nariz, Frances estava apenas parcialmente certa, disse ele,

pois embora houvesse algo de nariz judaico, as feições seriam equilibradas e atraentes (como de facto foram). Esta parte do sonho, acrescentou, viera para sublinhar à mãe o potencial trabalho de vida do menino como professor religioso para o seu próprio povo, e prepará-la para isso (quando jovem, o filho de facto começou a inclinar-se para a vocação de rabino, mas uma crise e doença intervieram).

O material onírico da mesma noite reforçou os mesmos temas, e antecipou ainda o parto — um momento que se revelou um dos pontos altos de toda a aventura de Frances com a mãe.

Estava na mesa de obstetrícia, a minha mãe ali como antes. Tive um parto muito fácil — tão fácil que consegui levantar-me e andar depois de o bebé nascer. Olhei para o meu bebé. Tinha então um ou dois dias como antes, mas em vez de ser parcialmente feio, parecia uma criança bela com cabelo claro, olhos azuis e um bebé saudável. Levantou-se do berço, veio ter comigo e disse: «Aqui tens, tenho uma carta para ti, Mamã!»

O sonho veio para exortar Frances a fazer todas as preparações para o parto em dieta, descanso e fisioterapia. E a parte da carta era apenas outra forma de dizer que o bebé poderia crescer para ser um homem com uma mensagem especial a dar.

Frances continuou a sonhar durante os meses até ao nascimento do bebé. Sonhou com os ganhos financeiros do marido, com a doença mental de uma amiga, com viagens durante a gravidez, com os planos do marido de se juntar a outros para construir um hospital em Virginia Beach onde o trabalho de Cayce pudesse ser melhor utilizado e estudado. Sonhou com a loquacidade do marido, com a sua própria trivialidade, com a doença dos familiares. Mas não sonhou mais com a mãe.

Ainda receosa do parto, manteve-se em contacto próximo com Cayce. Em janeiro, ele disse-lhe que o nascimento seria normal e ocorreria entre 28 de março e 6 de abril. Veio a 4 de abril. Alguns dias antes do parto, disse-lhe que tudo estava bem e que o bebé chegaria dentro de noventa e seis horas. Veio em setenta e duas.

Com o bebé veio uma experiência inesquecível com a mãe de Frances.

Contacto com os Mortos para Além dos Sonhos

O que aconteceu foi melhor relatado numa carta a Cayce de Aaron:

Agora, a maior demonstração objetiva de comunicação espiritual que alguma vez vi ou espero testemunhar ocorreu esta tarde entre Frances e a sua mãe, enquanto eu lhe segurava a mão. Também indica que o anestésico (como apontado por Ouspensky) torna a mente subjetiva, ou abre-a subconscientemente, à comunicação. As dores de Frances eram tão fortes que lhe deram um enema de éter e isso dopou-a. De forma nebulosa, disse-me: «A minha mãe está comigo. Tem estado comigo desde esta manhã. Vê, está mesmo ali!» Depois Frances apontou para o outro lado da cama de onde eu estava sentado, e indicando um pouco acima da sua cabeça, disse novamente: «A minha mãe está mesmo ali.»

«O que está ela a dizer?» perguntei.

«Está a dizer», respondeu Frances clara e precisamente, «para não me preocupar — que tudo vai correr bem!»

«Como sabes que ela está aqui contigo?» perguntei.

«Sinto-a — vejo-a — está a rezar por mim — está aqui mesmo comigo — mesmo ali», e Frances apontou novamente a mão para o mesmo local exato.

Aaron continuou, na sua carta:

Agora pergunto-te, já ouviste alguma coisa tão maravilhosa? Pobre pequenina; apenas a irmã da sua própria família com ela, tendo perdido a mãe relativamente há pouco, ansiando por ela neste dia de sofrimento mais do que nunca, sente e sabe que a sua querida está com ela e ouve-a. O seu coração solitário por essa mãe, corajosamente sem se queixar da sua dor, estende-se para a mãe, e glória ao Todo-Poderoso, estende-se não em vão!

Eu digo-te, quando saí e contei isto a cinco adultos, incluindo a minha própria mãe muito prática, todos choraram como bebés. Raios, estou a

chorar enquanto escrevo isto. Deixa-me meio atordoado — não sei bem como ser suficientemente grato ou o que fazer. É tão maravilhoso, tão definitivo, tão preciso, tão belo, que está muito para além de mim. De alguma forma pequena espero chegar perto de apreciar tal experiência, pois sei que é desconcertante e para além de mim, acima e mais poderosa do que o pobre pequeno eu.

Quem se importa com as opiniões daqueles que chamam à comunicação espiritual uma tolice? Que peso têm as suas opiniões, afinal? Que valor têm elas no campo construtivo da construção do conhecimento?

Um pequeno corpo atormentado pela dor, abrigando um coração solitário e dorido, recebe não apenas uma resposta da mãe espiritual que conforta o coração, mas realmente ajuda, encoraja e sustenta a força física deste corpo e faz-o de forma inequívoca. É isto, então, impraticável? É ilusório? Bem, então, aproveita ao máximo — eu pretendo fazê-lo na minha vida, acredita!

É isto que tentava dizer-te ao telefone, e fico contente por não ter conseguido. Tenho de acabar e ir para a cama, pois estou morto de cansaço.

Pediu a Cayce que reviesse a experiência numa leitura, explicando como tudo acontecera.

Evidentemente, a força da experiência tocou algo no próprio Cayce, pois durante a sua leitura ocorreu algo bastante raro nos seus transes. Cinco diferentes desencarnados falaram através dele — incluindo a própria mãe. Um era supostamente um filósofo bem conhecido. Dois eram estranhos tanto para Cayce como para a sonhadora. Um era um amigo de família de Cayce. Cada um falou brevemente e acrescentou um ponto de vista sobre o que acontecera no hospital; todos concordavam que a experiência fora genuína.

Três confirmaram o que Aaron suspeitara, que ele também experienciara a mãe na sala do hospital, embora de uma forma psíquica diferente da de Frances. A dele fora uma sintonização interior, sem forma ou voz evidente — apenas «uma consciência interior da presença de outro ser». Frances, por outro lado, tivera as suas «faculdades

sensoriais» despertadas na experiência, até que a mãe fosse «vista, sentida, ouvida, conhecida, pela consciência subjugada», sob o efeito das drogas.

A leitura invulgar de Cayce não foi uma instância do que os investigadores chamam mediunidade de «voz direta» (que lhe acontecia no transe ainda mais raramente), mas uma em que ele usava a sua própria linguagem e consciência para tentar comunicar o sentido do que sentia que outra pessoa, um desencarnado, estava a dizer.

Quando Cayce se aproximou do fim da leitura, a mensagem veio, como Aaron esperava, da mãe de Frances. Cayce expressou-a nestas palavras: «Para Frances vim, dessa certa forma que torna conhecida a vida após a morte.» Depois Cayce acrescentou a sua própria garantia:

E a vontade da mãe é estar sempre presente, na atitude mental da filha, para proteger cada pensamento, cada cuidado.

As palavras finais foram novamente da mãe, como Cayce as sentiu. Não surpreendentemente, à luz das visões que Cayce e os sonhadores mantinham, houve uma referência à reencarnação.

«Sê fiel, então, nessas lições que te dei; sê fiel a Aaron, e ao bebé — que vem de entre nós, e que conheci antes.»

A leitura foi emocionante para Frances. Mas ela não estava a depender dela para carregar todo o peso da certeza de que ela e a mãe se estavam a alcançar. Algo mais acontecera no hospital, alguns dias após o nascimento, que ela relatou a Cayce. Estava a dormitar quando isto ocorreu:

Ouvi um ruído de pancadas ou batidas. Disse para mim mesma: «É a minha mãe.» Sentei-me na cama para ouvir o ruído, e não ouvi nada. Voltando a dormitar, ouvi as batidas novamente, e reconheci-as novamente como sendo da minha mãe.

Esta foi uma experiência autêntica, segundo Cayce, que lhe veio não como novidade, mas para a estimular a uma melhor consciência da natureza do amor, entre os vivos ou mortos — «o viver de plano para plano» — por mais encrustado que o amor pudesse ficar na vida e na

ação de cada um. Fora o mesmo tipo de experiência, recordou-lhe, que o marido tivera quando sentira a cama a tremer, meses antes, junto da mãe pouco depois de ela morrer. Os dois, Frances e Aaron, deviam «guardar estas coisas — meditando-as no coração».

Agora começava o capítulo final nos sonhos de Frances com a mãe. Ainda haveria um ano inteiro de experiências variadas nos sonhos, antes de a orientação de Cayce chegar ao fim.

Variedades de Partilha Onírica com os Mortos

Um motivo que alcançava profundamente a constituição de Frances, segundo Cayce, apareceu no sonho seguinte em que a mãe surgiu. No sonho, como muitas vezes, Frances viu intrusos masculinos — mas desta vez não lhe fizeram mal. Ainda no hospital com o bebé, sonhou:

A minha mãe e eu estávamos na nossa velha casa no Mississipi, onde vivíamos quando eu era pequena. A minha mãe e eu tínhamos sempre medo, e nesta ocasião ouvimos homens entrar em casa. Ao irmos investigar, descobrimos que três homens tinham arrombado — mas não para roubar, e sim para perguntar se podiam deixar licor em nossa casa. Disseram que nos dariam vários dias para pensar no assunto e dar a nossa decisão.

O cerne deste sonho, disse-lhe Cayce, era a passagem do tema da ilegalidade — tanto do arrombamento como do licor (eram os tempos da Proibição) — para o tema da consideração e da ajuda. Era, disse ele, uma dramatização da própria oportunidade de Frances, agora iniciada com a chegada do filho, de passar «da letra da lei» para «a lei da graça».

O cenário da casa antiga mostrava-lhe a seriedade do sonho, sugeriu ele, pois representava — como muitas vezes dizia sobre as casas amadas da infância — a sua casa espiritual, a sua «residência». Como seria ela entrada? Como uma infratora da lei, trazendo sofrimento e castigo? Ou à maneira da mãe, como um caminho de fé e de dádiva aos outros?

Cayce dissera antes a Frances que, em vidas passadas, ela fora uma mulher de grande beleza, tão encantadora como Helena de Troia. Como Helena, fora infiel e disposta a usar os seus encantos para fazer os homens cumprir a sua vontade. O resultado foi que entrou nesta vida com um profundo medo dos homens — de que eles, por sua vez, fossem infiéis e a maltratassem; este era o motivo recorrente nos sonhos de intrusos e perseguidores masculinos.

Se vivesse sob «a letra da lei», teria de experimentar dos homens a mesma dureza que lhes infligira, até que a sua alma aprendesse a lição e entrasse na sua «casa espiritual» mais sábia, como uma infratora castigada. (De facto, Frances veio a encontrar-se em grande angústia com homens, alguns anos depois, quando se divorciou do marido. Durante algum tempo também bebeu muito, como Cayce a avisara que este sonho indicava.)

Mas a relação com o bebé estava a apresentar-lhe «o caminho de escape», disse ele, se ela quisesse escolhê-lo. Ao dar generosamente a este homem-criança, e ao seu pai, poderia silenciar para sempre os seus próprios medos e ódios, nascidos das suas próprias faltas. Neste caminho, ficaria sob «a lei da graça, a lei da misericórdia», e quaisquer que fossem os acontecimentos que se desenvolvessem para ela, poderia enfrentá-los sem medo ou sofrimento interior. (Muito depois do divórcio, quando o filho era já um homem adulto e um homem atormentado, Frances cuidou dele e o amparou, fielmente, exatamente desta forma — cumprindo então o caminho do serviço amoroso que não conseguira encontrar antes no coração para Aaron.)

Na visão de Cayce, este sonho, vindo com a ajuda da mãe nos primeiros dias frescos da vida do bebé, mostrava a Frances duas formas de crescer até à sua verdadeira estatura espiritual: o caminho do sofrimento, justamente merecido; e o caminho da graça, em que se recebe perdão e aceitação tão livremente quanto se dá.

Estas duas formas de crescimento formavam um tema consistente em décadas de leituras que Cayce deu a centenas de pessoas. Com ou sem o enquadramento da reencarnação, fazia sentido a muitos que se

deram ao trabalho de estudar o que Cayce dizia, em vez de pararem no espanto pelos seus feitos psíquicos.

Cinco meses depois veio outro sonho relacionado com o sistema básico de valores de Frances. Como muitos sonhos que chegavam àqueles que estudavam seriamente os seus sonhos com ele, Cayce disse que este era um sonho de «lição», destinado a ajudar Frances a colocar a sua jornada de vida em perspetiva. Era um sonho de um amigo íntimo seu que morrera recentemente, no qual o seu próprio falecimento era simbolicamente reencenado.

Relativamente à minha mãe e ao facto de ela me apontar uma multidão; sobre David, que jazia a morrer. Estava na última fase do processo. Vi os seus olhos vidrados. A minha mãe parecia chamar a atenção para isso. Depois, num esforço final, tentou levantar-se. Aqueles à sua volta não o permitiram. A minha mãe mostrou-me que, naturalmente, não o permitiriam. Depois caiu para trás e morreu. Chorei, ao que a minha mãe me instruiu para não chorar.

O sonho era sobre David, segundo Cayce, porque ele representava para Frances alguém de notável riqueza e posição social — preocupações que Frances era tentada a superestimar. A morte mostrava-lhe graficamente como a morte coloca todos num mesmo nível — e nenhuma ação de última hora pode fazer algo a respeito. O esforço de David para se levantar era uma dramatização da importância da força de vontade — o que todos devem usar para fazer da vida um desabrochar, em vez de uma longa indulgência que, no fim, falha em produzir a compreensão e a paz que deveriam estar lá — «da vida bem vivida e em serviço aos outros».

Esta antevisão onírica dos acontecimentos exatos da morte destinava-se, na visão de Cayce, a dar a Frances mais do que conhecimento arcano sobre a vida para além da sepultura. Destinava-se a colocar a sua vida quotidiana em perspetiva adequada, para que pudesse escolher os seus valores de trabalho corretos. Tais valores não eram uma questão, enfatizou ele, de pôr uma cara longa. Nem devia Frances estar sempre a pensar na morte e no futuro. A vida devia ser vivida agora.

«Contudo, nem tudo na vida é viver, nem tudo na morte é morrer», continuou ele. Vivendo ou morrendo, a alma deve prestar contas a si mesma de tudo o que pensou e fez. Pois está na natureza da alma regressar ao «Todo» que a criou, mas reservando em si o poder de se conhecer como indivíduo, e tudo o que foi e fez.

Ninguém escapa a si mesmo. Que tipo de Frances queria Frances levar consigo na viagem através do tempo e da morte?

Como que para enfatizar que os valores reais se conhecem nas pequenas coisas da vida, um sonho que veio pouco depois era um que Cayce descreveu como apresentado através dos esforços da mãe, embora ela não aparecesse nele. Frances relatou:

Vi o bebé realmente doente — o estômago perturbado e a vomitar. Parecia que eu devia dar-lhe leite de magnésia.

O sonho mostrava, como Cayce muitas vezes dizia dos sonhos de saúde, apenas o extremo do que poderia acontecer, se a necessidade presente do bebé fosse negligenciada. O remédio do sonho, disse ele, era exatamente o certo para contrariar a acidez do bebé, e devia ser dado imediatamente — com a dieta dele vigiada mais cuidadosamente no futuro.

Ainda mais prosaico foi um pequeno fragmento de sonho que Aaron relatou a Cayce por Frances. «A mãe dela disse-lhe que Frances estava a comprar um vestido de noite.» Aqui Frances podia ver, disse Cayce, que a mãe estava tão completamente consciente dos «assuntos seculares» da filha como dos «assuntos espirituais». Estava a descobrir que toda a vida da filha, incluindo a sua vida social, era «a mesma e tão interessante como na vida física».

O caráter subjacente da relação da mãe com a filha foi o tema de um sonho que veio um mês depois. Este sonho não precisava de interpretação de Cayce. Começou com uma referência a um familiar doente.

Disse a minha mãe: «A tua cunhada ficará bem. Estamos todos a trabalhar pela sua recuperação aqui.» Depois disse alguém, ou a minha

mãe: «Sim, esse é o problema. Não podemos fazer o que queremos — seguir em frente e desenvolver-nos, porque ainda temos entes queridos na terra que precisam da nossa ajuda. Isso mantém-nos próximos da terra. Temos de estar sempre a cuidar de vocês, os jovens.» Mais tarde a minha mãe mostrou-me isso de forma emblemática, mostrando-me como o amor de mãe que tenho pelo meu bebé sobrevive na individualidade espiritual de uma entidade cósmica, como por exemplo faz nela por mim. Assim deu-me outra lição sobre a vida após a morte, e sobre toda a vida, amor e relação próxima dos entes queridos — da maior alegria e glória da vida dependendo do serviço. Foi o seguinte: Estava a preparar-me para ir para casa no Mississipi, onde queria ir. Estava a despedir-me de todos e a minha mãe estava a arrumar a minha mala. Ao ver o meu bebé, mudei de ideias sobre ir, e fiquei com o meu bebé.

Assim, a minha mãe, amando-me, sua bebé, fica próxima da terra comigo, embora a liberdade do universo tenha um convite aliciante para a aplicação do seu atual poder espiritual. Correto?

Era verdade, disse Cayce, que a mãe estava «ainda no plano físico ou na esfera da terra, até que essa força a leve adiante no seu sempre-desenvolvimento, para a unidade com a Força Total, percebes?». Chegaria o tempo em que a mãe seguiria o seu próprio caminho de crescimento da alma. Por agora, Frances podia contar com a sua ajuda constante, como era aparente num dos últimos sonhos que Frances enviou a Cayce para interpretação.

Vi a minha mãe muito distintamente. Estava a enviar-lhe um telegrama a dizer que ela ia morrer.

Este não era um sonho de aviso ou presságio, segundo Cayce. Pelo contrário, mostrava Frances num ato consciente de aceitação do estado da mãe. Sinalizava a profunda consciência de Frances de que a mãe lhe daria toda a orientação e proteção de que precisava para a sua própria vida ou para o bebé, se a partir de agora confiasse na sua própria intuição e na influência da mãe. Nem mesmo a morte a podia agora surpreender.

Quando Frances perguntou a seguir a Cayce sobre os cuidados adequados para o bebé enquanto fazia uma viagem de seis semanas, ele não lhe deu nenhum. Quando tinha tão definitiva certeza da ajuda da mãe, e tantas experiências de aprender a trabalhar com ela, perguntou ele, porque precisava de Cayce?

Frances encontrara o seu caminho pelo país da morte.

Encontrara o fio de amor que se estende da vida para além da sepultura.

Agora devia tecer a sua vida com ele.

Frances tinha a sua própria visão da aventura em que os seus sonhos a haviam conduzido durante quatro anos. Quando o Hospital Cayce foi finalmente concluído em Virginia Beach, subiu ao pódio naquele ventoso Dia do Armistício de 1929, e timidamente tomou o seu lugar entre os outros que trouxeram saudações. As suas palavras foram adequadas e formais, mas carregavam o seu pensamento:

Que esta instituição espalhe os seus ensinamentos de forma a ajudar e dar orientação e compreensão a todos os povos de todas as terras — como os ensinamentos me ajudaram a ganhar uma compreensão da unidade da vida e da força.

PARTE II

COMO TRABALHAR COM OS SONHOS

CAPÍTULO V

A PERÍCIA DE CAYCE — E A DO SONHADOR

Ao longo dos quarenta anos em que Edgar Cayce exerceu o seu dom enigmático, frequentemente as suas leituras apresentavam como facto algo que os seus ouvintes consideravam improvável.

As leituras de Cayce recomendavam a osteopatia ao lado de medicamentos e cirurgias respeitáveis, quando a osteopatia era classificada apenas como medicina charlatã. Traçavam elementos psicossomáticos nas doenças — em talvez um quarto das suas leituras — quando apenas especialistas vienenses consideravam as causas psicogénicas importantes. Descreviam certas vitaminas antes de serem isoladas em laboratório. Especificavam funções das glândulas endócrinas só descobertas após a morte de Cayce.

Nos anos 30, duas décadas antes da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto em Qumran, as leituras de Cayce explicavam como funcionavam antigos centros essénios e outros de Pactuantes, junto ao Mar Morto e noutros lugares. Nos anos 40, quando a França estava ocupada e enfrentava um futuro desolador, previram o seu regresso pós-guerra como potência europeia independente. Nos anos 20, muito antes da fundação das Nações Unidas, insistiam que a Liga das Nações fora a proposta correta para a humanidade proibir a guerra.

Décadas antes de o budismo zen e a meditação hindu serem discutidos nos campi americanos, especificavam os procedimentos de meditação profunda e recomendavam-na a todos. Descreviam terramotos antes de ocorrerem, e indicavam as falhas envolvidas. Produziram uma dissertação sobre a curvatura das asas de avião, uma década antes da investigação aeronáutica. Previram os padrões básicos de vida de bebés recém-nascidos — e foi preciso uma geração para verificar quão incrivelmente exatos eram.

Aqueles que estudavam as leituras de Cayce ficavam atónitos com a aparente amplitude da sua visão, que se movia livremente de microorganismos à vida após a morte, da história persa aos preços da bolsa, de campos petrolíferos soterrados a génio musical enterrado numa criança.

Notavam também que as leituras de Cayce não funcionavam como um microscópio ou telescópio psíquico. As leituras estavam metodicamente empenhadas em construir pessoas, ao longo dos quarenta anos da sua atividade como o sensitivo mais conhecido dos tempos modernos.

Edgar Cayce em transe apresentava cada descoberta em termos da diferença que podia fazer na vida de alguém. Recusava-se a dizer às pessoas o que não pudessem usar construtivamente. Não daria a uma pessoa uma vantagem injusta sobre as outras. Transformava cada busca de ajuda numa busca de significado. Quando as pessoas recorriam a ele por conselhos médicos, perguntava-lhes, de uma forma ou de outra: «O que farás com a tua vida se recuperares?» Era evidentemente muito mais do que uma oddidade psíquica. Era um orientador, um analista, um professor, um diretor espiritual, para aqueles que procuravam a sua ajuda.

O seu dom total — tanto para informação como para aconselhamento penetrante sobre valores individuais — servia para tornar a sua afirmação mais estranha de todas parecer esta: «Eu não faço nada que vocês não possam fazer.»

Dizia-o repetidamente aos visitantes, famosos ou anónimos, que vinham falar com ele onde quer que vivesse. Dizia-o desperto, sorrindo mas não menos sério. E dizia-o em transe, vez após vez, explicando os processos em ação.

Insistia que o que as pessoas viam em Edgar Cayce não era único em princípio, embora pudesse ser impressionante. Estavam a ver a operação de leis, leis perfeitamente naturais. Estavam a ver leis que eles próprios podiam aprender a usar.

Certamente, nem todos os que aprendessem a compreender e aplicar as leis chegariam exatamente onde Cayce chegara. Alguns teriam dons notavelmente diferentes — por exemplo, erudição intelectual ou liderança administrativa — em que as suas capacidades psíquicas e espiritualidade interior os ajudariam como o ajudaram a ele. Nem todos teriam o mesmo grau de dons: havia génios em todos os campos. Alguns — dizia ele — seriam melhores sensitivos do que ele: era enfático nessa afirmação, e disse a um homem que poderia aprender a dar um certo tipo de leituras desperto, enquanto disse a outro que poderia aprender (ao longo de uma vida de trabalho disciplinado) até a ressuscitar os mortos — capacidades que disse estarem muito para além de Edgar Cayce nesta vida.

A afirmação de que qualquer pessoa poderia fazer, em alguma medida, o que Edgar Cayce fazia, pode bem ter sido a mais ousada que alguma vez fez.

Mas não deixou a afirmação no ar. Deu às pessoas um laboratório onde podiam investigar a afirmação por si mesmas. Exortava-as a recordar e estudar os seus sonhos. Nos sonhos, dizia, as pessoas podiam experienciar por si mesmas cada tipo importante de fenómeno psíquico, e cada nível de conselho psicológico e religioso útil.

Mais ainda, podiam, através dos sonhos, aprender as leis dessas coisas e passar por um programa espontâneo e personalizado de treino onírico no uso das leis — desde que, na vida desperta, pusessem em uso construtivo tudo o que aprendiam nos sonhos.

Era uma afirmação extraordinária para os sonhos.

Quando Cayce morreu, deixou para trás quatro casos completos de indivíduos que treinara, através do estudo de centenas dos seus sonhos por meio das suas leituras, para alargar e aprofundar os seus dons naturais — dons psíquicos, intelectuais, financeiros, de liderança, artísticos, de cura, de amar, de sabedoria, de formar outros.

Um destes casos era o seu próprio, um registo de 106 sonhos interpretados em sessenta e nove leituras, dadas entre 1924 e 1940. Empreendeu o estudo dos seus próprios sonhos porque, pouco depois

de se mudar para Virginia Beach, as suas próprias leituras lhe disseram para o fazer. Muitos que talvez não aceitassem o que ele parecia fazer em transe, foi-lhe dito, estariam dispostos a experimentar os seus próprios sonhos, se ele lhes desse o exemplo. No registo e estudo sistemático dos seus sonhos podia desenrolar-se «muito que poderá ser valioso para as mentes de muitos indivíduos, que escutarem e aplicarem as mesmas lições e verdades, como obtidas do mesmo [estudo], às suas vidas individuais».

A leitura acrescentou um comentário fecundo, indicando — como era sempre a ênfase ao longo dos anos — que a forma correta de abordar as pessoas sobre o que Edgar Cayce fazia não era tentar vendê-las aos fenómenos de Cayce. Em vez disso, os outros deviam ser equipados com leis ou «verdades» que pudessem experimentar por si mesmos. Não era Cayce que importava.

«Não é necessário acreditar nas obras de Edgar Cayce», disse a leitura de forma direta. O que era necessário era que os outros experimentassem por si mesmos «as verdades manifestadas através do mesmo, percebes?». Os sonhos, disse, eram uma excelente forma de o fazer.

A mesma leitura traçou um paralelo próximo entre o estado de transe de Edgar Cayce e o que ocorre no sono. «No presente», começou a leitura, descrevendo o seu transe, «encontramos o corpo e a mente nesse estado passivo, em que a ação de sugestão positiva da mente física» — isto significava a sugestão orante de Cayce que o colocava em transe, reforçada pela sugestão hipnótica da esposa — «dirige-se para as Forças Universais, como encontradas na direção subconsciente».

Era o mesmo processo descrito para os sonhadores antes, em que o seu próprio subconsciente podia nos sonhos aproximar-se das Forças Universais, através de processos de sintonização supraconsciente. Era tudo o que Edgar Cayce fazia nas leituras, exceto que também era «capaz de usar faculdades físicas» para falar, e estava simultaneamente a usar recursos que os sonhadores podiam abordar individualmente ou ocasionalmente: «as forças cósmicas, espirituais e supraconscientes todas em ação» ao mesmo tempo.

Ao reforçar o seu ponto sobre o estudo dos sonhos, a leitura prosseguiu: «Sonhos, então, que chegam à entidade [Edgar Cayce] podem ser a correlação de qualquer ou de todas estas faculdades, e devem ser registados», se Cayce quisesse mostrar às pessoas como os seus estados noturnos reproduziam o seu estado de transe.

Alcançar um estado de sono precisamente como o transe de Edgar Cayce tornou-se realidade para Frances — outra das quatro sonhadoras que ele treinou. Ela própria experienciou nos sonhos não apenas telepatia, visões do futuro, conselhos médicos e insight tanto sobre familiares como sobre estranhos, mas vislumbres de movimentos bolsistas e da vida para além da morte. Ainda assim, achava difícil acreditar que estava a usar variações do mesmo processo que Edgar Cayce usava.

Então, numa tarde durante uma sesta, depois de trabalhar nos seus sonhos durante dois anos, teve a seguinte experiência memorável:

Por volta das 15h00, logo depois de adormecer, falando diretamente comigo mesma (não me via a falar, mas eu mesma a falar, consciente de o estar a fazer), dizendo: «Agora o meu corpo está a assumir as suas forças normais, e será capaz e dará a informação desejada dele no presente momento. O corpo físico estará perfeitamente normal e dará essa informação agora.»

Estava a parafrasear as instruções que ouvira dar a Edgar Cayce como prólogo a cada período de leitura, logo após a sua respiração regular indicar que estava em profundo transe. Frances continuou a registar os seus pensamentos na altura da experiência.

«Agora estou na mesma condição que Cayce está quando dá uma leitura. Apenas o meu coração está a bater, e os órgãos superiores a funcionar (de resto o corpo está imóvel). Não acharia o meu marido ou a empregada estranho ouvir-me falar neste estado? O que pensariam se entrassem e me ouvissem agora?»

Depois de algum tempo, encontrou-se a repetir a sugestão que ouvira a Sra. Cayce empregar para trazer o marido do transe.

«Agora as minhas forças físicas»… etc., etc. (direito até ao procedimento completo de despertar, palavra por palavra como numa leitura), até «Agora perfeitamente normal e perfeitamente equilibrado, vou acordar.» Depois acordei. Saltei da cama, um pouco assustada e bastante tonta. Tinha uma sensação peculiar na parte de trás da cabeça. Senti fome e, depois de comer um pouco, a tontura passou. A experiência durou cerca de 25 minutos. Depois voltei a adormecer, e dormi bastante — normalmente.

Frances perguntou, quando escreveu a Cayce: «Estive na mesma condição em que Cayce está enquanto dá uma leitura?» A resposta do Cayce adormecido foi inequívoca: «A mesma.»

Quando perguntou como conseguira dar a si mesma a sugestão, quando Cayce tipicamente precisava que lha dessem, foi-lhe dito que a mãe a ajudara, do plano seguinte, embora ela não o tivesse percebido no sonho.

A experiência viera-lhe, relatou Cayce, por várias razões. Ela tentara compreender a natureza da consciência após a morte. Assim, esta experiência onírica colocara-a num estado semelhante à morte, mas permitira-lhe manter contacto com o corpo. Além disso, procurara compreender o que Cayce fazia, e o sonho viera ajudá-la nisso, pois «com a experiência vem mais realidade» ao compreender leis e processos em ação; «na experiência obtém-se o conhecimento das condições e dos elementos circundantes».

Por fim, o sonho ocorrera para lhe mostrar uma direção para o seu serviço aos outros, se assim escolhesse, e se se preparasse corretamente. Claro que Frances perguntou como poderia voltar a fazê-lo, assumindo a doença física de alguém, como vira Cayce fazer.

Ele aconselhou-a a avançar lentamente, estudando cada experiência desse tipo que lhe acontecesse, até compreender completamente os processos em ação. Se fizesse esse estudo, e mantivesse a vida desperta numa de serviço amoroso e orante aos outros, poderia então esperar uma série de tais experiências oníricas — uma espécie de programa interno de treino.

Mas teria de enfrentar uma questão importantíssima ao procurar tal desenvolvimento. Porquê fazê-lo? Se o procurasse por fama ou poder sobre os outros, ou como compensação por falhanços ou culpas na sua vida, não chegaria a lado nenhum.

Este aviso, que Cayce repetiu a todos os que procuravam desenvolvimento psíquico sério, pode ter assustado Frances. Ou ela pode ter sido simplesmente distraída pelos acontecimentos exteriores da sua vida, que nos dois ou três anos seguintes a pressionaram duramente. De qualquer modo, não relatou ter alcançado novamente este estado — exceto na forma modificada em que procurou sintonização com a mãe para orientação sobre o bebé.

Mas ela sabia por que razão Cayce afirmava, repetidamente, que qualquer pessoa poderia fazer o que ele fazia — e poderia começar a fazê-lo nos sonhos.

Sonhos e Leituras Médicas

Edgar Cayce recebeu atenção nacional pela primeira vez em 1910, quando um médico relatou sobre ele a uma sociedade médica reunida em Boston. Nessa altura, já dava conselhos médicos a médicos há vários anos.

A ajuda médica foi a forma em que as suas capacidades hipnóticas apareceram pela primeira vez, quando um médico da sua cidade natal lhe pediu para diagnosticar e prescrever para pacientes — como alguns sujeitos hipnóticos europeus teriam feito.

Toda a ideia parecera ridícula ao jovem Edgar Cayce. Não tinha educação além da escola primária, e a sua experiência profissional era de empregado de livraria e assistente de fotógrafo. Contudo, quando inconsciente, mostrava a capacidade de percorrer um corpo humano como um raio-X mental, usando termos médicos que nunca ouvira, e depois prescrever tratamentos médicos complexos ou referir pacientes a especialistas.

O fenómeno do «diagnosticador psíquico», como os jornais o chamavam, começou como uma novidade, uma espécie de maravilha

natural como uma cascata. Mas a meio da vida de Cayce, o seu dom tornara-se suficientemente estável e respeitado para gerar o «Hospital Cayce» em Virginia Beach, com uma equipa médica completa, e uma universidade com corpo docente pleno, administração, corpo discente e equipas de futebol — a Atlantic University em Virginia Beach, que funcionou até a Depressão a fechar.

Das treze mil ou mais leituras registadas e mantidas na vida de Cayce (e milhares ficaram por registar antes de se mudar para Dayton, Ohio, em 1923), mais de dois terços foram dedicados a conselhos médicos para indivíduos, numa gama de males que igualaria a variedade de uma clínica de tamanho considerável.

Por que razão tanto do seu esforço psíquico era médico? As suas próprias leituras diziam que era porque uma das suas melhores vidas passadas o encontrara como curador dedicado, na antiga Pérsia, e que esta inclinação para ajudar pessoas em sofrimento continuara como parte da sua herança como alma. Havia também o efeito da sua memorável oração e visão como menino de doze anos, quando pedira, enquanto estudava a Bíblia, para ser útil ao próximo como as figuras bíblicas, e «especialmente às crianças». Talvez houvesse outros elementos contributivos.

Cayce elevava a figura de Jesus, cujo ministério incluía cura. E na cultura pragmática americana, um sensitivo não teria ouvidos sem um dom «útil».

Uma leitura médica típica, que Cayce chamava «leitura física» em vez de «médica» (por determinação de que aqueles que ajudava deviam trabalhar com os seus médicos, não o usando no lugar deles), começava por estimar a gravidade do mal que levara a pessoa até ele. Depois a leitura passava ao ponto crítico de disfunção no corpo — fosse uma infeção, uma lesão ou outra anormalidade. Por vezes este ponto era diferente do que o paciente ou o seu médico poderiam esperar — como Cayce localizava o ponto crítico na epilepsia no abdómen, e apenas secundariamente no cérebro. Traçava calmamente a patologia fundamental do corpo que observava, como se estudasse uma bateria de raios-X e relatórios laboratoriais, em vez de estar deitado

inconsciente num divã, muitas vezes a centenas de quilómetros de um paciente que nunca vira.

Geralmente prosseguia pelos principais sistemas do corpo, notando a história de cada um no paciente em particular, bem como a sua função presente — e até os sintomas precisos e como se sentiam ao paciente em momentos específicos do dia ou da noite. Dava especial atenção a como cada sistema contribuía para a disfunção ou distorção de outro sistema, e muitas vezes insistia que a pessoa inteira tinha de ser tratada — não apenas uma entidade de doença com um nome médico conveniente.

Primeiro vinham os sistemas circulatórios, tanto sanguíneo como linfático. Parecia capaz de fornecer estatísticas de contagem sanguínea sem dificuldade, bem como toxinas na corrente sanguínea, pressão arterial e fontes de infeção, ou constrição na circulação. Examinava a função endócrina tal como aparecia no sangue, açúcar no sangue e microorganismos (podia mesmo descrever como um se veria ao microscópio).

Depois passava aos sistemas nervosos, cérebroespinal e autónomo, descrevendo prejuízos ou irregularidades. Se algum dos sentidos funcionasse anormalmente, podia descrever como e porquê, notando também tempos de reação, padrões de dor, estimulação exagerada ou sub-estimulação de partes do corpo.

Destacava nervos e gânglios particulares, quando necessário, traçando a sua localização e função exatas no corpo.

Seguiam-se os principais sistemas orgânicos do corpo. Olhava para a condição do cérebro. Depois prosseguia para o sistema respiratório, do nariz aos pulmões, notando padrões típicos de congestão, história de tuberculose e — quando necessário — o que os raios-X mostrariam. A seguir vinha o coração e o seu sistema pulmonar para oxigenar o sangue; não tinha dificuldade em indicar pulso, funcionamento das válvulas cardíacas, depósitos no ou em redor do coração e história de doença cardíaca. Depois era a vez de examinar todo o sistema digestivo, da boca aos órgãos excretores. Comentava frequentemente o equilíbrio

ácido-alcalino, a peristalse, as secreções do fígado e pâncreas, as eliminações e a função renal. Os sistemas sexuais e de gestação eram examinados quando apropriado, e ao longo de tudo dava atenção especial à função endócrina — com as questões concomitantes de metabolismo e dos padrões do corpo no crescimento e na cura.

A este ponto de uma leitura, Cayce falara num estado inconsciente há mais de meia hora. Era tempo de passar à questão complicada do tratamento. Fá-lo-ia com igual minúcia, pois insistia em traçar um programa para reconstruir o paciente e remover a causa do mal, não apenas aliviar sintomas.

Não hesitava em prescrever fármacos sofisticados, mesmo narcóticos, desde que dados sob supervisão médica. Não raramente especificava um composto em gramas e gotas detalhados, para um farmacêutico seguir. Mas também destacava produtos comerciais e usava-os pelo nome — a menos que o fabricante mudasse as fórmulas, o que ele prontamente notava e corrigia sugerindo adições do farmacêutico. Nem hesitava em recomendar cirurgia, onde achava necessário, mesmo quando os médicos aconselhavam contra: era perfeitamente capaz de especificar a incisão exata, o procedimento e a drenagem.

Mas havia um peso maior dado a todos os tipos de fisioterapia, nos seus conselhos médicos, do que se encontraria nas prescrições e cuidados do típico médico de família. Por trás deste peso estava a sua insistência de que o corpo devia ser ajudado a curar-se a si mesmo, tanto quanto possível, e protegido dos golpes de químicos ou faca desnecessários, que poderiam curar mas enfraquecer o sistema. Assim, as suas leituras continham banhos, compressas, clisteres, exercícios, terapia manipulativa, eletroterapia, sudorese, massagens e óleos.

Eram também detalhadas na prescrição de dieta — tanto dietas especiais como dietas diárias regulares, bem como suplementos alimentares e tônicos. As suas dietas não eram excêntricas, mas constituíam uma parte das leituras médicas que cedo ganharam ampla reconhecimento pela sua solidez. Ao lidar com alimentos, por vezes insistia, como fazia com medicação, que havia ciclos corporais

específicos a seguir — uma característica da medicina ainda não amplamente praticada, talvez porque a instrumentação para determinar estes ciclos nem sempre está disponível ao nível de exatidão que o Cayce adormecido demonstrava.

Mudanças de atitude, hábitos, perspetivas, recreação, estilo de vida e vocação, bem como orientação religiosa, entravam em discussão na sua terapia — por vezes no topo da lista de tratamentos. Hipnose e psicoterapia eram por vezes recomendadas, bem como terapia de grupo e até oração intercessória por outros. Mas o mais frequente era dizer ao paciente que reconstruísse a sua própria vida interior examinando os seus fundamentos e o seu impacto nos que o rodeavam, bem como na sua saúde.

Talvez a característica mais impressionante nas leituras médicas não fosse o trabalho diagnóstico do Cayce adormecido; podia-se ao menos imaginar que ele saía para examinar um paciente com visão de raio-X (embora, na verdade, afirmasse que o diagnóstico vinha do próprio subconsciente do paciente, que conhecia o corpo melhor do que Cayce). E não era o seu conhecimento enciclopédico de termos médicos e uma variedade impressionante de tratamentos; podia-se ao menos imaginar uma mente de memória soberba, aumentada por conselho médico invisível.

O que chocava os observadores tanto como qualquer característica destas leituras era o aparente acesso a um diretório completo de auxílios médicos. Podia instantaneamente especificar o melhor cirurgião para tratar uma condição particular, e onde estava localizado. Podia especificar onde encomendar um fármaco desconhecido. Podia identificar onde o clima e a altitude seriam melhores para o paciente — e até mencionar os campos de golfe locais.

Ao ouvir esta facilidade em ação, e sabendo da sua exatidão em centenas de leituras, o ouvinte era muitas vezes levado a postular algum tipo de «consciência universal», como aquela que o próprio Cayce dizia estar a tocar.

Contudo, Cayce insistia que tudo o que fazia nas leituras médicas era capaz de duplicação nos sonhos — se o sonhador precisasse disso e pudesse compreendê-lo. Pelo menos, o sonhador que o procurasse encontrar-se-ia dirigido onde obter ajuda, quando e porquê, para si mesmo e para os seus entes queridos.

Certamente, aqueles que tinham uma inclinação natural para a medicina, como Frances, encontrariam mais material onírico desse tipo do que outros cujo foco principal pudesse ser na arte ou na história. Mas o corpo faria as suas necessidades conhecidas nos sonhos, e até sugeriria terapia.

O marido de Frances, Aaron, sonhou com terapia manipulativa para a mãe doente:

Disse à minha mãe: «Agora vou dar-te eu mesmo este tratamento osteopático.» Dei-o mais como o Dr. H. (de Virginia) faz, amassando e espalhando suavemente as cervicais, em vez de as estalar rudemente.

No sonho, estava a ver exatamente o cuidado necessário pela mãe, relatou Cayce, só que devia ser dado por um médico e não pelo sonhador. Para facilitar as coisas, Cayce nomeou então um médico em Nova Iorque que o faria corretamente: «Marshall ficaria bem com isto, Dan Marshall.» Como Aaron nunca ouvira falar dele (muito provavelmente Cayce desperto também nunca ouvira falar dele), perguntou: «Dás o endereço?» A resposta de Cayce foi notável: «Nova Iorque. Procura na lista telefónica — dá-te algum trabalho.»

O problema incessante de Cayce ao treinar sonhadores era fazê-los confiar em si mesmos, adormecidos ou despertos. Não procurava pequenos cayce-ites. Queria pessoas capazes e autossuficientes, usando os talentos com que foram dotadas, e aprendendo novas leis para aplicar.

Como bom treinador, tinha de continuar a encorajar os seus sonhadores. Usava toda a sua perícia médica para o fazer.

Quando mulheres sonhavam com gravidez, acrescentava as datas exatas dentro das quais deviam conceber. Depois desafiava-as a sonhar

o sexo do bebé, que ele podia confirmar. Cabia-lhes aprender a sonhar de forma útil. Se sonhassem que a fórmula do bebé estava errada, corrigia-a, mas pressionava-as a tentar obter mais pistas para verificar com ele.

Quando um homem sonhou que as suas calças de montar estavam demasiado grandes, Cayce ficou encantado com o seu progresso em sonhar com cuidados médicos. O sonho notava, disse ele, que montar era bom para o sonhador, mas não em excesso. Quando outro sonhador se ouviu avisado para não ir a jogos de futebol que adorava, Cayce reforçou o aviso, e pediu ao homem para sonhar por que viera o aviso. Ele sonhou. Era por causa do perigo de infeção no ouvido. Cayce concordou, e especificou o tratamento para libertar o sonhador para ir aos jogos. E num arrebatamento de encorajamento até lhe disse quais os jogos que a sua alma mater ganharia no resto da época — desde que a equipa inicial não fosse alterada.

Sonhos e Leituras Psicológicas

Edgar Cayce tinha quarenta e cinco anos e usava o seu dom há duas décadas quando surgiu pela primeira vez o tipo de leitura que se tornaria o segundo mais numeroso nos seus ficheiros: as leituras psicológicas, que ele chamava «leituras de vida». Havia, quando morreu, aproximadamente duas mil e quinhentas destas, dadas a pessoas de todas as idades e condições sociais, começando pela sua própria família e parentes. O conteúdo destas leituras, também, afirmava ele, podia ser paralelo nos sonhos.

Semelhantes em muitos aspetos às leituras médicas, examinavam os sistemas da psique em vez dos sistemas do corpo.

Logo no início destas leituras, o Cayce adormecido falava muitas vezes em meia-voz, como que para si mesmo, enquanto examinava registos. Voltando ano a ano na vida do indivíduo, notava em voz alta os desenvolvimentos marcantes, os pontos de viragem, os traumas ou stresses que haviam moldado a vida — de um ou dois a meia dúzia de itens. Depois mergulhava na avaliação de uma personalidade inteira.

Como nas leituras médicas, começava com alguns comentários amplos para caracterizar o que estava a tratar — a amplitude de espírito da pessoa, os talentos relativos e o potencial de serviço, o tipo de lições mais necessárias na vida, as escolhas que deviam ser feitas.

Depois começava a sua análise sistemática da pessoa.

Primeiro vinha o temperamento, os talentos e as tendências de estilo de vida do indivíduo (quão extrovertido, ou extremista, ou reflexivo, etc.). Abordava estas questões, que tratava como a fiação e canalização inatas da personalidade, por mais usadas, mal usadas ou ignoradas pelo indivíduo, de forma original. Voltando a um enquadramento setenário usado pelos antigos estoicos gregos, empregava os nomes de deuses e deusas olímpicos como emblemas de tendências na personalidade. Estas mesmas estruturas podiam, dizia ele, ser correlacionadas com tradições sobre planetas no Zodíaco — embora não de forma mecânica. Na verdade, dizia, os sete emblemas eram formas de falar sobre tendências da pessoa que ela desenvolvera e refinara em períodos intermédios entre vidas na terra (uma noção que os estoicos também partilhavam).

Ao abordar assim uma personalidade, Cayce usava os seus sete holofotes com cuidado para destacar tendências na personalidade. Tratava não só da força de dotes individuais — por exemplo, acuidade intelectual, que atribuía a «Mercúrio» — mas da forma como um dote se misturava com outro — como «Mercúrio» podia ser afetado por agressividade e força, que ele chamava «Marte».

Mas ao usar este enquadramento, Cayce colocava-se fora da terminologia da psicologia moderna, que em parte nenhuma emprega uma tipologia semelhante — nem mesmo nos três painéis de tipos de temperamento usados por Sheldon, nem nas oito «funções e atitudes da consciência» usadas por Carl Jung.

Por vezes Cayce discutia apenas brevemente estes padrões estruturais inatos da personalidade, porque o indivíduo, dizia ele, estava a usar a sua vontade para «pô-los todos a nada». Outras vezes expandia-os consideravelmente, ligando-os à vocação da pessoa, fraquezas de

personalidade, amizades, arte, moralidade, interesses filosóficos, hábitos e capacidades de liderança. Estas eram as condutas por onde tendia a fluir a energia natural da pessoa, quaisquer que fossem os fins que procurasse. Muitas vezes, dizia, eram dramatizados em sonhos abstratos, ou sonhos de estruturas e desenhos.

Mas então Cayce passava ao lado mais dinâmico da personalidade — os objetivos e respostas para os quais o indivíduo se movia, e as poderosas motivações e fascinações que o levavam lá. Estes eram elementos que, dizia ele, vinham de vidas terrenas anteriores; apareciam geralmente, notava ele, em sonhos de forte tom sensorial e emocional.

O método de Cayce para abordar vidas terrenas era simples. Selecionava, entre as muitas que dizia poder ver, aquelas que sentia serem atualmente relevantes para o indivíduo. Avisava que outras vidas passadas poderiam ter tido o seu peso em algum ponto anterior na biografia presente, e passado, enquanto outras vidas ainda poderiam entrar em foco mais tarde.

Na perspetiva de Cayce, cada pessoa está, em certo sentido, a viver todas as suas "vidas" no presente. Uma existência passada não fica para trás como um livro fechado. Sobrevive no presente de forma semelhante à maneira como a psicanálise afirma que a infância sobrevive na vida adulta, colorindo-a de muitas formas. Cayce via as personalidades plenamente desenvolvidas em vidas passadas como subestruturas da psique atual, que influenciam toda a vida após a adolescência, ficando em constelação com diferentes vidas a emergir para primeiro plano, consoante o comportamento presente do indivíduo.

Ele insistia que os sonhos podem recordar cenas e memórias reais de vidas passadas e que é provável que uma pessoa sonhe com os impulsos de personalidade e os problemas deixados como depósitos por essas vidas.

Nas suas "leituras de vida", esboçava, regra geral, entre quatro a seis vidas passadas com impacto no presente. (Quando solicitado, era

capaz de recuar e dedicar uma ou mais leituras inteiras a uma vida específica.) Tocava frequentemente na família e no estatuto social do indivíduo em cada vida passada, bem como na sua educação, formação e talentos. Captava o sentido de saber se a vida tinha procurado objetivos claros ou se simplesmente tinha derivado. Destacava talentos que poderiam transitar para o presente.

Procurava transmitir o sentido de pertença, como eram as principais relações e de que modo se desenrolaram. Inseria o indivíduo no enquadramento das causas, instituições e movimentos do seu tempo — especialmente aqueles que tinham tocado cordas profundas na pessoa nessa época. Indicava o nome do indivíduo numa transliteração inglesa da língua apropriada — fosse hebraico, chinês, sânscrito, egípcio, de uma língua indígena americana ou outra. E resumia cada vida indicando de forma sucinta até que ponto "a entidade ganhou" ou "a entidade perdeu".

Dava especial atenção à vida em que sentia que o indivíduo tinha alcançado o seu mais elevado desenvolvimento espiritual, o ideal mais claro e o maior serviço ao próximo. Muitas vezes dizia às pessoas que já estavam a sonhar com essa vida, em fragmentos repetidos dos quais lhes recordava, e afirmava que uma das principais funções de sonhar com vidas passadas era reavivar o núcleo espiritual da pessoa.

No final da leitura, regressava ao presente para resumir "as capacidades da entidade, aquilo a que pode aspirar e como". Aí abordava questões de vocação, educação, casamento e serviço público, sugerindo como a herança do indivíduo poderia ser integrada na cultura contemporânea e na teia das suas relações pessoais. Indicava onde a pessoa encontraria a maior felicidade, faria mais bem, se sentiria mais viva e continuaria a crescer de forma renovada. E encerrava a análise colocando em primeiro plano a questão das prioridades espirituais: onde se situava o indivíduo, no seu íntimo, perante o seu Deus?

Com frequência surgiam também questões práticas, que Cayce abordava uma a uma: como lidar com certos familiares, como decidir entre ofertas de emprego, porque razão determinados fracassos continuavam a afligir a pessoa, como iniciar uma vida mais disciplinada.

Era convicção de Cayce, baseada nas centenas de leituras de sonhos que realizou, que todas as questões importantes abordadas nas suas leituras de vida podiam ser investigadas nos sonhos do indivíduo.

Não seria grande surpresa para um psicanalista, ou para um estudioso moderno dos sonhos em laboratórios do sono, ouvir que os sonhos tratam de todas as questões sobre temperamento, talentos, estilo, impulsos, objetivos, compromissos e relações que Cayce abordava nas suas leituras de vida. Mas seria escandaloso, para a maioria dos estudiosos dos sonhos, esperar que os sonhos apresentassem as mesmas estruturas que Cayce descrevia: vidas passadas e padrões de experiências "intermédias". Ainda assim, Cayce insistia que os sonhos, cuidadosamente estudados, revelariam tanto as questões presentes como as estruturas passadas relevantes.

Ele utilizava toda a sua perícia em leituras de vida para orientar os sonhadores.

Quando um financista sonhou consigo próprio como filósofo a receber um grau académico, envergando vestes académicas, Cayce disse-lhe que possuía esse talento, proveniente de vidas egípcias e chinesas, e encorajou-o a avançar. Em quatro anos, o homem tinha publicado um livro substancial sobre a vida após a morte, dava palestras mensais numa universidade e recebeu as honras com que sonhara.

Quando um jovem sensível e eloquente sonhou consigo próprio trajado como um guerreiro antigo, espada em punho, Cayce confirmou a suposição do sonhador de que estava a vislumbrar uma vida passada. Mas também o desafiou a descobrir, através dos sonhos e do estudo pessoal, como o "eu guerreiro" se integrava na sua personalidade atual. Com o tempo, o jovem respondeu que deveria agora usar a antiga ferocidade para se manter paciente e persistente ao serviço dos outros, em vez de os destruir com a língua e com rejeições. Cayce concordou e insistiu que a subestrutura do guerreiro na sua constituição o ajudaria a desenvolver uma força controlada — como, de facto, aconteceu nos anos seguintes.

Uma mulher atraente, ambiciosa e movida pelo poder, executiva numa empresa de Nova Iorque, sonhou com um homem por quem se sentia atraída. Ele estava no seu apartamento, onde ela podia tanto seduzi-lo como ajudá-lo num projeto criativo em que ele estava envolvido. Cayce sugeriu que esse homem tinha sido, noutra vida, seu filho, numa época em que ela fora genuinamente abnegada, embora forte. Trabalhando com ele agora, poderia fazer emergir o seu melhor lado, em vez dos seus instintos predatórios.

Quando um corretor da bolsa começou a sonhar simbolicamente com ações em padrões numéricos que indicavam subidas e descidas, pontos fortes e fracos e até datas e quantidades de compra e venda, Cayce disse-lhe o nome de um desconhecido que deveria consultar sobre a simbologia dos números e com quem deveria também criar uma boa amizade — pois tinham estado associados em vidas anteriores.

Quando um banqueiro perguntou sobre as línguas estranhas que outros diziam que ele falava durante o sono, Cayce identificou-as como egípcio e celta, algo que, segundo indicou, podia ser verificado. Além disso, exortou o sonhador a reparar novamente nas tábuas de pedra que apareciam frequentemente nos seus sonhos (e que o sonhador não tinha mencionado a Cayce). Ele poderia aprender a ler essas tábuas egípcias, disse Cayce: "Estuda para as ler de cima para baixo, não da esquerda para a direita."

Cayce disse a uma mulher que poderia recordar, nos seus sonhos, uma experiência de vida passada em que fora levada para casa das Cruzadas como esposa moura de um cristão, e que poderia escrever histórias memoráveis sobre os conflitos e o crescimento que tinha vivido.

Em dezenas de leituras de sonhos, mostrou ao sonhador como a experiência de vidas passadas tinha precipitado um padrão presente: a forma como um marido olhava de cima para a esposa como se fosse uma criança; a tendência de um sonhador que outrora banira outros para fugir para um exílio autoimposto quando as coisas lhe corriam mal; a surdez que agora afetava um homem que tantas vezes "fizera ouvidos

de mercador" aos apelos dos outros; a razão pela qual colegas de turma continuavam a eleger um estudante para cargos de liderança.

Cayce tomava aquilo que considerava ser um fragmento autêntico de "leitura de vida" presente no sonho e acrescentava a sua própria informação e encorajamento.

Se as afirmações de Cayce sobre a reencarnação alguma vez serão verificadas — através do estudo da hipnose de regressão etária, de alegadas memórias dos vivos, de sonhos, de visões induzidas por drogas ou das estruturas da psique — permanece uma questão em aberto. Certamente, se alguma vez vierem a ser validadas pela investigação, poderão acrescentar peso às afirmações de Freud sobre a sexualidade infantil, aos estudos de Rank sobre o trauma do nascimento e às especulações de Jung sobre heranças individuais provenientes de um inconsciente transpessoal ou "coletivo".

Sonhos e Leituras Religiosas

No final da sua vida, Cayce restringiu a variedade de leituras que fazia a três tipos que, em conjunto, podiam traçar um perfil do indivíduo. A "leitura física" avaliava a pessoa do ponto de vista médico. A "leitura de vida" avaliava-a psicologicamente. E aquilo a que Cayce chamava uma "leitura mental e espiritual" avaliava-a na sua relação com o divino.

Havia menos leituras "mentais e espirituais" do que leituras físicas ou de vida, em parte porque não eram tão imediatamente vitais como as leituras físicas, nem tão exóticas como as leituras de vida. Ainda assim, Edgar Cayce sentia um prazer especial em realizar estas leituras simples e diretas, porque tocavam nas questões que ele considerava mais importantes na vida.

Estas leituras eram uma análise da composição da "entidade" como um todo, da alma na sua longa jornada, de modo semelhante à forma como as outras leituras analisavam o corpo e a psique.

Para orientar o indivíduo que recebia a leitura, Cayce começava normalmente por rever o que era uma alma e como funcionava num

corpo humano numa vida terrena. Todas as almas tinham sido criadas no princípio, ao mesmo tempo, insistia ele, e tinham recebido livre-arbítrio para se lançarem na criação, para aventurar-se e experimentar. O seu destino era regressar ao divino por um ato de vontade informado e consciente, entrando numa parceria plena com o divino para ajudar e fazer avançar a criação. No entanto, a sua contribuição especial para o divino seria a de recordarem tudo o que tinham feito e sido, enriquecendo o próprio seio da Divindade.

Algumas das almas, relatava Cayce com a mesma serenidade com que poderia relatar a Revolução Americana num episódio de uma leitura de vida, tinham ido para a Terra para "frutificar, multiplicar-se e subjugá-la" — isto é, para trazer à criação terrestre a possibilidade de conhecer conscientemente a sua relação com o divino de onde tinha brotado. Mas essas almas tinham-se sintonizado de tal forma com os assuntos da Terra que ficaram enredadas nas suas leis e processos — todos eles bons em si mesmos, mas diferentes dos processos destinados a guiar as almas. As almas perderam a sua sintonia original com o divino e tiveram de lhes ser dado um caminho para regressarem gradualmente ao divino, enquanto experimentavam os mistérios da criação e do Criador na Terra que tinham escolhido. O processo de reencarnação foi o resultado.

À medida que cada alma avançava por vida após vida, e pelas suas experiências intermédias, deveria aperfeiçoar a sua sintonia com o divino e o seu serviço amoroso aos seus semelhantes. A leitura mental e espiritual era um exame desses dois processos no indivíduo em causa.

A primeira questão dizia respeito ao lugar para onde o indivíduo dirigia constantemente os seus pensamentos, na vida quotidiana. Cayce nunca se cansava de insistir que "a mente é a construtora", capaz de colocar a alma numa relação melhor e mais produtiva com as linhas divinas de força, ou de a afastar cada vez mais, conduzindo-a a becos sem saída criados por si própria.

Também os sonhos, na perspetiva de Cayce, se ocupam frequentemente da questão dos pensamentos habituais do sonhador.

Um inventor que sonhava que alguém lhe roubava a invenção estava tão distraído com preocupações que já não conseguia inventar bem. Uma mulher grávida que sonhava com contas estava tão preocupada com despesas que prejudicava a sua saúde e a do bebé, em vez de deixar esses assuntos a cargo do marido, que podia tratá-los. Um homem de negócios era tão desconfiado dos seus sócios, como os seus sonhos refletiam, que acabava por afastá-los e provocar a própria traição que temia. Por outro lado, um homem que procurava despertar o melhor nas pessoas via-se num sonho a divertir-se imenso a pescar com os amigos — a pescar "alimento espiritual", dizia Cayce. Um homem que rezava por um familiar gravemente doente via as suas orações como uma luz no quarto de hospital dela, representada no sonho como mais brilhante ou mais ténue conforme a constância do seu foco e do seu desejo, irradiando auxílio para ela.

Tipicamente, a leitura mental e espiritual voltava-se depois para aquilo que o sonhador colocava no mundo através da sua vocação, do seu casamento, das suas amizades, dos seus compromissos com grupos e instituições. De diferentes formas, Cayce fazia sempre a mesma pergunta: qual é o teu ideal? A longo prazo, havia apenas dois tipos de ideais: objetivos ao serviço do próprio e o serviço aos outros. Com um bisturi firme, Cayce dissecava a forma como o indivíduo lidava com a fama, a riqueza, o poder, a sabedoria e o amor.

Selecionava tudo o que havia de bom na pessoa e que podia ser desenvolvido — a maternidade, a empatia pelo desfavorecido, a coragem em situações difíceis, a capacidade de ver a longo prazo, a lealdade aos amigos — o melhor dos ideais da pessoa. Depois comparava o restante comportamento do indivíduo e desafiava-o a alinhar tudo com esses ideais. Em última análise, dizia Cayce, o único ideal completo para a família humana, embora muitos outros fossem admiráveis, era a alma que passou a ser conhecida como Cristo. Pedia frequentemente à pessoa à sua frente que comparasse a sua vida com essa Vida; apesar da realidade e utilidade de conhecer vidas passadas, era esta a Vida que realmente contava.

Na compreensão de Cayce sobre os sonhos, uma comparação entre a vida do sonhador e o seu ideal ocorria nos sonhos quase todas as noites, por mais simbolicamente que fosse representada ou por mais pequena que fosse a ação examinada.

A um sonhador que se lembrava de que, na noite anterior, estava a calçar sapatos e atacadores estranhos, foi dito que lhe tinham sido recordados os pés no caminho ascendente. A um homem que via uma rua molhada e candeeiros a serem limpos, foi dito que o seu próprio "caminho" estava a ser purificado para receber mais luz, mais verdade sobre a sua vida, que poderia partilhar com outros.

Um homem cujo passatempo era filmar em casa viu uma luz giratória numa caixa semelhante a um projetor, numa sala escura; tratava-se, disse Cayce, de uma representação da "Luz interior" e de como o sonhador podia, apesar das restrições e da escuridão na sua vida, estender-se para ajudar o próximo através de muitos canais. A um sonhador que sentira, no sonho, compaixão pelos filhos de empregados de loja que esperavam no exterior, foi dito que tal compaixão era o início de uma autêntica sublimação de fantasias sexuais que tantas vezes lhe enchiam a mente acerca das funcionárias.

E a um sonhador que, no seu sonho, ouviu apenas o seu nome ser chamado em voz alta três vezes, Cayce disse que tinha tido a mesma experiência que a criança Samuel no templo. Deveria responder com a simples mas sincera resposta: "Usa-me!"

Qualquer conselho ou desafio que Cayce pudesse oferecer nas suas leituras mentais e espirituais era, sentia ele, mais do que igualado nos sonhos.

Sonhos e Leituras de Negócios

A par das suas leituras sobre a relação do indivíduo com o divino, Edgar Cayce fazia leituras sobre a relação do indivíduo com o dinheiro. Como disse a um homem que sonhava com grande riqueza, o dinheiro, tal como o conhecimento ou a competência, "é feito para servir a sua intenção e propósito" no esquema das coisas, se for mantido em perspetiva.

Na verdade, o aconselhamento sobre assuntos de negócios não era raro nas suas leituras médicas e de vida, onde a vocação, o emprego e os investimentos afetavam diretamente a saúde e a tranquilidade mental do indivíduo. Na sua visão, o divino não se interessava apenas pela religiosidade do homem ou pela sua retidão moral. Assim como Deus podia ser adequadamente chamado de "Forças Criativas", também podia ser descrito como interessado em todos os níveis da criatividade humana: fazer música, fazer amor, construir civilizações, fazer orações, preparar medicamentos, criar lares e fazer dinheiro.

No entanto, havia sempre a ganância humana, que tendia a surgir quando as pessoas percebiam que Cayce podia fornecer informação valiosa com os seus dons psíquicos. Nesta questão, Cayce era firme. Considerava que o seu dom devia ser usado para edificar pessoas, não fortunas. Quando era apropriado ajudar alguém a aumentar o seu rendimento como parte do seu crescimento global, Cayce dava aconselhamento financeiro com a mesma prontidão com que prescrevia medicamentos.

Contudo, a sua ênfase recaía sempre sobre aquilo que o próprio indivíduo podia fazer por si. Quando homens abastados o procuravam, como frequentemente acontecia, questionava-os sobre o que mais queriam fazer com as suas vidas para além de enriquecer; só quando demonstravam vontade de servir os outros com os seus meios é que ele estava disposto a dar-lhes aconselhamento financeiro continuado.

Quando o seu próprio filho e dois parentes lhe pediram ajuda para localizar um tesouro enterrado, disse-lhes que estavam no caminho certo e provou-o com pormenores da localização e das descobertas iniciais. Mas insistiu, nas suas leituras, que não estavam preparados para a notoriedade e o aumento de autoestima que tal achado lhes traria, e recusou-se a prestar-lhes mais auxílio, exceto aquele que o próprio subconsciente deles pudesse fornecer em sonhos — os quais ele depois confirmaria.

Os mesmos valores aplicavam-se a todas as suas leituras de negócios. Quando um sonho mostrava como um grupo de financistas tinha tomado medidas para manipular o mercado, ajudava o sonhador a

responder corretamente à manipulação. Mas não lhe dava qualquer ajuda quando os manipuladores apenas estavam a ponderar certas ações; nesse ponto, dizia, os pensamentos desses homens permaneciam propriedade deles.

Relativamente poucos procuravam leituras de negócios — e as obtinham — porque relativamente poucos pareciam cumprir os critérios de Cayce. Ainda assim, várias dezenas de pessoas procuraram e receberam esse tipo de ajuda. E alguns indivíduos obtiveram centenas de leituras sobre assuntos empresariais, sobretudo como comentário aos seus sonhos.

Uma leitura de negócios era normalmente dirigida a um problema específico: uma transação imobiliária, a constituição de uma empresa, a consideração de determinados empregados ou sócios, tendências de ações, oportunidades de mercado, invenções a desenvolver. Depois de Cayce tratar o problema principal, o indivíduo ou grupo que solicitava a leitura podia então colocar questões sobre uma variedade de outras preocupações empresariais.

Contudo, a maioria dos que conheciam bem Cayce sabia também que, nas leituras de negócios, podiam a qualquer momento ficar sob o seu olhar penetrante, com os seus motivos e métodos de atuação questionados ou mesmo censurados. Embora não expusesse frequentemente as pessoas diante de terceiros (uma vez repreendeu um homem de negócios em alemão — língua que Cayce não conhecia, mas que o homem conhecia — para transmitir a sua mensagem sem o envergonhar perante os seus associados), tinha uma forma de deixar claro que sabia onde algo estava errado na forma como o indivíduo geria os fundos, as responsabilidades ou as relações. Isto desencorajava muitos de procurar o seu aconselhamento empresarial.

Além disso, Cayce insistia que, através dos sonhos, uma pessoa podia descobrir tudo o que necessitava para a prosperidade nos negócios, desde que estivesse na vocação certa, atuasse com integridade e utilizasse os seus meios para ajudar os menos afortunados.

Dois dos quatro sonhadores que ele orientou através da interpretação de centenas dos seus sonhos tornaram-se milionários ao longo de quatro anos, acrescentando o estudo dos seus sonhos ao trabalho diário. Os outros dois não estavam nos negócios nem procuravam riqueza com o mesmo ardor com que procuravam desenvolver outros talentos, embora uma deles tenha alcançado igual riqueza através do marido.

Cayce utilizava toda a sua capacidade psíquica para orientar os seus sonhadores de negócios.

Quando uma mulher sonhou com uma subida iminente de ações numa linha de transporte marítimo costeiro, ele não só confirmou o sonho e a aconselhou a comprar, como lhe ofereceu um extra ao indicar a data exata, cerca de noventa dias depois, em que o mercado seria mais favorável para vender (e estava correto). Quando um corretor sonhava repetidamente com ações do aço, embora estivesse interessado em caminhos-de-ferro e motores, Cayce ajudou-o a perceber que os sonhos mostravam o aço como o "critério" dos movimentos gerais do mercado durante um certo período — e chegou mesmo, uma vez, a traçar os movimentos das ações do aço para um ano inteiro à frente.

Quando um investidor sonhou que andava num elétrico de Nova Iorque, no qual havia um aviso afixado a indicar que não deveria sair num edifício público, Cayce não só lhe mostrou que se tratava de um aviso contra ações do metropolitano de Nova Iorque naquela altura, como explicou a razão representada no sonho: as autoridades públicas estavam a planear regulamentos que reduziriam os lucros da linha.

Quando um financista planeava criar uma empresa financeira, Cayce ajudou-o a avaliar os diretores propostos através dos seus sonhos. Quando um sonhador apresentou um sonho sobre problemas com um cheque de 150 dólares no seu escritório, Cayce mostrou-lhe que, na verdade, estava a sonhar com dois cheques desses — um que tinha entrado e fora registado de forma incorreta, e outro que a esposa do sonhador deveria pagar, pois era ela que o devia. Quando um empresário cansado foi de férias e sonhou que, ao regressar, a sua

secretária estava instalada no seu lugar e a sua secretária ocupava a secretária dele, estava simplesmente a ver, comentou Cayce, a prioridade que a ditadura das tarefas teria no seu regresso.

Vez após vez, Cayce tornava claro como os sonhos podiam ser úteis nos negócios e, em seguida, acrescentava as suas próprias perceções para encorajar o sonhador e mantê-lo em crescimento. Um banqueiro sonhou com uma sucessão de secretárias a candidatarem-se à vaga que tinha então em aberto; Cayce ajudou-o a identificar que qualidades procurava — e acrescentou que deveria contratar a terceira da fila. Um empreendedor viu corretamente no seu sonho, disse Cayce, como poderia distribuir e promover um novo produto para o cuidado das gengivas — mas o sonho também o avisara para não usar o parente que estava a considerar para o trabalho.

Quaisquer que fossem os fatores que influenciavam o mundo dos negócios — o colapso de um banco, encomendas do estrangeiro para uma empresa, boatos, cartéis, conflitos laborais, regulamentos governamentais, políticas de crédito, capacidade de venda, tomada de decisões arrojadas, concorrência — Cayce provou centenas de vezes que conseguia compreendê-los todos de forma correta e imediata. Mas, mais importante ainda, provou aos sonhadores que eles também podiam compreender estas matérias, com uma diferença maior: as suas perceções estavam limitadas ao que dizia respeito aos seus próprios assuntos e aos dos seus associados. Eles eram homens de negócios e recebiam o aconselhamento de que necessitavam. Cayce era um conselheiro e obtinha o que os seus aconselhados precisavam.

Aqueles com quem Cayce trabalhava sobre sonhos, para os ajudar em questões de negócios, não eram pessoas gananciosas — caso contrário, ele não os teria ajudado. Mas enfrentavam a pressão de familiares e amigos para manterem a riqueza e o estatuto social que a acompanhava; isso colocava-os, por vezes, sob um escrutínio severo de Cayce, tal como acontecia nos seus sonhos. Não havia nada de errado em ganhar dinheiro, insistia Cayce. O próprio Cristo, argumentava ele numa leitura particularmente incisiva, poderia ter sido um excelente corretor de Wall Street, mantendo-se totalmente fiel ao Pai. O que

contava não eram os dólares, mas os motivos. O que procurava a alma realizar com o dinheiro na sua viagem através das vidas terrenas?

Sonhos e Leituras sobre Recursos Ocultos

Devido à sua estranha capacidade, Cayce era frequentemente abordado para localizar algo oculto ou perdido. Nos primeiros anos, tentou várias iniciativas desse tipo, mas, perto do fim da vida, estava menos inclinado a envolver-se.

Ao ajudar a resolver crimes, descobrira que a sua própria psique era tocada e abalada pela violência do criminoso; as suas próprias leituras diziam-lhe que usar a sua capacidade para esse fim era como cortar árvores com uma lâmina de barbear. Ele conseguia fazê-lo — mas porquê?

No que dizia respeito a minas e poços de petróleo, ajudara outros a fazer fortunas. Mas também vira os investidores desmoronarem-se como indivíduos e como grupo, dominados pela ganância e pela inveja uns dos outros.

As suas leituras diziam-lhe que ele próprio poderia ganhar dinheiro de forma legítima a localizar tesouros enterrados, se conseguisse lidar com os próprios motivos e com as consequências do seu ato. Numa das várias ocasiões em que tentou fazê-lo, ia a caminho de ajudar um grupo de homens de negócios a localizar um tesouro, levando consigo a esposa e a secretária. O sonho seguinte fê-lo regressar a casa:

Parecia que íamos fazer uma leitura sobre a minha avó. Sabíamos que ela estava viva de novo e alguém nos disse para irmos a um certo lugar e encontrá-la-íamos. Parecia um armazém, ou uma casa mortuária. Encontrámos a minha avó com trepadeiras a crescer à volta e por cima dela. A minha esposa, a minha secretária e eu estávamos a cortá-las para que não houvesse problemas com a leitura ao localizá-la.

Depois partimos, falando sobre como seria maravilhoso se isto pudesse ser provado às pessoas. À porta encontrámos três cães de tipos diferentes. Tentámos pô-los fora, mas um escapou-se e correu de volta na direção do cadáver. Começámos a correr atrás dele, mas de

repente apercebi-me de que era tudo um sonho e soube a sua interpretação. Significava que nós os três estávamos a deixar o nosso trabalho ir para os cães enquanto tentávamos fazer algo que não tínhamos nada que fazer.

Embora Cayce se sentisse razoavelmente seguro do sentido do sonho, submeteu-o, ainda assim, a uma leitura. A leitura confirmou que o arrancar das trepadeiras representava aquilo que o tinha envolvido em caminhadas com os caçadores de tesouros; ele estava a sonhar com a iniciativa, que durante semanas afastara o seu auxílio médico ou vocacional aos outros. Mas, mais importante, dizia que os três cães eram ele próprio, a esposa e a secretária, que tinham começado tão agradáveis quanto cães de cauda a abanar, mas que, sob a tensão, tinham desenvolvido disposições que levavam a rosnar e a dilacerar. Nestas circunstâncias, qualquer bem que Cayce pudesse fazer acabaria inevitavelmente por ser malfalado, e ele não ganharia o suficiente com o tesouro nem com a proeza para compensar o preço.

Depois, o sonho comentava o tema da ressurreição da avó. A sua preocupação adequada era "despertar" as pessoas para a sua verdadeira natureza e estado; esse era o propósito do seu dom. Mas ele acreditara, de forma errada, que provar que conseguia localizar um tesouro com o seu dom produziria tal despertar — certamente nada com a profundidade e o poder do motivo neotestamentário da ressurreição com que ele investira a caça ao tesouro. As pessoas tinham de ser despertas individualmente, com aquilo que pudessem usar e aplicar nas suas próprias vidas, e não pela publicidade de um truque psíquico.

As suas leituras sobre o oculto ou perdido mostravam reserva semelhante quando uma mulher o procurou com um sonho na altura do rapto de Lindbergh. Confirmou todos os pormenores do sonho, como os papéis da ama e do jardineiro. Confirmou o uso de um barco de fuga no Potomac e chegou mesmo a corrigir a grafia do seu nome. A localidade de Arlington que ela, de algum modo, situara na Alemanha no sonho era, afinal, Arlington, Virgínia — mas, no sonho, aproximada por protagonistas de língua alemã. Ainda assim, não lhe disse

exatamente onde o corpo do bebé estava localizado. Em vez disso, exortou-a a sonhar novamente e a obter o resto dos detalhes, que ele confirmaria de bom grado. Acrescentou até que, se ela continuasse a perseguição no sonho, iria até Puget Sound. Mas não quis submeter a sua psique ao stress de uma notoriedade maior, decorrente de resolver publicamente o crime, do que aquela que o próprio subconsciente dela produziria. O passo seguinte ficava com ela, com os seus motivos e com a sua força total enquanto pessoa. Ela nunca voltou com um novo sonho.

Mas ela tinha visto — tal como outros — que, tudo o que estivesse perdido ou oculto e que pudesse ser legitimamente descoberto pelo sonhador, podia ser-lhe revelado num sonho, desde que estivesse preparado para lidar com isso. Por exemplo, um homem de negócios sentia que devia convidar a sua mãe dominadora a viver com ele e com a sua jovem esposa. O sonho disse-lhe enfaticamente que não, mas forneceu corretamente a morada de um prédio de apartamentos onde poderia instalá-la, não muito longe. Cayce ficou encantado ao ver o seu aluno a progredir no uso prático dos sonhos.

Sonhos e Leituras sobre Mudança Social

Um conjunto importante de leituras que se acumulou nos ficheiros de Cayce ao longo dos anos foi um arquivo sobre o progresso de um pequeno movimento social, empenhado em mudar certos aspetos da vida americana. A sua preocupação central não era os direitos civis, nem os direitos laborais, nem o controlo da natalidade, nem a paz internacional, nem a psicanálise, nem a alimentação saudável — embora Cayce tenha, de facto, dado um número limitado de leituras sobre todas estas matérias.

O movimento cujo crescimento ele orientou através das suas leituras, ao longo de anos de mudanças de pessoal, programas e políticas, era a atividade de um pequeno grupo de pessoas que sentia que o próprio trabalho de Cayce era significativo e representativo de preocupações que muitos partilhariam se as compreendessem. Chamavam a esse pequeno movimento simplesmente "o Trabalho", e

as leituras sobre "o Trabalho" continuam a ser algumas das mais interessantes que Cayce deu.

Estas leituras eram surpreendentemente distanciadas quanto ao bem-estar pessoal e à fama de Edgar Cayce. Cayce deveria ser amparado, deixavam claro as "leituras do Trabalho", mas a preocupação correta não era Cayce. Eram os processos pelos quais os indivíduos podiam aprender a ajudar-se a si mesmos, podiam passar pelo "despertar" simbolizado, por exemplo, no sonho de Cayce sobre a avó. O despertar procurado não era para algum dogma simples, como a crença na vida após a morte, em fenómenos psíquicos ou na reencarnação.

E, certamente, não era para a crença em Cayce. Como objetivo para "o Trabalho", não bastaria nada menos do que cada alma que viesse até eles despertar para a sua plena estatura criativa como filho do "Altíssimo". Mas tal despertar exigia começar onde cada homem estava e construir a partir das suas necessidades e talentos específicos. Assim, teriam de lidar com medicina, negócios, filosofia, psicologia, física, justiça social, educação — com muitas matérias. E teriam de começar com o que tinham, ali mesmo na família Cayce e nos seus associados mais próximos, enquanto esperavam que outros, com talentos diferentes, se lhes juntassem.

Alguns dos associados de Cayce foram aconselhados sobre onde obter formação, outros sobre as suas vocações, outros sobre as suas atitudes. À medida que a vida de Cayce se desenrolava, "o Trabalho" passou a incluir a fundação e operação do hospital e da universidade. Quando estes foram encerrados, "o Trabalho" voltou-se para o desenvolvimento de profundidade e qualidade espirituais num grupo de amigos na Virgínia — pessoas comuns, que se submeteram a disciplina e produziram um pequeno manual de vida devocional chamado *A Search for God*.

A história da vida e do trabalho de Cayce foi um microcosmo de movimentos de mudança social séria. As suas leituras abordavam todos os aspetos de um tal movimento: a sua filosofia, os seus objetivos, a sua liderança, os seus compromissos e corporações, o seu clima de trabalho

diário, as suas etapas. Qualquer movimento duradouro, insistiam, tem de avançar "primeiro para o indivíduo, depois para o grupo, depois para as classes, depois para as massas". Nisto, as fontes de Cayce eram inflexíveis, embora muitos procurassem promover Cayce pelos meios habituais de publicidade. A mudança social tinha de ser alcançada, afirmavam as suas leituras, construindo e reconstruindo uma vida de cada vez, apoiando-a com grupos primários em casa, no trabalho, na igreja e na comunidade e, só depois, avançando para desenvolver — ao longo de anos — exatamente o mesmo processo com líderes de várias profissões e modos de vida. Só então poderia emergir algo tão disseminado, tão bem compreendido e praticado, que tocasse massas de pessoas.

Na perspetiva de Cayce, todos os aspetos do crescimento de um movimento social podiam ser adequadamente informados e orientados pelos sonhos. Usou toda a sua habilidade para comunicar isto aos sonhadores com quem trabalhava.

Quando estes sonhavam que o hospital podia tornar-se realidade, em tempos de dúvida e dificuldade, ele mostrava-lhes como os sonhos tinham qualidade profética e não eram meros desejos. Quando a questão do financiamento do hospital chegou às suas fases finais, ajudou um sonhador a seguir os seus sonhos até ao escritório onde poderia ser constituída a hipoteca necessária. Quando a universidade teve de encerrar, ajudou um sonhador a ver como o presidente avançava para novos níveis de crescimento pessoal e familiar, em vez de ficar preso à humilhação e à derrota do presente.

Quando os grupos de estudo iniciaram o seu trabalho, mostrou aos membros como podiam aconselhar-se mutuamente através dos seus próprios sonhos e como podiam crescer em graça até ao ponto de verdadeiras visões de Cristo — através dos seus sonhos — se as suas vidas estivessem a ser vividas ao serviço dos outros. Orientou sonhadores a selecionar membros do conselho de administração através de sonhos e, depois, a melhorar atitudes no conselho. Ajudou um sonhador a encorajar um financiador do hospital — para o impedir de se lançar de cabeça num projeto. As leituras de sonhos no arquivo de

Cayce mostravam cada passo do seu "Trabalho" antecipado e guiado em sonhos, de 1924 até à sua morte, em 1945. Os sonhos incluíam até um sobre a morte de Cayce e as consequências para o labor da sua vida — acrescentando o pormenor de que a esposa morreria pouco tempo depois dele (o que se verificou exatamente). Apontavam para a possibilidade de que qualquer pessoa, responsavelmente empenhada num movimento de mudança social, serviço social ou justiça social, poderia muito bem procurar orientação noturna nos seus sonhos — precisamente como fizeram muitas figuras bíblicas.

Sonhos e Leituras Temáticas

De tempos a tempos, um grupo de pessoas interessadas no trabalho de Cayce, ou um investigador ou escritor sobre um tema específico, obtinha uma de um pequeno número de leituras não dedicadas às necessidades de um indivíduo ou grupo, mas a um conjunto de assuntos. Mais uma vez, a capacidade de levar Cayce, em sono, a fornecer tal informação dependia do que tencionavam fazer com ela. Se procurassem novidade — ou informação esotérica sobre a jornada da alma para seu próprio espanto —, ou material sobre uma civilização antiga com que impressionar os outros, poderiam esperar pouco ou nada do Cayce adormecido e, talvez, uma lição sobre o seu próprio crescimento espiritual. Ainda assim, em várias ocasiões ao longo dos anos, leituras temáticas foram solicitadas e obtidas.

Um dirigente internacional da YMCA, homem de grande fé e bom senso, obteve informação sobre a autoria de livros do Novo Testamento — informação anteriormente recusada a outros, a quem se dizia que a questão bíblica, para eles, era saber se a conseguiam aplicar nas suas próprias vidas. O marido de Frances, que estudava a vida após a morte, solicitou e recebeu ensaios sobre as condições no plano seguinte, bem como leituras sobre evolução e sobre a interação entre hereditariedade e ambiente. Um grupo preocupado de associados de Cayce solicitou e recebeu leituras temáticas sobre assuntos internacionais, sobre a natureza do próprio dom de Cayce e sobre a antiga e muito contestada civilização da Atlântida.

Foi solicitada e obtida uma leitura sobre as causas e a cura da constipação comum. Obteve-se uma pequena série sobre os acontecimentos que conduziram ao nascimento de Jesus e o próprio nascimento. Uma série inteira de leituras temáticas, complementada por análises de quão bem um grupo de estudo as compreendia, produziu o pequeno manual de crescimento espiritual *A Search for God*, bem como uma coleção de estudos do Livro do Apocalipse. Outra série ainda foi dada a um grupo que investigava a cura pela oração.

De entre as várias formas de leituras de Cayce, a leitura temática deve ter parecido a menos provável de ser reproduzida por sonhos. Mas Cayce mostrou aos seus sonhadores — em especial a dois dos quatro principais sujeitos que orientou — que os sonhos eram capazes de produzir extensos ensaios verbais, completos com diagramas e ilustrações encenadas. Na verdade, os estudantes sérios dos seus sonhos aprenderam a esperar esse tipo de sonho que combinava uma cena com uma explicação — fosse por uma voz no sonho, fosse por uma sequência de pensamentos coerentes.

A maioria dos sonhos-ensaio, na perspetiva de Cayce, tinha origem nos esforços do subconsciente do sonhador para lhe ensinar algo que precisava de compreender na sua vida diária e nos seus estudos; frequentemente, esses sonhos tinham como cenário uma escola.

Por vezes, os sonhos-ensaio tinham origem no eu superior do sonhador e, por vezes, a parte principal da instrução vinha de uma entidade desencarnada ou guia que ajudava o sonhador — segundo Cayce.

Cayce usava toda a sua habilidade em obter informação para orientar os sonhadores nos seus sonhos de natureza temática.

Quando um corretor sonhou sobre como o "espírito" de uma ação entra na previsão dos seus movimentos futuros (e encontrou o ensaio ilustrado pelas intenções de pessoas que iam ao cinema), Cayce confirmou a análise e depois mostrou ao sonhador como distinguir, nos sonhos, pistas exatas sobre ações daquelas que eram apenas imagens de tendências do mercado. Quando um judeu sonhou sobre a questão

da obra de Cristo, Cayce encorajou-o quanto à exatidão da análise do sonho e acrescentou algumas ilustrações suas. Quando um homem de negócios americano sonhou com as forças que alimentavam a revolução na China, Cayce foi rápido a encorajá-lo a transformar a sua preocupação em ação — especialmente estudando assuntos chineses para escrever sobre eles.

Cayce trabalhou com sonhos-ensaio sobre como é sentir a morte, como os vivos e os mortos comunicam, como um indivíduo se liga a "Forças Universais", o que as almas podem aprender com a criação animal, o que o suicídio implica, como funcionam os sonhos, como a ciência e a religião se articulam e como se fazem juízos morais.

Em suma, a história de quarenta anos de aconselhamento em transe de Cayce é uma história de uma cornucópia de informação, parte verificada e parte longe de verificação. É também a história da construção de seres humanos, dentro de um esquema de valores claro e coerente, que não vacilou ao longo dos anos. É um retrato impressionante do potencial desconhecido da mente humana, em contacto com algo que é mais do que ela própria.

Mas nenhuma afirmação em toda a história de Cayce é mais marcante do que a que ele fez durante décadas, até ao fim da vida: que outros podem fazer o que ele fez — começando pelos seus sonhos.

CAPÍTULO VI

VISLUMBRES DAS LEIS DO SONHAR

Edgar Cayce mostrou aos seus sonhadores que as mesmas leis que produziam as suas leituras também produziam os seus sonhos. Não explicava nem nomeava essas leis como um cientista o faria. Tudo o que ele explicava, diziam as suas leituras, tinha de ser parcialmente filtrado pela capacidade e pela terminologia da sua própria psique e pela dos seus ouvintes. Como nenhum era cientista, dava aconselhamento prático, um sonho e uma vida de cada vez. Mas, ocasionalmente,

oferecia perceções que iluminavam a paisagem do sonhar. E então exortava os sonhadores a "estudar, estudar, estudar".

Vislumbres de Padrões Regidos por Lei no Sonhar

Fosse o que fosse que a mente de Cayce fazia quando dava leituras, não o fazia sem limites regidos por lei.

Tinha de ser orientado para os seus alvos por sugestões hipnóticas. Para aconselhamento médico, precisava da morada da pessoa que solicitava ajuda. Para leituras psicológicas, precisava da data de nascimento do indivíduo. E para leituras temáticas, ou sobre recursos ocultos, tinha de lhe ser dito tanto o que se procurava como os nomes e a localização de quem procurava.

Muitas vezes, quem desejava um tipo de aconselhamento pedia, no período de perguntas após a leitura, aconselhamento de outro tipo. Quando Cayce estava especialmente "sintonizado", ou se relacionava profundamente com a pessoa que pedia ajuda, podiam obter informação médica desejada numa leitura de negócios, ou aconselhamento para um ente querido numa leitura de sonhos. Mas, mais frequentemente, eram informados: "Não temos isso"; e instruídos a procurar um tipo diferente de leitura.

Cayce explicava aos seus sonhadores que o foco dos seus sonhos tinha limites semelhantes. Orientava-os a colocar diante da mente, através de estudo árduo, concentração e atividade, aquilo sobre o qual procuravam ajuda nos sonhos. Informação sobre ações chegaria em sonhos a quem estudasse ações; prescrições médicas, a quem estivesse encarregado da saúde de outros; aconselhamento espiritual, a quem endireitasse os seus caminhos perante o seu Criador; informação sobre vidas passadas, a quem procurasse compreender os seus impulsos. Os sonhos eram limitados pelo foco consciente do sonhador.

As leituras de Cayce estavam limitadas à informação e orientação que um indivíduo podia usar de forma construtiva; o mesmo acontecia com os sonhos, dizia Cayce. Não fazia sentido decidir sonhar com assuntos internacionais, com o antigo Egipto, com as políticas do sistema da Reserva Federal, com bactérias numa determinada doença, a

menos que o sonhador estivesse em posição de fazer algo a respeito. Tal informação estava disponível através do subconsciente e dos outros recursos a que este recorreria, como Cayce entendia que as suas próprias leituras mostravam. Mas a psique protegia o seu equilíbrio alimentando o sonhador com material limitado. Operava segundo leis de autorregulação.

As leituras de Cayce mostravam considerável variação de forma, de dia para dia e de ano para ano. Ao falar em transe dessas variações, dizia que as leis em ação também afetavam a forma dos sonhos.

As suas leituras variavam em extensão, tal como os sonhos. A mais curta e abrupta das suas leituras de sonhos ocupou duas frases; foi uma leitura dada sobre um dos seus próprios sonhos, que recusou interpretá-lo, dizendo-lhe que ele nada fizera com os últimos sonhos interpretados para ele. Mas havia também interpretações de sonhos que ocupavam páginas de notas transcritas. Outros tipos de leituras apresentavam variações semelhantes de extensão, desde respostas secas até explicações longas.

As suas leituras variavam na clareza de comunicação, tal como os sonhos. Algumas leituras eram diretas e precisas, enquanto outras divagavam de oração em oração, aprisionando o sentido numa rede de palavras.

As suas leituras variavam no grau de detalhe. Algumas indicavam o estado geral da circulação de um doente, enquanto outras especificavam hemograma e tensão arterial. As leituras de um determinado dia mantinham, em geral, o mesmo nível de detalhe, tal como os sonhos de uma determinada noite são impressões gerais, ao passo que os de outra noite são traçados com nitidez.

As suas leituras variavam no nível de registo discursivo, tal como os sonhos variam desde material terreno e até obsceno, até imagética poética e inspirada. Embora a maioria das leituras de Cayce exibisse um estilo empolado — incluindo o editorial "nós", substantivos impessoais como "a entidade" ou "o corpo", e construções verbais passivas —, algumas incluíam expressões de calão, jargão de uma profissão ou uma

forma popular de dizer própria da pessoa a quem ele aconselhava. Por outro lado, algumas leituras eram arrebatadas; e as frases sussurradas e cadenciadas de outras poderiam quase ser lidas como poesia. Estes níveis de discurso, insistia Cayce, tinham uma base regida por leis, tal como os mesmos níveis nos sonhos.

As leituras de Cayce variavam na amplitude do seu foco — tal como alguns sonhos são cápsulas ou camafeus, enquanto outros se expandem em círculos crescentes de imagética e insight, até o sonhador obter uma perspetiva de magnitude surpreendente. A maioria das leituras limitava-se a tratar da pessoa e do assunto em causa, mas havia dias em que passavam facilmente para material espontâneo adicional. Esses comentários podiam ser breves, por exemplo dizendo ao indivíduo que a sua mãe viúva em breve casaria com alguém que ainda não conhecia. Podiam ser longos, explicando um paralelo bíblico com o problema que a pessoa enfrentava. Ou os comentários espontâneos podiam surgir como se viessem de outra perspetiva, advertindo todos os que ouviam que Deus não suportaria para sempre "uma geração perversa e adúltera".

Havia ainda outras variações nas leituras que podiam ser comparadas a variações nos sonhos. Havia variações na rapidez com que Cayce abordava o assunto em mãos, por vezes sem esperar as instruções habituais — tal como um sonhador pode adormecer e, de súbito, estar a sonhar tão profundamente que, ao despertar, fica desorientado. Havia variações nas interrupções de Cayce ao que lhe era lido, tal como uma voz interrompe um sonho com um comentário, ou uma cena onírica cede lugar a outra. Havia variações evidentes quando Cayce dava uma rara leitura ainda não solicitada, mas necessária naquele momento a alguém que estava então a escrever-lhe ou a telefonar-lhe — tal como os sonhos respondem a uma necessidade de outros de que o sonhador ainda não tem consciência.

Em todas estas variações, havia modificadores regidos por lei em ação, explicava Cayce. Por exemplo, toda uma série de modificadores dentro dele tendia a afetar as suas leituras, tal como o estado subjetivo do sonhador afeta a forma do sonho.

A saúde de Cayce afetava as suas leituras. Quando estava doente, não as conseguia dar. Quando estava cansado, eram menos claras, menos detalhadas ou menos amplas. Fatores semelhantes, dizia ele, afetam os sonhos. Na verdade, o efeito dos processos do corpo sobre todos os tipos de sonhar é tão real que os sonhos de uma pessoa ao longo de um período poderiam ser mostrados como variando consoante estivesse a seguir uma dieta vegetariana ou uma dieta com carne! O repouso e a forma física também afetam constantemente a recordação, o alcance, a profundidade e a clareza dos sonhos.

O estado de espírito de Cayce afetava as suas leituras. Quando estava perturbado e defensivo com os que o rodeavam, teve alguns dos poucos erros claros numa vida inteira de leituras: uma vez ao dar leituras sobre poços de petróleo e outra ao dar leituras sobre doentes no seu hospital. Em nenhum dos casos falhou por completo, mas as distorções, como leituras posteriores assinalaram, eram perigosas; contribuíram para que abandonasse tanto os poços de petróleo como o hospital.

As suas melhores leituras surgiam quando estava leve, descontraído, bem-humorado, seguro. No entanto, também deu leituras excecionais quando estava em grande aflição — como quando foi duas vezes preso por dar leituras, ou quando a sua universidade colapsou.

Também os sonhos, dizia ele, são condicionados subjetivamente. Exortava os seus sonhadores a saírem e brincarem, a fazerem férias, a equilibrarem o engenho e a razão, a provocarem e a rirem, a apreciarem as crianças. Mas exortava-os também a reparar na profundidade dos sonhos de quem se confronta com a morte de alguém próximo, com um fracasso nos negócios, com um divórcio ou com escolhas vocacionais difíceis — situações que podem suscitar sonhos de tal profundidade e poder que chegam a ser "visões".

As leituras de Cayce eram afetadas pelo que os seus próprios "produtos de transe" descreviam como a sua relativa "espiritualidade". Quando se deixava levar por ambições numa caça ao tesouro, ou por tentações de procurar notoriedade com o seu dom e com a sua

considerável capacidade de oratória, era lembrado de notar como a qualidade das suas leituras sofria. Por outro lado, quando mantinha regularidade nos tempos de oração e estudo bíblico, bem como nas suas tranquilas pescarias, era lembrado de notar que as suas leituras ganhavam em qualidade e que chegava mesmo a desenvolver novos tipos de dons ou capacidades, quer dentro das leituras (por exemplo, produzindo uma série inteira sobre um novo tema), quer em vigília (ajudando doentes, através da oração).

Fatores semelhantes, diziam as suas leituras, afetam a qualidade dos sonhos. Quando os seus sonhadores se forçavam por dinheiro, fama ou poder, podiam ver que os seus sonhos traziam à tona essas mesmas questões e, depois, começavam a deteriorar-se em clareza e utilidade. Quando estavam seguros na fé, nos tempos de oração e no desejo de servir os outros, podiam encontrar novos horizontes nos seus sonhos — dando-lhes vislumbres do mundo do futuro, do passado ou do transcendente.

Para além dos fatores na vida pessoal de Cayce, havia fatores mais objetivos que influenciavam a forma das suas leituras. Embora muitas pessoas — talvez quase qualquer uma — pudessem "conduzir" uma leitura, a melhor orientação vinha com alguém "passivo", que não empurrasse a sessão para fins privados. A esposa de Cayce ajustava-se a esse papel. Em menor grau, as leituras eram afetadas pelo bom ânimo e pela espiritualidade dos que estavam na sala. O paralelo no sonhar, como Cayce apontava, estava no efeito que as relações pessoais mais íntimas têm sobre os sonhadores.

Quando marido e mulher estavam unidos por amor genuíno, os sonhos eram facilitados por esse vínculo e polaridade, que muitas vezes apareciam nos sonhos. Relações entre irmãos, ou entre filho e pais, afetavam a estabilidade e o equilíbrio do sonhador e, portanto, a forma e a qualidade dos seus sonhos. Tais laços, explicava ele, não eram apenas questões de bom comportamento ou dever, mas de importância máxima para a própria alma.

Frequentemente, a fonte de Cayce observava que as atitudes de quem procurava informação e orientação junto de Cayce afetavam o

que recebiam. Aqueles que procuravam novidade, exploração dos outros, um garante "divino" para as suas vidas, justificação para erros passados, ou qualquer coisa que não fosse ajuda e crescimento genuínos, recebiam respostas secas, vagas, ou lições inesperadas sobre os seus motivos. Aqueles que não atuavam com base no aconselhamento que lhes era dado podiam ver aconselhamentos futuros tornarem-se breves ou mesmo ser recusados.

A credulidade era rejeitada tão prontamente quanto o cinismo; a adulação de Cayce resultava em tão pouco quanto a sua desvalorização ou a inveja. "O verdadeiro milagre", dizia uma leitura, "ocorre no buscador."

Fatores semelhantes, dizia ele, governam até que ponto os sonhadores produzem informação onírica útil para os que os rodeiam. Muitas vezes, um sonhador obtém factos indisponíveis a um ente querido por causa da sua maior distância emocional face à necessidade ou problema. Muitas vezes também, a telepatia inconsciente de um irmão, irmã ou filho mostra ao sonhador como chegar ao mau génio, ao hábito alcoólico, ao coração desesperado ou ao orgulho dominador do outro.

Vislumbres de Padrões Regidos por Lei na Interpretação dos Sonhos

Tal como havia processos regidos por lei a colorir cada leitura que Cayce dava e cada sonho de cada sonhador, também havia processos regidos por lei na interpretação dos sonhos.

Quase todas as leituras de sonhos — das setecentas que Edgar Cayce deu — começavam com uma breve revisão do progresso do sonhador. Examinava quão bem ele se lembrava dos sonhos, de que modo a experiência de orientação e dinamização em vigília se paralelizava com os sonhos, como o sonhador se sentia em relação ao seu próprio progresso, até que ponto tinha acesso ao seu melhor eu, que novos dons apareciam nos sonhos, como lidava com antigas fraquezas, onde precisava de estudo ou aplicação e quão bem estava a interpretar os sonhos sem a ajuda de Cayce.

Todos estes aspetos do desenvolvimento do sonhador, segundo Cayce, podem ser-lhe revistos nos seus próprios sonhos. Na verdade, um dos tipos de sonho longo mais frequentes é o sonho de revisão, em que um ou mais aspetos da psique ou da vida do sonhador são postos sob escrutínio. Tais sonhos recuam muitas vezes à infância, como o cenário mostra. Normalmente envolvem muitas pessoas, pois a identidade e os hábitos do sonhador estão ligados a pessoas específicas que lhe são importantes. Ou o sonhador pode ter um ciclo inteiro de sonhos, um a cada poucas noites, sobre o mesmo tema — talvez sexo, fé, coragem na adversidade ou o que fazer com os seus talentos. Em geral, tal como Cayce interpretava esses sonhos de revisão, os finais indicam como a pessoa está a sair-se. Um desfecho sombrio e um ânimo em baixo no final sublinham um aviso, enquanto aventura, descoberta ou cenários atrativos no final sublinham uma promessa.

À medida que Cayce abordava cada sonho numa leitura típica, começava por distinguir que níveis da psique tinham produzido aquele sonho em particular. O sonhador também pode ser ensinado pelos seus próprios sonhos, dizia ele, a reconhecer os vários níveis em funcionamento dentro de si que produzem cada sonho.

Quando uma voz fala num sonho, uma aura de sentimentos e pensamentos mostrará se a voz é o seu melhor eu ou apenas a sua imaginação. Quando uma cena do dia passa como um relâmpago pela mente durante o sono, nuances mostrarão se a cena representa apenas preocupações do dia, ou um prólogo para comentários úteis do subconsciente. Quando surge material estranho e escandaloso, o próprio subconsciente ensinará o sonhador a distinguir o que é apenas uma caricatura onírica do seu comportamento excessivo e o que é, em vez disso, um desafio radical ao seu ser.

Os sonhadores deveriam muitas vezes pedir, durante o sonho ou imediatamente depois dele, que lhes fosse mostrado que parte da sua mente esteve a atuar no sonho e porquê. Alguns dos sonhadores de Cayce ficavam espantados com o diálogo interior que conseguiam acompanhar. Outros ficavam encantados por conseguir distinguir, assim

sentiam, a sua própria voz interior do contributo de entidades desencarnadas nos sonhos.

Era característico da interpretação de sonhos de Cayce situar um pequeno enredo onírico dentro de um quadro mais amplo de significado, quando entendia que o sonho o pretendia. Um homem que sonhara com a morte do irmão e ficara destroçado foi levado a ver as notas religiosas no sonho que o distinguiam de um aviso precognitivo. O sonhador estava a ver, a partir do seu próprio supraconsciente, disse Cayce, o significado da morte de Cristo, a quem Cayce chamava o "Irmão mais velho" dos seus semelhantes.

A um sonhador que se via a acompanhar uma jovem desconhecida a casa depois de um baile, foi dito que considerasse como o serviço aos outros marca a vida plena. A um homem de negócios que sonhava com uma viagem de comboio foi dito que o sonho se referia tanto à atividade bolsista como à questão da viagem da alma, que ele estudava naquela altura. Na perspetiva de Cayce, os sonhos transportam significado importante em vários níveis ao mesmo tempo e devem ser interpretados de acordo com isso.

Parte da arte de interpretar sonhos, segundo Cayce, reside na antiga arte do "Urim", ou seja, no reconhecimento de símbolos com significado relativamente universal. Ele enfatizava o significado puramente pessoal de grande parte do conteúdo dos sonhos, desde peças de vestuário até cenas de guerra. Mas também desafiava os sonhadores a ver, em certos sonhos poéticos e evocativos, a presença de símbolos amplamente disseminados no mito e na arte. O fogo significa muitas vezes raiva.

A luz significa muitas vezes insight e ajuda do divino, tal como o movimento ascendente. Uma criança significa muitas vezes começos promissores que precisam de mais apoio do sonhador. Um cavalo e cavaleiro significam muitas vezes uma mensagem de níveis superiores de consciência. Objetos pontiagudos inseridos em aberturas podem muito bem ser símbolos sexuais — embora uma chave numa fechadura represente mais frequentemente o ato de destrancar algo no sonhador.

Cayce usou este tipo de interpretação em menos de vinte por cento dos sonhos que interpretou para a maioria dos seus sujeitos, embora o fizesse mais frequentemente ao interpretar os sonhos da esposa e de alguns outros. A adequação da interpretação por Urim, dizia, dependia do tipo de sonhar próprio daquele sonhador.

Ao atribuir ao termo "Urim" o sentido de orientação por meio da interpretação de símbolos universais em sonhos e visões, Cayce estava, incidentalmente, a resolver um problema há gerações não resolvido por estudiosos bíblicos, que nunca chegaram a acordo sobre que tipo de adivinhação do Antigo Testamento estaria em causa.

Um aspeto da interpretação de sonhos de Cayce era mais difícil de duplicar pelos sonhadores: as ocasiões em que ele previa os sonhos deles, até a noite e a hora da noite. No estranho mundo errante dos sonhos, esta parte da sua habilidade parecia incrível — mesmo admitindo o poder da sua sugestão sobre o inconsciente do sonhador. Mas ele dizia que o podia fazer porque via fatores na psique do sonhador que tornavam os sonhos inevitáveis, tal como alguém num edifício alto pode prever a colisão de carros desgovernados em ruas separadas lá em baixo. Acrescentava que os sonhadores também aprenderiam a reconhecer quando certos sonhos eram sinais de um novo tema ou série e a prever por si próprios que outros se seguiriam — como os seus sonhadores fizeram, em menor grau.

Fazia parte da perícia de Cayce na interpretação de sonhos criar analogias e ilustrações para o ponto que dizia que o sonho pretendia transmitir. Uma cena onírica sobre a ação simultânea de níveis de consciência é como ver, dizia ele, um pianista a atender à pauta e ao movimento dos dedos ao mesmo tempo. A individualidade da alma, dentro do seu destino maior, é como a individualidade de uma árvore, que vem de uma semente e deixa outra depois de si — fiel ao padrão, mas única em si mesma. Células doentes num corpo são como pessoas que atraem associados à sua volta e iniciam um movimento com mente própria.

Mas esta habilidade com imagens — uma parte deliciosa da interpretação onírica de Cayce — é igualmente natural no sonhador,

insistia ele. Foi essa habilidade que levou ao sonho de Frances de cancelar uma viagem para ficar com o bebé, quando procurava compreender o cuidado da mãe a partir do plano seguinte de existência. Levou outro sonhador a ver o pensamento religioso de 1925 como um enorme casco de navio, a soçobrar numa praia — belamente construído, mas sem ir a lado nenhum.

Na perspetiva de Cayce, determinar o propósito de um sonho é um passo importante na sua interpretação. Explicava que a psique, ou o ser total, procura fornecer aquilo de que o sonhador mais necessita. Se precisa de insight e entendimento, dá-lhe lições e até discursos. Se precisa de ser sacudido, dá-lhe experiências — belas ou horrendas. Se precisa de informação, recupera os factos para ele. Os sonhos fazem parte de um programa de autorregulação, desenvolvimento e treino pessoal, sobre o qual a própria alma do sonhador preside constantemente.

Um passo importante na interpretação de um sonho, então, é explicitar aquilo que ele veio realizar — algo que o sonhador, segundo Cayce, pode aprender a reconhecer por si mesmo. Uma ação mencionada por um conhecido num sonho era um empurrão para notar e estudar essa ação. Mas uma ação vista "em movimento", com números concretos, ou descrita com instruções por um tipo especial de voz no sonho, era um sinal para o sonhador agir, e já não apenas estudar.

Parte do treino de Cayce levava os sonhadores a acordar depois de um sonho vívido, revê-lo mentalmente para o recordarem mais tarde e depois voltar a adormecer com a intenção de que o sonho lhes fosse interpretado — como não raras vezes acontecia, seja por mais episódios, seja por passagens em forma de ensaio, seja pela voz de um intérprete ou "entrevistador", como um sonhador lhe chamava.

Não é surpreendente que aqueles que estudaram centenas de sonhos com Edgar Cayce tenham atravessado grande stress nas suas vidas e até crises conjugais ou vocacionais. Ele mostrava-lhes horizontes de cortar a respiração nos sonhos, capacidades criativas que os teriam

certamente deixado atónitos e abalado a força do ego. Mostrava-lhes que podiam fazer o que quer que ele fizesse.

Depois dos primeiros poucos, Cayce nunca mais voltou a treinar sonhadores como tal. Em vez disso, treinou pessoas numa peregrinação explicitamente espiritual — que incluía sonhos, mas dava ainda mais peso à meditação, à oração e ao serviço diário aos outros. Além disso, treinava pessoas apenas em grupos, onde podiam ajudar-se diariamente no estudo, no amor e na intercessão mútua, de formas que os seus principais sujeitos de sonhos raramente conheceram.

Mas insistia que, sempre que os sonhos ou a interpretação de sonhos surgiam como parte deste treino mais amplo, os sonhadores podiam reproduzir, durante a noite — e por vezes em experiências de vigília — tudo o que ele fazia nas leituras.

O Enigma do Alcance nos Sonhos

O próprio Cayce, quando acordado, interrogava-se sobre o alcance que ocorria nas suas leituras e nos seus sonhos. Em conformidade, sonhou sobre a sua questão.

Este sonho, como vários que teve, ocorreu enquanto estava em transe, a falar e a concentrar-se na necessidade de alguém. Uma parte da sua mente continuava disponível para sonhar, mesmo durante uma leitura.

Pouco depois da perda do seu hospital, quando se questionava sobre a utilidade do seu dom, relatou o seguinte:

Vi-me a preparar para dar uma leitura, e o processo através do qual uma leitura era obtida. Alguém mo descreveu.
Havia um centro, ou ponto, a partir do qual, ao entrar no estado de transe, eu irradiaria para cima. Começava como uma espiral, exceto que havia anéis ao redor — começando muito pequenos e, à medida que subiam, tornando-se cada vez maiores. Os espaços entre os anéis eram os vários níveis de desenvolvimento que os indivíduos tinham atingido, a partir dos quais eu tentaria obter informação. Era por isso que um corpo [pessoa] de desenvolvimento muito baixo podia estar tão baixo

que ninguém, nem mesmo alguém a dar informação [psíquica], seria capaz de fornecer algo que valesse a pena.
Havia certas partes do país que produziam a sua própria radiação. Por exemplo, seria muito mais fácil dar uma leitura a um indivíduo que estivesse na radiação relacionada com saúde ou cura — não necessariamente um hospital, mas numa radiação de cura — do que a um indivíduo que estivesse numa radiação puramente comercial.

Eu poderia dar uma leitura muito melhor (como foi ilustrado) a uma pessoa em Rochester, Nova Iorque, do que a uma em Chicago, Illinois, porque as vibrações de Rochester eram muito mais elevadas do que as vibrações em Chicago. Quanto mais perto o indivíduo estivesse de um dos anéis, mais fácil seria obter a informação. Um indivíduo, a partir de qualquer ponto entre os anéis, poderia, pelo seu próprio desejo, avançar em direção ao anel. Se fosse apenas curioso (ao procurar uma leitura), tenderia naturalmente a descer em direção ao centro, afastando-se do anel, ou ficando nos espaços entre os anéis.

Cayce submeteu este material a uma leitura, onde lhe foi dito que se tratava de uma visão autêntica de como o seu aconselhamento era obtido.

A visão estava correta ao começar com Cayce como "um minúsculo ponto, por assim dizer, um simples grão de areia", pois "nos assuntos do mundo" era isso tudo o que Cayce era. No entanto, quando dava leituras, elevava-se — ou era elevado — numa espécie de funil que se estendia para fora e para cima até, na sua vastidão, se tornar inclusivo de tudo. Era movido "diretamente para aquilo que é sentido pela experiência do homem como se fosse até aos céus". Ao tornar "nulas" as suas atividades corporais em transe, estava a usar apenas "como que (como se via no cone) a trombeta do universo — estendendo-se para aquilo que se procurava". A resposta a esse alcance vinha então da entidade apropriada, algum ponto que ele vira na sua esfera respetiva, que "lançava a sua nota como um alaúde lança tons", para responder à sua busca de informação.

A leitura era metafórica, mas o seu sentido chegou a Cayce. Prosseguia assegurando-lhe que ele tinha visto corretamente como

cada indivíduo, cada grupo, cada classe, massa ou nação se encontrava num ponto da vasta espiral onde os seus esforços a tinham colocado, nas redes estabelecidas por "uma Energia Criativa, plenamente sábia". Cada ponto estava ligado aos outros, dizia a leitura, tal como nervos ligam cada parte de um organismo vivo ao seu centro. Cada um podia ser instantaneamente conhecido ou ouvido no centro.

Também lhe tinha sido corretamente mostrado que o impacto das leituras variava conforme eram dadas a buscadores de Rochester ou de Chicago. Mas a diferença não estava no aconselhamento de cura, pois esse podia ser dado com a mesma liberdade num lugar e noutro. A diferença residia na ressonância que ocorria dentro do indivíduo, no seu meio, à medida que recebia informação e ajuda de Cayce. Cada um ouvia e respondia conforme as suas circunstâncias e o seu desenvolvimento lhe permitiam ouvir e responder.

A partir desse momento, sobretudo nas leituras de vida, Cayce murmurava frequentemente ao começar uma leitura: "Alto na espiral de vibrações", ou "Baixo na espiral do tempo", ou "Esta cidade tem o mesmo ponto na espiral que Allentown, Pensilvânia". Os que o rodeavam não conseguiram, em vida dele, ver a estrutura que estes comentários implicavam, mas a estrutura era real para o Edgar Cayce adormecido.

Ele tomou esta leitura como garantia de que era possível a um homem com limitações e fraquezas humanas (que as suas leituras lhe davam a conhecer serem muitas) entrar num estado de consciência em que entrava em ação muito mais do que ele próprio, para responder à necessidade de alguém.

As suas leituras seguiam a mesma linha ao explicar o "alcance" a um sonhador — um dos principais sujeitos de sonhos de Cayce — que relatou uma experiência onírica inesquecível com um ente querido falecido. Cayce assegurou-lhe que a experiência fora um encontro real. Depois ouviu pacientemente enquanto o sonhador explicava um diagrama que desenhara, para mostrar como pessoas de planos diferentes se encontram, onde o plano se intersecta. Embora estivesse

inconsciente, Cayce acompanhou o diagrama como se o estivesse a ver e, em seguida, procedeu a modificá-lo.

O homem deveria desenhar uma estrela, disse ele. As pontas triangulares que se projetavam para fora eram como a psique total de cada indivíduo. Na extremidade da ponta estava a consciência, tocando e assentando sobre o corpo da pessoa — e até, em parte, emergindo da rede de sentidos e impulsos do corpo. Mas, à medida que se avançava para longe da extremidade, a psique alargava-se. E, à medida que se aproximava da parte do círculo em que as hastes triangulares tocavam os seus vizinhos, obtinha-se uma visualização da telepatia, ou da sintonia com aqueles que estavam próximos em pensamento ou preocupação. E, no ponto em que cada estrutura pontiaguda se abria para o corpo central da estrela, estava a alma dessa pessoa — orientada de forma única para a sua própria ponta, mas também sempre presente no centro da estrela.

Depois, disse Cayce (e aqui a analogia era como a da espiral), o sonhador deveria contemplar como cada indivíduo podia mover-se, em consciência, afastando-se da sua ponta única em direção ao corpo principal da estrela e ao seu centro. Quanto mais se aproximasse do próprio centro, então, mais poderia entrar completamente na consciência e na alma de qualquer outra pessoa, ou em qualquer plano de consciência, representado pelas outras pontas da estrela.

Havia um centro no universo, disse Cayce. Na verdade, um Centro. Cada homem, cada ser, cada criatura e toda a criação eram conhecidos e ajudados constantemente a partir desse Centro. Quem, em sonho ou em transe, se aproximava do Centro, aproximava-se de qualquer outro que precisasse dele, ou de qualquer um que pudesse fornecer ajuda.

Esta era a resposta ao enigma do alcance nos sonhos, por mais intrincadas que fossem as leis e os processos envolvidos.

A Edgar Cayce parecia claro — por mais duvidoso que fosse para outros homens sérios do seu tempo — que o homem não estava sozinho no universo. E parecia-lhe claro que o facto central, luminoso

como o centro de uma estrela, podia ser vivido como realidade nos sonhos.

CAPÍTULO VII

COMO RECORDAR SONHOS

As leituras de Edgar Cayce eram adaptadas ao indivíduo que procurava cada leitura — especialmente as leituras de sonhos, nas quais ele abordava cada personagem e atividade oníricas em termos do seu significado para o sonhador.

O sonho de uma pessoa com o seu irmão poderia representar o seu próprio lado não desenvolvido, correspondendo a algo de que não gostava no irmão. No entanto, quando esse mesmo irmão sonhava com ele, o sonho podia ser um aviso literal de um problema de saúde do irmão, e não um símbolo representativo.

Quando uma mulher sonhava com um médico, isso podia sinalizar que o seu corpo estava pronto para conceber. Quando o marido sonhava com o mesmo médico, isso podia ser uma avaliação subconsciente da unilateralidade de um médico dedicado.

Se Cayce via os sonhos como tão pessoais, apontou também para processos que pudessem ser aprendidos por sonhadores de hoje?

Até que ponto se deve generalizar o aconselhamento que Cayce dava aos sonhadores é uma questão para investigação. Só quando os processos que descreveu para sonhadores particulares forem compreendidos e puderem ser repetidos e variados saberemos até que ponto os seus sonhadores — e o seu aconselhamento — eram semelhantes a outros sonhadores e ao aconselhamento de que estes necessitam hoje.

Essa investigação mal começou. Só em meados dos anos 60 as leituras de Cayce foram indexadas e duplicadas de modo a que todas as referências a sonhos pudessem ser isoladas e estudadas, juntamente com correspondência relevante e registos de casos.

Ainda assim, os contornos das suas teorias e procedimentos sobre os sonhos já eram evidentes para os seus associados mais próximos desde finais da década de 1920 e eles continuaram a registar e a estudar os seus sonhos, bem como a incentivar outros a fazê-lo, de acordo com linhas representativas do pensamento de Cayce sobre os sonhos.

Em particular, o filho de Cayce, Hugh Lynn Cayce, fomentou o desenvolvimento de dezenas de grupos de estudo que frequentemente utilizam sonhos, na sociedade nacional de membros chamada Association for Research and Enlightenment, formada antes da morte do pai para explorar fenómenos e processos como os discutidos nas leituras do pai. Hugh Lynn Cayce e outros que ele formou (incluindo Elsie Sechrist, autora de *Dreams, Your Magic Mirror*) ensinaram, durante mais de trinta anos, centenas de pessoas comuns a trabalhar com os seus sonhos.

Esses exploradores leigos do continente interior do inconsciente não realizaram investigação laboratorial, mas foram naturalistas do país dos sonhos. Entre as suas descobertas contou-se evidência para várias das afirmações de Cayce sobre sonhos: que contêm PES (perceção extrassensorial) de muitos tipos, que apresentam material sugestivo de reencarnação, que são afetados por padrões de oração, que podem conter experiências místicas de elevada ordem do divino, que o estilo de sonhar de cada um é único, que os sonhos podem servir de base a autoanálise por leigos.

Também está em curso investigação sistemática sobre os materiais oníricos de Cayce. Pelo menos um psicoterapeuta reviu dezenas de sonhos de clientes para ver de que modo incorporam processos que Cayce descreveu. E estudantes num curso avançado de psicologia sobre sonhos começaram a comparar as suas interpretações de sonhos com as de Jung e Freud. Hugh Lynn Cayce realizou experiências para testar o efeito nos sonhos de estímulos descritos nas leituras: drogas, jejum, meditação, certas luzes coloridas, envio telepático de alvos e autoanálise sistemática.

Todo o trabalho preliminar sugere que sonhadores modernos podem, de facto, encontrar orientação para a recordação, interpretação

e aplicação do material onírico, em linhas que Cayce sugeriu nas suas leituras.

Pergunta: Como Pode Alguém Aprender a Recordar Sonhos?

Muitos não recordam um sonho há anos, e alguns nunca se lembram de sonhar. Significa isto que não sonham, ou que não estão a recordar os sonhos?

Cayce tinha o cuidado de distinguir os sonhos de indivíduos normais, saudáveis e em crescimento daqueles que apresentavam lesões cerebrais ou noutros componentes dos sistemas nervoso e endócrino. Para os normais, como ele via, não havia dúvida de que sonhavam regularmente, recordassem ou não os sonhos.

Muito antes dos modernos laboratórios do sono, onde supostos "não sonhadores" são acordados quando os músculos oculares tremem e ajudados a recordar imediatamente os sonhos, Cayce recordava aos dormidores — a pedido — não só sonhos individuais, mas noites inteiras de sonhos, e fazia-o com tal detalhe e força que avivava a própria memória do sonhador. Depois de tais experiências, o indivíduo sabia que estava a sonhar — e a sonhar muito (como a investigação moderna sobre sonhos mostra acerca de pessoas normais).

Aqueles que Cayce orientou não tiveram grande dificuldade em aprender a recordar sonhos, uma vez que se dispuseram a isso. Tinham de estar certos de que estavam preparados para enfrentar o que quer que surgisse nos sonhos e para fazer algo com isso. Depois tinham de fazer chegar ao seu subconsciente, de uma forma ou de outra, que queriam sonhos suficientemente vívidos para os despertar, ou para permanecerem na consciência pela manhã. Alguns faziam-no dizendo a si mesmos, mesmo antes de adormecer, que iriam sonhar e recordar — tal como alguém diz a si próprio que vai acordar às cinco para uma viagem. Outros faziam-no rezando por orientação através dos sonhos. Outros adquiriram o estímulo inicial necessário à recordação lendo e falando sobre sonhos.

Cayce indicou, numa leitura que deu sobre o seu próprio sonhar, que o corpo tem um papel na recordação dos sonhos. É possível

recuperar sonhos melhor se a pessoa começar a lembrar-se e a registá-los antes de mexer o corpo, de manhã ou quando acorda durante a noite. Evidentemente, o repouso suficiente também é importante, pois Cayce exortava repetidamente ao descanso aqueles que estavam em treino de sonhos com ele — não apenas horas suficientes de sono, mas o descanso que surge com facilidade com relaxamento, exercício, diversão, mudança de ritmo e a entrega da vida nas mãos de Deus.

Foi firme com vários sonhadores ao dizer-lhes que, para recordarem os sonhos, deveriam registá-los — e rever muitas vezes esses registos. Quando ele próprio falhou em registar os seus sonhos, Cayce foi repreendido pelas leituras por não usar a mente nos seus sonhos. (Parte da sugestão que lhe era dada para obter interpretação de sonhos incluía a "mente inquiridora" do sonhador; numa leitura, o próprio Cayce foi informado logo no início de que não estava a ser "suficientemente inquiridor" sobre os seus sonhos.) No fim da vida, Cayce fizera disso prática discutir os seus sonhos mais vívidos com a família, mesmo quando não os escrevia.

Cayce encorajava os sonhadores a começarem com tudo o que conseguissem recordar, mesmo que fossem fragmentos. Se relatassem uma versão vaga, ele corrigia-a. Ainda assim, fazia menos correções aos seus sonhadores sistemáticos do que um principiante poderia esperar, porque os sonhadores depressa aprendiam que, quando tinham dúvidas, as suas próprias inclinações na recordação eram geralmente corretas.

Começar pelos estados de espírito ao despertar podia ser útil, dizia ele. Na sua perspetiva, as ações do indivíduo no dia anterior e no período atual da sua vida são comparadas, todas as noites durante o sono, com os seus ideais mais profundos. Assim, quem acorda rabugento e sem descanso deve olhar para a sua vida, bem como para os seus sonhos. E quem acorda com clareza e serenidade pode estar certo de que, quando recorde os seus sonhos, estes não o mostrarão em conflito interior grave.

Na visão de Cayce, os processos de sonhar não são categoricamente diferentes dos da vida desperta. Embora um sonho

possa empregar PES (perceção extrassensorial) para revelar o futuro, o distante ou o desconhecido, também um pressentimento, uma impressão ou uma voz interior em vigília o pode fazer. Embora um sonho possa revelar fraquezas de carácter do sonhador, também a introspeção profunda o pode fazer. Embora um sonho possa oferecer um ensaio sobre as leis da consciência, também o estudo intenso e a incubação dessas leis pelo sonhador o podem fazer.

Um sonho pode usar uma imagem reveladora do passado do sonhador para transmitir uma mensagem, mas o mesmo fazem as imagens e associações da memória em vigília, bem como escolhas habituais de palavras e lapsos da língua. Por isso, Cayce exortava os seus sonhadores a trazerem-lhe não apenas os seus sonhos, mas também aqueles acontecimentos da vida diária em que o subconsciente parecia ter a vantagem. E, ao ajudá-los com isso, exortava-os igualmente a ajudarem-se a si mesmos, estudando esses "produtos" de vigília juntamente com os seus sonhos.

Por fim, considerava importante para o processo de recordação dos sonhos que os sonhadores atuassem sobre os sonhos que recordavam. O próprio ato de acrescentar consciência à atividade subconsciente que produz o sonho põe em movimento correntes dentro de toda a economia mental do sonhador — correntes úteis que facilitam a recordação dos sonhos seguintes e, eventualmente, ajudam na interpretação de todos os sonhos.

A ação mais simples é registar ou contar um sonho. Esta ação é reforçada quando o sonhador repete mentalmente, várias vezes, as partes salientes do sonho, quer consiga interpretá-las quer não. Pois, se o sonho chega de algum modo à consciência, é muito provável que tenha "assuntos" com a consciência e beneficie da atenção consciente. Se o sonho é um aviso, revê-lo fortalecerá o efeito do aviso, por mais subtil que seja. Se é um alerta, reforçar-se-á o efeito de despertar e sensibilizar o sonhador. Se é uma lição, ensaiar o sonho servir-lhe-á como treino.

Além disso, o sonho recordado precisa, se possível, de ser usado. Não usado de forma compulsiva, certamente. Mas o subconsciente é

como uma nascente no bosque: é para ser colhida e mantida a correr, se for bem utilizada. O sonhador pode concentrar-se numa parte do sonho que o atraia fortemente, desde que esteja em consonância com o seu ideal mais íntimo. Porque os sonhos, dizia Cayce, "são visões que podem ser cristalizadas". Nos sonhos, as esperanças e desejos reais da pessoa — e não apenas desejos ociosos — ganham corpo e força no indivíduo.

Tentar interpretar o sonho é melhor ainda, pois nada facilita tanto a recordação como um contacto consciente direto — um "acerto" — com um conteúdo onírico importante.

A interpretação, explicava Cayce, é uma questão de "pesar" o conteúdo do sonho com aspetos mais familiares da vida e do pensamento do sonhador. A compreensão avança sempre por comparação. Os dois grandes passos para interpretar o conteúdo dos sonhos são compreender a que o sonho se refere e sentir a tendência do sonho — o que procura mudar ou investir de novo significado.

Para interpretar um sonho, a pessoa compara-o com os seus assuntos externos, bem como com os seus pensamentos, sentimentos e intenções internas. Por vezes, o mesmo enredo onírico refere-se a ambos. Crescer na interpretação de sonhos é crescer na capacidade de associar comparações aos sonhos, de forma pronta e apropriada, captando o sentido da referência e a direção da mensagem ou estímulo; grande parte do treino de Cayce consistia em orientar precisamente este processo.

Para lá da interpretação, é possível melhorar a recordação dando à ação subconsciente do sonho um impulso ainda maior por parte da consciência. O estudo é uma via — estudo das leis e processos que parecem estar a atuar no sonho ou numa série de sonhos, e a atuar no sonhador e nos seus assuntos. Tal como se usam duas estrelas da Ursa Maior para apontar a Estrela Polar, pode-se alinhar dois ou mais sonhos semelhantes — e talvez algumas reflexões e acontecimentos em vigília — para ver com clareza até um conhecimento importante sobre o viver: como os níveis da mente interagem, como o amor atrai amor, como o medo e a dúvida debilitam, como a concentração intensifica a PES,

como tarefas de serviço exigente atraem a ajuda tanto dos vivos como dos mortos, como a oração conduz a consciência a um Centro que não é o seu.

Os livros podem ajudar, e Cayce sugeriu livros aos seus sonhadores, embora poucos, e acrescentou explicações para passagens difíceis que estudavam em obras como o *Tertium Organum* de Ouspensky ou *The Varieties of Religious Experience* de James. Ainda assim, o estudo essencial não são os livros, mas a experiência e, acima de tudo, o desdobramento constante e lento da psique do sonhador — onde se pode ver, por comparações cuidadosas (não por introspeção mórbida), todos os padrões criativos em ação que também governam a natureza e os domínios do espírito à sua volta. Pode até dizer-se, afirmava Cayce, que tudo o que um indivíduo consegue compreender do agir de Deus é aquilo que consegue encontrar a operar dentro de si mesmo, à medida que responde ao resto da criação.

Embora o estudo seja um grande passo para acrescentar consciência aos sonhos — e, portanto, importante para estimular um sonhar e uma recordação mais claros —, o estudo por si só não chega. Uma resposta mais ativa ao sonho, ou a uma série de sonhos, é igualmente crítica para melhorar a recordação. Cayce chamava a isso "aplicação" e incluía uma secção sobre aplicação em cada leitura de sonhos. O estudo é uma forma de aplicação, sem dúvida, mas ele tinha muitas vezes algo mais definido em mente. O sonhador deve pôr em movimento, com músculo e nervo, os seus insights, dicas e despertares, testando verdades por experiência, para obter a compreensão plena e a orientação que os sonhos oferecem. Vez após vez, Cayce martelava isto nos seus sonhadores: "Faz, faz, faz", dizia a um homem embasbacado com sonhos.

Dois tipos de ação sobre os sonhos compõem o repertório de aplicações críticas de Cayce: sintonia e serviço.

Pode-se usar estados e experiências oníricas como guias para a sintonia com o eu mais elevado, tocado nos sonhos, e para a sintonia com Deus tal como surge nos sonhos. Ou pode-se trabalhar a partir de impressões oníricas para a sintonia com os semelhantes e até com o

"espírito" das ações e dos mercados. Esta forma de aplicação deve ser praticada diariamente com material onírico já interpretado.

O segundo grande modo de aplicação é dar, servir. Prover a si próprio e à família é importante, seja alguém marinheiro ou filósofo. Mas ainda mais importante, uma vez satisfeitas as necessidades básicas, é estender a mão aos menos afortunados. Na perspetiva de Cayce, o serviço não é uma gentileza na vida, nem um dever pesado. É a marca da realidade, o caminho da alma que procura viver no seu direito de nascimento, e não apenas arrastar-se pelos dias.

O universo está construído de tal modo que o serviço é o fim principal do homem na Terra — fazer emergir nos outros, como se puder, algo do seu melhor potencial para glorificar Deus. Se isto for feito corretamente, sob a orientação de sintonia constante antes de cada novo passo (e Cayce insistia nisso), a pessoa não tem de se "fabricar" em modelos cada vez mais aperfeiçoados. Os seus próximos "devires" chegarão a tempo certo, quer incluam lidar com riqueza ou com medicina, com ideias ou invenções, com família ou inimigos, com beleza ou justiça.

Por fim, Cayce acreditava que se pode facilitar a recordação dos sonhos — para lá do estudo e de programas planeados de ação — repetindo deliberadamente o tipo de resposta que um sonho inicia. Um estado onírico de oração pode ser prolongado por orações sistemáticas — e as leituras por vezes ditavam aos seus sonhadores (incluindo ao próprio Cayce) pequenas orações ou afirmações que podiam ser reformuladas e usadas ao longo do dia. Se um sonho inicia uma atitude mais amorosa para com a esposa, a pessoa pode não só compreender a necessidade desse amor e tomar decisões a respeito, como também levar a ação adiante com passeios diários com a esposa. Não apenas estar ocupado, mas celebrar, esticar-se e crescer até à força plena do sonho são passos adicionais para acrescentar consciência aos sonhos.

Cada um destes passos fortalece a recordação dos sonhos. E também aprofunda e clarifica os sonhos, porque ajuda a construir o próprio sonhador.

A alternativa a recordar e interpretar sonhos, dizia Cayce, nem sempre é agradável. As pessoas não podem esperar derivar para sempre. Se não decifrarem a sua identidade e a direção das suas vidas com a ajuda dos seus sonhos (algo que, dizia ele, toda a pessoa normal deveria tentar fazer), então podem ser levadas, pela ação implacável das suas próprias almas represadas, a alguma crise que as obrigue a ajustar contas consigo mesmas. Pode ser uma crise médica. Pode ser o fim de um casamento ou de um emprego. Pode ser depressão ou retraimento. Há leis desta disciplina firme, que ele chamava parte do "carma", ou o processo de semear e colher a colheita dos próprios atos e pensamentos, seja numa vida, seja em muitas.

Pergunta: O Que Acontece aos Sonhos Não Recordados?

Cayce deixava claro, no entanto, que mesmo os seus estudantes de sonhos mais determinados não estavam a recordar todos os seus sonhos e não deveriam esperar fazê-lo. Muitos sonhos destinam-se apenas a promover o crescimento total do sonhador, sem chegarem à consciência — exercícios noturnos que a psique faz consigo mesma a partir da perspetiva mais ampla do subconsciente ou da perspetiva ainda mais ampla da alma e das Forças Universais. Esses sonhos fazem o seu trabalho e seguem o seu caminho.

Outros sonhos deixam apenas uma impressão parcial na consciência e são apenas parcialmente recordados. Se o sonhador estiver a esforçar-se por lembrar e usar os seus sonhos, não precisa de se preocupar com esses fragmentos, porque alguns são meros sonhos de preocupação, limitados à consciência e aos níveis da mente mais próximos dela, sem respostas úteis geradas pelo subconsciente.

Outros fragmentos, relativamente poucos, servem para mascarar ruído ou ritmos corporais e permitem que o sonhador continue a dormir, tal como outros fragmentos fazem o contrário — acordam-no quando deve levantar-se, sem conteúdo misterioso. Além disso, há sonhos alimentares que não são fáceis de recordar porque, embora por vezes vívidos, não têm "princípio, meio nem fim" — pesadelos erráticos e vagabundos, ao contrário daqueles pesadelos nítidos que certamente transmitem a sua mensagem e acordam o sonhador com ela. Em geral,

dizia Cayce aos seus sonhadores, um sonho que não seja totalmente recordado repetirá, com variações que não alteram a referência nem a intenção.

Cayce não enfatizava tanto o efeito de "censura" nos sonhos, tão sublinhado por Freud. Era evidente que esse efeito operava em não poucos dos sonhos que interpretou, especialmente nos sonhos iniciais do estudo de um sonhador, antes de o sonhador ter aceite os lados desagradáveis ou socialmente inaceitáveis de si mesmo. Cayce preferia apontar que a irritação, a luxúria ou a prepotência frequentemente atribuídas a outro no sonho estavam, na verdade, dentro do sonhador e eram projetadas nos outros. Mas notava uma forma de censura que ocorria muitas vezes: os seus sonhadores tendiam a esquecer ou a omitir partes desagradáveis ou reveladoras dos sonhos com maior frequência do que outras partes; também tendiam a esquecer finais felizes, quando o efeito desses finais era aumentar o seu sentido de responsabilidade.

Para além da questão dos sonhos não recordados, Cayce abordou a questão dos sonhos conhecidos pelo sonhador mais pelos seus efeitos no corpo e nas emoções do que na mente. Quando o sonhador chora, grita ou brada durante o sono, ou anda a dormir, ou se debate, deve preocupar-se com a sua saúde geral, tal como deve preocupar-se quando os sonhos são constante e descontroladamente irreais e desagradáveis. Nesses casos, apontava Cayce, é provável que também outros processos imaginativos do sonhador sejam afetados: a fantasia, o devaneio e até a imaginação normal de comida, bebida ou companhia.

Tal distorção resulta de uma incapacidade fisiológica da rede sensorial do sistema nervoso, ou do sistema nervoso autónomo que controla as emoções corporais, ou de ambos. Além disso — comentava ele em dezenas de leituras sobre tais sonhos — o funcionamento das glândulas endócrinas do sonhador está quase sempre envolvido e precisa de atenção, por meio de intervenção sobre toxinas no corpo, falhas de circulação e lesões osteopáticas.

Os sonhos de um corpo doente, febril ou danificado, dizia Cayce, não valem o esforço de tentar recordar e interpretar. Mas a maioria dos

outros que chegam à consciência, deixando um enredo, um elenco e um estado de espírito claros, valem o tempo de serem interpretados.

Em 1924, quando a interpretação de sonhos era usada apenas por médicos para fins psiquiátricos ou por ocultistas para adivinhação, Cayce insistia que os sonhos são um auxílio normal pelo qual a personalidade e o corpo se regulam e fazem avançar os assuntos do sonhador. Deveriam, enfatizava ele, ter um lugar maior nas atividades da "família humana".

Pergunta: Há Perigos em Recordar e Usar Sonhos?

Edgar Cayce via perigos em não recordar e usar sonhos. Não o fazer podia forçar a psique a entrar em contacto consigo mesma através de crise ou doença.

Mas também via perigos em recordar e usar sonhos. O perigo básico reside nas energias poderosas da mente. É pouco provável que estas forças sejam desencadeadas no sonhador principiante, nem na pessoa que mantém os níveis dentro de si a interagir por processos não oníricos como oração saudável, criação artística, amor honesto e trabalho e brincadeira intensos.

Mas quem procura, através dos sonhos, despertar e domar as energias vigorosas do subconsciente, sem ao mesmo tempo viver uma vida sensata, equilibrada e abrangente, põe-se em risco.

Vez após vez, Cayce avisava os seus sonhadores para manterem a razão forte enquanto exploravam a terra dos sonhos. Deviam continuar a tomar decisões responsáveis no dia-a-dia, sem dependerem demasiado dele ou dos sonhos; nisso ele era inflexível. Deviam continuar a adquirir competências e conhecimento — o trabalho da consciência — tão depressa quanto abriam o subconsciente. Um homem deve aplicar-se continuamente ao seu trabalho e ao seu pensamento, e uma mulher ao seu amor e às suas relações, mesmo quando os sonhos os convidam a novos desdobramentos.

À medida que os confins mais distantes da experiência onírica se abriam para os seus sonhadores — com experiências de PES, de beleza

e de santidade —, dizia-lhes que se lhes exigia ainda maior "equilíbrio", um "rumo firme", evitando extremos de todo o tipo — quer de dieta, quer de pensamento, quer mesmo de estudo dos sonhos. Caso contrário, as mesmas forças que operavam de forma tão útil num momento tornar-se-iam destrutivas para o sonhador noutro.

Os sonhadores poderiam não só perder a capacidade de orientação e crescimento pelos sonhos — sempre uma possibilidade real por via de narcisismo, escapismo, fanatismo, hipocondria ou messianismo —, como também despertar energias dinâmicas dentro de si que não desapareceriam facilmente, distorcendo-os e perturbando-os gravemente se fossem ignoradas ou usadas de forma imprópria. Numa expressão reveladora, Cayce advertiu um sonhador de que o seu uso egoísta de experiências oníricas, uma vez que estas começassem a ganhar estatuto e impulso na sua psique, libertaria "essas forças desinteressadas" que poderiam ser nocivas para o sonhador. A referência não era a entidades desencarnadas, mas a forças naturais da psique do sonhador — tão poderosas quanto naturais.

Ainda assim, os sonhos, em geral, ajustam o seu conteúdo àquilo com que o sonhador consegue lidar de forma eficaz. São autorreguladores e autocorretivos. Se o sonhador dá atenção excessiva ao sonhar, os próprios sonhos puxam o seu interesse para os assuntos diários. Se se deixa fascinar por um aspeto dos sonhos, como incursões no território da morte, acabará por se ver ridicularizado em cenários oníricos desse tipo até que a mensagem se torne óbvia. Mas também há um limite para essa autorregulação nos sonhos. Se o sonhador desestabiliza o corpo ou o equilíbrio da sua psique total, perturba a função reguladora dos sonhos e estes passam a correr de forma incoerente. Ou pode comprometer essa função reguladora por sugestão excessiva a si mesmo, antes de adormecer e durante intervalos semidesertos do sono.

Cayce era firme ao alertar contra "forçar" experiências oníricas de qualquer tipo particular. Não se deve correr antes de andar, dizia a um entusiasta. Deve-se confiar na alma e no Criador para fornecerem, durante a noite, aquilo de que se necessita, dizia a outros. Trabalhar

responsavelmente com os sonhos não é o mesmo que obrigá-los a substituir a vida.

Apesar dos avisos que atravessavam como fios luminosos o seu aconselhamento sobre sonhos, um dos principais sujeitos de sonhos de Cayce perdeu o equilíbrio num período de doença mental que também contribuiu para a perda do emprego e do casamento. Outro perdeu igualmente a vocação e a família. Ambos perderam os seus dons e desistiram de usar os sonhos, que os tinham tornado milionários e, por vezes, pessoas felizes e produtivas. Frances também teve as suas dificuldades, como vimos. Mas todos foram avisados, tal como o homem que perguntou: "Serei capaz de prever a minha própria morte?", que tinha visto encenada num sonho. A leitura desse dia veio num tom de elevação invulgar, com promessas de grande serviço por parte do sonhador, se fosse fiel, e também avisos:

Então ata os teus pés, meu filho; mantém os teus caminhos retos, sabendo que há o advogado junto do Pai… e quando fores chamado a prestar contas dos atos feitos no corpo, bem-aventurados serão aqueles que se encontrarem sob a direção dos teus esforços!
Guarda — guarda — a fé, a promessa em ti mesmo… conserva em ti a luz guia para muitas almas que buscam o caminho.

Mas depois a leitura acrescentou:

Não sejas vencido por muito conhecimento. Não te deixes exceder nem faltar por aquilo que possa ser dado [nos sonhos]… Não é pelo teu próprio poder que estas forças [proféticas] se realizam — pois carne e sangue podem manifestar uma verdade espiritual, mas não podem ordenar um espírito em qualquer direção!
Ajuda e socorro podem vir através de carne e sangue (em sonhos ou de outro modo), mesmo para os que estão perto do abismo — e, no entanto, existe fixo esse abismo intransponível. Antes, aquele que faz a sua vontade uma com o Pai pode receber um cuidado especial pela Sua direção. Conserva isso… e não erres no bem-fazer. Mantém-te perto d'Ele… porque o obstáculo está sempre na exaltação pessoal do poder e da capacidade, acumulados em si mesmo, e no mau uso de si nas relações de uns com os outros. Guarda a fé, meu filho, guarda a fé.

O conselho não surtiu efeito. O sonhador, que durante quase cinco anos sondara todo o potencial dos sonhos e fora informado de que as suas capacidades poderiam exceder as de Cayce, depressa se alienou da família e acabou reduzido a vender bugigangas para sobreviver.

Trabalhar com os sonhos — tal como todas as atividades humanas que por vezes envolvem todos os níveis da pessoa, como amar e lutar, exercer poder, criar filhos, defender verdades e criar pinturas — contém perigo. O perigo existe porque o perigo está no ser humano. O seu potencial insondável é sempre igualado pela liberdade insondável da sua vontade. Este é o retrato, para Cayce, do perigo de usar os sonhos.

CAPÍTULO VIII

COMO COMEÇAR A INTERPRETAR SONHOS

Ao aconselhar mais de sessenta pessoas sobre os seus sonhos, ao longo de duas décadas, Edgar Cayce encorajou-as de forma consistente a interpretarem os seus próprios sonhos.

Por mais estranhos que fossem os materiais oníricos, na sua perspetiva não provinham de uma inteligência alheia. Mesmo quando as produções do sonhador recorriam a uma sabedoria maior do que a sua — a entidades desencarnadas ou às Forças Universais —, o sonhador continuava a ver apenas aquilo que conseguia compreender e que já começava a viver. Isto significava que havia sempre um pressentimento no sonhador acerca de cada conteúdo do sonho, um pequeno empurrão de significado que poderia localizar, se fosse paciente.

Mas Cayce era menos célere a encorajar as pessoas a interpretarem sonhos de outros. É certo que dizia aos sonhadores que podiam fazer tudo o que ele fazia — e parte do que ele fazia era interpretar sonhos de terceiros. Mas tratava essa competência como invulgar e só encorajou, nesse sentido, um dos seus principais sonhadores — um homem que sonhava consigo mesmo a interpretar sonhos de outros! As suas interpretações, dizia Cayce, eram em alguns

casos bastante sólidas e poderiam ser ainda melhores, se ele se desse ao trabalho de as apurar.

Interpretar sonhos, tal como Cayce descrevia o processo, não é procurar um símbolo num livro de sonhos e aplicá-lo a um sonho. Interpreta-se um sonhador, não um sonho. É por isso que Cayce se dava ao trabalho, em cada leitura de sonhos, de especificar que parte da psique do sonhador era ativada pelo sonho e o que essa parte da psique procurava realizar. Se alguém apreende o sonhador no sonho, pode dar o primeiro passo importante da interpretação: determinar qual das duas grandes funções dos sonhos está em primeiro plano naquele sonho — (a) resolução de problemas e adaptação aos assuntos externos, ou (b) despertar e alertar o sonhador para algum novo potencial dentro de si.

Para a maioria das pessoas, há apenas um sonhador que conseguem apreender com a profundidade necessária: elas próprias. Assim, o estudo apropriado na interpretação de sonhos é, antes de mais, o estudo de si mesmo, em todos os níveis. Planos conscientes, objetivos, interesses, posições, decisões — tudo isto precisa de ser inventariado.

O subconsciente também deve ser estudado, com os seus hábitos velados, medos, anseios, dependências e defesas. Mais dois domínios internos pedem estudo — o corpo, com os seus ciclos, necessidades, hábitos e tensões, tudo o que pode estar refletido nos sonhos; e a alma, sempre presente no sonhador e a imprimir-lhe a sua marca, tal como o corpo o faz — mas com os seus ideais, as suas perguntas inquietas, as suas memórias pesadas ocultas ao olhar direto. Para além do sonhador, mas em ressonância com ele para o seu estudo e crescimento, está o domínio do Universal, com as suas energias e padrões alcançados pelo seu supraconsciente.

"Estuda-te, estuda-te" era o primeiro conselho de Cayce para treinar a interpretação de sonhos. Dizia às pessoas para procurarem memórias, para listarem os seus ideais de trabalho em colunas (físico, mental, espiritual), para decidirem o que admiravam nos outros e compararem isso consigo mesmas, para confrontarem a sua perceção pessoal com a forma como os outros as viam. Punha os sonhadores à

procura de leis, de como X surgia sempre que Y estava presente em condições Z.

Ao encorajar a interpretação de sonhos, não estava a fomentar narcisismo, pois, nos anos posteriores, quando treinou pessoas em grupos, estabeleceu-lhes explicitamente a tarefa de discutirem os sonhos e visões uns dos outros e, depois, escreverem o entendimento do grupo sobre o que tinham descoberto. Trabalhar com outros que também trabalhavam os sonhos estimulava a psique tanto para um sonhar útil como para uma interpretação útil.

Nesses mesmos grupos, desenvolveu ainda mais a ênfase que já dera à meditação diária sobre uma afirmação e ao silêncio profundo. Há, dizia ele, um estado de espírito em que a interpretação de sonhos surge rapidamente e "soa" verdadeira. Muitas vezes consegue-se alcançá-lo depois de levar um sonho até onde a consciência consegue ir — e depois rezar sobre ele e deixá-lo assentar; quando se retoma o sonho, num estado interior quieto, pode surgir uma clareza surpreendente.

O estudo da Bíblia também sossega a mente para uma "unidade" consigo mesma em que os significados dos sonhos se tornam transparentes. Além disso, comparar incidentes oníricos com passagens específicas da Bíblia pode despertar no sonhador um sentido dos grandes símbolos, o "Urim" da família humana, que se repete nos sonhos, nos mitos, na arte e na lenda de todas as épocas. Um dos dispositivos de orientação mais comuns de Cayce era atribuir a um sonhador uma passagem bíblica específica para estudar em paralelo com o sonho. Mas também era livre — embora o fizesse menos frequentemente — de comparar sonhos com as experiências de Confúcio, Moisés, o Buda e Sócrates, por quem demonstrava evidente respeito.

Se um sonhador deveria também estudar livros de teoria dos sonhos parecia-lhe depender do sonhador. Nunca o desencorajava e, por vezes, recomendava-o com insistência — especialmente a um sonhador com mente afiada e curiosa. Um dos acontecimentos mais estranhos em todo o conjunto de leituras de Cayce ocorreu quando este sonhador procurou aconselhamento sobre passagens específicas que

estava a ler — e recebeu comentários imediatos, embora Cayce acordado nunca tivesse lido esses livros. A experiência pode ter, de algum modo, transmitido o pensamento dos livros ao Cayce adormecido, pois, mais tarde, ele por vezes ilustrava pontos a outros sonhadores referindo ideias desses mesmos livros — que continuava sem ter lido.

Tal como, nas leituras físicas, Cayce tirava "do nada" nomes de especialistas médicos, também, embora com menos frequência, tocava campos de erudição. Ao explicar a hereditariedade e o ambiente a um sonhador, citou um estudo de dezenas de casos comparados em cadeias hereditárias e encorajou o sonhador a ler o livro.

De todas estas formas, pode-se começar a treinar para a tarefa de interpretar os próprios sonhos.

Mas havia, naturalmente, a questão de interpretar sonhos de uma mente doente — que, na perspetiva de Cayce, operava sempre num corpo doente. Para esses sonhadores, Cayce não hesitava em recomendar ajuda profissional. Deixava claro que a ajuda profissional tinha limites, como quando disse a um sonhador que ele estava fixado na ideia do seu próprio complexo de Édipo, sob sugestão do médico. Mas apelou prontamente à assistência profissional para outros sonhadores, em mais de uma dúzia de leituras.

Pergunta: Porque É Que os Sonhos São Tão Confusos?

Edgar Cayce sonhou uma vez que uma melancia estava a comer um porco. Quando obteve uma leitura sobre o sonho, foi-lhe dito que a cena ridícula, invertida em relação à vida real, refletia a forma ridícula como ele se estava a comportar naquele momento. Um enredo que parecia sem sentido fazia excelente sentido satírico, uma vez estabelecido o seu propósito. Em geral, isto é o que se pode esperar do material onírico. Toda a fala e todo o pensamento, tal como Cayce os descrevia, trazem nuances subtis de associação. Um estranho assemelha-se vagamente a outra pessoa. Um embaraço será como um que se recorda, ou como um que se teme. Uma bandeira transportará uma cadeia inteira de pensamentos meio reconhecidos sobre o país. Na

vida desperta, estas pequenas associações são mantidas em segundo plano, para que a comunicação aconteça sem distração. Nos sonhos, as associações passam para o centro do palco.

Cayce disse a um corretor que ele sonhava com um velho amigo da universidade porque o amigo era "brilhante" e estudioso — exatamente as qualidades que o sonhador tinha e precisava naquele momento no seu trabalho, ao estudar uma nova fase do mercado. Disse a uma mulher grávida que ela sonhava com uma colega de universidade por causa do orgulho esnobe da rapariga, que representava os seus próprios ares a respeito do bebé que vinha a caminho.

Na vida desperta, os factos têm associações. Nos sonhos, as associações ditam os factos. Dado este modo de funcionamento, os sonhos afinal não são assim tão confusos.

Os sonhos que têm origem no subconsciente, ao responderem às preocupações diárias do sonhador, constroem os seus enredos e personagens para apresentar duas coisas ao mesmo tempo. Reafirmam ao sonhador alguma preocupação ou interesse consciente, alguma decisão ou plano que ele tenta construir "dedutivamente", com base em tudo o que sabe. Ao mesmo tempo, mostram-lhe como essa situação se apresenta "indutivamente", quando é examinada pelos factos através da PES do subconsciente. Dada esta dupla tarefa complexa, até surpreende que os sonhos não sejam mais confusos do que são. Mas, por vezes, até Cayce dizia acerca de um episódio onírico: "Mais vale deixá-lo; voltará" numa versão mais inteligível.

Um sonho com uma aranha falante a tomar conta da casa de um homem pareceria absurdo. Absurdo, isto é, a menos que se soubesse o que Cayce via de imediato e a esposa do homem não sabia, nem o sonhador admitira a si mesmo: que uma relação extraconjugal, iniciada em pequena escala, estava a caminhar para destruir o seu lar. Como uma aranha, estava a tecer teias cada vez mais fortes. E os comentários minadores da amante faziam trabalho mortífero, como a aranha que falava. A única solução, disse Cayce ao sonhador, era a mesma do sonho: cortar toda a situação da sua vida, cirurgicamente e depressa. O sonho era o seguinte:

Eu estava no quintal das traseiras da minha casa — tinha o casaco vestido. Senti alguma coisa dentro do tecido, no punho da manga esquerda do casaco. Tentei puxá-la para fora, mas estava presa no tecido e partiu-se ao sair, ficando uma parte dentro. Afinal era um casulo e, onde se partiu, saiu uma pequena aranha preta. O casulo era preto e deixou um grande número de ovos — pequenos — na manga do casaco, que comecei a partir e a arrancar. A aranha cresceu depressa e fugiu, falando inglês claro enquanto corria, mas isso não me lembro, exceto que estava a dizer qualquer coisa sobre a mãe.

Da próxima vez que a vi, era uma aranha preta grande que eu parecia saber que era a mesma, já crescida, quase do tamanho do meu punho — tinha uma mancha vermelha, e de resto era de um preto profundo. Nessa altura, tinha entrado na minha casa e construído uma teia atravessando toda a parte de trás, no interior da casa, e estava confortavelmente a observar-me. Peguei numa vassoura, derrubei-a e expulsei-a da casa, pensando que a tinha matado, mas nessa altura ela voltou a falar. Lembro-me de lhe pôr o pé em cima e de pensar que estava morta.

Da próxima vez que a vi, tinha construído uma teia longa desde o chão, do lado de fora da casa, no quintal das traseiras, perto de onde eu a tinha tirado da manga — e estava a correr rapidamente para cima, em direção ao beirado, quando me viu. Não a consegui alcançar, mas atirei o meu chapéu de palha à frente dela, cortei a teia, e a aranha caiu no chão, voltando a falar; e dessa vez eu piquei-a em pedaços com a minha faca.

Cayce terminou a leitura deste sonho avisando que aspetos da relação "cresceram a tal ponto que podem representar uma ameaça ao próprio coração e alma… Cuidado! Cuidado!" O seu conselho foi ineficaz. O sonhador recebeu a leitura e saiu de casa, para nunca mais voltar.

Um sonho destes é confuso se se tenta interpretá-lo sozinho. Não é confuso se se conhece e interpreta o sonhador, cuja situação tinha de ser simbolizada por algo insidioso, complacente, falador e repugnante.

Uma situação muito diferente deu origem a outro sonho com aranha, desta vez do próprio Cayce. Viu um bêbedo ser pontapeado até perder os sentidos e transformar-se numa aranha ameaçadora. Quando pediu uma leitura do sonho, foi-lhe dito que fazia parte de uma série sobre como lidar com a crítica que estava a receber de pessoas que consideravam as suas leituras obra do diabo. O impulso de Cayce era retaliar com igual vigor, tal como o sonho retratava. Mas a consequência da retaliação é sempre aumentar a oposição, tornando-a mais perigosa, como o sonho mostrava ao fazer o bêbedo irresponsável transformar-se num portador de veneno.

Ainda assim, Cayce reconhecia que a interpretação de sonhos não é coisa simples, precisamente porque as pessoas não são simples. Ao falar de sonhos em centenas de leituras, apontava quatro tipos de imagética onírica: disparate, literal, simbólica e visionária.

Pergunta: Em que Diferem as Imagens dos Sonhos?

A imagética disparatada ou sem sentido — como a que acompanha uma febre — ocorre quando o corpo está a reagir às suas próprias tensões, em vez de usar imagens para autorregulação e desenvolvimento pessoal. Cayce via esse material como produzido quimicamente, a partir da corrente sanguínea: quer por álcool gerado por demasiados doces, quer por secreções endócrinas que podem produzir um sonho sexual a acompanhar uma ejaculação noturna. Esse tipo de imagética raramente se mistura com imagética significativa no mesmo sonho; aparece antes em sonhos ou fragmentos autónomos.

Quando um sonhador erótico relatou um fragmento em que o cabelo de uma rapariga lhe roçava agradavelmente o rosto, Cayce disse que era "apenas físico" e não exigia interpretação nem ansiedade. No entanto, quando o mesmo sonhador relatou um sonho completo que incluía raparigas a cantar canções atrevidas ao ouvido, Cayce analisou esse segmento como importante — mostrando como pequenos pensamentos de fantasia erótica prendem o ouvido do subconsciente e criam tendências difíceis de controlar.

Em segundo lugar, na explicação de Cayce sobre a imagética dos sonhos, surge uma categoria mais comum do que a imagética disparatada: a imagética literal. Como Cayce via a função dos sonhos em pessoas normais que não vivem sob grande stress, grande parte do sonhar serve os mesmos fins do pensamento consciente: resolver problemas das circunstâncias externas. Se o trabalho do sonhador é cuidar de máquinas, sonhará com o manuseamento dessas máquinas. Se o seu emprego exige contratar vendedores, sonhará com as qualificações de vendedores. Se uma mulher está preocupada com o facto de o bebé começar a andar, sonhará com como o ajudar a andar. Se se sente ofuscada pelos ares de presunção do marido, sonhará com esses ares. Se se preocupa em ajudá-lo no negócio, pode sonhar que oferece um belo jantar aos associados dele, ou que entra para o conselho de administração da empresa — o que for apropriado para ela.

Ainda assim, a imagética literal raramente aparece isolada. Entre os sonhadores de Cayce, um retrato exato da morte da mãe de um amigo vinha também acompanhado de material simbólico, sugerindo como encarar a morte e como ser útil ao amigo quando a morte chegasse. Um quadro literal e preciso das cotações de amanhã de manhã para determinada ação vinha muitas vezes acompanhado de uma cena como um elevador a subir, para sugerir a subida iminente, mas também o perigo de "ficar demasiado alto" nessa ação. O literal e o dramático entretecem-se, tal como Cayce interpretava os sonhos.

Como, então, identificar o literal no meio dos elementos de fantasia? Mais uma vez: interpretando o sonhador, não o sonho por si só. É preciso conhecer os pensamentos e as atividades conscientes do sonhador para isolar conteúdos literais que espelham as suas preocupações conscientes. Quem está preocupado com um familiar doente deve considerar um sonho com esse familiar, procurando elementos literais. Mas quem sonha com um familiar doente imaginário, ou com uma doença exótica atribuída ao familiar, tem menos motivo para procurar orientação literal de saúde. Um homem que investe em ações pode esperar comentários literais sobre movimentos de mercado,

mas quem ganha dinheiro a negociar cavalos deve esperar material literal sobre cavalos, não sobre ações.

Apesar do lugar surpreendentemente grande que Cayce atribuía a peças literais dentro dos sonhos — muito maior do que o atribuído por qualquer psicólogo ou analista no século que redescobriu os sonhos —, ainda assim via a maior parte do conteúdo onírico como simbólico, ou "emblemático". Nesse aspeto, aproximava-se mais dos especialistas do laboratório e do divã.

Tal como Cayce via os sonhos, a sua imagética principal é como figuras de estilo, figuradas e representadas em ação. Pés e sapatos têm muitas vezes a ver com o "assentar do pé" ou o alicerce do que se está a tentar fazer. Sonhos com boca e dentes têm muitas vezes a ver com essa função tão incómoda da boca — a fala. Um sonho com um homem sem cabeça foi, num caso, um aviso direto do subconsciente do sonhador para não "perder a cabeça" com preocupações no trabalho.

Mas os sonhos são feitos menos de figuras de estilo convencionais do que de figuras pessoais — do mesmo modo que uma melodia banal será esquecida por um homem, mas para outro fará pulsar a memória de um ente querido e de "a nossa canção". Cada sonhador, na perspectiva de Cayce, tem o seu próprio repertório de símbolos ou emblemas pessoais, carregados de tonalidades de significado que se exibem nos sonhos. Homens mais do que um pouco fascinados por mulheres encontravam as suas tentações e os seus talentos dramatizados como mulheres. Sonhadores encantados e intrigados pela rádio, nos seus primórdios, encontravam na imagética da radiodifusão imagens tanto para as suas tendências messiânicas como para a sua sintonia com o divino invisível. Um homem interessado nas ações da Warner Brothers no advento do cinema sonoro descobriu que a imagética onírica de "Vitaphone" representava não apenas as excelentes perspetivas da ação, mas também a sua necessidade de confiar na sua voz interior para orientação bolsista — o seu próprio "telefone vital".

Porque é que os sonhos recorrem a material emblemático em vez de fornecerem orientação explícita? Cayce dizia que os sonhos estão

encarregados de fazer mais do que fornecer informação e orientação. Vez após vez insistia que os sonhos vêm para dar uma "experiência" ao sonhador. Pretendem fazer-lhe bater o coração, tremer os joelhos, cantar o espírito. São "acontecimentos" para o sonhador, e não apenas linguagem pictórica.

Ver um touro teimoso, como o próprio Cayce viu num sonho, não servia apenas para lhe dizer que era teimoso como um touro, mas para o ajudar a sentir em si mesmo toda a energia cega que o fazia encolher-se no sonho. Os sonhos pretendem transformar o sonhador de algum modo, e não apenas informá-lo. Para conseguirem informar e transformar, tinham de usar emblemas — materiais que ao mesmo tempo significam e lançam chispas.

Um sonho de Cayce em que via o chão de uma casa a ceder, revelando um cemitério por baixo, não era apenas uma mensagem de que estava a construir um esforço presente sobre um alicerce fraco; era para sentir esse alicerce como tão repugnante quanto um cemitério, tão morto e inútil para ele. Um marido mais velho do que a esposa, que a via nadar um lago difícil para levar um prémio à outra margem, não era apenas instruído a respeitá-la, mas ajudado a sentir vontade de a aplaudir pelo progresso rumo à maturidade. Uma mancha na camisa de um homem desonesto nos negócios não surgia apenas para lhe lembrar o comportamento "sujo", mas para reacender nele o amor-próprio manchado.

O quarto tipo de material onírico, a que Cayce chamava muitas vezes "visão" ou "visionário", está tão dedicado a mudar o sonhador quanto a imagética literal está dedicada a informá-lo. Tal como os emblemas, este material contém sentido e impacto, mas aqui o impacto vem primeiro, e é radical. Cayce via pessoas comuns como capazes, embora raramente, de sonhos de grande poder poético, desde que estejam verdadeiramente a procurar crescer. Entre as cenas agitadas que enchem a noite, surge de tempos a tempos um sonho que parece ter saído das páginas da mitologia ou da Escritura.

Um desses sonhos foi um do próprio Cayce. Veio dois anos depois da perda do hospital e da universidade, quando ele ainda lutava por

descobrir o significado do seu dom e como ganharia a vida. Fez parte de uma série de sonhos, ao longo de vários anos, que o levou a colocar a sua confiança no Criador, e não em doadores ricos ou no impacto produzido pela sua própria clarividência. Representava também com exatidão o seu sentido íntimo de missão na vida, no conflito de forças mais do que pessoais. E, no clímax, conduzia-o a uma afirmação intensamente pessoal que podia partilhar com outros no seu trabalho. A riqueza de pormenores exprimia uma psique que o tornara não só um fotógrafo competente, mas também um artista premiado em fotografia.

Eu ia a caminho de um acampamento; levava uma correia ao ombro com uma pequena caixa que me lembrava um estojo de lunetas, mas eu sabia que tinha nela uma mensagem que devia levar a quem fosse o comandante do exército para onde eu ia.

A pequena caixa com a mensagem era um símbolo que se repetia nos seus sonhos, representando o seu sentimento de que tinha algo importante a transmitir às pessoas no estranho e desajeitado trabalho de falar em transe. O sonho continuava:

Foi uma subida difícil por cima da montanha.

Este símbolo também aparecia frequentemente, e as suas leituras chamavam-lhe o sentido da sua jornada de vida, subindo para uma melhor sintonia com o seu Mestre.

Desci para o acampamento muito cedo de manhã; estava apenas a clarear. Ao descer para a pequena ravina, sabia que havia ali um regato de água não mais largo do que o passo de uma pessoa.

O símbolo de água fresca repetia-se nos seus sonhos, e ele passou a vê-lo prontamente como as suas leituras o designavam — "a água viva" da espiritualidade, que deve ser oferecida às pessoas ajudando-as onde precisam, o melhor que se puder.

Vi uma hoste de homens vestidos de branco: sapatos brancos, calças, casaco e capacete. Cada um tinha duas correias ao ombro, uma com um recipiente grande parecido com um cantil.

Seres vestidos de branco simbolizavam para Cayce — como para outros — aqueles que eram puros no serviço do divino. A imagem aparecera-lhe até em visões em vigília, várias vezes na vida.

E estavam em grupos de quatro, junto de um fogo com uma pequena frigideira por cima. Faziam o fogo com algo que despejavam do cantil; parecia serradura, mas era vermelho, verde e castanho, e podia ser cortiça moída ou serradura. Do outro recipiente despejavam algo sobre a frigideira e, quando mexiam, parecia uma omelete, ou simplesmente algo bom para comer, mas eu não sabia o que era. Não vi braços, espingardas, espadas, nem nada do género; e, no entanto, eu sabia que era um exército.

A imagem do guerreiro do Senhor era também tão forte para Cayce que lhe apareceu pelo menos uma vez numa visão em vigília.

Eu não conhecia ninguém, mas por toda a ravina via as pessoas a prepararem o pequeno-almoço em grupos de quatro. E perguntei-lhes onde estava o homem responsável. A tenda dele ficava mais acima ou mais abaixo na ravina. Ao longe, eu via uma grande tenda branca.

Não foi a única vez que sonhou ser conduzido até à pessoa invisível que mandava.

Um aqui e outro ali iam-se juntando para me mostrar o caminho. Passado algum tempo, cheguei a um lugar onde, à direita, havia outra pequena ravina que virava para a direita. E quando ficámos mesmo em frente a essa entrada (eu e os que vinham comigo), ouvimos, vindo de dentro da escuridão, alguém a caminhar sobre gravetos. Ouvíamos os gravetos a partir-se, e parámos para escutar.

Apareceu uma hoste de pessoas vestidas de escuro; não de pele escura, mas de roupa escura, não preta, mas cinzentos escuros, castanhos e semelhantes. Todas as suas vestes eram escuras.

Era típico de Cayce ver as "legiões das trevas" não como pretas, mas apenas vestidas de escuro. Acordado ou a dormir, consciente ou em transe, debatia-se com pessoas que considerava erradas ou iludidas, mas para ele não eram monstros — apenas pessoas na escuridão. O seu

não era um cosmos paranoico a preto e branco, por mais genuínas que lhe parecessem as divisões.

Então um anjo de luz colocou-se entre nós, de modo que não conseguíamos ver a multidão ou o grupo de pessoas vestidas de escuro.

O símbolo do anjo era tão familiar para Cayce como a sua Bíblia, tantas vezes lida. Ainda assim, o conceito nunca foi, para ele, um cliché, tanto por algumas visões intensas que tivera na vida como pelo assombro que tocava até as suas leituras nas poucas vezes em que o tema dos anjos passava para primeiro plano.

Então apareceu o anjo das trevas. As figuras dos anjos eram muito maiores do que nós, como homens — mais altas, mais pesadas: naturalmente, o seu semblante era muito mais luminoso. Quando apareceu o anjo das trevas, era escuro como as pessoas que liderava, mas muito maior. As suas asas eram algo como asas de morcego; e, no entanto, eu sabia que não eram penas nem apenas carne, mas o meio de ir depressa para onde se desejasse.

A imaginação de um fotógrafo-artista estava claramente em ação. Cayce estava a viver uma experiência, não apenas a contemplar uma ideia no sonho.

As asas pareciam ir desde os lombos até aos ombros, em vez de serem apenas algo a crescer do corpo — tanto no anjo das trevas como no anjo da luz. O anjo da luz tinha asas parecidas com asas de pomba, mas estendendo-se dos lombos aos ombros, deixando os braços e as pernas livres.

Agora começava a ação.

O anjo das trevas insistiu que ele (o anjo da luz) não devia impedir o caminho e exigiu que houvesse uma luta entre alguém que ele escolheria e alguém que o anjo das trevas escolheria.

Então, entre as duas hostes, abriu-se um espaço, algo como uma arena, e eu fui escolhido para lutar contra as hostes das trevas. E estávamos a lutar corpo a corpo.

Eu sentia que ainda não tinha entregue a minha mensagem e não sabia exatamente o que faria a esse respeito — que tinha esperado tanto tempo e não lhes tinha dito o que viera fazer; e perguntava-me porque me tinham escolhido.

Aqui surgem as ansiedades pungentes de Cayce sobre a sua vida, o seu dom, a sua mensagem. Não podia adivinhar que, em menos de dois anos, seria por momentos preso em Detroit por exercer medicina sem licença. Na altura, as suas ansiedades em vigília estavam mais ligadas a dinheiro — até a conseguir o suficiente para ele e a família comerem, como alguns dos seus sonhos mostravam.

Eu ainda conseguia sentir a correia e a pequena caixa. Só tinha aquela caixa e perguntava-me porque não tinha fome, como os outros pareciam ter para comer, mas eu só tinha a mensagem para levar.

Depois comecei a perguntar-me se a minha força me faltaria — se o ímpio ou criança das trevas me atiraria ao chão. Seria uma coisa terrível.

Parte da experiência de Cayce sob stress, como os seus sonhos mostravam com clareza, não era apenas uma tendência para a depressão, mas também uma tendência para querer corresponder às mulheres atraentes que muitas vezes o rodeavam — tendência que combatia com um sentido vivo da sua realidade e do seu potencial perigo, tanto para a família como para o trabalho ou "mensagem".

Mas eu sabia que, se conseguisse lembrar-me de uma palavra para dizer, ele não conseguiria; e tentei e tentei pensar e não encontrava. Não me conseguia lembrar do que estava escrito na mensagem que eu devia levar.

Por fim, como que vindo do centro de mim, vieram as palavras que eu disse em voz alta: "E eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo!" Ao dizer isso, todos os das trevas recuaram, e houve um grande clamor que ecoou pela ravina acima e abaixo vindo das pessoas vestidas de branco. E quando recuaram, o líder ou anjo das trevas (enquanto aquele com quem eu lutava se afastava) estendeu a mão esquerda e atingiu-me na anca esquerda.

Isso acordou-me; e eu tinha uma dor terrível na anca.

O fecho do sonho assemelhava-se de forma inconfundível ao sonho bíblico de Jacob a lutar com o anjo. Revelava também Cayce como alguém consciente de que não era — nem seria — um homem de comportamento e virtude perfeitos, mas alguém tocado e ferido pelas trevas tal como os outros — uma avaliação coerente com os seus restantes sonhos.

Mas o coração da visão era a citação bíblica que surgia como do centro do seu ser, definindo o seu trabalho como mais do que uma novidade psíquica: um meio de despertar as pessoas para a presença infalível de Deus. Contudo, para o dizer, para "entregar a sua mensagem", com palavras e vida, Cayce tinha de manter o pensamento central bem presente — no meio das suas próprias aflições. Se a mensagem não se aplicasse a ele na sua incerteza e dificuldades financeiras, como poderia dá-la aos outros?

Nesta visão, o pensamento central não era tão diferente daquele que o atingira em vigília quando, dois anos antes, perdera o hospital e sentira vontade de morrer — como as suas leituras lhe disseram. Então, um dia, relatou: "Na igreja, as palavras do hinário falaram-me e dançaram diante dos meus olhos. As palavras 'A minha graça te basta' pareceram ficar-me gravadas."

Poucos dos sonhos de Cayce — e poucos dos sonhos daqueles a quem aconselhou — eram tão nítidos como este sonho simbólico das legiões de luz e de trevas, com a sua pequena mas sólida caixa a transportar o pensamento certo para ele e para os poucos que o seguiam. Ainda assim, tais sonhos aconteciam, e Cayce atribuía-lhes peso.

Seriam esses sonhos expressão de doença mental? Era preciso interpretar o sonhador, não apenas o sonho. Se a vida de Cayce se organizava em torno de motivos religiosos e se ele se sentia em grande aflição vocacional, talvez tais símbolos fossem adequados e não patológicos. Noutra fase da vida, quando fosse um homem de negócios bem-sucedido a ficar nos melhores hotéis, esses símbolos poderiam ter

uma qualidade diferente e mais ominosa. Então poderia ouvir, nas suas leituras, o tipo de repreensão que um dos seus sonhadores ouviu, ao relatar uma experiência onírica que dizia: "Compra ou vende quinhentas ações da General Motors. Eu sou o Senhor teu Deus."

Que o sonhador não estava a receber orientação divina, disse Cayce na leitura, era óbvio pelo facto de as instruções sobre se devia comprar ou vender não serem claras. Advertiu-o de que um sonho assim apontava para falta de equilíbrio tanto na compreensão como nas ações na vida do sonhador. A linha entre ajuda divina e doença mental podia ser fina, mas existia. Era, de facto — nas palavras já citadas a propósito da ambição de um sonhador de impressionar os outros prevendo a própria morte — "um abismo intransponível". Nem todo o conteúdo simbólico grandioso vinha para encorajar o sonhador; podia também surgir como uma caricatura severa da sua própria pretensão.

Dada a incerteza na interpretação de qualquer tipo de conteúdo onírico, pode alguém alguma vez ter certeza na interpretação de sonhos?

Pergunta: Será Possível Ter Certeza na Interpretação de Sonhos?

A primeira resposta de Cayce a esta pergunta estava em consonância com a sua ênfase no papel da "experiência" nos sonhos. Se a função de muitos sonhos é fazer avançar o sonhador na sua vida e crescimento totais, então esse avanço é também uma função importante da interpretação. Uma má interpretação que capta apenas parte do sentido do sonho, mas põe o sonhador a pensar sobre um aspeto importante da sua vida, não é assim tão má, afinal. Cayce valorizava mais o avanço do que o anúncio.

Mas, naturalmente, aqueles que tentavam interpretar os seus sonhos com ajuda queriam meios fiáveis para validar as suas interpretações. Ele oferecia três meios.

O primeiro é a comparação dentro dos próprios registos de sonhos. Mais vezes do que não, vários sonhos de uma mesma noite focam a mesma questão, problema ou despertar. O que é claro num sonho deve lançar luz útil sobre os outros dessa noite. Certamente,

episódios sucessivos do mesmo sonho, por mais ilogicamente ligados que pareçam à superfície, devem ser examinados para os mesmos motivos, quer se repitam uma e outra vez, quer sejam desenvolvidos em segmentos. E as interpretações de um sonho devem ser comparadas com interpretações anteriores de sonhos semelhantes. Com frequência, Cayce usava nas suas leituras a expressão "como já se viu", para remeter para sonhos anteriores e convidar o sonhador a interpretar à luz de todo o seu corpo de sonhos registados, em vez de "disparar" sobre um sonho de cada vez.

As interpretações de sonhos podem e devem ser validadas em parte por comparação com materiais oníricos anteriores, observando as mudanças. Se um tema se repete com frequência, é provável que o sonhador ainda não tenha percebido a mensagem — ou não tenha agido sobre ela. Mas, se um tema mostra progressão em sonhos sucessivos — por exemplo, um abrandamento da voracidade sexual com respeito pelo(a) amante —, então o sonhador pode concluir que está a interpretar o material onírico de forma eficaz e a progredir nas forças dentro de si que produzem os sonhos.

Em segundo lugar, o sonhador pode validar as suas interpretações comparando-as com as suas impressões subjetivas sobre essas interpretações. Uma sensação de alívio do pânico interior pode sinalizar uma interpretação acertada, por mais desagradável que seja a verdade que o sonhador tem de enfrentar. Uma sensação de alerta acrescido — estar "ligado" sem medo excessivo — pode indicar que se chegou corretamente a um aviso de algo desfavorável nos assuntos externos, pressagiado no sonho. Uma relativa certeza interpretativa pode seguir-se ao reconhecimento de como um determinado tema se repete numa série de sonhos — pois a certeza psicológica nasce da repetição estável, da perceção de processos com lei, segundo Cayce. E o despertar forte de novas resoluções ou sentimentos, novas posições perante a vida, pode também sinalizar que se tocou a mensagem essencial de um sonho.

Cayce encorajava os seus sonhadores a confiarem na "voz mansa e subtil interior", uma vez que aprendessem a distingui-la do clamor da

consciência, da ansiedade ou da racionalização. Era uma voz de que podiam servir-se, quer para orientação na interpretação dos sonhos, quer para orientação ao conduzir um carro, negociar um acordo ou levar um argumento.

Em terceiro lugar, Cayce oferecia aos sonhadores um teste mais abrangente para a validade das interpretações. Dizia-lhes para olharem para a qualidade das suas vidas. Se estavam a crescer, se funcionavam eficazmente nos seus ciclos de vida, então era provável que estivessem a compreender e a trabalhar com — e não contra — a corrente principal do conteúdo onírico.

O teste da vida podia ser tão simples como avaliar o grau de rabugice. Mas melhor do que examinar a própria vida para se aprovar ou desaprovar a si mesmo era examinar a qualidade das relações. Cayce nunca se cansava de sublinhar a importância absoluta dos "frutos do espírito" ao determinar a qualidade progressiva de uma vida. Paciência, bondade, prestabilidade, tolerância — não são marcas de um carácter fraco e feminino, segundo Cayce, mas de alguém que se encontrou a si mesmo e ao seu Criador e não projeta os seus medos nos outros.

O sonhador cujos associados mais próximos — família, parentes, colegas e parceiros de negócios — lhe dão aprovação dia após dia é o sonhador que possui o melhor teste global, ainda que geral, da validade do seu trabalho com os sonhos. São estas as pessoas que povoam a maioria dos sonhos, dizia Cayce, precisamente porque são aquelas que conhecem com maior clareza o ser e o comportamento do sonhador.

Nem as competências práticas do dia-a-dia devem ser ignoradas, nesta forma de estimar a validade das interpretações. Quando trabalha bem com os seus sonhos, dizia Cayce a propósito de um sonho, o sonhador deveria jogar golfe melhor. Deveria tomar melhores decisões de negócios, fazer melhores discursos, ganhar melhor dinheiro — sendo tudo o resto igual. Uma mulher deveria descobrir-se mais alerta a perigos e doenças daqueles de quem cuida. Deveria vestir-se com melhor gosto, receber melhor, raciocinar melhor sobre política ou religião, comprar melhor e supervisionar melhor empregados — em

todas as matérias em que ele mostrava aos sonhadores que eram ajudados pelos seus sonhos.

E, por fim, como parte deste terceiro tipo de validação pelo impulso e pela qualidade da vida do sonhador, dizia-lhes que podiam confiar nas avaliações feitas por aqueles que com eles se comprometiam num grupo de busca espiritual, como Cayce encorajava todos os sonhadores a fazerem no período posterior ao hospital. Aqueles que se reuniam com um sonhador para falar com honestidade e profundidade, semana após semana, sobre os tecidos reais das suas vidas, não seriam facilmente — nem totalmente — enganados a seu respeito, especialmente se rezassem uns pelos outros diariamente, como deveriam. As interpretações de sonhos podiam ser testadas junto deles, pois os membros do grupo podiam interpretar a vida do sonhador, não apenas o sonho.

Pergunta: Como Pode Ser Melhorada a Utilidade dos Sonhos?

Poucas das afirmações de Cayce aos sonhadores que orientou foram melhor verificadas do que a sua afirmação de que os sonhos mudariam à medida que se trabalhasse com eles.

Os sonhos mudavam em extensão. Primeiro vinham recortes. Depois, por algum tempo, vinham sonhos longos e divagantes, como se o sonhador andasse a percorrer as terras da sua propriedade interior. Depois, os sonhos ganhavam definição mais nítida. Em parte, isto acontecia porque os sonhadores aprendiam a reconhecer quais os sonhos importantes a recordar e a submeter a Cayce. Mas, em parte, as próprias psiques pareciam passar a apresentar o conteúdo e a experiência desejados de forma mais precisa: em comentários concisos, em cenas que traziam consigo pensamentos interpretativos.

Os sonhos também passaram a conter mais experiência religiosa, ao longo de anos. Uma parte desta mudança pode ter refletido a orientação do próprio Cayce. Outra parte pode ter resultado do stress em que o sonhador era colocado ao descobrir que podia sonhar com ações, com encontros com os mortos, com vidas passadas, com doenças e curas. Fazer isto na cultura americana era estranho — fosse o

que fosse, segundo se dizia, no Tibete — e levantava, para o sonhador, questões últimas sobre a vida. Mas outra parte da mudança pode ter vindo da própria clareza mental do sonhador e da capacidade da sua alma ou do seu supraconsciente de chegar até ele, depois de ele ter lidado com pressões de material subconsciente mais imediato.

Os sonhos mostravam tendência para revisitar temas familiares em níveis cada vez mais profundos. Um homem cujos primeiros sonhos sexuais enfatizavam sobretudo controlos encontrou o tema do sexo a regressar numa série de sonhos, muitos meses depois, em que se enfatizava a compaixão juntamente com a paixão. Mais tarde ainda, houve sonhos seguidos de uma revisão minuciosa de toda a sua vida sexual, em que uma voz explicava, no fim, que a coroação da masculinidade era a dádiva de semente aos outros — semente para o crescimento total deles; era a ideia grega do *Logos Spermatikos* a desenvolver-se nos sonhos de um homem de negócios do século XX sem educação clássica (mas que tinha sido, dizia Cayce, grego numa vida passada).

Os sonhos mostravam ciclos que analistas também observaram: períodos alternados de semanas ou meses em que "erguiam" o sonhador, com outros períodos durante os quais o "desmontavam". Era como se a psique o elevasse sistematicamente a novos patamares de maturidade e depois moesse, sem piedade, as suas impurezas, até chegar o tempo de o mover de novo.

Uma característica marcante do registo de sonhos de um homem foi o surgimento de uma voz que lhe falava nos sonhos, salientando o ponto principal de um sonho, comentando cenas oníricas, ou simplesmente instruindo-o ou repreendendo-o. Outros também tiveram este fenómeno, mas nunca de forma tão dramática como ele.

Cayce insistia que o modo de sonhar de cada pessoa é tão individual como a sua impressão digital — ou como as marcas da alma na sua longa viagem através de muitas vidas.

Outra forma de mudança residia na proximidade entre sonhos e impressões em vigília. Alguém que sonhara que falava com os mortos

noutro plano começou a sentir a presença e os pensamentos deles em momentos de quietude durante o dia. Um homem que sonhava com movimentos de ações antes de estes ocorrerem começou também a sentir, no frenesim das transações no piso da bolsa, o que aconteceria a seguir com determinadas ações. Uma mãe que sonhava com as necessidades de saúde do bebé começou a saber, acordada e com exatidão, quando ele estava doente e quando apenas inquieto. Um jovem tímido e dado a discutir com desconhecidos não só passou a sonhar sobre como se relacionar com cada um, como também a sentir impulsos espontâneos sobre como abordar pessoas e como ouvi-las.

Uma mudança digna de nota, ocorrida ao longo de vários anos de estudo, foi a passagem para preocupações maiores do que os assuntos pessoais do sonhador. Questões políticas, tendências religiosas, necessidades de nações pouco desenvolvidas, o conflito de valores modernos, a longa viagem da alma, o controlo de epidemias — estes temas começaram a entrar no foco dos sonhos. Era como se o sonhador atravessasse as suas próprias camadas até chegar aos estratos que partilhava com outros no seu tempo. É certo que Cayce dizia que os temas que emergiam assim eram coloridos pelos interesses do sonhador, desenvolvidos em vidas passadas. Mas não minimizava a importância do sonhar transpessoal, uma vez que o sonhador tivesse tomado firme posse da sua própria vida. Pelo contrário, dava a esses sonhos atenção vigorosa, pois encaixavam na sua insistência de que nenhuma vida é plenamente vivida se não for vivida para os outros.

Por fim, os sonhos daqueles que Cayce orientou ofereceram-lhes novas experiências ao longo dos anos. Algumas eram radicais. Quando um sonhador encontrou pela primeira vez, em sonho, um progenitor falecido, ficou abalado durante semanas. O efeito era ainda maior quando os sonhadores tinham as suas raras mas decisivas experiências de encontrar Cristo em sonhos. Mas até a experiência de observar os pensamentos e sentimentos exatos de alguém vivo os marcou.

Outras novas experiências eram menos surpreendentes e mais aventureiras: vislumbrar uma cena de uma vida passada; obter um desenho de uma invenção; percorrer uma paisagem marítima onírica de

beleza radiante; descobrir que duas pessoas tinham sonhado o mesmo sonho na mesma noite; sonhar o local e o tipo de baú em que um tesouro estava enterrado; sonhar com um amigo pouco antes de ele chegar.

Tipicamente, o sonho de "nova experiência" sinalizava a adição desse tipo de sonho ao repertório permanente do sonhador. A partir daí, poderia sonhar nesses termos em qualquer altura — e, de facto, era provável que o fizesse. Pois, uma vez que a psique abre a porta a um certo tipo de sonhar, parece programar uma série desses sonhos, para treinar o sonhador nesse novo tipo — desde que o sonhador queira sonhar assim. A escolha parece estar presente nos tipos de sonho. Cayce disse a uma mulher que gritara de susto ao ver o irmão falecido num sonho que não precisava de ter medo: tais sonhos não voltariam se ela não os quisesse — ou se não os procurasse secretamente, pela novidade e pela emoção, nalgum recanto da mente.

Se os sonhos mudam de forma tão marcada, ao longo dos períodos em que são estudados e usados, será possível cultivá-los deliberadamente?

A primeira resposta de Cayce à questão de cultivar sonhos mais claros e mais úteis era sempre a mesma: usar os sonhos. Um amante de fotografia que se viu, em sonho, a entrar no seu laboratório e a encontrar a luz de segurança estilhaçada no chão foi informado, sem rodeios, de que a sua luz interior orientadora se apagaria se não a usasse com mais fidelidade. Entre os avisos que Cayce repetia com insistência estava: "Saber e não fazer é pecado." Um sonhador que via antigos guerreiros armados para a batalha, mas a banquetear-se indolentemente com delicadezas de fruta, foi informado de que a sua própria inércia perante os impulsos do sonho o tornava tão ridículo aos olhos do seu eu superior quanto aqueles guerreiros.

Ainda assim, dizia Cayce, nem a atividade cega nem o estudo compulsivo dos sonhos melhoram a qualidade dos sonhos. Toda a pessoa que procura crescer, quer em sonhos quer acordada, tem de encontrar e avaliar os seus próprios ideais operativos. As palavras não bastam. Pode-se professar amor a Deus e querer apenas lisonjeá-Lo,

dizia Cayce numa leitura em que desafiou um sonhador a distinguir entre o clamor profundo: "Como o cervo anseia pelas correntes das águas, assim a minha alma anseia por Ti, ó Deus", e a afirmação prudente: "Sei que Tu és um Deus justo, que recompensa os que procuram a Tua face." Toda a diferença entre um grande ideal e um ideal mesquinho encontra-se nessas duas citações bíblicas.

Os ideais que contam localizam-se nos apertos difíceis da vida — no poder, na riqueza, na fama, na morte, no sexo; o que é que o sonhador realmente pensava e fazia acerca dessas coisas, e porquê? O ideal era de facto seu, nascido de reflexão, decisão e mais reflexão? Ou era apenas convenção?

Depois de clarificar o seu ideal mais profundo, por mais difícil que seja pô-lo em palavras e imagens, deve começar a alinhar a sua psique em harmonia com ele; caso contrário, os sonhos mostrar-lhe-ão um conflito constante consigo mesmo. Parte desse alinhamento da psique com o seu ideal — e, em última instância, com o seu Criador — é deixar de lado o medo nascido de erros passados. Existe, de facto, um medo saudável que uma alma deve ter, dizia Cayce, se vira repetidamente as costas ao melhor que conhece. Mas a ruminação mórbida sobre erros e excessos passados não tem lugar num programa de melhoria dos sonhos. Cayce era firme nisso, resistindo sempre que via condenação própria e insistindo em que a culpa fosse substituída por ação no presente.

Numa das suas afirmações mais surpreendentes, disse a um sonhador com memórias desagradáveis de indulgência sexual à custa das mulheres da sua vida que "nenhuma condição se perde jamais". Seja qual for a falha, até a crueldade, se o sonhador entregar a vida, de forma firme, ao melhor que conhece, acabará por ver os seus frutos amargos transformarem-se, ao longo dos anos, em vinho de compreensão para os outros. Aquilo que foi o seu "obstáculo", dizia ele muitas vezes, pode tornar-se a sua própria "pedra de apoio" rumo ao amor e ao auxílio aos outros, por ação de profunda sensibilização — desde que a psique esteja orientada de modo a permitir essa transmutação.

Cayce ensinava aos seus sonhadores outros procedimentos amplos. Deviam construir a sua própria filosofia de vida, para que toda a mente operasse com convicção, descendo pelo subconsciente até à alma. Deviam levar para a vida desperta o sentido dos símbolos oníricos, nos símbolos que usavam no quotidiano — desde a decoração de um escritório até "selos de vida" simbólicos que poderiam criar para as paredes, como uma espécie de brasão da alma. Deviam estudar novos tipos de sonhar, impregnar-se de grandes símbolos de culturas antigas, rezar por orientação acerca de conteúdos oníricos particulares, registar as impressões de vigília no mesmo dia em que sonhavam determinado tema.

Ele também lhes ensinava artifícios de interpretação por preceito e por exemplo. Devia-se, como ele fazia, procurar primeiro o impulso global de um sonho. Terminava bem ou mal? Que atitude ou estado de espírito global despertava no sonhador, e por que razão isso poderia ser apropriado? Um sonhador viu um amigo judeu a obrigar a esposa a cantar hinos cristãos. Cayce disse-lhe que não deveria ter dificuldade em ver, nesse sonho, as suas próprias tendências para forçar convicções aos membros da família.

Que escolha o sonho apresentava, se alguma? Um homem viu-se, em sonho, a planear lançar fogo-de-artifício para entreter raparigas na praia, mas os foguetes foram tirados e lançados por outra pessoa, que ganhou os aplausos dos espectadores, enquanto o sonhador ficou desconsolado. No entanto, ao observar o fogo-de-artifício, a sua atenção foi captada pela beleza das faúlhas que persistiam no céu e se refletiam no oceano antigo. A escolha, disse Cayce, era uma que surgiria muitas vezes: jogar pelo aplauso dos semelhantes ou manter o olhar nas faúlhas do eterno, que se podem seguir nos semelhantes e em toda a criação.

Um marido encontrou-se, em sonho, a seguir uma rapariga atraente que balançava as ancas numa caminhada sugestiva pela rua; mas também reparou que, quando ela chamou um táxi, sabia exatamente para onde ia e resistia a avanços feitos a ela. Qual forma de se relacionar com os outros iria o sonhador seguir?, perguntou Cayce.

Um caminho de sedução, ou um caminho de conhecer tão bem os seus propósitos que os outros se sentem atraídos — e não distraídos?

Nem todas as referências oníricas precisam de ser complicadas. O próprio Cayce sonhou com Salomão e foi prontamente informado, numa leitura, de que devia procurar a sabedoria de Salomão, mas sem a sua predileção por mulheres. Uma mulher que se sonhou num navio em nevoeiro foi informada de que estava verdadeiramente "à deriva" na vida. Um homem de negócios que via duas figuras no sonho, uma gorda e outra magra, foi informado de que sonhara um desenho animado de duas atitudes perante uma situação no trabalho: otimismo gordo e pessimismo magro.

Mas a nota que regressava como um fio de prata nas setecentas leituras de sonhos de Cayce, sempre que explicava como melhorar o sonhar e a interpretação, era familiar em todos os tipos de leitura — médica, de vida, de negócios, temática. Essa nota era o serviço.

Para alguns sonhadores, serviço através do sonhar significava literalmente sonhar pelos outros e dar-lhes ajuda e aconselhamento. Mas tais sonhadores eram poucos entre os que consultavam Cayce. Outros foram encorajados a desenhar ou escrever histórias baseadas nos seus sonhos. Ou a partilhar dicas de bolsa obtidas pelos sonhos. Ou a aprender, a partir dos sonhos, leis do desenvolvimento humano e ensiná-las a turmas de adultos interessados. Ou a ensinar outros a sonhar. Ou a rezar por aqueles que lhes eram apresentados nos sonhos. Os dons de cada um eram diferentes.

Qualquer que fosse o dom, dizia Cayce, há uma lei para o seu desenvolvimento que se aplica a todos os dons. A sua primeira aplicação tem de ser para os que estão mais próximos do sonhador. Se alguém não consegue ser amoroso com a esposa, nenhum sonho o ajudará a despertar amor nos outros. Se não consegue ensinar aos filhos os fundamentos da vida, não faz sentido pregá-los mais longe. Se não consegue orientar um parceiro numa decisão de negócios por meio de sonhos, não pode esperar orientar o governo. É o caminho do crescimento. Primeiro, o sonhador tem de mudar e crescer. Depois, tem de encontrar uma forma de partilhar o seu crescimento em serviço

discreto aos mais próximos, no quotidiano. Só então poderá ter sonhos que, ocasionalmente, ajudem líderes da sua profissão, da sua classe social, da sua escola artística ou do seu movimento reformista — ajudando-o a ajudá-los.

É uma lei sublinhada pelo fracasso dos primeiros sonhadores que Cayce treinou em manter o alto potencial que via neles e que por vezes realizavam, tanto nos sonhos como na vida. Afastaram-se uns dos outros nas suas famílias. Isto foi um golpe que a psique em tensão não conseguiu sobreviver, dizia Cayce, enquanto procurava os cumes do sonhar. Com os sonhadores seguintes, pôs a primeira ênfase não na competência onírica, mas em amar e produzir. Havia amar e produzir na família; havia amar e produzir no trabalho diário; havia amar e produzir na fraternidade reunida dos que se encontravam para estudar e rezar. Só este rumo — o rumo de dar, dar, dar — manteria o fluxo dos sonhos limpo e cada vez mais forte.

O seu juízo mostrou-se acertado. Sob este tipo de orientação, donas de casa tornaram-se autoras — e mantiveram-se boas esposas. Um capitão do mar tornou-se administrador de uma sociedade de investigação — e continuou a ser um bom capitão. Um chefe de escuteiros tornou-se formador em dinâmica de grupo — e manteve o humor. Uma professora tornou-se líder de oração — e melhor professora. Uma estenógrafa tornou-se curadora de registos de PES — e aprendeu a gerir outras estenógrafas. Uma mãe tornou-se médium — e continuou a ser uma boa mãe.

Cada uma destas pessoas trabalhou com os seus sonhos — e trabalhou arduamente neles — durante anos. Nenhuma rasgou o tecido da sua vida.

Se os sonhadores de Cayce queriam crescer no sonhar, tinham de crescer em conjunto.

PARTE III

PES NOS SONHOS

CAPÍTULO IX

SONHOS DO FUTURO E DO PRESENTE DESCONHECIDO

O século da redescoberta dos sonhos foi também o século da investigação científica de fenómenos psíquicos. Dois tipos de investigação encheram prateleiras de bibliotecas com livros e revistas sobre telepatia, clarividência, mediunidade, psicocinesia, sobrevivência após a morte, radiestesia, visões induzidas por drogas e orientação de animais. Um tipo foi a recolha de experiências espontâneas — o trabalho de naturalistas da mente. O outro foi o estabelecimento de variações regulares nos fenómenos — o trabalho de investigadores de laboratório. Ambos produziram quantidades impressionantes de dados.

Ainda assim, a experiência psíquica não pode ser chamada um facto científico. A primeira e mais importante razão é a falta de uma teoria adequada. Até se poder mostrar exatamente como os fenómenos psíquicos funcionam — como começam, variam e cessam —, os achados permanecem dados sugestivos. A teoria também é necessária para ligar acontecimentos psíquicos a fenómenos mais bem conhecidos da mente — memória, emoção, perceção e aprendizagem.

Uma segunda razão para o estatuto duvidoso dos fenómenos psíquicos na modernidade é que eles são muitas vezes associados a uma filosofia do dualismo — de duas substâncias básicas chamadas "matéria" e "mente" — uma filosofia pouco compatível com o pensamento científico moderno.

Uma terceira razão para o seu estatuto duvidoso é o facto de ainda não terem sido suficientemente domesticados para serem postos em uso prático.

A ciência pode lidar com processos estranhos, desde que consiga apresentar resultados — como a história da psicanálise demonstra.

Mas a receção fria dada aos fenómenos psíquicos na era moderna não fez desaparecer os relatos sobre eles. Edgar Cayce foi em grande

parte ignorado pelos cientistas da sua época, mas continuou a dar as suas leituras — fossem elas o que fossem. E as suas leituras insistiam que os fenómenos psíquicos eram processos naturais legítimos que podiam ser estudados, duplicados e aplicados. Especialmente nos sonhos.

Sonhar com o Futuro

No final da década de 1920, nenhum sonho do futuro poderia ser mais valioso para um investidor do que uma ajuda antecipada sobre o grande colapso bolsista de outubro de 1929, que deu início à Depressão e destruiu fortunas. Como os principais sonhadores de Cayce estavam ativos nos anos que precederam este colapso bolsista, tiveram uma oportunidade direta de usar os sonhos para se protegerem.

A primeira indicação do crash de 1929 surgiu no final de 1927, quando um dos sonhadores relatou a Cayce um tipo de sonho que já lhe era familiar: uma voz ou «entrevistador» do seu próprio subconsciente e supraconsciente conversava com ele.

Uma entrevista em que me foi dito que algo estava a acontecer ou iria acontecer na Steel, que levaria a um mercado de baixa ou de liquidação de dois anos, no qual a U.S. Steel subiria apenas 5 pontos no final ou durante o curso de 2 anos.

Embora Cayce considerasse muitas vezes o conselho do entrevistador como literal, também relatou que os detalhes bolsistas podiam ser simbólicos — como neste sonho. O que o sonhador estava a ver para os dois anos seguintes era a sua própria oportunidade de «liquidar» ou ganhar dinheiro com orientações bolsistas do seu «entrevistador» ou voz interior durante esse período. Mas vinha acompanhado de um aviso: se não usasse eficazmente a sua capacidade de ESP nos dois anos seguintes, não teria outra oportunidade de o fazer até que ocorresse o lapso de «cinco pontos» ou «cinco anos». Em outras palavras, o sonhador tinha até 1929 para ganhar muito dinheiro em ações através dos sonhos, ou teria de esperar até 1932 para voltar a obter ganhos significativos.

Algumas semanas mais tarde, ele sonhou novamente dentro deste calendário do futuro.

Entrevistador: «As condições vão durar um ano e meio.» Minha resposta: «Não encontro as condições.» Entrevistador: «Não, não as vês agora, mas vais encontrá-las.»

Interpretando o sonho, Cayce aconselhou o sonhador a recordar como ele se preocupava em obter fundos para estabelecer o Hospital Cayce. O sonho trouxe uma resposta a essa preocupação. Segundo Cayce, a essência da garantia era que, durante dezoito meses, o sonhador continuaria ansioso quanto aos fundos e que, no final desse período (início de 1929), «grande será a entrada de muitas fontes», pois «em grande número, em grandes quantidades, serão os meios para continuar». Mas Cayce foi claro ao afirmar que a promessa de muito dinheiro não se estendia para além desse período. Como se verificou, tanto o sonhador como Cayce estavam corretos. Houve mais dezoito meses de trabalho árduo. Depois, no início de 1929, o dinheiro começou a entrar em grande quantidade. Os sonhadores tornaram-se rapidamente milionários e Cayce passou a ter grandes contas de ações; o hospital foi estabelecido nesse ano e foram traçados planos para a universidade. Foi o período de maior riqueza na carreira de Cayce.

Exatamente um ano antes do crash, um sonho sobre ações da Montgomery Ward levou o sonhador a perguntar sobre o «colapso geral» que sentia aproximar-se. Cayce confirmou que haveria uma «quebra geral» que começaria nas ferrovias, mas que, se o sonhador e os seus associados continuassem a seguir a orientação interior, teriam então «poder e abundância».

Em janeiro de 1929, um sonho com orientação bolsista do seu pai falecido levou um sonhador a perguntar: «Isto significa que devemos vender tudo? Qual seria o momento certo para o fazer?» Cayce assegurou-lhe que o pai apenas lhe mostrara o início da quebra que viria mais tarde nesse ano. Na mesma noite veio um aviso ao sonhador sobre mensagens que ele procurava através de um médium. A fonte foi contrastada com o pai do sonhador, cujas mensagens em sonhos ele aprendera a confiar.

Estava sentado na escola com o meu irmão. O professor estava lá. Fez-nos algumas perguntas. Respondi a uma pergunta e disse: «Estou em sociedade com o meu irmão na Bolsa de Valores.» O meu irmão interrompeu de forma irritada, dizendo: «Isso é o Pop.» Depois o professor mostrou-me um indivíduo de aspeto muito feio, uma pessoa de aparência bastante feroz. Todos os outros se afastaram. O professor deu-me uma luva virada do avesso. Dentro dessa luva estava a proteção contra o indivíduo. Corremos para o corredor tentando escapar. Parecia um indivíduo astuto — tentou representar-se mal.

Segundo Cayce, o sonhador vira corretamente uma lição — sugerida pelo cenário escolar — de que havia desencarnados que dariam orientações duvidosas através de um médium, mesmo que por vezes dessem orientações factuais. Ele alertou que os dois irmãos poderiam ser «desviados» por tal «representação errada das várias fases dos fenómenos» e aconselhou-os a procurar proteção ou «cobertura» de «dentro» — representada pela luva —, ou seja, sintonia interior com o divino, e não apenas com desencarnados.

Foi a mediunidade que eventualmente os levou a problemas na sua atividade bolsista, bem depois do crash de 1929. Mas não houve dificuldades nos seus sonhos.

Em março de 1929, um dos irmãos teve um sonho marcante.

Recebi a impressão quanto ao mercado de que devíamos vender tudo, incluindo as ações em carteira. Sonho com a minha esposa e dois associados de negócios. Um touro parecia seguir o meu vestido vermelho. Tentei apanhar o touro. Alguma referência especial a Westinghouse e Wright Airplane.

O sonhador, disse Cayce, estava a ver uma «parábola» na qual o touro representava atitudes otimistas (bullish) sobre o mercado entre os seus associados, e as suas tentativas, juntamente com as dele, de sustentar o mercado. Mas a referência a Westinghouse e Wright como ações de um dos associados no sonho era um aviso ao sonhador para proteger as contas individuais que tinha a seu cargo, tal como protegeria a sua esposa de um perigo. Pois em breve haveria «tumulto

devido a estas muitas mudanças, como se verá num movimento descendente de longa duração». Ele aconselhou o sonhador a seguir um rumo de «não permitir, então, que essas ações que aparentemente até são muito seguras tenham demasiada latitude», e acrescentou que a impressão do sonhador «de que o corpo deveria dispor de todas as que detém — mesmo as em carteira — significaria a grande quantidade de mudança que viria».

Em mais de quatro anos, o sonhador nunca recebera um aviso onírico tão forte.

Numa leitura complementar dada no mesmo dia, Cayce acrescentou que o vermelho do vestido no sonho indicava o perigo no mercado de touro, e comentou que «aqui está uma esperada longa descida». No entanto, explicou que não haveria imediatamente «um verdadeiro mercado de urso», porque nos últimos meses houvera uma tendência muito maior para grandes combinações do que provavelmente alguma vez antes. Estas abrandariam a descida. Haveria também uma divisão importante nos círculos financeiros, e —

Essa luta mal começou. Quando esta questão se tornar central, podemos esperar uma quebra considerável e um mercado de urso, percebes? Esta questão [fiscal] sendo entre aqueles [que acreditam em usar] as reservas das nações versus as dos indivíduos. E isso causará — a menos que outra das condições bancárias mais estáveis venha em socorro — uma grande perturbação nos círculos financeiros.

Cayce estava a desvendar as características do colapso financeiro iminente, apontando para uma batalha decisiva entre representantes de duas políticas monetárias diferentes: os que achavam que as agências governamentais deveriam intervir, e os que acreditavam que a iniciativa financeira privada poderia salvar o dia.

No final de março, Cayce comentou material de sonho sobre a Macy's, dizendo que a Macy's e certas outras ações atingiriam alguns picos, mas que haveria «um longo movimento descendente», impulsionado pela proposta de investigação governamental sobre banca, federal e especulações de mercado. Também aconselhou os dois

irmãos sonhadores a desfazerem-se de um lugar extra na Bolsa de Valores que detinham, pois «estes estão perto de um pico por muitos dias vindouros».

Apenas algumas semanas depois veio um sonho estranho que levou Cayce a comentários extensos sobre o mercado bolsista. O sonhador relatou que adormecera depois de ler o Livro de Ezequiel e «procurar auxílio do divino». No sonho, era acusado de um assassínio que não cometera; estava em circunstâncias aparentemente desesperadas, mas não demasiado assustado — uma imagem bastante precisa de como o crash iminente o atingiria em breve. Notou especialmente o uso de injeções hipodérmicas no sonho. Cayce chamou-lhes emblemas precognitivos das injeções que os financeiros tentariam para sustentar o mercado. Prosseguiu:

Materialmente, estes estão divididos entre aqueles que considerariam o Conselho da Reserva Federal como o critério para a atividade, e aqueles que usariam os dinheiros nos vários centros para atividade relacionada com o mercado. Como indivíduos, estes não são tanto membros do Conselho — pois o próprio Conselho da Reserva Federal está dividido sobre a questão: indivíduos que tiveram um ideal quanto ao funcionamento do Conselho de um lado, e aqueles que usariam as capacidades do Conselho do outro. E cada lado é apoiado por poderes financeiros. Mas, se estes fossem deixados correr sem controlo em qualquer direção, certamente viria uma quebra onde haveria pânico nos centros financeiros — não só na atividade de Wall Street, mas um encerramento das Bolsas em muitos centros, e um reajustamento da espécie real e dos dinheiros nesses centros.

Cayce e o sonhador estavam a ver, com precisão profética, os detalhes da luta mortal mostrada no sonho. Estavam a antever a perda do padrão-ouro, o encerramento das bolsas de valores e o pânico real que se seguiu em outubro e novembro.

Em julho de 1929, um dos sonhadores relatou:

Voz: «Mantém apenas aquilo que és capaz de pagar à vista.» Vi Fleischman, 82, 83, 82. Grande falência bancária que precipitou muitos problemas no mercado. Vi Western Union a 160...

Cayce assegurou-lhe que estava a receber indicações corretas para o armar contra os problemas vindouros no mercado, incluindo a prévia precisa de uma falência bancária. Mas se o sonhador conseguisse continuar a ouvir a sua voz interior sem medo — e Cayce sublinhou a importância de agir sem medo, mas em «simplicidade de fé» —, então poderia obter toda a orientação de que precisava.

Estes sonhadores e os seus associados próximos atravessaram o crash de 29 de outubro em segurança. Poucos dias depois, Cayce encorajou os principais sonhadores do grupo a tirarem férias. Eles continuariam, disse ele, a receber orientação definida «de forma inequívoca» sobre como agir em cada decisão importante de ações.

Que as mentes não se perturbem. Que os corpos não se cansem excessivamente. Que o mental não se desequilibre com o clamor ou a instabilidade que está a surgir neste momento.

Ele aconselhou-os a tirarem os dias seguintes de folga, «para que possam encontrar dentro de si essa quietude de propósito que vem da oração constante, com aqueles que querem ajudar ou guiar neste momento». Depois, quando voltassem à Bolsa, encontrariam novamente ajuda, pois «aqueles que procuram conselho no Conselho, aos Seus pés».

Os sonhadores atravessaram sem perdas graves as tempestades financeiras mais difíceis dos tempos modernos. Os seus sonhos mantiveram-nos informados antecipadamente sobre cada movimento importante do mercado. Como Cayce dissera a um deles cinco anos antes, ao encorajá-lo pela primeira vez a registar os seus sonhos, ele seria capaz de ver as condições de negócios à sua volta «antes de as manifestações começarem».

Sonhos sobre o Próprio Futuro Pessoal

Na visão de Cayce, não eram apenas detalhes de negócios que se apresentavam antecipadamente ao sonhador. Ele dissera a Frances no início do registo dos seus sonhos: «qualquer condição que alguma vez se torne realidade é primeiro sonhada». Queria dizer, naturalmente, desenvolvimentos importantes que eram o resultado da direção e dos hábitos de uma vida — ou de vidas. Disse-lhe isto quando ela era noiva de apenas uma semana, sonhando com um rapaz ou criança de mente fraca. Aconselhou-a a não se deter nesses pensamentos e medos — mas o sonho tornou-se realidade para ela vinte e cinco anos depois, quando o seu único filho se tornou um caso mental.

Frances também sonhou, no início do casamento, com a rutura que um dia viria ao seu lar. Mas não foi a única a sonhar com isso. Na manhã em que ia casar-se, o seu novo marido registou vários sonhos. Um deles, que incluía uma voz que o avisava para prestar muita atenção, mostrou-o a selecionar seis véus pretos para o rosto, numa loja. A voz disse-lhe que os véus eram obstruções ao seu melhor entendimento e progresso. Cayce confirmou isto, indicando que o sonhador estava a ver seis grandes formas pelas quais teria de mudar — seja abandonando algo ou cobrindo algo com ajuda maior do que a sua própria — agora que se casava (e incidentalmente casando-se numa idade mais jovem do que Cayce lhe aconselhara, embora já tivesse trinta anos).

Na mesma noite sonhou que estava de volta a Nova Iorque com a sua noiva, que estava muito séria e pedia uma oportunidade para se ajustar a Cayce e aos estudos do marido no campo psíquico. Cayce alertou o novo marido contra o excesso de seriedade em relação à jovem noiva — uma seriedade que sonhos posteriores retratariam como dogmatismo.

Uma semana depois, o novo marido sonhou que ele e a esposa contemplavam uma bela encosta de montanha, quando ela subitamente foi ver o outro lado e o deixou com um pequeno bloco de notas, onde ela escrevera: «Isto é um adeus.» O sonhador ficou em pânico.

Novamente, Cayce disse-lhe que estava a ver o perigo na sua própria precipitação em avançar à frente da esposa — dando-lhe mais do que ela conseguiria digerir e apressando-se para ver o outro lado da montanha dos seus interesses. (Envolvimentos pessoais posteriores acabaram por pôr termo ao casamento.) Mas o aviso ia mais longe, pois o bloco de notas era um bloco de um negociante de ações, e Cayce alertou tanto o sonhador como a esposa quanto às tentações vindouras de colocarem o dinheiro, a posição e os bens caros à frente do verdadeiro Reino de Deus que deviam procurar e partilhar.

As relações conjugais foram o tema do sonho de outro jovem marido que, alguns anos mais tarde, se divorciou da esposa:

Vi o meu sogro e eu próprio a caminhar no pátio do apartamento da Park Avenue. Parecia enfatizar o facto de que o meu sogro e eu estávamos lá sem as nossas esposas. Parecíamos completamente sozinhos, e as ações da minha sogra e da minha esposa pareciam ser igualmente sentidas.

Ao analisar este sonho, Cayce disse ao sonhador que ele estava falhado na capacidade de ver as coisas do ponto de vista da esposa e da sogra — qualidades que mais tarde se tornariam críticas quando a sogra foi viver com eles.

Um homem repreendido por familiares por usar Cayce sonhou que os seus tios o avisavam contra um escorpião mortalmente venenoso. Mas depois o sonhador e um ajudante extraíram algum fluido do escorpião que curou a doença de um dos tios; todos se alegraram. Este sonho, disse Cayce, mostrava ao sonhador um tempo ainda por vir em que o tio precisaria da ajuda de Cayce para uma doença grave, e a obteria — como veio a acontecer.

Um homem de negócios sonhou com uma mulher que fora sua inimiga amarga durante anos. Estava sentado perto dela num teatro, com bilhetes que custavam mais de treze dólares, e eram os melhores amigos. Cayce indicou que a amizade se quebrara em primeiro lugar por causa das ações de uma intrometida, e que no décimo terceiro ano da

sua alienação teriam uma oportunidade de reconciliação, que o sonhador deveria aproveitar.

Os sonhos sobre o futuro pessoal também diziam respeito à saúde e ao bem-estar do próprio sonhador ou de alguém importante para ele.

A esposa de Cayce, que frequentemente sonhava com o futuro e cujos sonhos eram mais poéticos do que a maioria, relatou um sonho sobre uma parente, que submeteu a uma leitura do marido.

Estava em casa dela, com outra parente a mostrar-me a casa. Notei especialmente as cortinas brancas em todas as janelas, depois a passagem por um corredor subterrâneo —

Aqui o Cayce adormecido interrompeu para dizer: «Alguém vai ser sepultado aqui, vês, em breve.» Ela continuou: «De água a entrar e eu a tentar —» Ele interrompeu novamente para comentar que a água era, como dissera muitas vezes nas leituras, o elemento de onde toda a vida brotara e que, portanto, a morte era a libertação da pessoa para o plano seguinte, com o corpo a regressar ao primeiro elemento de onde viera — visto no fluir da água. A Sra. Cayce prosseguiu: «De eu tentar ajudar a levar as crianças a —»

E Cayce interrompeu mais uma vez para indicar que a alma estava a regressar ao estado de criança, fazendo um novo começo na sua longa jornada, ao morrer. Depois a Sra. Cayce terminou: «De ver um tanque com algum explosivo, e sentir medo disso.» Ele notou que ela estava a sonhar com o medo da morte daquela mulher. Mas lembrou à esposa que, no sonho, eles tinham escapado ao explosivo; isto retratava a atitude correta perante a morte iminente: nada que a mulher tivesse de temer, pois «é como o Princípio». A mulher morreu três semanas depois. Morreu sem o fardo de uma ansiedade desnecessária por parte da sua parente próxima, Gertrude Cayce.

Nem todos os vislumbres do futuro pelos sonhadores de Cayce foram tão solenes. Um futuro pai sonhou momentaneamente enquanto orava e entrou num estado dissociado. Uma voz disse-lhe: «Do vigésimo sétimo ao nono.» Embora fosse fevereiro, Cayce disse-lhe que a voz lhe estava a dar orientação sobre a preocupação pela qual orava — o bem-

estar da esposa e da criança que viria. As datas em questão eram de 27 de março a 9 de abril, durante as quais o bebé nasceria, em segurança e felicidade. Quase dois meses depois, o bebé nasceu exatamente no horário do sonho: 4 de abril.

Não poucos dos sonhos sobre o futuro pessoal deviam ser interpretados, segundo Cayce, como sonhos sobre os próprios talentos — que para um homem frequentemente apareciam sob forma feminina. Um sonhador que desenvolvera considerável capacidade psíquica própria, mas era tentado a usá-la para vantagem puramente pessoal, tal como era tentado a usar as leituras de Cayce, relatou o seguinte sonho:

Alguém estava paralisado, devido a um ataque de apoplexia. Parecia ser o meu irmão, mas, ao levantar o corpo para o levar para outro lugar, transformou-se numa rapariga ou mulher — alguma amiga da minha mãe. Levei o corpo ao colo, notando como o lado paralisado estava rígido — também que a cabeça pendia de forma peculiar sobre o meu braço. Tentei reajustá-la enquanto conversava.

Na visão de Cayce, este sonho era um aviso sério, ao qual dedicou duas leituras. Era um aviso ao sonhador de que poderia perder a sua própria capacidade psíquica, o que o consternaria tanto como a paralisia do irmão ou da amiga da mãe. Era também um aviso de que, quando se procuravam leituras para ganho pessoal através do Edgar Cayce adormecido, alguma da atitude egoísta se infiltrava e tinha consequências físicas no sistema nervoso e na circulação de Cayce. Não havia perigo para Cayce, explicava esta leitura, em lidar com ações como parte do treino de um sonhador para sonhar. Mas quando alguém procurava conselhos bolsistas apenas por dólares, sob pressão para se adiantar aos outros no mercado, era perigoso para Cayce.

O aviso do sonho foi apenas parcialmente atendido, como sonhos de aviso posteriores mostraram. Como constava nos registos, o sonhador perdeu a sua própria capacidade psíquica no espaço de sete anos. E Cayce, que duas décadas mais tarde se esforçou para dar centenas de leituras a todos os necessitados, depois de publicada a sua

biografia, morreu após um acidente vascular cerebral e paralisia, paralelamente a este sonho de aviso.

Por fim, houve sonhos sobre o futuro pessoal que apenas convidavam o sonhador a maiores aventuras. Houve sonhos de visitantes que chegavam, de uma viagem por mar que se aproximava, da reencarnação vindoura de um amigo, de riqueza que chegava, de aclamação pública que se aproximava. Quando Cayce e a sua família se preparavam para se mudar de Dayton, Ohio, para Virginia Beach, Virgínia, para cumprir uma diretiva de longa data das suas leituras, foi-lhe dada uma série de sonhos que lhe mostravam o hospital completo que um dia seria construído ali — e foi. E também teve um sonho sobre o tumulto familiar da mudança.

Relativo ao comboio com Gertrude como maquinista, a colidir com um carro, penas a voar, e perus na caixa de ferramentas.

A leitura assegurou-lhe que tudo era auspicioso para a mudança; tal como em sonhos anteriores em que a comida era proeminente — a solução para o problema do abastecimento da família estava simbolizada pelos perus. E as «ferramentas» para o trabalho diário também seriam encontradas. Muitos dos assuntos familiares pareceriam despedaçados na mudança, como se via pelas penas a voar. Mas Gertrude forneceria a força motriz necessária para a arrumação e a viagem, e o marido deveria ouvi-la — desde que ela não tentasse «passar-lhe por cima», como o sonho sugerira que poderia acontecer.

Sonhos do Futuro no Trabalho e nos Assuntos Públicos

Os sonhos do futuro no trabalho diário submetidos a Cayce atingiam centenas. Muitos eram sonhos de cotações bolsistas, sobre dezenas de ações e sobre as empresas e indústrias que representavam. Todos os aspetos da vida diária de um corretor de bolsa apareciam nos sonhos — incluindo os seus funcionários, contabilidade, chamadas telefónicas, clientes, concorrentes, modelos de sucesso, procedimentos legais, processos judiciais, arrendamentos, sócios e até a hora do dia para vendas específicas.

Um dos sonhadores de Cayce foi introduzido ao sonho do futuro no seu trabalho com o seguinte cenário:

Sonhei que um homem tentava vender-me um rádio. Depois alguém pôs veneno na maçaneta da minha porta e instou-me a vir tocá-la. Fiquei terrivelmente assustado. Tentou forçar-me a tocar na maçaneta envenenada. Lutando, acordei em suor frio.

Cayce disse que o sonho era precognitivo. Em breve seria oferecido ao sonhador um negócio em ações ou corporações de rádio, apresentado como «uma proposta maravilhosa». O veneno era uma representação gráfica da condição venenosa que se seguiria se o sonhador aceitasse o negócio. Durante dezasseis a vinte dias, disse Cayce, ele deveria manter-se afastado de todas as ações relacionadas com rádio.

As perspetivas eram mais favoráveis, disse Cayce, no seguinte sonho do mesmo corretor:

Ouvi L.M. a falar no nosso apartamento, mas ao acordar descobri que ele nem sequer tinha vindo ver-nos.

Isto foi muito claro e tão real que realmente pensei que ocorrera mesmo horas depois de acordar.

Na visão de Cayce, os dois associados de negócios tinham vivido um encontro de mentes por telepatia, antes de um negócio que o outro homem apresentaria ao sonhador.

Ainda um sonho diferente sobre associados de negócios deu ao mesmo sonhador um conselho prático.

Vi uma escada de incêndio, que para mim significava uma saída, e parecia referir-se às ações da Pacific Gas and Electric que agora temos em posição longa — que possuímos. Horace B. dera-me uma ordem para vender as suas ações, e eu tinha isso em mente. A escada de incêndio parecia estar sob grande tensão, mas mantinha-se firme sob a pressão. Um homem que estava longo nesta ação da Pacific Gas, e que também é membro da Bolsa de Nova Iorque, estava a saltar na escada

de incêndio para testar a sua resistência. A escada de incêndio resistiu ao teste.

Cayce assegurou ao sonhador que estava a sonhar com essa ação em particular, e que o seu sonho lhe dizia para seguir as indicações desses homens, para as suas próprias vendas. «Ou seja, quando a entidade encontrar que estes vários, membros da Bolsa, estão longos, fica longo com eles, vês? Quando a venda ficar curta, fica curto com o mesmo, vês?» Depois Cayce acrescentou, como fazia frequentemente, que a ação em questão se moveria a favor do sonhador um e cinco sextos de ponto, muito em breve.

A variedade dos sonhos de negócios sobre o futuro era impressionante. Houve uma prévia precisa da falência de uma corretora. Um sonhador viu uma empregada a deixá-lo, como pouco depois aconteceu. Um sonho teve o sonhador a olhar sobre um cemitério enquanto estava num autocarro; era, disse Cayce, uma ação morta a subir — mas «Yellow Cab», não ações de autocarro, que subiria os nove pontos indicados no sonho.

O próprio Cayce teve um sonho de ansiedade sobre o seu próprio trabalho, quando estava sem dinheiro, em que a esposa o arrastava a tribunal por incapacidade mental. No sonho, deu prontamente leituras de vida a todos no tribunal. A leitura que deu sobre este sonho apontou para um amigo específico que aparecera na cena do tribunal e indicou que esse amigo poderia fomentar a procura de leituras de vida de Cayce — e assim proporcionar-lhe o rendimento de que precisava. Funcionou como Cayce sonhara, pois contactou o amigo imediatamente.

Mas não era apenas a vida profissional dos sonhadores que dominava o palco à noite, a proporcionar prévias do futuro, geralmente sob a gestão do subconsciente do sonhador. O sonhador também podia ser mostrado prévias de serviço social e ação social em que estava interessado.

Os sonhadores de Cayce estavam interessados no hospital e na universidade que tentavam construir, para estudar o seu trabalho. Todo o grande desenvolvimento dessas instituições foi previsto nos seus

sonhos. Um dos seus problemas práticos era encontrar o médico certo para chefiar a equipa do hospital; ele tinha de estar aberto a várias escolas de medicina, mas bem qualificado.

Como veio a verificar-se, aquele que primeiro conseguiram ficou logo infeliz, como um sonho de aviso de Cayce mostrou dois anos antes.

Pensei que fui a Nova Iorque falar com as pessoas de lá sobre a instituição, e disseram-me que o médico já estava cá em baixo, por isso regressei. Vários que eu conhecia bem, e algumas outras pessoas que não conhecia, vieram comigo, e fomos até ao lugar onde diziam que estava a instituição. O médico tinha a Gertrude e a minha secretária numa grande panela de água a ferver, mas não parecia fazer-lhes mal nenhum — estavam apenas a nadar na água sem roupa. Tentei tirá-las e queimei a mão. Quando acordei, notei uma faixa vermelha ou arranhão na mão.

A leitura disse a Cayce que teria de trabalhar com os de Nova Iorque para alcançar uma compreensão clara dos deveres, capacidades e supervisão do médico — ou então todos acabariam em água quente. O arranhão na mão era algo que ele notara subliminarmente antes de adormecer, e era o mesmo tipo de falha no corpo que os planos sobre o médico eram na sua mente.

Mas nem todos os sonhos sobre o futuro hospital eram sonhos de aviso. Um dos sonhadores de Cayce viu-o em sonho um ano e meio antes de ser construído, completo com as instalações de recreação e equipamento de esterilização que eventualmente continha; chegou mesmo a obter o nome de um dos primeiros pacientes.

Mas o mesmo sonhador também viu antecipadamente a natureza da rutura que um dia ocorreu entre os patrocinadores do hospital. Este sonho ocorreu um ano antes de o hospital abrir.

Estava a ver fotografias de várias coisas de Virginia Beach relativas ao Hospital. Vi dois comboios; um era o campeão, chamado o Pankhurst —

Aqui Cayce corrigiu-o, lembrando-lhe que o outro comboio no sonho se chamava Pankhurst. Depois o sonhador continuou: «Os comboios iam para Chicago e Nova Iorque.» Cayce interrompeu novamente, com um tom de urgência, e o resto do sonho não lhe foi lido. O sonho estava em dois níveis, disse ele — uma característica que frequentemente notava nos sonhos. Num nível, era um sonho de mercado bolsista, mostrando como as ferrovias seriam o critério da ação vindoura do mercado bolsista, precedendo o grande crash (que veio um ano depois) — «o colapso geral». Também se referia ao conflito nacional de interesses financeiros que se aproximava, em que um lado seria o «campeão» da verdade, e o outro uma influência perturbadora; e apontou para a necessidade de cooperação entre grandes interesses financeiros em Chicago e Nova Iorque, como o sonhador vira.

Mas depois acrescentou que o sonho também tratava de outra questão. Viria outra crise, quando as «fotografias» ou visões de como o hospital deveria ser gerido seriam apresentadas para todos examinarem. Nessa altura, a questão também seria se indivíduos como o sonhador serviriam como «campeão» da verdade e do princípio — ou se trariam dissensão pela severidade das suas exigências de que os outros vivessem de acordo com certos padrões.

O hospital fechou quatro anos depois num clima de acrimónia, em que os membros da direção questionavam mutuamente o cumprimento dos princípios e desafiavam Cayce. Poucos se questionavam a si próprios, nem serviam como «campeões do princípio» sozinhos — da forma como o sonho exortava. Não admira que Cayce tenha insistido com o sonhador para que revisse e revisse este sonho, e o tenha recordado ao discutir sonhos posteriores!

Pergunta: Como é simbolizado o futuro nos sonhos?

Cayce insistia que, para o subconsciente — que possui a faculdade de vislumbrar o futuro —, os valores temporais não são tão reais como o são para a mente consciente. O subconsciente vê as coisas dispostas infinitamente, tal como estão presentemente orientadas, até que o sonhador use a sua vontade para as alterar. Não existem, portanto,

símbolos especiais reservados para significar o futuro, pois a própria ideia de futuro é estranha ao subconsciente.

Ainda assim, Cayce dizia que há maneiras de procurar o futuro nos sonhos. Pode-se comparar com material de sonho algo acerca de cujo futuro se está conscientemente preocupado — isso deverá surgir para comentário nos sonhos.

Além disso, existem forças dinâmicas ou «espíritos» que se podem encontrar exemplificados nos sonhos; estes são a matéria de que o futuro é feito. Por exemplo, o «espírito» de uma corporação que deseja valores elevados para as suas ações é um «espírito», enquanto o «espírito» dos investidores que por vezes querem deprimir o valor das ações para os seus próprios fins é outro. Ambas estas forças precisam de ser estudadas nos sonhos de resultados futuros. Do mesmo modo, nos assuntos pessoais, existe o «espírito» das próprias intenções e o «espírito» dos indivíduos e instituições com quem se está associado. Uma boa decisão matrimonial ou profissional deveria ser enriquecida por um vislumbre de ambos os tipos de «espíritos» projetados no futuro. Cayce usava o termo «espírito» neste sentido para sugerir a intenção de expressões como «o espírito de 76» ou «o Espírito de St. Louis» ou «o espírito de uma reunião»; não se referia a desencarnados.

Uma via diferente para o futuro reside em vislumbrar o passado que codificou os problemas do futuro. Um dos sonhadores de Cayce, um rebelde, um dia viria a encontrar-se numa posição em que teria ele próprio de exercer autoridade. Isto seria verdade quer se computasse o seu futuro em termos de ter sido um rebelde na infância, quer de ter sido um rebelde em vidas passadas.

O próprio Cayce teve um sonho que o avisou do seu futuro. Mais de um ano antes de o hospital abrir, viu uma cena vívida de um sacerdote a ser banido, no antigo Egito. Havia multidões reunidas nas ruas, algumas a clamar pelo banimento do sacerdote e outras pela sua libertação, enquanto chicotes o impeliam a ele e aos seus associados à frente deles.

A leitura que obteve disse a Cayce que ele estava a ver-se a si próprio como o sacerdote que fora no antigo Egito, quando a infidelidade matrimonial o levara ao exílio, apesar da genuína liderança espiritual que oferecera ao seu povo durante um período. Em seguida, ominosamente, a leitura disse-lhe que algumas das mesmas pessoas que então estiveram envolvidas com ele lhe trariam experiências semelhantes nesta vida — «desapontamentos, medos, censuras». Quando isso acontecesse, deveria fazer melhor do que fizera no Egito, respondendo «sem malícia» nem qualquer outra atitude que pudesse impedir o seu melhor desenvolvimento como alma.

No espaço de cinco anos, o seu hospital e universidade foram encerrados. Foi banido para uma casa com vista para o hospital, onde teve de assistir à sua transformação num clube noturno. Passou por agonias interiores. Mas também superou a amargura como nunca antes na vida, como os seus sonhos mostraram. O resultado foi que um grupo inteiramente novo de pessoas, na maioria virginianos, se reuniu agora à sua volta para substituir os patrocinadores de Nova Iorque das suas instituições extintas. E ele próprio desenvolveu, como lhe fora prometido, novos dons de aconselhamento que lhe permitiram levar os seus associados a um crescimento maior do que alguma vez conseguira fomentar antes.

Pode-se olhar para o futuro olhando muito para trás.

Mais improvável do que a reencarnação para o Cayce desperto era a numerologia. Mas as suas leituras insistiam que os números eram emblemas antigos e familiares para a psique humana, uma forma natural de dramatizar o futuro. As leituras mostraram aos seus sonhadores de ações que os números nos sonhos não só transmitiam preços de ações, mas também os dias ou semanas de subidas e descidas das ações, e as forças relativas das ações dadas (um seis, por exemplo, era geralmente mais fraco do que um cinco). Um número ou conjunto de números podia comprimir todas estas indicações numa única imagem de sonho, tal como os sonhos usavam o rosto de um indivíduo para transmitir uma variedade de associações necessárias para a experiência onírica. Como seria de esperar, um dos seus sonhadores era

mais hábil a lidar com os números nos sonhos do que os outros; na visão de Cayce, o fenómeno tendia a variar com os indivíduos.

Apesar da relativa indiferença do subconsciente em relação às ideias conscientes de tempo e espaço, Cayce explicava que ele pode indicar datas com precisão quando necessário. Por exemplo, um movimento de ações após o Dia de Ação de Graças foi mostrado com um restaurante e muita comida festiva. Um desenvolvimento de ações para a primavera veio acompanhado de um vislumbre de roupa de golfe, para fixar o tempo com a abertura da época de golfe, enquanto outro sonho ofereceu um vislumbre de Atlantic City para indicar que uma certa ação coincidiria com a viagem do sonhador para essa cidade de veraneio. Ainda outro sonho mostrou ferries em atividade para indicar um movimento de ações após o degelo do inverno.

É notável que, quando importantes desenvolvimentos futuros se aproximavam para o sonhador, estes tendiam a aparecer também nos sonhos dos seus associados próximos ou da família. Quem estivesse envolvido com ele, e especialmente envolvido sem demasiado egoísmo, seria propenso a receber vislumbres relevantes dos mesmos eventos. Era como se o futuro pudesse ser melhor estabelecido pela interseção dos sonhos de vários — como Cayce mostrou em sonhos conjuntos não só sobre desenvolvimentos de negócios, mas também sobre morte, gravidez, nascimento, doença, casamento, discussões e mudança de posição na vida.

Sonhos do Presente Desconhecido

Segundo Cayce, processos muito semelhantes funcionam nos sonhos do presente desconhecido, como nos sonhos do futuro. O subconsciente do sonhador está a usar a sua ESP nativa, mas movendo-se livremente no espaço em vez do tempo.

Um dos homens de negócios de Cayce sonhou com leite impuro na mesma noite em que o seu irmão o fez.

Estávamos todos numa festa com amigos. Adormeci à mesa e chegámos a casa muito tarde. O meu irmão saiu do automóvel e foi a pé

para casa e deixou-nos. Primeiro, porém, o meu irmão e eu parámos para olhar uma garrafa de leite marcada «Leite Não Destilado».

Na primeira parte do sonho, disse Cayce, ele estava a ver como as festas e as horas tardias o estavam a cansar, como mostrado no adormecer na festa. A solução era ver que estas eram «deixadas» até que estivesse descansado, tal como o irmão «deixara» no sonho. Quanto ao leite, acerca do qual tanto ele como o irmão haviam sonhado, estava adulterado e devia ser investigado, em benefício dos outros tanto quanto dos sonhadores. Seguindo o conselho de Cayce e dos sonhos, os irmãos mandaram analisar o leite, com o resultado de que a empresa leiteira foi encerrada pela Direção Municipal de Saúde!

Devido aos interesses empresariais dos sonhadores de Cayce, muitos dos seus sonhos de factos desconhecidos diziam respeito a ações.

Cayce acordado tinha dúvidas iniciais de que pudesse fornecer informação precisa sobre ações. Por isso teve um sonho seu. Nele estava a dar uma leitura médica, o tipo que melhor conhecia e em que fazia um trabalho útil. No entanto, também via para dentro do corpo do jovem que descrevia medicamente, e notou números em cada osso. Eram números de cotações de ações ou da ação ferroviária que surgira na primeira parte do sonho. As cotações provaram ser corretas, e Cayce foi encorajado quanto à versatilidade das suas leituras.

Uma variedade de símbolos de ações desconhecidas aparecia nos sonhos. A atividade da ação da American Express foi simbolizada para um por cheques da American Express. Uma viagem de metro significava ações de metro para outro. Dois automóveis fora de controlo avisavam o sonhador sobre um negócio em ações automóveis. Uma fila de vagões Pullman de diferentes linhas ferroviárias, todos marcados, servia para avaliar ações ferroviárias. Um sonho de uma multidão em alvoroço por causa de um par de galochas perdido era uma dica sobre atividade em ações de borracha. Este pequeno sonho cuidava de duas ações ao mesmo tempo:

Estava a traçar linhas no passeio. Parecia uma combinação de Sears Roebuck e Gimbel. Tive a impressão de que já estava suficientemente alto agora.

Cayce assegurou ao sonhador que ambas as ações estavam no seu máximo e deviam ser vendidas. Depois, com o seu encorajamento característico a um sonhador que estava a fazer bem, acrescentou informação sobre ações da Wabash Railroad e da Missouri Pacific, que o sonhador também detinha. Um sonho preciso da Havana Electric a ser dividida em cinco por uma, antes do anúncio público, deu a um sonhador «muito dinheiro», como escreveu a Cayce. Um sonho de uma ação obscura a ser promovida por um associado levou o mesmo sonhador a perguntar a esse associado no dia seguinte e novamente a fazer um grande lucro.

Em dezenas de sonhos, os detalhes exatos eram dados. Por exemplo — lenta e distintamente as seguintes palavras: «Soo Railway 4% notas a 99 ou 100.» Aqui o sonhador estava a ver que devia comprar essas obrigações e mantê-las até subirem para 99 ou 100. O mesmo sonhador, após cerca de trezentas leituras oníricas de Cayce, teve uma experiência de sonho impressionante:

Parecia que podia fazer qualquer pergunta sobre ações que escolhesse fazer, e era respondida. Estava debaixo de um candeeiro aceso ao entardecer. Um homem aproximou-se e perguntei-lhe como fechara a U.S. Steel. Ele disse: «Fechou loucamente, a 178.» […] «Bem», disse eu, «então o aço vai subir para cerca de 188 ou 190.» […] Depois todo o mercado abriu-se para mim. «Aquele homem que comprou C e O ganhou muito dinheiro com a compra?» «Não muito», veio a resposta. As ações de couro pareciam indicadas para algo, particularmente a Endicott Johnson. Depois as outras de que não me lembro — tudo, tudo o que queria, parecia fluir diretamente para mim ou para a minha consciência. Mesmo ao acordar parecia estar a perguntar sobre a ação Fleischman, e mesmo depois de acordado a voz disse: «Usa o teu próprio julgamento na Fleischman.»

Além das indicações factuais no sonho, disse Cayce, continha uma promessa plena de que o sonhador poderia ter orientação sobre

qualquer ação que desejasse, se conseguisse manter a sua vida e propósitos retos. Tivera uma experiência de sintonia semelhante ao sonho de Cayce da espiral ascendente. Não é surpreendente que este sonhador se tenha tornado milionário no espaço de meses.

Um negócio secreto foi representado num sonho como uma fraternidade a fazer uma iniciação. Um funcionário de escritório a tentar roubar ações foi mostrado numa visão, mas com um aviso de que devia ser tratado com gentileza — ajudado a ver que tais tentações chegam a todos. Um negócio mal planeado foi representado como um bebé defeituoso. Um sonho de bandidos a saquear viajantes num comboio era, disse Cayce, um aviso a um inventor de que alguém tentava roubar o seu novo produto. Mas um concorrente visto a acender uma fogueira debaixo de uma mesa era apenas motivo de cuidado, pois o sonhador devia notar que o fogo nunca chegava ao tampo da mesa. Um sonho de assalto por um chauffeur levou ao conselho de Cayce de que o homem fosse dispensado do emprego. O próprio sonho de Cayce de um porco e um pavão ajudou-o a ver como aqueles que monopolizavam o espetáculo no seu trabalho eram de tão pouco valor como aqueles que se pavoneavam muito e não faziam nada.

Mas os sonhos derramavam factos sobre assuntos pessoais tão livremente como sobre a vida quotidiana.

Um pai foi avisado de que a ama da sua pequena filha estava a brincar jogos assustadores com ela, por um sonho sobre um besouro assustador na cama da filha. Uma jovem que viu o namorado numa situação comprometida com outra rapariga foi avisada de que sonhara os factos corretamente. Um estudante universitário que sonhou estar a debater viu a sua relação com cada um dos seus associados próximos, pela forma como funcionavam no sonho. Uma mulher que sonhou com os seus parentes a discutir cuidados médicos para a sua mãe inválida viu a qualidade essencial de vida de cada parente exposta no sonho. Um homem de negócios foi levado por um sonho a novas amizades com dois advogados respeitados que partilhavam os seus interesses psíquicos mas nunca os tinham mencionado.

O que ocupava o sonhador acordado ocupava-o também à noite, mas com novos factos acrescentados pelos sonhos.

CAPÍTULO X

SONHOS DOS VIVOS MORTOS

Na perspetiva das leituras de Edgar Cayce, a morte é uma transição para a alma tal como o nascimento é uma transição. Mas não é uma extinção.

Como o próprio Cayce veio a ver a morte pôde ser visto num sonho seu. O sonho, que ocorreu durante uma leitura, apresentou o seu ponto de vista com o encanto e a graça que eram marcas distintivas da consciência de Cayce no seu melhor.

Estava a preparar-me para dar uma leitura. Ao sair [da consciência], apercebi-me de que contactara a Morte — como personalidade, como indivíduo ou como ser. Ao aperceber-me disto, disse à Morte: «Não és como vulgarmente retratada, com uma máscara ou capuz preto, ou como um esqueleto, ou como o Pai Tempo com uma foice. Em vez disso, és belo, de faces rosadas, robusto, e tens um par de tesouras ou de alicates.» Tive de olhar duas vezes para os seus pés ou membros, ou mesmo para o corpo, para o ver tomar forma. Ele respondeu: «Sim. A Morte não é o que muitos parecem pensar. Não é a coisa horrível que tão frequentemente é retratada. Apenas uma mudança. Apenas uma visita.

As tesouras ou alicates são de facto os instrumentos mais representativos para o homem da vida e da morte. Elas unem dividindo, e dividem unindo. O cordão não, como habitualmente se pensa, se estende do centro [do corpo], mas é quebrado da cabeça, da testa — essa parte mole que vês pulsar no infante.» «Daí vermos pessoas idosas, sem saberem, ganharem força da Juventude ao beijar ali, e a Juventude ganhar sabedoria da Idade por esses beijos. De facto, as vibrações podem ser elevadas a tal ponto que reacendam ou reconectem o cordão [ali], tal como o Mestre fez pelo filho da viúva de Naim. Pois Ele

não o tomou pela mão — que estava ligada ao corpo segundo o costume do dia —, mas antes acariciou-o na cabeça, e o corpo tomou da própria Vida. Assim vês, o cordão de prata pode ser quebrado, mas a vibração»

Aqui a experiência terminou.

Um homem na casa dos trinta, cujo pai falecido fora uma forte influência na sua vida, sonhou através da barreira da morte numa sequência inesquecível. O sonho começou com raparigas, que eram importantes na sua vida e símbolos oníricos, e depois passou para a cama, onde vira pela última vez o seu pai a morrer:

Agora via uma visão de muitas mulheres belas, todas vestidas com cores diferentes — mas afinal não eram mulheres, eram luzes, luzes lindamente coloridas, que interpretei como entidades espirituais. Apareceram diante de mim em fila. Parecia haver uma luz em particular, brilhante, que eu sabia ser o meu pai.

Cayce confirmou que o sonhador entrara no «Plano de Fronteira».

Então o meu irmão disse: «Porque não apagaste as luzes?», referindo-se às luzes elétricas do nosso quarto. Fiz isso, e eis que o meu pai apareceu na cama comigo. Agora eu estava à cabeceira, ele aos pés da cama, mas embora parecesse reconhecer a sua forma física, não era como o vira anteriormente — em vez disso, era da mesma maneira de homem, Luz, da cor do sol.

A luz, disse Cayce, representava a força diretiva do próprio reino supraconsciente do sonhador; como uma luz de altar, podia ser confiada no que lhe mostrava.

/ desatei a chorar, e chorei amargamente pela proximidade do meu pai. A luz tremeluziu um pouco, e muitas coisas passaram-me pela mente de uma só vez. Como isto: não adiantava chorar — não ajudava o meu pai; e porque não lhe falava, em vez de chorar.

Disse-lhe: «Eu amo-te.» A luz tremeluziu novamente, e pensei: «Talvez ele não consiga entender palavras», por isso levei as mãos aos lábios e, como uma criança, mandei-lhe um beijo. Com os lábios a

sussurrar, disse: «Eu amo-te.» Então a luz tomou a forma da cabeça do meu pai, e da sua boca saíram as palavras: «Eu também te amo, Filho!»

A luz aproximou-se de mim — subiu para o meu lado da cama, e desembrulhou um pacote; no interior do papel de embrulho vi a caligrafia do meu pai. Consegui distinguir a assinatura como ele a escrevia, e embora não conseguisse decifrar nenhum dos conteúdos escritos, reconheci a letra.

Com isto as minhas emoções quase me dominaram novamente — estava realmente muito próximo do meu pai.

Cayce confirmou que o sonhador entrara na «quarta dimensão» da existência, para além da morte, onde o pai o ajudaria a compreender como as coisas eram, como a parte seguinte indicava.

Então a caixa dentro do pacote veio à vista, e, sendo aberta pelo meu pai, revelou quatro Chiclets — pedaços de pastilha elástica. «Toma um», disse o meu pai. Tomei-o, e sabia muito bem, e enquanto mastigava ele disse-me para tomar outro. Fiz isso. Ainda restavam dois.

Aqui, nesta sequência caseira, o sonhador estava a ser mostrado, disse Cayce, que teria de mastigar e digerir a existência quadridimensional por si próprio, através de tais experiências oníricas, pois de outra forma nunca conseguiria raciociná-la corretamente.

«Segue-me», disse o meu pai. E vi a luz na parede. Era plana como um reflexo num espelho, mas não perfeitamente redonda como primeiro pensei, tinha forma. Não consigo agora, nos meus momentos conscientes, recordar a simetria daquela luz na parede, mas gostaria de conseguir.

Tinha forma, mas como a descrever? Que forma era? Permaneci na cama, contemplando a luz, o espírito do meu pai.

Então o sonhador ouviu uma voz chamá-lo pelo nome, uma voz que já ouvira antes como o chamamento do seu próprio ser supraconsciente, ou melhor eu.

«Segue o teu pai.» Saí da cama e segui a luz. Ela deslocava-se ao longo da parede, por vezes desaparecendo, tomando forma no ar — de

quarto em quarto, finalmente até à cozinha. Depois perdi o rasto da luz. Fiquei na escuridão, procurando o meu pai, procurando a sua luz-espírito.

O sonhador teria de aprender as verdades sobre a vida para além da morte pouco a pouco, disse Cayce, esvaziando-se de «si próprio». Mas então viria a descoberta, pois «procurai e achareis». O sonho continuou:

Eu vinha então de regresso de alguma festa — parecia que vinha do relvado de uma bela propriedade. O meu irmão e a sua esposa e outros estavam na festa. Continuava a procurar a luz-espírito do meu pai e a sua orientação. Acima de tudo, tinha em mente o que fora dado no sonho da minha esposa, que o meu pai me revelaria a vida na quarta dimensão. Procurava isso, como ainda procuro, acima de tudo.

Aqui o sonhador traía a sua fascinação pela questão da vida após a morte — uma fascinação que mais tarde traria repreensões e exortações oníricas para que mantivesse uma vida equilibrada e uma peregrinação bem arredondada. Mas nesse momento algo mais imediato surgiu.

Então esvaziei o conteúdo de uma garrafa de uísque que trazia da festa, e senti o cheiro dos vapores alcoólicos. A Voz: «Não será numa atmosfera dessas que alguma vez encontrarás o teu pai.» Novamente estava no quarto escuro a procurar a luz-espírito do meu pai.

Neste incidente, comentou Cayce, o sonhador experimentava por si próprio como o seu consumo excessivo de álcool amortecia a sua perceção psíquica, e como as suas festas intensas desviavam as suas energias criativas para outra direção da procura no sonho. Precisava de procurar algo melhor para dar aos outros do que o estímulo momentâneo das ocasiões sociais — como a parte seguinte lhe mostrou:

Mas então algo aconteceu. Eis que estava nu, e capaz de voar graciosamente pelo ar. Outros também pareciam capazes. Primeiro, observei os outros, a viajar graciosamente, aqui, ali, em toda a parte.

«São realmente entidades espirituais», pensei, «e os seus voos representam a sua energia universal; mas a minha mente física tem de os ver como homens, senão não consegue compreender.» Um destes homens caiu sobre a cabeça, levantou-se logo e voou graciosamente novamente.

«Vês», disse a Voz, «não é um ser sensório. Não se magoou nada.» Então tentei e comecei a voar. Era maravilhoso, flutuando graciosamente pelo ar. Mas tinha trabalho a fazer, algum propósito a cumprir, como os outros.

No sonho, como tantas vezes enfatizado nas leituras de Cayce, o contacto com os mortos tinha como primeiro propósito uma transformação e um despertar do sonhador.

Desci através do telhado de uma casa para encontrar homens a cometer um assalto. «Oh», gritei-lhes, «A vida lá em cima é tão maravilhosa — tanta coisa vos espera! O que estão a fazer não vale a pena!» Depois, apontando o dedo para eles da minha posição numa escada, disse: «Não furtarás. Não matarás, não cometerás adultério, não cometerás fornicação, não levantarás falso testemunho, amarás o teu próximo como a ti mesmo.»

Eles gritaram: «Hipócrita!» «Tu fizeste estas coisas», gritaram, e perseguiram-me para fora da casa. Corri em pânico para outra casa, onde encontrei uma arma, e escondendo-me atrás de uma mesa esperei pela sua chegada. Alguém entrou, e disparei repetidamente contra ele. Era o meu amigo que morrera recentemente que entrara. Aproximando-se de mim, vestido com o seu smoking, riu-se ao dizer: «Aqui, tenta outro tiro — acerta-me aqui.»

Agora, disse Cayce, o sonhador podia ver como uma vida mal vivida trazia medo que o cegava para as realidades da vida tanto antes como depois da sepultura. Tal medo faria um homem disparar cegamente contra um morto. Mas o sonhador devia disparar, como o seu amigo mostrava rindo no sonho. Contudo, devia «mirar» — concentrar a energia de toda a sua vida — em objetivos dignos, e não na destruição dos outros em pânico. Aparentemente o sonhador entendeu o ponto,

mesmo no sonho, como a cena seguinte o mostrou num humor diferente:

O meu amigo de smoking e eu sentámo-nos a uma mesa e ele contou-me uma história engraçada, à qual ambos rimos com vontade.

A piada, disse Cayce, era o quão ridículas pareciam tantas ações humanas — como disparar contra um fantasma — quando vistas da perspetiva da eternidade. Era tempo de o sonhador rir um pouco. Pois era necessário, acrescentou Cayce, que «o riso, a alegria, sejam a mensagem de cada entidade em todos os aspetos — não o tipo de cara comprida que impõe a sua vontade, vês?»

A jornada para os reinos da morte levara longe. Levara mesmo de volta à vida diária do sonhador. E a última sequência colocava-a firmemente ali.

Novamente senti a presença do meu pai — não a vi como antes — mas senti-a. Continuava a procurar. A Voz: «Chicago Milwaukee, 69—75.»

Uma cotação muito prática sobre uma ação ferroviária. Veio, disse Cayce, para mostrar ao sonhador que a criatividade na vida profissional não era de uma ordem diferente da criatividade que regia a exploração através da morte. As leis dos movimentos das ações eram, em última análise, da mesma origem que a lei espiritual, a lei física, a lei moral. Tudo provinha da mesma Fonte e Doador. Não de desencarnados, mas do próprio Senhor da vida.

Era uma afirmação que as leituras de Cayce nunca deixavam de fazer.

Sonhos pelo Bem dos Mortos

Ao contrário do que os vivos possam pensar, segundo Cayce, não poucos dos sonhos em que os vivos encontram os mortos são pelo bem dos mortos.

Por vezes os mortos simplesmente querem ser conhecidos e reconhecidos como ainda existentes. O sonhador que relatou a experiência vívida do seu pai, acima, já sonhara um encontro com a sua

avó falecida. O sonho começou, como muitos destes sonhos de contacto para além da sepultura, com uma nota de beleza.

Estávamos num quarto juntos, muitos de nós a divertirmo-nos e a planear e a tentar realizar algo. Ouvi música bela, e os restantes pareceram desaparecer, e ali deitada diante de mim num baú que estava no quarto estava a minha avó, a mãe da minha mãe, que morrera um dia antes do meu pai. Feliz, ajoelhei-me ao lado dela. Só conseguia ver-lhe o rosto e o pescoço, e pus os braços à volta do seu pescoço. Parecia estar a chorar, ou não exatamente a chorar, mas muito angustiada. Disse: «Nenhum de vós quer que eu viva.» «Como podes dizer tal coisa, Avó?», respondi, e tentei beijá-la. Mas ela ficou mais angustiada. «A tua mãe não quer, ou não se importa se eu viver», disse. Abracei-a mais de perto e tentei explicar que a Mãe certamente queria, mas simplesmente não entendia. A visão terminou aí.

Cayce confirmou que fora um contacto autêntico, e alertou novamente, como já dissera ao sonhador, que procurar contacto demasiado frequente com um desencarnado traria angústia ao desencarnado, retendo-o na sua própria jornada completa. Contudo acrescentou que também havia angústia trazida a eles «por não compreenderem, por não ouvirem, o chamamento» — exatamente como o sonhador vira.

Ainda mais angustiante foi o sonho de um jovem sobre o seu sogro, que recentemente se suicidara. No sonho uma voz comentou: «ele é o tipo mais desconfortável do mundo», e depois o sonhador foi mostrado o seu próprio bebé a chorar por comida. A imagem pretendia transmitir a fome do homem morto por orientação e sustento espiritual, disse Cayce.

Na noite seguinte o sonhador ouviu a própria voz do homem, juntamente com «uma impressão errante de inquietação». A voz disse: «Procuro repouso. Quero partir e estar com a minha família lá em baixo.» Novamente Cayce disse que o contacto onírico fora autêntico, mostrando ao sonhador o quanto as suas orações eram necessárias para o sogro — que ainda era um desencarnado «preso à terra». Acrescentou que a razão pela qual o desencarnado se voltava para

pessoas na vida terrena era que «as lições são aprendidas nesse plano, vês?» Era um ponto que Cayce frequentemente fazia, que as almas que uma vez entraram na Terra tinham de aprender as suas lições finais na Terra, onde a vontade é chamada a atuar de forma diferente da existência noutros planos.

Contudo o contacto entre os mortos e os vivos pode ser alegre. Por vezes ocorre porque os mortos querem mostrar aos vivos como é a morte, para lhes tirar o medo e o luto. Ao explorar a possível realidade de tal contacto, uma sonhadora teve o lado beliscado por um amigo desencarnado, tão vividamente que gritou de susto, enquanto outro teve o dedo do pé puxado quando o pediu — e não pediu novamente.

Um sonho levou um homem para dentro do cérebro de uma mulher a morrer de cancro, uma parente, e mostrou-lhe precisamente o alívio que a morte era, quando finalmente chegava. Um sonho posterior também lhe mostrou como uma alma se sente ao despertar para a consciência após a morte e descobrir que está com o corpo debaixo da terra — e depois irromper através da terra em direção à luz.

O facto surpreendente, disse Cayce, que todas estas experiências oníricas estavam a tornar claro aos sonhadores, é que o estado de morte é mais próximo de um estado normal para uma alma do que a existência terrena. A questão humana habitual de se a consciência terrena sobrevive à morte é ao contrário. A questão importante para uma alma é quanto da sua consciência normal, criatividade e contacto com o divino sobreviverá ao seu nascimento num corpo.

O facto da normalidade do estado de morte explica porque Cayce, ao entrar no transe para as leituras — um transe muito semelhante a um coma pré-morte —, recebia a sugestão de que «Agora o corpo está a assumir as suas forças normais», para que pudesse encontrar e dar a informação necessária para a leitura.

Mas a vida na Terra, nesta visão, também é valiosa. Há insights para a alma sobre a criação e o Criador, que só podem ser obtidos na Terra como em nenhum outro lugar. São insights que os «anjos», que Cayce

descrevia como seres que não empreenderam a encarnação terrena, nunca conhecerão.

Os desencarnados não são apenas recompensados pelo reconhecimento dos vivos, ou mesmo pela alegria de ensinar os vivos. Em casos relativamente raros, podem também trabalhar diretamente com os vivos para a realização de causas dignas.

Porque certas almas bem desenvolvidas veem mais após a morte do que os vivos (exceto nos sonhos dos vivos), estes desencarnados estão em posição de trazer ao sonhador orientação sobre muitas coisas: saúde, assuntos financeiros, causas sociais, serviço social, relações com os vivos. Mas pagam um preço por isso, insistia Cayce, e alertava que o sonhador que encontra tal ajuda tem responsabilidades especiais para estender os seus próprios talentos ao máximo absoluto, enquanto completamente desperto.

O próprio Cayce por vezes recebera ajuda de desencarnados. Tal experiência ocorreu espontaneamente alguns meses antes da abertura do hospital, quando o que parecia ser a sua mãe falecida falou através de Cayce no início de uma leitura para outra pessoa. Cayce recordou mais tarde o contacto como um sonho, mas os outros na sala ouviram as palavras ditas em voz alta. A sua mãe, que o chamava «Irmão», parecia estar a falar-lhe sobre uma fonte que Cayce planeara como memorial à sua mãe na entrada do hospital. Achava que ele devia deixar as irmãs ajudarem, bem como o pai que ainda estava vivo (mas não por muito tempo, como ela corretamente notou). O Cayce adormecido falou com animação: «Mãe!» Depois repetiu as suas palavras em voz alta:

«A Mãe está aqui. E ainda não escreveste à Irmã, nem lhe disseste — a Irmã não gostaria disso, Irmão, e sentir-se-ia magoada! Escreve à Irmã, diz-lhe, e à Sarah, à Ola e à Mary — todas vão querer participar, e sentir-se-ão exatamente como tu. E depois, quando tudo estiver resolvido, será tão bonito para todos saberem que a Mãe estará mesmo convosco! Sê um bom rapaz. Escreve, Irmão! Fala com a Mãe. Sê bom para o Papá. Ele estará em casa em breve. Mas escreve à Irmã — e diz às crianças que a Mãe as ama a todas.»

Cayce escreveu, e a fonte foi construída como um esforço conjunto. Foi, naturalmente, uma das coisas mais difíceis de perder quando o hospital foi mais tarde devolvido aos seus fundadores afetados pela Depressão.

O encontro com a mãe não foi a única experiência de Cayce em ser guiado do além da morte sobre como angariar fundos para o seu trabalho. Anos mais tarde, quando precisava de construir uma câmara à prova de fogo anexa à sua modesta casa, como lugar seguro para guardar os registos das suas leituras, teve uma experiência que relatou aos amigos do seguinte modo:

Na noite de 4 de novembro, tive este sonho, visão ou experiência. Estava no nosso escritório «sala de leituras», a discutir com alguns membros da família a necessidade de proteger e preservar os registos que já temos, e os meios para o fazer. Subitamente um «mestre» (o Mestre, para mim) apareceu e disse: «Paz esteja convosco! Pedi a todos aqueles que tentastes ajudar que vos ajudem a salvar estes registos, pois são as experiências deles e fazem parte deles. Quer contribuam com uma telha, uma viga, uma janela, uma porta ou a câmara inteira para os registos, dai a todos a oportunidade de participarem no trabalho.»

Cayce escreveu a todos os que alguma vez tinham tido uma leitura registada, e explicou como poderiam contribuir. Dois anos depois, a câmara à prova de fogo foi inaugurada — totalmente paga.

Nem o sonho da mãe nem o de Cristo pareciam a Cayce experiências limitadas a si próprio. Insistia junto dos sonhadores que orientava que, onde quer que as pessoas estivessem empenhadas orante em algum projeto de serviço, atrairiam ajuda do além da sepultura.

Quando um sonhador parecera obter ajuda onírica durante meses em ações, com a assistência do seu pai desencarnado, de modo a acumular fundos para apoiar o Hospital Cayce e a Universidade Atlântica, teve o seguinte sonho encantador:

O meu pai de algum modo a indicar algo relativo a um charuto que eu estava a fumar.

O pai fora devotado a charutos, e Cayce comentou a «alegria, satisfação, contentamento» vistos no sonho, enquanto pai e filho discutiam o aroma de bons charutos. Era uma indicação, disse Cayce, do bom sentimento em que o pai e outros desencarnados estavam a trabalhar cooperativamente com o filho — trabalho de equipa de ambos os lados da sepultura para realizar uma obra humanitária.

Sonhos de Contar aos Outros Sobre os Vivos Mortos

Nos meses seguintes, o pai pareceu reunir uma equipa de especialistas financeiros desencarnados, que ajudavam o sonhador com indicações enquanto dormia e acordado. Cayce tomou este desenvolvimento como factual; contribuiu orientando o sonhador para manter a cabeça fria na estranha parceria. Mas os familiares do sonhador eram céticos e hostis, por mais ricos que os seus esforços o tornassem a ele e aos associados. Ferido pelas suas repreensões, teve o seguinte sonho:

Parecia que viajei para um lugar de barco, e ali contemplei o Mestre — Cristo Jesus. Gritei a todos à minha volta o mais alto que pude: «Podemos ser como Ele — eu provei-o! Podemos ser como Ele — eu provei-o!» Ninguém quis ouvir nem acreditar em mim. Entrei no que parecia ser uma mercearia, e ali vi um homem que parecia Cristo — talvez fosse Ele, talvez não, mas estava vestido como Cristo estaria, embora mais jovem. Uma mulher disse-me: «Não é Ele um Deus maravilhoso?» «Podes ser como Ele», respondi-lhe. «Oh», replicou ela, «tu não és como Ele. És um humano mole e pastoso.»

Virei-me para lhe mostrar Cristo, e talvez fosse a Sua imagem numa caixa que lhe mostrei. Mas ali estava Ele, como O conhecia das imagens que vira — um Homem mais velho, compassivo, mas inflexível na Sua fé na Verdade, na sua adesão e propagação aos seus semelhantes. Fui até ao balcão da loja e sentei-me. Ali atrás do balcão vi o homem mais jovem, semelhante a Cristo, ajoelhado em oração. Estava a agradecer ao Seu Pai por muito.

Inclinei a cabeça nas mãos e chorei amargamente. «Dói aqui dentro», disse, apontando para o coração, e parecia referir-se à minha incapacidade de fazer os outros compreenderem — e também que Ele sofria exatamente assim. Disse: «De que serve o real, o verdadeiro, se somos ridículos para todos aqui na Terra?» — e vi-me a mim próprio a chorar ridiculamente a minha mensagem: «Podemos ser como Ele — eu provei-o.» Depois vi-O novamente, ajoelhado em oração agradecida, e chorando, disse: «Dói até à minha própria alma.» Então a voz — talvez fosse a Sua Voz — falou e disse: «Eles voltarão novamente à Terra para aprender. Eles ajoelhar-se-ão e adorarão… »

Foi um sonho que espelhava o centro da mensagem de Cayce, como experiência para o sonhador: «Podemos ser como Ele.» Cayce referia-se frequentemente à frase crucial deste sonho.

Mas o sonho também continha o perigo mortal de uma autoimportância inflada para o sonhador, como sonhos posteriores mostraram. E Cayce interpretou-o com cautela, comentando apenas no final da leitura que o sonho podia ser visto como uma mensagem de Cristo. O sonhador entrara quase no «Santo dos Santos», ganhando força e sabedoria d'Aquele que é força e sabedoria. Poderia, através do sonho, começar a compreender o grito de Cristo ao contemplar a antiga capital da Palestina:

«Ó Jerusalém, Jerusalém! Quantas vezes quis eu reunir-te, como a galinha reúne os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste!» Havia então apenas um caminho para alguém determinado a levar uma mensagem difícil aos seus semelhantes: estar «muitas vezes em oração», pois «aqueles que O procuram, o Mestre, podem encontrá-Lo» bem como «força e resistência no corpo, na alma e na mente».

De certo modo, a lição mais difícil que Cayce teve de incutir nos seus sonhadores, quando estes se convenceram da realidade da vida para além da sepultura e do trabalho partilhado com desencarnados, foi que não deviam tentar provar a sua visão aos outros por meio de proezas psíquicas. Não se devia tentar tal prova, alertava-os vezes sem conta. As pessoas podiam ser convidadas a explorar por si próprias, mas demonstrações estavam fora de questão, exortações estavam fora.

Exatamente como Jesus ensinara, nenhum «sinal» devia ser dado. As mentes e os corações dos homens deviam ser conquistados de outro modo, pela qualidade de vida partilhada com eles.

A mesma questão surgia ao contar aos outros sobre Cayce, como ele comentou num sonho posterior ao referir-se novamente a «Eu provei-o» na sua interpretação. O sonhador relatou:

Entrei num quarto onde havia muitas pessoas e vi um homem a dormir — deitado ali a dormir. Talvez fosse Edgar Cayce. Estava preocupado com as ações da Pan Petroleum, e com o petróleo. Muitos olhavam para mim à procura de conselho ao mesmo tempo. Então disse: «Oh, bem, não consigo conversar com um homem a dormir tão facilmente como (tal como é com o meu pai) consigo falar com ele mesmo sem que uma palavra seja dita — onde recebo o meu conselho, do guia.»

Estava a vangloriar-se no sonho do seu conselho sobre ações e outros assuntos vindo diretamente do pai desencarnado, em vez de através do Cayce adormecido. Mostrava também algum desdém pelas próprias pessoas que supostamente devia ajudar: «Parece que os outros não pediram a compreensão para obter esse conselho.»

Mas depois o sonho mudou rapidamente, alcançando os seus melhores motivos:

Então entrou um menino pequeno vestido de farrapos. Senti pena dele, e pondo a mão na sua cabeça, disse: «Eu levo-te comigo e amo-te.» Depois entrou um homem que parecia ser o pai da criança, e o menino apontou-mo. Disse-lhe: «Quero levar o teu filho e cuidar dele.» Então o homem respondeu: «Eu consigo sustentá-lo e criá-lo, se tivesse saúde.» Depois mostrou-me um braço paralisado. Senti-me terrivelmente triste, e pensei que gostaria de usar o meu poder (de comunicar com o meu guia) para converter o homem, novamente com o homem adormecido — e depois falar com estas pessoas e explicar em linguagem que compreendessem o que podiam fazer. Depois vi o homem adormecido no que parecia ser a montra de uma loja de departamentos, e multidões de pessoas ali, a olhar através do vidro para este fenómeno.

Ao discutir o sonho, Cayce disse que o homem adormecido representava tanto Cayce a dar leituras — num estado em que forças mentais, cósmicas e espirituais estavam todas combinadas para serem úteis — como o sono dos próprios observadores, onde poderiam «através do sonho alcançar forças mentais, espirituais, cósmicas» que podiam ser cuidadosamente correlacionadas com a experiência desperta para «ganhar conhecimento através do qual o mental, o material, o moral, todo o ser do homem pode ser beneficiado, vês?»

Estava a desviar a atenção do sonhador das suas proezas oníricas para a questão do que os outros poderiam aprender a fazer nos seus próprios sonhos.

Mas como despertar o interesse dos outros? O sonho dramatizou duas maneiras de tentar alcançar os outros.

Uma era a representada pelo homem a dormir na montra da loja. Isso apelava apenas a uma parte da mente dos observadores, não à sua capacidade de compreensão perfeita. Alimentava o elemento de «mistério», a «compreensão momentânea», o sentido do «extravagante».

A outra via residia no episódio da criança e do pai, onde o sonhador sentia o impulso de compaixão e ajuda. Era o caminho da «educação ou conhecimento para os jovens; assistência aos coxos, mutilados ou em sofrimento físico ou mental» que poderia muito melhor «trazê-los em relação com aquelas Forças Universais, em relação com Deus» através de sonhos e desperto.

Além disso, as pessoas que precisavam de compreender a vida após a morte encontrá-la-iam nos seus próprios sonhos, se procurassem. Entre os sonhadores de Cayce, um marido falecido veio em sonho ajudar a viúva a recuperar a herança de um administrador desonesto. Uma sogra falou do além para avisar um sonhador contra más companhias. Um pai que servira como guia do sonhador ameaçou retirar toda a assistência do plano seguinte se o filho continuasse a brincar com mulheres. Um sonhador que relatou brincar a lutar com um tio falecido num sonho foi dito por Cayce que escorregara sem saber no

sonho para «a Fronteira», onde ele e o tio tinham desfrutado de um tempo feliz juntos.

Os sonhos vinham aos sujeitos de Cayce para lhes mostrar o tipo de veículo ou corpo que poderiam ter após a morte, como saberiam que estavam mortos, como progrediriam através de vários planos, e que tipo de ajudantes encontrariam. Muito foi revelado nos seus sonhos sobre a comunicação com os mortos: como a sua perceção era um sentido que parecia vários, como reuniam energia para contactos com os vivos, como se reuniam para ouvir onde os vivos ensinavam sobre a morte, como ansiavam falar através de um médium, como alguns mal desenvolvidos tentariam tomar conta de uma pessoa viva deixada aberta à sua influência pelas suas atitudes, ações ou má saúde.

Pergunta: Quando Está Alguém Pronto para Sonhos dos Vivos Mortos?

Ao comentar centenas de tais sonhos, Cayce ofereceu várias respostas.

Primeiro, está-se pronto para tais sonhos quando os tem. O subconsciente não lhe dará experiências que não consiga lidar se escolher fazê-lo. Em segundo lugar, está-se pronto para contacto onírico com os mortos quando não se falará levianamente deles. Na visão de Cayce, tais sonhos podiam significar escapismo perigoso.

Em terceiro lugar, está-se pronto para sonhos dos mortos quando se ama e serve verdadeiramente os vivos; tais sonhos vêm sempre por uma razão pessoal, um crescimento pessoal do sonhador, ou algum serviço concreto no ciclo regular da sua vida diária. Mensagens oníricas que pareçam vir para o público em geral são imediatamente suspeitas, pois o contacto saudável com os mortos não foi concebido para funcionar para os vivos desta forma.

Em quarto lugar, está-se pronto para sonhos dos mortos quando se está tão pronto para dar ajuda aos mortos como para a receber. Quando a oração por um desencarnado surge livre e naturalmente na mente, então visões deles podem seguir. Qualquer outra abordagem tende a ser exploratória. Em quinto lugar, está-se pronto para sonhos

de entes queridos falecidos quando se trabalhou através dos lutos e culpas em relação a eles, e se lhes perdoou os danos causados a si próprio. A falta disto cria uma barreira quase impenetrável.

Por fim, pode-se sonhar com os mortos quando a própria vida plena se aproxima do seu fim natural, e é tempo de se preparar para a próxima jornada.

Sonhar com a Reencarnação

Um dos «mortos» que viverá, disse Cayce, é o próprio sonhador. Nos sonhos pode encontrar-se a si próprio como foi noutras vidas.

Há duas maneiras como tais sonhos podem ocorrer. Uma, relativamente pouco comum, é recordar uma cena de uma vida passada exatamente como outrora aconteceu. A outra é sonhar com uma cena presente, mas com a trama fornecida por forças de uma vida passada.

Na visão de Cayce, não se deixam simplesmente as vidas passadas para trás; vive-se todas elas no presente, em algum grau, e em momentos variados da vida. Consequentemente, os sonhos transportam frequentemente a ação da personalidade passada à medida que é chamada a atuar pelos eventos da vida presente. Tais sonhos mostram o sonhador e os seus associados com roupa moderna, como Cayce indicou explicitamente, mas reencenam o «carma», ou a herança de temas, traumas e talentos de vidas passadas, tal como outros sonhos reencenam motivos semelhantes da infância nesta vida — e ainda outros sonhos combinam ambos.

Tal visão tornava difícil aos sonhadores de Cayce distinguir sonhos enraizados na vida presente daqueles que também tinham raízes em vidas passadas. Para Cayce esta distinção não era particularmente importante. O que importa, na sua visão, é que o sonhador atue sobre o sonho. Quer provenha de uma vida ou de uma dúzia, o egoísmo tem de ser vencido, o talento arriscado, o amor dado, recusado e dado novamente. Ao contrário de muitos fascinados pela ideia de reencarnação, o Cayce adormecido só a trazia à baila quando pudesse ajudar especificamente um sonhador a compreender-se a si próprio ou a

outra pessoa. Caso contrário, mantinha-se nas escolhas presentes diante do sonhador.

Mas havia indícios de que todos os sonhos sérios podem ser lidos como incorporando algum grau de temas de vidas passadas. A vida da alma é tecida destes muitos fios, por mais moderna que seja a configuração presente.

Quando o próprio Cayce sonhou que uma amiga sua era usada como escudo humano por bandidos, após o que ele abateu o bandido principal e a resgatou, foi-lhe dito pela leitura que deveria atuar como «protetor, professor, guia, diretor» na sua relação presente, devido a uma associação numa vida passada. O facto de todos estarem vestidos à moda moderna no sonho apenas acentuava a necessidade de uma «defesa moderna» da sua «atividade, pensamento ou propósito». Quando sonhou que ele e um dos filhos discutiam e o filho saía de casa, foi-lhe dito que estava a ver o tipo de tensão que tinham conhecido juntos numa época da história do Egito, e que tanto ele como o filho teriam de vigiar o temperamento e a língua.

Uma mulher que noutra vida controlara homens com a sua beleza sonhou com a competição com mulheres atraentes para manter o marido nesta vida. Uma mulher que noutra existência liderara o seu povo como guerreira feminina tinha, nesta vida, de aprender a controlar os seus impulsos de poder ou alienar todos os que se aproximassem dela. Um homem que numa vida anterior duvidara da missão religiosa do irmão continuava a sonhar com o irmão presente a voltar-se contra ele. Um jovem que fora rei noutra vida foi avisado sobre os seus ares de cavalheiro sulista nesta vida.

Uma mulher brilhante que fora filha de um filósofo sonhou com a forma de fazer a língua ceder ao coração. Um homem que numa existência passada usara o seu poder para o exílio de um líder sonhava constantemente com o que se sentia ao ser rejeitado por aqueles no poder e na influência. Um homem profissional que fora um libertino numa vida não muito distante sonhava repetidamente com ser apanhado e humilhado enquanto fazia amor com uma mulher que não era sua esposa. Uma mulher que fora atriz sonhava com a escolha entre

ser uma verdadeira artista e uma exibicionista. Um homem que usara o poder militar para humilhar outros via-se nos sonhos rebaixado por figuras militares.

Pelo menos era assim que Edgar Cayce via as tramas e os enredos dos seus sonhos. Como poderiam os sonhadores alcançar uma perspetiva sobre tais afirmações? Sonhando memórias reais de vidas passadas, dizia-lhes ele.

E sonhavam, sim. Sonhavam com palavras, nomes e frases em hebraico antigo, egípcio e persa. Sonhavam com cenas estrangeiras vívidas: um oásis, um homem enorme vestido à maneira árabe inclinado sobre o sonhador ameaçando-lhe a vida, tendas dos israelitas acampados perto de Jerusalém no seu regresso da Babilónia, raios e máquinas da antiga civilização da Atlântida, pesca no mar da Galileia no tempo de Jesus, a dedicação cerimonial por milhares de uma pirâmide no Egito, morte em combate numa arena grega, o desembarque de navios na América primitiva, os conflitos dos israelitas com os moabitas, o domínio romano dos países mediterrânicos, a expansão do pensamento hindu para fora da Índia e a força moral dos antigos ensinamentos chineses.

Tipicamente, tais sonhos não eram meros cenários noturnos, mas episódios vividamente focados num problema presente do sonhador.

Quando Edgar Cayce estava sob stress no meio das discussões entre os apoiantes do seu hospital, pouco antes de este ser encerrado e vendido, sonhou o seguinte durante uma leitura:

Pensei que estava com o Sr. e a Sra. Ló e as suas duas filhas a fugir de Sodoma, quando chovia fogo e enxofre. O que fora chamado «ela transformou-se numa coluna de sal», porque olhou para trás, era que realmente passaram pelo calor — como o que vinha do fogo do céu — e todos foram provados por isso. Eu atravessei o fogo.

Para sua surpresa, Cayce foi informado pela sua própria fonte de leitura que estivera lá com Ló, como alguém enviado para avisar do que viria. Acompanhara efetivamente a família na sua experiência aterradora, que lhe era agora revista porque teria de passar por outro

tipo de «fogo» ele próprio, ao sofrer com os seus associados. Se escaparia novamente dependeria das suas «atitudes e atividades». Para se preparar, deveria estudar a vida de cada indivíduo relatado na história bíblica.

Um homem de negócios judeu prático, ponderando o que fazer da figura de Cristo, sonhou uma visão surpreendente:

Tenho medo de escrever — ou enquanto escrevo isto ainda estou assustado com esta visão. Mas deve ter tido importância na minha vida, e é isso que procuro. Visionava algo relativo ao Senhor Todo-Poderoso a morrer, e depois algo aconteceu apenas um ano e meio mais tarde. O que aconteceu, e como se relaciona com a minha vida presente? A morte do Senhor e este acontecimento subsequente um ano e meio depois lembraram-me a morte do rei de dezanove anos, Tutancâmon. Que relação tem a morte do Senhor, e um evento seguinte (que evento foi este?), com a morte do faraó de dezanove anos?

Ao responder a este sonho, Cayce disse ao sonhador, como frequentemente dizia àqueles que sonhavam materiais que ele sentia serem de vidas passadas, que ele próprio poderia resolver o enigma deste sonho voltando a mente introspetivamente. Não era preciso estar a dormir para contactar tais memórias.

O sonhador estivera outrora muito próximo de Jesus, mesmo na sua casa, e experimentara o choque imenso da sua morte. Era então apenas um jovem, e levou-lhe um ano e meio para decidir reconhecer o lugar de Jesus como seu «Mestre». Isso aconteceu quando tinha precisamente dezanove anos. Fora então «um pensador profundo» e estudante de culturas antigas, sobre quem o governo útil do jovem Tutancâmon causara forte impressão, especialmente a forma como unira casas divididas.

O jovem da Palestina aos dezanove anos identificara-se com o jovem monarca, e quando os eventos traumáticos e as escolhas da sua vida palestiniana lhe voltavam agora em torrente, também voltavam as associações com o Egito que estavam nos seus pensamentos então. Agora estava numa família dividida por discussões sobre o significado

de Cristo para os judeus, e teria de olhar para além das aparências superficiais e lealdades em busca das realidades mais profundas que se aplicavam. Era por isso que o seu sonho o levara de volta através dos séculos.

Cayce dizia aos que orientava em sonhos que o estudo da reencarnação era tão importante como o estudo da vida após a morte. Pô-lo desta forma a uma mulher: «Pois, se os indivíduos fossem tão atentos ao que já foram como o são ao que hão de ser, esta tornar-se-ia uma experiência muito mais interessante e também mais intencional; pois então, como Ele deu, aqueles que estão de guarda não permitem que as suas casas, os seus próprios seres ou as suas capacidades mentais sejam despedaçadas.»

PARTE IV

AUTODESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DOS SONHOS

CAPÍTULO XI

ATRAVÉS DOS SONHOS PARA UM CORPO SAUDÁVEL

Embora Cayce enfatizasse o poder da «mente construtora» para moldar a vida de cada pessoa, insistia que o corpo devia ser considerado em todas as fases do crescimento. Como via o desenvolvimento individual, a mente está aninhada confortavelmente dentro do corpo, e profundamente afetada pela função das glândulas endócrinas, bem como indiretamente influenciada pela dieta, exercício, eliminações, postura e outras considerações. Com esta visão, Cayce posicionava-se perto da psiquiatria moderna.

Historicamente, adotava uma posição sobre o papel do corpo no crescimento humano que o colocava mais próximo do judaísmo e da Bíblia do que do pensamento grego e gnóstico, que alternava entre a adoração da forma humana e o tratamento do corpo como prisão do espírito. Cayce comentou uma vez numa leitura que o corpo, para um ser humano, é uma estrutura tão natural e íntima para a alma como uma unha é para um dedo.

Nesta perspetiva, os sonhos tratam naturalmente de preocupações com a saúde física. Certamente, apontava Cayce, muitos sonhos lidam simultaneamente com a saúde física e outras preocupações.

Um associado que demorava a angariar fundos para o Hospital Cayce sonhou que estava constipado. Cayce interpretou o sonho como referente tanto à constipação física, que precisava de atenção, como à «constipação» da angariação de fundos, que estava parada porque o sonhador retinha demasiado a iniciativa para si próprio. Outro sonhador viu-se a cair na neve molhada de uma rua, onde perdeu as luvas e perdeu o rasto do irmão. Estava a ver, disse Cayce, que precisava de prevenir exposição excessiva ao inverno, e também que devia seguir mais de perto o conselho do irmão, tanto em assuntos de saúde como em assuntos de negócios.

Sonhar com o Corpo

Um homem de negócios sonhou vividamente com uma parente que acabava de sair do hospital após uma grande cirurgia.

Estávamos todos na quinta, e ela vinha do médico, a regressar sozinha a casa. Ao entrar na sala, escondi-me atrás da porta, para que não me visse. Estava muito pálida e trémula, e dizia algo sobre outra operação. Alguém na multidão disse que estava quase histérica.

Este sonho, disse Cayce, era um aviso sério à parente para abrandar durante o período pós-operatório. O sonho fora colocado numa quinta porque era «todo sentimento», distinto de um sonho sobre atividades mentais. O sonhador fora mostrado a esconder-se porque o sonho dizia respeito a uma complicação oculta em desenvolvimento, que necessitaria de uma segunda operação se a mulher não tivesse cuidado. E ela própria fora mostrada «trémula e histérica» para indicar o aviso, bem como a sua esperança interior de recuperação sem repetir a dor da primeira cirurgia — dor que não seria necessária, com cuidado.

O aviso foi levado a sério, ao contrário de alguns avisos de saúde que chegavam ao mesmo sonhador. A sua esposa opunha-se ao uso de osteopatia por ele. Isso explicava, disse Cayce, o seu sonho de ir

encontrar alguém num hotel isolado. O sonho indicava que ele devia obter o tratamento, mesmo que tivesse de o manter escondido dos outros!

Bem diferente foi o sonho de uma mulher que em breve ficaria grávida:

Ia entrar na água para nadar a partir de uma plataforma instável, muito pouco sólida na sua estrutura. Ao saltar, ou tentar mergulhar, fiz um «pancadão» na barriga — isto é, aterrei de barriga. Doeu.

A entrada na água, uma variação do Mar-Maternal ou da mãe da vida animal na evolução, era aqui, relatou ele, um símbolo da sua preparação para entrar na maternidade. Mas o seu corpo não estava em forma, pois precisava de fisioterapia e exercício para reorganizar e fortalecer alguns órgãos; daí a «plataforma instável». Devia pôr-se ao trabalho com os cuidados médicos necessários, pois «este é o maior dos ofícios dados ao sexo — a mulher».

Como frequentemente acontecia aos sonhadores orientados por Cayce, o seu segundo sonho da mesma noite tratava também da mesma questão.

Estava de volta à faculdade, e ia ficar no dormitório. Queria dois quartos para viver com outras duas raparigas, e queria a minha própria casa de banho privada. Queria boas refeições. Decidi não ficar porque a comida era má.

Aqui o sonho mostrava a sua necessidade de se preparar para a gravidez que se aproximava — tanto fisicamente, como mostrado pelos emblemas de comida e banho, como mentalmente, como mostrado pelo seu desejo de espaço e privacidade no sonho.

O marido dela teve material de sonho muito diferente sobre o corpo:

Contemplei um grande anúncio em luzes elétricas, brilhando sobre a Broadway. Dizia: «A substância da matéria e da mente é uma e a mesma coisa.»

Cayce disse: «Esta verdade, e a compreensão dela, deveriam estar gravadas nas mentes e corações das pessoas», como as luzes significavam, sobre a «artéria principal» da vida. Na visão de Cayce, matéria e mente são duas das três ordens originais da criação (que ele dizia serem «matéria, mente e força»), e embora diferentes, cada uma provém e responde ao mesmo Criador. Para ele nunca havia fundamento para o dualismo que desvalorizava a matéria.

O sonhador continuou o relato do seu sonho, que era típico do tipo filosófico ou reflexivo que aparecia dezenas de vezes nos registos de sonhos de Cayce.

Depois acrescentei que a diferença entre matéria e animal é que a matéria é uma forma materializada-alterada desta única substância, enquanto o animal é esta única substância organizada para se manifestar materialmente como mente.

A visão do sonhador era muito semelhante à de Cayce. Pois Cayce via toda a criação sub-humana a mover-se lentamente em direção à consciência, com os reinos mineral, vegetal e animal a governarem sucessivamente a Terra nessa ordem, necessitando da consciência humana para coroar a progressão.

O sonhador prosseguiu com o seu sonho:

Que a diferença entre animal e homem é que o desenvolvimento da organização animal se limita à secção do processo desta única substância que se transforma em forma materializada. Enquanto a organização da mente humana inclui na forma materializada um desenvolvimento ganho em todas as outras secções do processo desta única substância.

O sonho estava correto, disse Cayce. A consciência animal está limitada ao que se desenvolve na sua própria duração de vida, enquanto a consciência humana, devido ao papel da alma, inclui também elementos de reinos vastamente diferentes da criação. O homem é feito para conter dentro de si todos os padrões e modos de criatividade ainda concebidos pelo Eterno (poderá haver mais um dia), pois do homem é «a mais alta Energia Criativa criada no plano material».

Depois Cayce falou sobre a morte, onde a separação das ordens da criação se torna clara. Na morte «o que pertence ao reino material permanece material. O que pertence ao reino espiritual permanece espiritual. O homem desenvolve a alma, nessa experiência (ou vida), ao longo do seu plano de existência. Como o animal, o corpo humano (na morte) torna-se pó em pó. Como o corpo da besta, todo o pó em pó move-se nas suas forças acumuladas, seguindo a sua… fase do desenvolvimento, vês? Enquanto a força espiritual prossegue na sua própria esfera, vês? Contudo tudo de Uma Só Fonte, pois somos todos irmãos.»

Na visão de Cayce, a criação material tem as suas próprias leis e destino, tal como a alma tem as suas próprias leis e destino. As almas agora em vidas terrenas tornaram-se desorientadas, e com demasiada frequência tentam viver o caminho da alma pelo caminho do animal — não um caminho indigno, mas errado para elas, no plano designado da criação. A reencarnação é uma forma de aprender sobre animais, corpos, criação terrena, enquanto se segue o longo destino da alma.

Numa bela alegoria onírica sua, Cayce viu o processo dramatizado. Viu-se a viver e a morrer em existências como vários animais, alternando com encarnações como ser humano. Foi um caracol, um peixe, uma vaca, um cão, um pássaro. Foi também pescador, pastor, guarda militar, índio e soldado da Guerra Civil.

A leitura sobre este sonho disse-lhe especificamente que não era literal, mas emblemático — embora toques das suas verdadeiras vidas passadas como humano pudessem ser encontrados entrelaçados na fantasia. O que estava a ver era o que um humano pode aprender da criação animal, desde o medo da extinção até ao amor materno, com ódio por outras espécies e finalmente serviço aos outros — tudo simbolizado nos animais do sonho. Estava também a ver a grandeza da existência humana e da companhia, mas como esta era distorcida pela confusão com aprendizados do reino animal.

As leituras de Cayce afirmavam infalivelmente que os homens nunca se encarnam em corpos não humanos. Mas este sonho levara Cayce para dentro da existência animal da forma mais comovente, para

lhe mostrar o que os humanos aprendem nas vidas terrenas sobre as manifestações da Única Força nas suas várias ordens de criação. Tudo o mais, exceto as almas, está destinado a desintegrar-se e reintegrar-se infinitamente; as almas, como o seu Criador cuja imagem eterna carregam, destinam-se a perdurar.

Sonhar com as preocupações do corpo assume muitas formas.

Sonhos de Função Corporal

Os sonhadores de Cayce submetiam-lhe materiais oníricos que tocavam cada um dos principais sistemas do corpo.

Havia sonhos de circulação. Um homem sonhou que lhe aparecia uma erupção cutânea ao cortar-se ao barbear-se, e Cayce disse que estava a ver evidência de venenos no sangue, que precisava de ferro. Quando mais tarde sonhou com problemas glandulares na garganta, estava, disse Cayce, a ver mau funcionamento endócrino devido a anemia. Quando sonhou que lhe eram removidas as amígdalas, estava a ser avisado de um tipo diferente de congestão circulatória. Outro sonhador relatou um sonho em que comer refrescos numa festa familiar levava a palavras duras e a uma luta à pancada; estava a ver, segundo Cayce, que algumas formas de álcool lhe faziam bem com moderação, como na cena da festa, mas não o álcool produzido no sangue pelo excesso de doces — que dominara a cena da festa mesmo antes da luta.

Havia sonhos gastrointestinais. O próprio Cayce sonhou com uma pequena roda na cabeça que parara de girar por precisar de óleo. A leitura disse que estava a ver como as suas dores de cabeça derivavam de uma necessidade intestinal de lubrificação para combater a obstipação. Um sonhador relatou ter uma médica a tratar-lhe um dedo do pé dorido enquanto estava numa loja onde muitos comiam gelados e bebidas gaseificadas. A mulher prestável representava, como frequentemente nos sonhos de um homem, um elemento de orientação — neste caso, afastando-o de um ponto doloroso (Cayce disse, «em gíria comum, um *dedo dorido* para a entidade»), que era o excesso de doces do sonhador.

Havia sonhos respiratórios. O impacto de uma constipação foi mostrado a um sonhador como marinheiros arrastados pela água para o mar. Uma infeção brônquica foi mostrada por asfixia.

Havia sonhos de hipocondria, de mau funcionamento sexual, de metabolismo prejudicado, de perturbações nervosas.

Sonhos de Cuidados Corporais

Quando um sonhador relatou como as pernas lhe doíam num sonho de uma longa viagem de comboio, Cayce incentivou-o a fazer mais exercício. Quando o sonhador relatou ver o irmão paralisado num sonho, Cayce disse que tinha em parte a ver com perigo para a saúde do irmão, mas sobretudo com a tendência do próprio sonhador para estagnar, por falta de descanso e brincadeira.

Havia sonhos de mudanças na dieta. Um homem sonhou que os tomates fariam bem à esposa — e Cayce concordou. Outro viu-se a receber um demitasse *(meia xícara)* quando pedira uma grande chávena de café; o seu subconsciente mostrava-lhe que estava a tomar cafeína a mais para o seu sistema nervoso, disse Cayce. Um sonho com óleo de fígado de bacalhau levou o sonhador a tomá-lo, enquanto outro sonho o incitava a não incomodar sexualmente a esposa durante a menstruação.

Uma série de sonhos com golfe enviou um sonhador para o golfe, enquanto o sonho de outro de que um elétrico passava por cima do seu impermeável o levou a vestir-se melhor ao ar livre. Como resultado de sonhos, uma mãe tomou melhores precauções para evitar que o bebé caísse e mudou hábitos para o colocar mais ao sol.

Cayce teve um sonho vívido de estar na igreja quando o serviço estava prestes a começar, e o chão subitamente cedeu. A leitura disse-lhe para evitar o «serviço» aos outros através das suas leituras até que o seu corpo estivesse em melhor forma geral para o esforço. Tirou férias, pois ele e a família recordavam bem aquelas poucas vezes assustadoras em que o seu transe se transformara em coma de onde não acordava, apesar de todas as sugestões que lhe eram dadas.

Sonhos de Cuidados Médicos

Mais do que alguns sonhos avaliavam médicos específicos, por vezes com aprovação e por vezes com desaprovação que levava à mudança de médico. Outros avaliavam o efeito de certos fármacos no sonhador. Uma vez o próprio Cayce sonhou uma prescrição farmacêutica completa de oito partes para tratar a sua constipação — e descobriu que ajudava.

Havia avisos oníricos específicos sobre como evitar o perigo de epidemias de difteria e poliomielite. Havia sonhos que aconselhavam banhos de vapor e jejum.

E, naturalmente, havia sonhos sobre o elemento da oração como participante na cura. Uma mulher sonhou com dois médicos, mas só conseguia recordar o nome de um. Cayce lembrou-lhe que o outro no sonho fora o «Grande Médico», cuja ajuda era muito necessária juntamente com os cuidados médicos para a sua mãe moribunda. Quando um homem procurou compreender num sonho por que razão as suas orações pela cura de outrem não tinham sido eficazes, sonhou que «dois mais dois igual a quatro» fazia parte do sonho. Cayce explicou que em tal cura «há duas consciências a serem manifestadas com a única lei psíquica ou espiritual»; a dúvida e o medo na mente de qualquer uma delas podiam bloquear a função de uma lei tão real como a matemática.

Pergunta: Como Podem os Sonhos do Corpo Ser Melhor Usados?

Cayce nunca incentivou os seus sonhadores a serem os seus próprios médicos. Via a maioria dos seus sonhos sobre o corpo como sensibilizando-os para preocupações que já tinham, mas negligenciavam. Ou via tais sonhos como os incitando a consultar os seus médicos.

Não os exortava a tomar sonhos de morte e doença grave como literais — pois frequentemente o subconsciente poderia dramatizar em imagens tão chocantes apenas tendências que, a longo prazo, poderiam levar a problemas médicos. Naqueles poucos casos em que a morte estava realmente iminente, apontava que o material onírico

frequentemente tratava menos de preocupações corporais do que de preocupações psicológicas e emocionais, preparando o sonhador e os outros para lidar com a transição vindoura.

Notava a frequência de algum elemento de função corporal real quando os sonhos eram sobre o corpo. Comida, ou medicamento, ou dor, ou uma parte do corpo é posta em foco, ou um médico ou enfermeira está presente. Os sonhos corporais não são simbolizados de forma obscura. Nem são isolados: se o aviso for importante, repetem-se, e não raramente são dados também a familiares.

Mas o corpo pode também aparecer emblematicamente nos sonhos, disse Cayce. Os pés podem ser a postura ou a fundação de alguém; a dor pode representar sofrimento. No caso de um sonhador, nós no cabelo eram nós no raciocínio.

Alguns dos sonhadores de Cayce tiveram sonhos repetidos com animais, que ele dizia dramatizarem tanto a função corporal como — mais significativamente — atitudes psicológicas que tais animais simbolizavam. Para os ajudar a compreender estes símbolos, pôs alguns dos seus sonhadores a estudar a imagética da mitologia e mesmo do Livro do Apocalipse na Bíblia. Desenvolveu para eles toda uma teoria da função das glândulas endócrinas em resposta a fatores psicológicos. Era um aspeto estranho da sua interpretação de sonhos e símbolos, mas para o Cayce adormecido tão natural como uma dor de garganta, um aborto espontâneo ou os benefícios da natação para um financista sedentário.

CAPÍTULO XII

ORIENTAR A VIDA ATRAVÉS DOS SONHOS

Na visão das leituras de Cayce, nenhum homem pode ou deve inventar a sua própria vida.

Há demasiados desconhecidos para a consciência apreender. Há os impulsos, talentos e problemas de vidas passadas. Há correntes de mudança social, política e religiosa a mover-se sob a superfície da época, que exigem respostas imprevistas de um indivíduo. Há almas à espera de nascer como filhos ou netos seus, se certas escolhas forem feitas. Há uma centelha do divino em cada estranho, que precisa de ser encontrada e avivada em chama. Há desencarnados reunidos à volta de homens de boa vontade e trabalho árduo, alguns à espera de aprender e outros à espera de ajudar. Há mesmo anjos a serem recebidos sem o saber.

Dado tudo isto desconhecido, nenhum homem pode esperar inventar a melhor trajetória para a sua vida — para a sua vocação, o seu casamento, a sua comunidade, as suas causas, o seu povo.

Mas basta a qualquer homem começar com o melhor que sabe.

As almas não são julgadas por padrões absolutos, disse Cayce. São julgadas pela fidelidade aos seus próprios ideais, à sua própria compreensão. E não são julgadas tanto pelos seus fracassos como pela vontade de se levantar e tentar novamente.

É melhor, dizia frequentemente, um indivíduo fazer algo com a sua vida, mesmo que errado, do que nada — apenas à deriva. Pois quando uma vida é posta em movimento com base no melhor que se conhece, por mais inadequada que seja a visão, forças úteis são sempre chamadas a atuar, tanto dentro como fora do indivíduo, que podem corrigir o seu rumo para uma aventura de crescimento.

Não é preciso inventar a própria existência. Basta «usar o que se tem em mãos» e «o que se segue será suprido». Pois há duas forças auxiliares sempre a trabalhar, para guiar o desdobrar e o gasto de uma vida humana.

Uma força é a centelha original de energia criativa da própria pessoa, uma força colocada nela na criação, e que carrega um potencial de amor e criatividade tão grande como o do próprio Criador. A outra é um espírito «presente no universo» de ajuda, de criatividade sem fim, bondade e sabedoria, que para Cayce era tipificado por Cristo, porque Ele o exemplificava tão plenamente como alma. Esta outra força «procurará o seu próprio» dentro do indivíduo quando lhe for permitido fazê-lo, e magnificará tudo o que for bom na pessoa.

Na visão de Cayce, os sonhos são de importância primordial para o encontro da força criativa última de uma pessoa com essa outra força que sempre procura ajudá-lo.

Um corretor de bolsa que lutava com a questão do que Deus quer das almas humanas sonhou uma visão ousada e inesquecível, em que o próprio Deus veio ao seu apartamento. O sonho começou por focar no trabalho diário do sonhador.

Estava no que parecia ser uma estação ferroviária e comprei muitos rebuçados. Paguei 1 dólar por cada caixa, e antecipava vendê-los a 2 dólares cada.

O sonhador estava a ver, disse Cayce, a sua própria vocação de comprar e vender ações, que muitas vezes lhe pareciam luxos como rebuçados perante as necessidades do mundo, mas que na verdade eram necessidades. Já lhe dissera antes que Deus era Deus da «Rua» tanto quanto do templo ou do hospital. O sonho continuou destacando o desejo do sonhador de servir os outros:

Enquanto levava os rebuçados para o automóvel, vi uma mulher com crianças, também carregada de embrulhos. Senti que gostaria de a ajudar com os dela. «Se eu pudesse apenas terminar este trabalho — levar isto para o carro, ajudava-a», disse. «Oh, tudo bem», respondeu ela. «Temos um carro lá fora, e não é assim tão difícil nem tão longe.» Notei que ela estava bem vestida, tinha automóvel, e estava carregada do que pareciam baterias de rádio — particularmente a criança carregava-as.

Estava a ver o seu desejo de ser de mais ajuda do que o seu atual ciclo permitia. Mas a afirmação dela de que conseguia ajudar-se a si própria era um lembrete de que o seu melhor serviço seria sempre ajudar os outros a encontrar o melhor em si mesmos. Parte disso ele podia fazer sendo um corretor de bolsa muito bom. Depois, com o tempo, também poderia ensinar e escrever, enviando «mensagens» que eram simbolizadas pela alusão ao rádio. Tinha de percorrer o caminho do dever na sua vida diária, e descobriria que isso o levaria à promessa de companhia com o divino, oferecida a toda a alma como destino. Este era o fardo da parte seguinte do sonho.

Regressei ao meu trabalho. Parecia servil, não agradável. Era necessário trabalhar, e embora parecesse reduzido na posição e no tipo de trabalho, recordei a «promessa» [dada num sonho anterior] de que seria «elevado até Ele», e encontrei felicidade nessa promessa. Comecei a cantar enquanto trabalhava, levando as caixas para fora.

Como que para sublinhar este pensamento, o sonho virou agora para conselho prático sobre ações, onde o sonhador viu um associado de negócios a fazer algo ridículo na Bolsa.

Estava sentado num quarto no andar de cima com Wm. L. Parecia estar a tocar um instrumento musical. Depois perguntou-me se eu comprara alguma ação da Hupmobile.

O sonhador devia notar, disse Cayce, que a incongruência da cena já era um aviso sobre essa ação em particular.

«Não», respondi. «Não quero nada disso.» «Então não vais participar no movimento em que estamos.» Vi montes de ações da Hupmobile a serem vendidas, rolos delas a sair na fita, milhares de ações de cada vez. A Hup está a vender-se por volta de 21-22.

Novamente, disse Cayce, o elemento de incongruência era um aviso sobre esta ação, embora em breve fosse muito ativa, como o sonho sugeria. O aviso era ainda mais enfatizado pela incapacidade do sonhador de colocar a sua ordem,

Corri para comprar 100 ações, mas não consegui meter a ordem. Estendi a mão para o telefone da bolsa para colocar a ordem eu próprio, para comprar 100 ações da Hupmobile ao preço de mercado, quando o empregado da ordem tirou o telefone das minhas mãos, como que a dizer: «Isto não é da tua conta.» Disse-me: «Eu meto a ordem por ti», e fê-lo. Depois voltei e sentei-me com L e notei que ele começou a tocar guitarra, ou banjo.

Claramente, comentou Cayce, o sonhador estava a ser avisado para não agir sobre esta ação no momento. Em vez disso, devia estudá-la, usando o seu julgamento consciente. Quando as perspetivas parecessem boas mais tarde, do ponto de vista consciente, então poderia recorrer ao subconsciente para confirmação, e «o que for necessário para o uso em relação ao mesmo será apresentado nessa altura».

Deve o sonhador verificar tais ações apenas em sonhos, ou também acordado? Cayce disse que a parte seguinte do sonho mostrava que poderia ter orientação de ambas as formas, se trabalhasse nisso:

Depois estava em casa — parecia a nossa antiga sala de estar, na nossa casa Uptown.

O cenário da casa antiga e as suas associações destinavam-se a indicar, observou Cayce, tanto os bons valores associados à vida familiar ali como a possibilidade de orientação consciente vinda do pai agora falecido do sonhador. O sonhador já sentia que, ao focar a sua vida nos valores mais elevados e pelo tempo e cuidado dedicados à sintonia, poderia começar a atrair mais orientação através da telepatia do que até então conhecera — como a parte seguinte do sonho mostrava, com a sua alusão à sintonia à distância:

O rádio estava ligado, e a minha mãe, o meu irmão e eu estávamos a desfrutá-lo, os dois primeiros a dançar ao som das músicas — eu sentado a ouvir. Depois pareceu que não conseguíamos captar nenhuma estação distante. Tentei sintonizar, mas não consegui. Enrolei uns fios à volta de um carretel e liguei este instrumento à máquina,

procurando assim aperfeiçoar e sintonizar, mas não funcionou. No entanto, deveria ter funcionado, poderia ter funcionado, talvez tivesse funcionado. Desisti, e voltámos a ouvir as estações locais.

O sonhador não devia de modo algum desistir, insistiu Cayce. A ajuda estava disponível.

Então a nossa empregada entrou e disse: «Devias ficar perto da porta da frente, porque Deus pode entrar. Ele entrará por aí.» O meu irmão e a minha mãe prestaram pouca atenção a ela, mas eu animei-me logo e comecei a avançar.

A empregada era mostrada a anunciar, disse Cayce, porque «quem quiser ser mestre deve ser servo de todos» e «uma criancinha os guiará».

Depois a empregada anunciou o visitante distinto, que «Deus» estava a fazer-nos uma visita. Corri para o corredor em direção à porta. A meio caminho encontrei Deus, e saltei para Ele, lançando os braços à volta do Seu pescoço e abraçando-O. Ele abraçou-me.

A semelhança com a história do Filho Pródigo assentava no profundo respeito do sonhador pelo seu próprio pai, que aparecera noutros sonhos como o seu primeiro vislumbre do «Pai Celestial».

Depois disso, notei a aparência de Deus. Era um homem alto, bem constituído, limpo e barbeado, com um fato castanho e um chapéu coco cinzento na mão. Tinha um olhar inteligente, um olho bondoso mas penetrante. Tinha uma expressão firme e feições bem definidas. Era muito saudável, robusto, com ar de homem de negócios e minucioso, mas bondoso, justo e sincero. Nada de desleixado, arrastado, piegas ou sentimental nele — um homem com quem diríamos que gostaríamos de fazer negócios.

Era Deus na carne de hoje — um homem de negócios ou industrial, não um clérigo, não vestido de preto, não um fraco — um Homem forte, saudável, inteligente, que reconheci como o Homem de hoje. E que acolhi e me alegrei em ver, e reconheci neste Homem direito e íntegro — não o comum — mas Deus.

Chegara ao sonhador, afirmou Cayce, uma «visão como as dadas outrora, como até apareceu ao pai Abraão no dia da destruição das cidades nas planícies». O sonho mostrara Deus como homem, não como servo mas como «igual em todos os modos e maneiras — aparência, conversa, vestuário» para gravar na consciência do sonhador a realização de que Deus deseja «fazer o homem, quando o homem se apresenta na plenitude do seu ser, igual àquela Plenitude. Como foi dado: 'Faremos o homem à nossa imagem'» ao «dar ao homem aquela porção da criação» dentro da própria alma, cujo impulso seria «que o homem possa tornar-se como Deus e Um com Ele».

Era uma imagem ousada do intento da própria criação, onde o destino do homem é tornar-se um cocriador igual ao divino, e ainda assim não o Todo. O padrão não era tão estranho, disse Cayce, pois fora mostrado «mesmo como o Filho do Homem na carne apareceu no mundo, e Se fez um com o homem — contudo a Sua vontade, a Sua força, o Seu suprimento (não retirado de Si mesmo) vindo da Força Todo-Poderosa».

Não há nada de automático na promessa, afirmou Cayce. Cada pessoa deve escolher pôr de lado tudo o que o cega, tudo o que o distrai — «aquilo que no presente impede o homem de reconhecer a força, o poder, a manifestação, do Deus que Se apresenta ao homem nos caminhos quotidianos da vida». O problema podia ser visto na sequência seguinte, situada nos dias da Proibição,

Depois passámos pelo meu armário de bebidas — estava meio aberto. Deus olhou para dentro; mostrei-Lhe o armário meio aberto. Mas pensei: esqueço-me de que Ele não é o homem comum que parece, mas Deus e sabe tudo. Por isso, tanto vale mostrar-Lhe tudo como fingir alguma coisa.

Era uma resposta não incompatível com o arrependimento.

Abri o armário completamente para Ele ver. Mostrei-Lhe as minhas bebidas, particularmente a gin que usava para cocktails. «Em caso de doença», disse a Deus. «Estás bem preparado», respondeu Deus sarcasticamente.

Mas não é apenas a violação da lei, a deceção, a indulgência, o narcotismo que afastam o homem do divino, apontou Cayce. O próprio sonho virava agora para o problema mais profundo da «falta de pensamento, falta de introspeção tranquila», levando o homem a perder «o grande amor que é mostrado» e «a grande força e poder que se manifesta», e «o grande bem que pode ser visto» a brilhar mesmo através e a transformar «até mesmo essas fraquezas, ou aquilo que é considerado pecado».

Prosseguimos para a sala, onde o rádio ainda tocava, e o meu irmão e a Mãe se divertiam com ele. Queria que eles conhecessem Deus, mas pareciam não conseguir reconhecê-Lo.

«Claro que não O reconheceriam», pensei. Como poderiam reconhecê-Lo, se não têm a fé de que Ele apareceu na carne há muito tempo em Cristo, e que Ele poderia, poderia, pode aparecer na carne novamente num Homem exatamente como aquele que estava diante de mim. Se não compreendem como Deus apareceu na carne em Cristo, como reconheceriam um Deus na carne hoje? Como poderiam compreender que a verdadeira manifestação da verdadeira perfeição dentro de nós constitui a manifestação de Deus — seja de um homem numa capacidade ou noutra? Por isso não viram, ou pelo menos não Lhe prestaram atenção.

Esta parte do sonho suscitou uma resposta urgente de Cayce, que disse que cada indivíduo deve «saber que, quando está em sintonia com o Infinito, quão grande deve ser aquele poder que é posto em movimento, para trazer as manifestações do divino que está dentro deles» — com este propósito: «que os homens, os outros, os teus irmãos, saibam que Deus é, e é o Recompensador daqueles que diligentemente O procuram». Tal ajuda não se ganha por mérito, nem se encontra abdicando do próprio ser. «Não como um dom que se compra, não como algo que tomaria o lugar do eu individual. Mas como a consequência natural do amor do Pai pelas Suas criaturas, pelo Seu Próprio Ser na alma, pela Sua porção no homem, que quer ser Um com Ele.»

A ajuda de Deus ao homem, disse Cayce, não é uma assistência vaga e abstrata, mas tão concreta e imediata como o trabalho diário ou a oração diária, que a cena seguinte do sonho mostrava. Pois era d'Ele de Quem se disse: «Nem um pardal cai em terra sem que disso se tome nota.»

Sentei-me no sofá para conversar com Ele. «Podias trabalhar mais», disse Ele. Quase comecei a responder, mas lembrei-me de que Deus sabia tudo — não valia a pena. Assenti humildemente. «Mal podias fazer menos», continuou Ele. «Como te correu na Hup Motors?», perguntou Deus. Não consegui dizer exatamente — não muito bem, parecia. «Isso é a compra do L, a recomendação do L, não é?», perguntou Deus. Sabia que Deus sabia antes de perguntar. «Sim», respondi. «Ultimamente tens feito sobretudo levantar capital, não é?», disse Deus, apontando com o polegar para a minha mãe (de quem acabara de pedir emprestado). «Mais ou menos», assenti. Deus olhou para o rádio. Eu estava de pé, a estudar o rádio, quando Deus desapareceu.

O sonhador estava a ser mostrado, disse Cayce, «da forma simples e maneira» onde devia começar. Tal como o rádio tornava possível a transmissão de um ser humano para outro «das coisas, das condições, do bem, do mal, que está a acontecer num, quanto mais — através das forças infinitas — deve o clamor, a súplica, de cada indivíduo subir ao Pai nas Alturas!»

Era tempo, notou Cayce, de o sonhador «fazer balanço de si próprio» à luz desta visão, para se examinar como «servo do Uno» — mas como servo que com demasiada frequência «não vê, por causa dos olhos cegos do eu». Contudo não devia desesperar, mas sintonizar-se como o rádio sugeria, «pois a promessa é para os fiéis que cumprem as ordens d'Aquele, Que é o Doador de todos os dons bons e perfeitos». As ações eram d'Ele para dar, mas muito mais. Ele podia fazer florescer uma vida inteira, «pois n'Ele vivemos, nos movemos e existimos».

O peso de tal sonho não surpreendentemente tentava o sonhador a olhar com desdém para os outros que não tinham recebido tais sonhos. Por isso, teve outra visão para corrigir a sua perspetiva. Era simples, mas direta:

Virei-me na cama, e contemplei diante de mim uma estátua em mármore. Parecia estar mesmo ao meu lado, ou ao lado da cama mesmo no quarto. Era uma estátua sem cabeça, como as representadas em mármore do deus grego Zeus. Como de costume, fiquei assustado (era tão vívido), mas senti-me seguro quando raciocinei que a estátua era apenas uma imagem ou reflexo daquelas luzes que agora via no teto. «Apenas uma imagem daquelas luzes», tranquilizei-me. Mas a estátua permaneceu, e as luzes também.

Cayce confirmou o sentido do sonhador de que a estátua e as luzes estavam ligadas, pois vira uma representação da força espiritual e dos resultados materiais, das luzes que dão origem aos produtos e criações dos homens. Cada homem, lembrou Cayce ao sonhador, está em última análise a construir a sua estátua do divino com o melhor que sabe, qualquer que seja o nome que lhe dê, ou nenhum nome. Que possa não conhecer a fonte da Única força é mostrado pela estátua sem cabeça. Mas cada um faz o que pode para dar forma ao que acredita ser o «Todo-Poderoso» no universo, e nenhum homem pode medir ou condenar devidamente esse esforço no seu irmão.

Cada indivíduo deve em vez disso lutar com o seu próprio mal, com aquelas tentações que o podem magoar a si e aos outros. Não são tão difíceis de encontrar, disse Cayce ao sonhador, «pois como bem foi dado, três condições impedem o homem no plano terreno de visualizar os elementos espirituais em todas as formas fenomenizadas no mundo físico: orgulho dos olhos, fraqueza da carne, desejo de fama». Cada uma destas produz medo e dúvida no indivíduo, fazendo-o perder a perspetiva, como o sonhador foi mostrado numa visão surpreendente:

Estava em qualquer lugar a qualquer momento dado. Estava a contemplar a maravilha do poder interior de todos os fenómenos do Senhor. Estava a refletir sobre a direção deste poder das formas afastadas do Único Ser — hipnotizando a sua porção, como Bergson diz, para aparecer na forma individual de carne, e em fenómenos materiais. Também vi as minhas experiências de vida nesta forma, e estava muito feliz na minha dupla visão da forma exterior e do processo interior. Então uma rapariga, parecendo representar a sabedoria e a

consciência deste poder interior, e que parecia perfeitamente ciente do meu conhecimento limitado, atirou uma pedra para o espaço. Passou como uma estrela cadente pelos céus, e atingiu algum animal ali no espaço. «Ele vai receber algo que não espera», disse a rapariga, referindo-se a mim. E eis que foi assim, pois a pedra, ao atingir o animal no espaço, trouxe-o à terra. Eram dois, e estavam em jaulas. Na terra rastejavam de barriga no chão como serpentes horrendas, mas com a cabeça e o pescoço erguidos como poderosos dragões. Moviam-se à volta, arrastando as jaulas consigo.

Noutro lugar Cayce descreveu os dragões como a soma das paixões humanas e das energias animais, ao discutir a simbologia do Livro do Apocalipse.

Aproximaram-se da rapariga, aproximaram-se de outras coisas: e embora parecessem perigosos, e eu temesse muito por tudo e todos os que os animais se aproximavam, pareciam não fazer mal — na verdade ajudavam as coisas. Como, não sei dizer, pois sentia-os como uma ameaça — isto é, via-os com medo, mas observava que não faziam mal.

O medo estava em mim, a interpretação horrenda do que reconhecia em mim. Mas o bem parecia estar neles, pois subitamente se transformaram de animais horrendos em lindas criancinhas, a rir livremente e a dançar de alegria.

Depois, disse o sonhador, o mesmo ponto foi feito de forma diferente:

Estava numa casa com esta rapariga que parecia representar o poder, o impulso interior, o Senhor da criação — ou como este poder era representado em mim, o meu subconsciente, que numa dimensão inferior também está presente em todas as coisas. Estava na casa material, e sabia que a minha companheira esquiva e bela também estava lá. Contudo tinha muito a aprender sobre ela, e ela decidiu dar-me uma lição. Atenção, eu sabia que ela estava lá, vi na visão a lição que planeava surpreender-me — isto é, supostamente eu não estava ciente dos seus planos. Subi as escadas da casa, e enquanto o fazia, a rapariga disse a alguém: «Vamos dar-lhe uma surpresa e ensiná-lo.» Tudo isto

pelas minhas costas, por assim dizer. Ao entrar no quarto, em vez da bela rapariga que esperava encontrar, contemplei uma cara negra horrenda, tão feia e tão feroz que desmaiei de susto! Ao acordar, contemplei a figura transformada novamente na bela rapariga. Ela estava de pé sobre mim, encantadora, sorridente e encorajadora. Feliz — reconhecendo o espírito dela — ainda assim estava com medo.

O próprio sonhador adivinhou que o sonho lhe mostrara como o medo distorce as experiências humanas, as energias humanas. Cayce disse-lhe que estava correto, e que o medo e o egoísmo são proeminentes no que os homens chamam inferno, pois «são o que primeiro separa uma entidade de Deus». A rapariga, como frequentemente nos seus sonhos, era a força da verdade na sua vida, a ensiná-lo.

As paixões humanas podem ser monstros ou brincalhonas, horrendas ou encantadoras, dependendo inteiramente do que os seres humanos fazem com elas. Em si mesmas são apenas poder ou energia. Cayce apontou este tema em muitos dos sonhos que lhe foram submetidos.

Sonhos de Paixões

Houve muitos sonhos de sexo nos centenas submetidos a Cayce, empregando emblemas variados. Um sonhador interessado numa relação amorosa ilícita viu-se a perseguir um porco branco brilhante. Noutro sonho viu-se a cair por alçapões e preso num emaranhado de fios à volta das pernas — armadilhas e enredos, segundo a leitura de Cayce. Um sonhador viu-se mais do que uma vez a jogar um jogo onde espigões eram colocados em ranhuras. Outro sonhou consigo mesmo num pântano com a sua secretária a tentar puxá-lo para fora; quando ela não conseguia, disse: «Então puxa-me para baixo.» Era um sonho não difícil de interpretar para Cayce.

Mas Cayce não desvalorizava as energias sexuais; pelo contrário, instava constantemente os seus sonhadores a viverem vidas equilibradas. Uma mulher que se recusava ao marido foi aconselhada a

pensar o problema por si própria, e não a recorrer às suas leituras para justificar a sua atitude.

A ira também tem o seu lugar próprio nos assuntos humanos, como Cayce interpretava nos sonhos de hostilidade. Pode-se, como Paulo dissera no Novo Testamento, «estar irado, mas sem pecar». Contudo, a ira misturada com crueldade, medo e defensividade tem o seu próprio modo de envenenar o irado, não só mentalmente, mas até fisicamente. Um sonhador que se viu num sonho como general, matando sem piedade o inimigo, estava a ver, disse Cayce, a sua própria vingança que tantas vezes o levava a sonhar com ser perseguido pela Ku Klux Klan.

O perigo da fixação egoísta foi sublinhado, disse Cayce, no sonho de um homem demasiado orgulhoso da sua ascendência e clã; agarrava-se desesperadamente à esposa enquanto um comboio elevado balançava perigosamente nos carris.

Parte da resposta ao chamado das paixões, na visão de Cayce, é o brincar e a brincadeira. É preciso arranjar tempo para fazer muitas das próprias coisas mostradas nos sonhos — ir ao teatro, conversar com amigos, ler, jogar golfe, fazer viagens, ler banda desenhada — o que quer que a experiência mostre funcionar melhor para cada um.

Sonhos de Aspirações ao Sucesso

Um dos sonhadores de Cayce teve uma experiência onírica memorável com Cristo. Mas no sonho, Palm Beach provou ser mais forte do que Cristo, pois o sonhador perdeu o rasto d'Ele enquanto se vangloriava diante de associados ricos num hotel de resort. O aviso do sonho não foi algo em que Cayce tivesse de se esforçar. O mesmo sonhador viu-se noutro sonho a chegar a duas pontes, uma mais alta e outra mais baixa, e a escolher a mais baixa, mesmo tendo de rastejar para a atravessar, porque lhe era mais familiar. Cayce disse que o sonho lhe colocara diante uma escolha entre dois caminhos de vida.

Mas a escolha que os seus sonhadores enfrentavam não era entre ascetismo e ambientes requintados. Cayce não via nada de errado na riqueza e na posição, desde que não fossem o objetivo último. Quando

um sonhador se viu repreendido por ter danificado a fachada de um elegante prédio de pedra castanha de Nova Iorque, Cayce disse-lhe que as suas ideias iriam de facto envergonhar alguns dos seus associados elegantes. Mas o dano não seria permanente, para ele nem para eles, se se mantivesse fiel à verdade, pois «Deus é Deus, mesmo da casa de pedra castanha».

A sedução da riqueza não chegava apenas aos outros nos sonhos, mas ao próprio Edgar Cayce. Mais do que uma vez viu-se a fugir com uma bela rapariga, deixando a família para trás. Além dos impulsos sexuais, as suas leituras disseram-lhe que estava a ver a sua própria tentação de colocar a riqueza à frente de compromissos anteriores. Também não escapou a sonhos de impulsos ilícitos à fama, através de palestras em clubes femininos, ou da descoberta de tesouros, ou mesmo do contacto com os mortos. Faria o seu lugar na história, asseguravam-lhe as leituras, mas não por tais atuações — antes pela qualidade do seu serviço aos outros.

Um sonhador de estatura pequena e temperamento emocional ansiava por ser famoso perante os seus pares, como os seus sonhos continuavam a mostrar-lhe. O caminho da pompa foi dramatizado quando se viu como capitão de navio cheio de importância. Um caminho diferente e melhor mostrou um rapaz chamado Tom a fazer coisas criativas com antenas de rádio por toda uma cidade. Mostrar às pessoas o caminho para a sintonia nas suas vidas comuns era um serviço melhor do que ser capitão de um transatlântico.

A sedução da capacidade psíquica era frequente nos sonhos daqueles que recorriam a Cayce, devido ao seu exemplo e às suas próprias experiências sob a sua orientação. Mas a sedução trazia avisos. Um homem viu-se responsável por trazer Cayce do transe, mas deixando-o em grave perigo pessoal, para não ofender os convidados da festa com a visão estranha de um homem hipnotizado. Teria de escolher, disse Cayce, entre o amor às aparências e o desenvolvimento de uma capacidade real.

Igualmente atraente para os sonhadores de Cayce era o chamado da sabedoria, estimulados que eram pela amplitude de conhecimento

em que Cayce se baseava. Um homem sonhou com o conhecimento como um cão que se virou e o mordeu. Outros sonharam com a verdade como uma bela mulher, a descer as escadas ou mesmo ao balcão de um bar — mas capaz de parecer feia e de fazer exigências imperiosas. O próprio Cayce sonhou com a sabedoria como uma serpente, depois de perder o hospital o ter curado de certos ares. No sonho a serpente falou-lhe, dizendo que não lhe faria mais mal, depois de ele a ter perseguido com um grande pau — o «bastão ou vara da vida» dado aos que são fiéis a Deus, disse a leitura do sonho.

Era difícil para Cayce treinar aqueles com novos poderes oníricos a colocá-los numa vida equilibrada. Um homem sonhou que recebia ajuda no seu jogo de golfe de um desencarnado que lhe dizia que não o podia ajudar se ele se apressasse tanto. No dia seguinte, depois de refletir sobre o sonho, jogou o melhor jogo de golfe da sua vida. A mesma questão tinha de ser enfrentada nos negócios e na vida familiar, disse Cayce, bem como no desenvolvimento psíquico.

Sonhos de Servir os Outros

Um homem dado a muitas palavras viu-se estimulado num sonho, como frequentemente acontecia, a equilibrar a sabedoria com o serviço. Viu uma criança pequena que queria levar num passeio de canoa. Mas o caminho estava bloqueado por um obstáculo após outro. Estava a ver, disse Cayce, a impossibilidade do serviço sem devoção à Fonte; sem isso, as coisas tinham o hábito de nunca resultar, por mais admiráveis que fossem as intenções.

Um homem de negócios sonhou que o seu irmão estava entediado enquanto ele falava do seu próprio passatempo. Era, disse Cayce, um lembrete de que, se quisesse o interesse dos outros, tinha de se interessar por eles. De facto, o valor último de tudo o que o sonhador dizia e fazia pelos outros seria inconscientemente pesado pelos outros contra a qualidade da sua capacidade de resposta nas pequenas coisas da vida.

Um sonhador dado a fantasias da sua grandeza solitária ao perseguir coisas espirituais foi o sujeito de um sonho em que viu

coristas a dar pontapés em sincronia. A menos que conseguisse aprender a trabalhar com os outros pelo menos tão bem como elas, disse Cayce, o seu desenvolvimento não iria longe. Era o mesmo pensamento num cenário diferente que levou Cayce a sonhar com um grupo de estudo enquanto dava uma leitura para eles. Viu o rosto de Cristo, e notou como mudava à medida que cada membro do grupo recebia uma mensagem na leitura. Ao rever essas expressões, disse-lhe a leitura, poderia ajudar cada membro do grupo a aprender algo sobre a sua própria vontade ou recusa em cooperar com os outros nos estudos que tinham pela frente.

As antigas tensões entre cristãos e judeus surgiam frequentemente nos materiais oníricos submetidos a Cayce pelos seus sonhadores judeus. Um deles viu uma resolução que Cayce elogiou. Estava numa loja de vestidos elegante que estava a ficar sem vestidos, e disse ao proprietário que sabia onde obter os vestidos necessários «por grosso», numa loja do East Side de menor estatuto que tinha mercadoria excelente. As lojas, disse Cayce, eram os estabelecimentos cristão e judaico, respetivamente, e precisavam de formar uma parceria pelo que cada um podia dar ao outro.

Mas as mudanças que teriam de ocorrer para aproximar o homem da sua plena estatura, na civilização moderna, não seriam realizadas principalmente pelos chefes das religiões ou dos Estados. Quando um homem rico sonhou que perdia o emprego e o estatuto social por causa de um livro que estava a escrever, Cayce disse-lhe para continuar com o livro e as ideias que representava. Ao ver-se pobre, estava a ver que quem realmente serve deve ser «tudo para todos os homens». Além disso, estava a ver algo que intuitivamente compreendia, que «aquilo que se chama a classe medíocre de indivíduos no mundo físico suporta o peso de todas as nações, como povo»; assim, «dos comuns deve vir aquele bálsamo, aquele fermento, que fermentará toda a massa». A chave para uma mudança social duradoura era ajudar as pessoas comuns a ajudarem-se a si próprias.

Todo o verdadeiro serviço aos outros começa em casa, dizia Cayce aos seus sonhadores. Quando um homem sonhou que a sua esposa

grávida tinha trigémeos, Cayce disse-lhe que estava a ver que um mais um fazem três — não só no modo como dois pais produzem uma descendência, mas no modo como marido e esposa se complementam de muitas formas, produzindo mais bem do que a soma dos seus talentos individuais.

Mas os assuntos familiares não eram absolutos. Quando um homem viu a cara da mãe esbofeteada num sonho, foi-lhe dito que estava a sacrificar o bem-estar dela à aparência de harmonia familiar.

Na visão de Cayce, o serviço aos outros é central para o destino humano. Mas está sujeito a tanta distorção de motivo como a paixão e o sucesso. Na sua visão, serviço e sintonia andam de mãos dadas. Serviço sem sintonia leva à manipulação dos outros — fazer bem que nunca resulta. Mas sintonia sem serviço leva à inflação do sonhador e à sua eventual paralisia, pois «saber e não fazer é pecado».

Sonhos de uma Vida Livre

Nas leituras de Edgar Cayce há a promessa de um modo de vida que oferece um espírito livre e alegre no meio das leis e contingências que governam a existência humana.

O próprio Cayce relatou que perdera este sentido de liberdade alegre durante muitos anos, e depois — após sofrimento e dedicação redobrada — recuperara-o subitamente.

Enquanto meditava à tarde, o mesmo sentimento exuberante veio sobre mim que costumava vir anos atrás, mas que me fora perdido durante vinte e cinco anos.

Quando submeteu esta experiência a uma leitura, foi-lhe dito que passara por «uma experiência do eu interior a despertar para aquelas forças potenciais que podem tornar-se mais ativas… nas meditações». A partir desse momento, Cayce deu um lugar maior à meditação silenciosa na sua vida, e recomendou-a mais frequentemente aos que orientava.

A mesma leitura acrescentou espontaneamente: «Como foi dado, haverá nos últimos dias: 'Os vossos jovens sonharão sonhos, os vossos

velhos terão visões, as vossas donzelas profetizarão.' Estas coisas estão a acontecer, com as convulsões que estão mesmo à frente do mundo [1932] em muitos quadrantes!»

Um dos seus sonhadores relatou uma experiência semelhante, depois de trabalhar nos sonhos durante mais de um ano.

Enquanto lia *As Variedades da Experiência Religiosa* de James. Submeto isto, pois não consigo dizer se é uma experiência religiosa minha, ou se foi puramente um caso de nervos, i.e., físico ou patológico.

Cayce interrompeu-o para dizer: «Uma experiência — não nervos.» Depois o homem relatou:

Enquanto lia, uma súbita tremura veio sobre mim. Senti cada pulsação do meu coração, dos nervos, do sangue. Tornei-me consciente de uma força vibratória a mover tudo dentro do meu corpo — até a cadeira em que estava sentado parecia em movimento. Não estava a dormir —

Novamente Cayce interrompeu, e o relato não foi concluído. Disse ao homem que experimentara o efeito físico da «consagração do eu, dos impulsos do eu, do eu interior» à manifestação da Única Força na sua vida. Tivera uma experiência espiritual autêntica. De facto, acrescentou Cayce, era uma experiência que podia ser rastreada «através das várias idades do desenvolvimento do homem», e ofereceu estas ilustrações:

Swedenborg, enquanto estudava. Sócrates, enquanto meditava. Paulo, o apóstolo, enquanto meditava sobre os acontecimentos da hora, com o seu propósito interior a encontrar aquela força espiritual no homem que trouxe a sua convicção pessoal; a entidade, então, foi envolvida pela Força como se vê, vês? E como foi por Buda, naquela posição em que a meditação na floresta trouxe à consciência da entidade a Unidade de toda a força manifestada através do aspeto físico num mundo material.

Cayce disse ao sonhador que no seu momento de vivificação vira e experimentara o tipo de batismo pessoal referido na Bíblia — «O Meu

Espírito dá testemunho ao teu espírito, se sois filhos de Deus ou não». Esta alegria, este sentido trémulo de realidade espiritual a atuar na vida humana, não fora ilusão. Mas destinava-se a ter frutos concretos. Pois Cayce disse ao homem que a partir de agora não só receberia maiores insights sobre a condição humana, como teria de aconselhar mais pessoas que espontaneamente procurassem a sua ajuda sobre as suas vidas quotidianas. A sua previsão provou-se correta.

Tal elevação daria ao homem um novo sentido de liberdade. «Mas o amor é lei e a lei é amor», disse-lhe Cayce. A liberdade vinha para o colocar em servitude — àqueles que precisavam dele. Não servitude dolorosa, não triste, mas servitude grata.

Muitos meses depois, Cayce referiu-se novamente a esta experiência ao ler James, quando o sonhador relatou sonhar que o seu bebé pequeno não tinha medo. Este sonho mostrava exatamente o resultado certo de tais experiências, disse Cayce. «A menos que vos torneis como crianças pequenas, de modo algum entrareis.» Tal sintonia podia genuinamente purificar e renovar um homem, mesmo quando cometera erros drásticos, até que o seu espírito ficasse fresco como o de uma criança.

O mesmo sonhador cometera um erro custoso de julgamento em ações, que lhe custara a ele e aos associados milhares de dólares. Foi o último que alguma vez cometeu de tal magnitude, pois aprendeu com ele a seguir melhor a sua orientação interior. Mas repreendia-se por isso, como se via num pequeno fragmento de sonho que continha apenas duas palavras: «Minha culpa.» Comentando este fragmento, Cayce insistiu que nunca se devia ter medo de erros feitos honestamente, se os propósitos fossem sãos. Podia e devia caminhar livre de autocondenação, pois tal autodestruição nunca fora destinada ao homem.

Um homem de negócios assediado relatou este sonho, no início do seu trabalho com Cayce:

Um homem aproximou-se de muitos, incluindo eu, no que parecia ser o átrio de um hotel. Quando se aproximou pela primeira vez, tinha a

aparência de um detetive, mas ao chegar perto senti que era Jesus Cristo.

Este pequeno sonho, disse Cayce, captara toda a força dos caminhos de Deus com o homem na Terra. Seria encontrado a vir a cada pessoa como Homem para homem, vindo da multidão no átrio do hotel. Seria tão comum como a cara seguinte vista, mas capaz de mudar cada indivíduo, cada grupo, até as massas e multidões, se levado a sério uma vida de cada vez. Os Seus caminhos poderiam parecer restritivos ao início, mas não o eram. Vinha para libertar os homens. O sonhador também podia caminhar entre os seus semelhantes com o mesmo modo e propósito, se apenas escolhesse.

Na visão de Cayce, os sonhos que chegam a um homem em busca podem desdobrar-lhe as próprias estruturas da criação, se ele precisar de as compreender. Interpretava sonhos que dizia serem sobre destino, sobre a Única Força, sobre o mal, sobre o vazio exterior, sobre o Mar-Maternal e o Pai Celestial, sobre leis, sobre graça, sobre a alma e a sua viagem no navio da psique. Estas questões são importantes, pois levam à compreensão e convicção que podem alcançar as profundezas mais longínquas da mente e do coração.

Mas orientar a vida através dos sonhos significa começar muito mais perto do que estas vistas distantes.

Tal começo foi encenado num dos próprios sonhos de Cayce — um sonho pitoresco, mas pungente, que veio quando o seu hospital e universidade estavam a ser encerrados, e quando vários sonhos lhe ofereciam encorajamento.

Sobre um velho cavalo que na vida real morrera há vinte anos. Estava a subir uma colina. Largámo-lo para que pudesse puxar-se a si próprio para cima, e caminhámos atrás dele nas pegadas que o cavalo fazia. Disse que era bom que o cavalo tivesse sido ferrado recentemente, para que os cascos fizessem pegadas por onde pudéssemos pisar ou subir.

A leitura sobre este sonho interpretou o cavalo, como as leituras de Cayce frequentemente faziam, como portador de uma mensagem

espiritual. Cayce acordado podia sentir que a sua mensagem estava esgotada, e a sua vida de pouca conta. Mas devia dar um passo de cada vez. Então, se olhasse, encontraria que onde pisava havia pegadas por onde caminhar. Haveria lugares feitos não só por ferraduras novas, mas pelo próprio Mensageiro — Que vai à frente de cada homem para o guiar, «seguro no passo, mas constantemente a subir».

De uma imagem tão simples como a memória de um velho cavalo, o seu sonho forjara-lhe uma promessa.

Era uma promessa cumprida, pois as suas melhores leituras e a formação mais útil dos outros estavam ainda por vir.

Era um sonho em que o eterno estava escondido no comum.

Esta era a promessa que as leituras de Edgar Cayce percebiam em todo o sonhar, para todos os sonhadores, no século que redescobrira os sonhos.